

DAMIEN LEWIS



JUDY

A história real da cadela que virou heroína na
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL





JUDY

DAMIEN LEWIS

JUDY

A história real da cadela que virou heroína na
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Tradução
Éric R. R. Heneault

 Planeta

Copyright © Damien Lewis, 2014

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2017

Todos os direitos reservados.

Título original: *Judy - a dog in a million*

Preparação: Zé Couto

Revisão: Maurício Katayama e Clara Diament

Diagramação: Abreu's System

Capa: Adaptada do projeto original de KS Agency

Imagem de capa: TopFoto e Brian Harris/Rex

Adaptação para eBook: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L652j

Lewis, Damien

Judy: a história real da cadela que virou heroína na Segunda Guerra Mundial / Damien Lewis; tradução Eric E. Heneault. – 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017.

Tradução de: Judy: a dog in a million

ISBN: 978-85-4221-053-8

1. Guerra Mundial, 1939-1945. I. Heneault, Eric E. II. Título.

17-41665

CDD: 940.54

CDU: 94(100)'1939/1945'

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21^º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

Minitus acuminæ – “Protegida por
um ferrão”

Lema da canhoneira HMS *Gnat*, do rio
Yangtzé

*“... até mesmo o mosquito adoeceu ao
provar o sangue”.*

Alice Renshaw, aluna da Pensby High
School for

Girls, nos campos de prisioneiros
japoneses da

Segunda Guerra Mundial

NOTA DO AUTOR

Durante a Segunda Guerra Mundial e os anos que a precederam, Judy, a cadela cuja história é contada nestas páginas, adotou vários companheiros humanos. Infelizmente, existem poucos sobreviventes daquela época. No decorrer da pesquisa e redação deste livro, empenhei-me para encontrar o maior número possível de pessoas adotadas por Judy, além dos familiares daqueles que já se foram. Se houver outras testemunhas dessa incrível história dispostas a se manifestar, peço que entrem em contato comigo, e talvez eu possa incluir novas recordações desse incrível animal em futuras edições.

Mais especialmente, no caso dos anos passados como prisioneiras de guerra, as pessoas que viveram essas experiências deixaram poucos depoimentos escritos. Muitas se lembram de Judy, de seus companheiros e de suas aventuras, mas poucas documentaram essas lembranças. É compreensível. O tempo passado por soldados Aliados como

prisioneiros de guerra dos japoneses foi terrivelmente traumático, e muitos não querem falar sobre isso. Escolheram levar sua história para o túmulo. Sou bastante agradecido àqueles poucos ainda vivos que puderam falar comigo. Além disso, as lembranças tendem a divergir, aparentemente, ainda mais quando se trata de recordações de campos de prisioneiros no Extremo Oriente, em que os dias parecem a repetição do inferno dos dias anteriores. Havia poucos eventos para marcar o decorrer do tempo, ou para ancorar as lembranças.

O decorrer das décadas também acabou obscurecendo as lembranças. Os raros relatos escritos tendem a diferir em relação a detalhes. Os locais e momentos frequentemente são incertos. Isso dito, fiz o melhor possível para trazer à história deste livro informações compreensíveis de locais, cronologia e narrativa. Nos campos de prisioneiros de guerra, especialmente, usei a metodologia do roteiro “mais provável” para reconstruir o local e o momento em que os eventos aconteceram. Quando houve duas ou mais testemunhas ou fontes falando sobre determinado momento ou local, optei por usar o relato que parecesse o mais provável. Quando necessário, recriei pequenos trechos de diálogos para ajudar a história a fluir.

Apesar do que foi dito anteriormente, assumo qualquer erro que possa ter ocorrido e ficarei feliz se puder corrigi-lo em edições futuras. Da mesma forma, embora eu tenha me comprometido a localizar os detentores dos direitos sobre fotos, esboços ou outras imagens usadas no livro, essa tarefa, mais uma vez, nem sempre foi simples e fácil. De novo, é com prazer que retificarei quaisquer erros nas próximas edições.

*Para todos em Sunninghill.
Um pedacinho do paraíso.
Por dar a
David, Damien Jr. e Sianna
a chance de serem aquilo que
puderem ser.*

PREFÁCIO

Um único animal conseguiu a dúbia honra de ser nomeado oficial e prisioneiro de guerra dos japoneses durante a Segunda Guerra Mundial. Foi uma cadela. Era uma linda pointer inglesa de porte majestoso, talvez um dos mais extraordinários companheiros caninos que já embelezaram esta terra.

Em setembro de 1942, ela recebeu dos japoneses a matrícula de prisioneira de guerra número “81A-Medan”. Seu verdadeiro nome era Judy, ou “Judy de Sussex”, como seu companheiro de bordo chegou a chamá-la – já que ela passou a maior parte de seu tempo de serviço como mascote das canhoneiras *Gnat* e *Grasshopper*, da Marinha Real britânica. Porém, Judy de Sussex era muito mais do que apenas um cão de navio. A maneira como me deparei com sua história, como me envolvi inexoravelmente nela, convenceu-me de que era mesmo preciso contá-la.

Na primavera de 2013, escrevi um livro chamado *War dog* [Cão de guerra], embora eu prefira o nome dado por meu editor americano, *The dog who could fly* [O cão que podia voar]. O livro conta a história de Ant, um extraordinário filhote de pastor-alemão resgatado da terra de ninguém e que acompanhou várias saídas da Força Aérea Real durante a Segunda Guerra Mundial. Em reconhecimento às suas heroicas façanhas na guerra, Ant – ou Antis, como foi rebatizado – recebeu a Medalha Dickin, mais comumente conhecida como a Animal VC.^[1]

O dono de Ant era o piloto tcheco – mais tarde, britânico – Robert Bozdech, com o qual voou em batalhas com o Comando de Bombardeio da RAF, foi ferido, fez pouso de emergência e enfrentou a morte inúmeras vezes. Entre as fotos da cerimônia de entrega da Medalha Dickin, após a guerra, encontrei uma em que Antis está recebendo a medalha junto com outros dois cachorros. O animal à direita na foto era uma admirável pointer inglesa branca e marrom.

Há algo fascinante nessa foto e no animal nela retratado – de certo modo, a percepção da extraordinária coragem e do espírito do cachorro que ainda se expressa após décadas. Quando encontrei a família Bozdech – os filhos ainda vivos de Robert Bozdech –, mostrei-lhes a foto e perguntei quem

podia ser o misterioso cachorro. Estávamos na linda chácara de Pip – a irmã mais velha –, que fica no condado de Devon, onde a família se reuniu para comemorar a publicação do livro que conta a história do seu pai e de Antis. Pip pegou a foto.

— Acho que deve ser Judy. Sim, só pode ser ela. Não é linda? Ela também recebeu a Medalha Dickin e sua história é maravilhosa...

Pip me contou o pouco que sabia sobre as façanhas de Judy durante a guerra. De fato, parecia algo bastante notável. Isso despertou minha curiosidade, e prometi a mim mesmo que ia tentar saber mais sobre esse animal – mas, naquela época, eu estava trabalhando em outro livro, e a ideia de investigar a história de Judy acabou ficando de lado. Foi quando ocorreu outra oportunidade.

Alguns meses depois, fui fazer uma palestra na incrível festa literária de Mere, na verdejante e frondosa Somerset. Em algum momento após a palestra acabei mencionando à organizadora da festa, a encantadora Adrienne Howell, meu interesse pela história do único animal que fora prisioneiro de guerra dos japoneses. Ela me lançou um olhar sagaz, como se estivesse avaliando o que podia me revelar.

— Bem, você sabe, Mere tem uma longa história vinculada aos prisioneiros dos japoneses no Extremo Oriente

— comentou.

Adrienne fez uma pausa antes de prosseguir: — Na verdade, meu tio foi um deles... E há muitas outras famílias de prisioneiros de guerra na região. Mas a pessoa com quem você deveria falar mesmo é Philip Wearne. Seu pai, o reverendo Wearne, foi prisioneiro junto com meu tio. Ele enterrou meu tio e trouxe a notícia da sua morte aos meus avós.

Adrienne se ofereceu de bom grado a me pôr em contato com Philip Wearne, que, explicou, era muito ativo na comunidade FEPOW.^[2]

— Claro — acrescentou. — Todos nós ouvimos falar da história de Judy. Era uma cadela maravilhosa. Extraordinária. O que ela fez nos navios e nos campos de prisioneiros de guerra... bem, não há nada parecido.

Duas conversas por acaso; duas pessoas me contando a mesma coisa – *essa cadela era absolutamente fora do comum*. Meu apetite pela história aumentou. Como Adrienne previra, Philip Wearne foi muito aberto e prestativo. Ele me informou que, entre outras pessoas, eu precisava mesmo falar com certa Lizzie Oliver. Seu avô, Stanley Russell, estivera no mesmo campo que Judy; um dos seus muitos companheiros prisioneiros de guerra. E, mesmo que isso pareça inacreditável, de certo modo ele conseguiu manter um diário

secreto da sua época nos campos, que, se tivesse sido descoberto, poderia ter-lhe custado a vida nas mãos dos guardas japoneses e coreanos.

Lizzie e eu nos encontramos no Frontline Club, ponto de encontro em Londres de quem escreve, pesquisa ou lida de algum modo com o assunto da linha de frente e da guerra. Na elegante e silenciosa sala do clube, forrada com painéis de madeira, Lizzie me explicou que estava prestes a completar seu doutorado sobre os campos de prisioneiros de guerra do Extremo Oriente, algo que em grande parte lhe fora inspirado pelos diários do avô.

Então, ela fez o seguinte comentário: — Todas as vezes que você menciona a ferrovia de Sumatra ou os campos de prisioneiros, as pessoas dizem: *Ah, você quer dizer a ferrovia da cadela? Judy, é isso?* É incrível: absolutamente todas as pessoas com as quais você fala se lembram dela com muito carinho.

Ela ri, e prossegue: — Lá também havia *pessoas* sofrendo, e uma cadela, mas ela parece ser mais famosa que a ferrovia ou os campos! Isso pode lhe dar uma boa noção do quanto ela foi amada por todas as pessoas que a conheceram.

Lizzie tinha razão. Após ter servido durante aqueles anos terríveis e arrasados pela guerra como cadela da Marinha Real em canhoneiras no rio Yangtzé, Judy fora bombardeada

e naufragada repetidamente antes de ir parar nos campos de prisioneiros do norte de Sumatra, parte da atual Indonésia. Ela e seus companheiros de campos foram obrigados a trabalhar na chamada Ferrovia do Inferno – levando os trilhos da ferrovia através de uma impossível selva e de montanhas abruptas no meio do que, na época, era uma terra extremamente selvagem, um verdadeiro mundo perdido no tempo.

Não era a Ferrovia da Morte Tailândia-Birmânia, hoje bastante conhecida – aquela imortalizada em 1957 no filme *A ponte do rio Kwai*, e mais recentemente no filme *Uma longa viagem*, com Colin Firth. Era a *outra* Ferrovia da Morte – construída a mais de 2.000 quilômetros de lá, em Sumatra, pelos japoneses, usando prisioneiros das Forças Aliadas e mão de obra escrava local.

Se é que é possível, sua história é ainda mais sombria. Hoje, quase ninguém ouviu falar da Ferrovia da Morte de Sumatra, ou dos terríveis horrores que lá aconteceram. Mas as pessoas talvez tenham ouvido falar na cadela do campo de prisioneiros – Judy de Sussex!

Com certa reverência, Lizzie tirou da bolsa um grande e pesado livro encadernado – o diário do seu avô.

— Há algo que quero lhe mostrar — disse ela, abrindo o diário no trecho que havia marcado. — Aqui. — E, com

orgulho, apontou para uma página. — Você reconhece isso? Então, em sua opinião, quem pode ser? Sem dúvida, é Judy. Que outro cachorro poderia ter essa aparência?

Ocupando metade de uma página havia o desenho feito à mão de um lindo pointer inglês branco e marrom. Ele farejava uma rasteira vegetação tropical, como se procurasse pegar um rato entre os barracos de bambu onde os prisioneiros eram obrigados a viver, empilhados ali como sardinhas.

— É algo sobre o qual quase nunca se escreveu — explicou Lizzie. — Há muito para contar sobre os horrores dos campos: a brutalidade, as coisas indescritíveis que eram feitas aos prisioneiros. Porém, são coisas que eles foram obrigados a suportar. Não tinham escolha, claro. Não tem a ver com a maneira como eles sobreviveram. Em parte, sobreviveram pelas escolhas que fizeram – e ter um cachorro ou outro animal de estimação era algo que os ajudava a seguir adiante. Era como um fio puxando-os para um pequeno recanto de normalidade. Era algo a mais pelo qual se manter vivo durante o duro dia de trabalho e para o qual voltar depois. Era como um esboço de lar, de família, de bichos de estimação doméstica.

Lizzie me disse que eu precisava ver Rouse Voisey, de 92 anos, veterano dos campos de prisioneiros japoneses. Pelo

que ela sabia, era o último britânico sobrevivente da Ferrovia de Sumatra, e ninguém melhor que ele poderia acrescentar riqueza e textura à história da esquecida Ferrovia da Morte e de sua famosa cachorra. Mas ela me disse que, antes de fazer isso, eu precisava encontrar Meg Parkes. O pai de Meg havia sido prisioneiro dos japoneses, e, de novo, de uma maneira que quase desafia a credulidade, seu pai conseguira manter diários incrivelmente detalhados sobre o tempo que passou nos campos.

A maneira como um punhado de prisioneiros de guerra conseguiu manter esses diários é em si uma história cativante. Frequentemente, eles usavam sobras de papel, rabiscavam de madrugada, e escondiam os diários em velhas jarras ou latas, que enterravam no cemitério do campo. As duas coisas que aterrorizavam os guardas japoneses eram a insanidade e a morte. Os japoneses evitavam os prisioneiros que haviam enlouquecido, e qualquer coisa relacionada à morte era proibida. Era essa extrema necrofobia – o medo da morte e de mortos – que fazia do cemitério o lugar perfeito para esconder diários ilícitos.

Na hora certa, encontrei Meg, e ela gentilmente me deu uma cópia dos diários do seu pai, textos que falavam da extraordinária relação que ele tivera com um gato no campo, entre outros animais. Meg fez eco às impressões de Lizzie –

de que a história toda da maneira como os prisioneiros de guerra precisavam de animais para ajudá-los a suportar o inferno que viviam nunca havia sido realmente contada. Havia até campos em que os prisioneiros domavam e treinavam pombas para carregar mensagens para o mundo externo, ou para obter informações ou para avisar o mundo de que ainda estavam vivos.

Simplesmente extraordinário.

Meg estava envolvida em um fantástico projeto escolar com a High School for Girls, de Yorkshire. Tom Boardman, de 90 anos, então sobrevivente dos campos de prisioneiros, viria à escola para falar sobre sua experiência. Pediu-se às crianças de 11 e 12 anos que escrevessem um curto poema em que se imaginariam como animais – qualquer animal – nos campos. Meg me deu um exemplar do folheto que haviam criado com recortes dos poemas. Eram incrivelmente comoventes.

“E o gato disse: Os prisioneiros me afagam, pensando no seu lar. Gosto disso, mas estou com medo da fome que têm nos olhos.” Elena Davies “E o cachorro latiu: Por que estamos aqui? E por que alguns de nós desapareceram?” Sophie Burns “E a pomba disse: Vou carregar suas tristes mensagens. Sou a família deles como eles são a minha.” Alice Renshaw Porém, nenhuma história rivalizava com a

de Judy, acrescentou Meg. Ela realmente era uma cadela extraordinária. Assim como Lizzie, Meg me informou que a pessoa que eu realmente precisava encontrar era Rouse Voisey. Consequentemente, fui de carro à zona rural de Norfolk para conhecer o homem. Meu GPS me levou até um lindo bangalô que domina as florestas fechadas e os campos abertos à beira de uma nítida fileira de casas, entre as quais ficava a dele.

Obviamente, Rouse estava esperando minha chegada. Recebeu-me na escadaria do jardim – um incrível homem de 90 anos com aparência viva e perspicaz. Apertamos as mãos. Ele me escrutinou com olhar rápido e penetrante, como se estivesse tentando avaliar o calibre daquele “jovem homem” que viera de tão longe para conversar com ele sobre eventos que haviam acontecido cerca de setenta anos antes.

Deu uma olhada para a paisagem, que estava iluminada pelo sol de inverno do meio-dia.

— Sabe, às vezes o canto dos pássaros fica tão alto que nem me ouço cumprimentar meus vizinhos do outro lado da cerca.

Sorriu e continuou: — Gosto muito daqui. Você é muito bem-vindo.

Fez um gesto em direção à porta entreaberta.

— Por favor, entre, entre.

Rouse era um homem notável, para não dizer mais. Não apenas era sobrevivente da Ferrovia do Inferno de Sumatra, como também passara pelo que, segundo sua própria acepção, fora o “pior” projeto de trabalho escravo sob os japoneses. Fazia parte de um grupo de prisioneiros de guerra Aliados forçados a limpar a selva da ilha coralina de Haruku, para abrir uma pista de aterrissagem na própria rocha – em meio aos preparos da planejada invasão japonesa da Austrália, algo que, claro, nunca aconteceu. Haruku é uma das ilhas Molucas – também chamadas de “ilhas das Especiarias” –, mas, sob o sol escaldante, o calor infernal e a poeira, a construção da pista tinha quase matado Rouse, e muitos dos seus companheiros haviam morrido.

Como se isso não fosse suficiente, ele fora embarcado em um dos chamados navios do inferno do Império japonês – mortais armadilhas enferrujadas usadas para transportar os prisioneiros de guerra como escravos de um projeto de trabalho escravo para outro – uma viagem que ele temia ser sua última. Ficou tão doente que mal conseguia se lembrar da viagem, antes que o navio, o *Junyo Maru*, fosse afundado por um submarino britânico. Naquela época, esse foi o pior desastre marítimo em termos de baixas confirmadas: cerca

de 5.600 prisioneiros de guerra Aliados, mais a mão de obra escrava local, morreram no mar.

Rouse logrou sobreviver ao naufrágio. Foi assim que conseguiu chegar a Sumatra, onde se juntou às centenas de prisioneiros de guerra usados como escravos naquele inferno vivo. Foi lá que, pela primeira vez, ouviu falar de Judy, de fato a mascote da Ferrovia Trans-Sumatra. Como todos aqueles que antes dele falaram, Rouse não podia pronunciar o nome de Judy ou se lembrar dela sem um sorriso afetuosos. Deu uma olhada em uma foto da sua própria cadela – hoje falecida – pendurada na parede da sala de estar.

— Essa era minha cadela, Shona. Uma setter inglesa de três cores. Era a mais carinhosa e maravilhosa companheira que se possa esperar. Eu costumava levá-la ao escritório onde trabalhava – ela dormia debaixo da minha mesa. Tinha um caráter muito amável. Uma vez, por acidente, pisei a orelha dela com a perna da cadeira. Ela não rosnou nem latiu para mim. Apenas arregalou os olhos e gemeu, como se estivesse dizendo – *ei, isso dói mesmo, sabe*. Nunca mais tive cachorro depois de Shona. Eu não podia, não depois dela. E Judy... ela era exatamente esse tipo de animal. Não havia igual.

Rouse prosseguiu compartilhando comigo as histórias do tempo que passou nos campos de prisioneiros, com seus

companheiros e seus cães – algumas que talvez ele nunca tenha compartilhado com ninguém antes, nem mesmo com sua recém-falecida esposa. Ele encerrou assim a conversa: — Fiquei surpreso que um cão pudesse ter sobrevivido a tudo isso. Essa Judy sobreviveu ao inferno que era aquele lugar – foi incrível. Especialmente aos guardas coreanos dos campos – que costumavam comer cachorro. E tinham o poder de vida e morte sobre todos nós. Isso deve fazê-lo se perguntar como conseguimos tamanha façanha – a de manter uma cadela como Judy. É parte do aspecto extraordinário da sua história.

Deixei o pequeno bangalô de Rouse com uma caixa carregada de amarelados recortes de artigos de jornais, de livros com os cantos dobrados, de fotos e relatórios de sobreviventes dos campos de prisioneiros – grande parte da “biblioteca” que Rouse formara no decorrer dos anos.

— Sim, sim... pode levar tudo — tranquilizou-me, quando mais uma vez perguntei se não se incomodava mesmo por eu pedir sua “biblioteca” emprestada por um tempo. — Faço muito pouco uso dela na minha idade. E, se precisar voltar para conversar comigo, sinta-se à vontade. Estou aqui sozinho sem muito que fazer a não ser assistir à televisão – e hoje em dia nunca há muita coisa senão reprises!

Coloquei a preciosa caixa no banco traseiro do meu carro, mas, quando fui me despedir de Rouse, este levantou a mão para me segurar.

— Sabe, há uma pergunta que você não fez, embora as pessoas costumem fazer: *Após o que aconteceu, você odeia os japoneses?* Gostei bastante que você não tenha sentido a necessidade de me fazer essa pergunta.

Rouse meneou a cabeça, os olhos perdidos nas lembranças do passado.

— Não, não... Não odeio os japoneses. Como se pode odiar todo um povo? Odeio os guardas que nos fizeram coisas inomináveis. Mas como eu poderia odiar todo um povo? Acho que o ódio acabaria por devorar a pessoa. Por consumir a pessoa. — Ele riu. — Então, provavelmente deve ser por causa disso que cheguei a uma idade tão avançada!

Após visitar Rouse, passei algum tempo com outros sobreviventes dos campos de prisioneiros, com seus parentes e familiares, aprendendo mais sobre a história que estava começando a me cativar. Fergus Anckhorn, homem de 95 anos e incontrolável juventude, que sobrevivera aos campos graças ao uso da mágica – já fora o mais jovem e hoje é o mais velho membro do Círculo Mágico –, contou-me a respeito das suas incríveis relações com animais de estimação dos campos, entre os quais um cachorro, macacos

e até um camaleão! De noite, o camaleão deitava no seu peito, enquanto ele dormia, e soltava a língua para pegar mosquitos. Era um mosquito vivo!

— Aqueles bichos... eles nos mantinham saudáveis, sabe. Eram um minúsculo pedaço de algo familiar, de algo que conhecíamos... de um lar. E, de certo modo, você sabia que precisava ficar vivo e voltar de mais um dia de árduo trabalho para cuidar do seu cachorro, ou macaco, ou qual fosse o animal que estivesse esperando por você! Você precisava ficar vivo para *eles*.

Fergus me contou sobre o valor que esses bichos tinham pelo fato de manterem o moral dos prisioneiros... ou, para ser mais exato, sua vontade de viver. Em muitos casos, os indivíduos optavam por compartilhar sua magra ração com seu animal de estimação, em vez de permitir que outro ser vivo morresse de fome. Fergus adorava os cachorros. Tinha uma relação muito profunda e incrivelmente duradoura com eles. Também amava os gatos.

— Uma vez, descobri um pássaro pequeno como um pardal em um bosque — contou-me, com uma notável tristeza filtrada em seu olhar travesso e cheio de alegria. — De cócoras, fui atrás do pássaro. Do outro lado do bosque, havia um gato esquelético. Foi uma corrida entre nós dois. Vi o gato correr, o pássaro levantar voo para escapar e – bum! –

peguei o pequeno monte de penas em pleno voo. Cozinhei o pássaro e o comi na mesma noite, mas depois, quando olhei para a pilha de ossos, senti-me um tanto culpado por ter deixado o gato passar fome. Nunca consegui esquecer ou me perdoar.

Assim como Rouse, Fergus acreditava que aqueles prisioneiros de campos de guerra que odiavam os japoneses acabavam sendo consumidos pelo ódio. Aqueles que haviam perdoado tinham uma vida mais longa e mais feliz. E Fergus foi um entre vários que me explicaram o papel vital que aqueles animais de estimação tiveram como heróis desconhecidos dos campos de prisioneiros. Era uma história que poucos haviam contado, e que Judy ilustrou mais do que qualquer outro animal que sobrevivera aos anos de campos de prisioneiros.

Esta, então, é a história de Judy. Começa em Xangai anos antes do início da guerra, quando as canhoneiras britânicas ainda cruzavam o imenso rio Yangtzé, protegendo os interesses britânicos até o centro da China. Principia por uma minúscula bola de curiosidade que fugiu de casa e acabou servindo como mascote na valente canhoneira *Gnat*, da Marinha Real. E segue as extraordinárias aventuras de Judy e seus companheiros no decorrer dos anos – do rio

Yangtzé até a Ferrovia do Inferno de Sumatra, e tudo o que aconteceu no intervalo.

As pessoas costumam dizer que a verdade é mais estranha que a ficção. Sem dúvida, a história de Judy de Sussex é daquelas que qualquer um acharia visivelmente desafiadora de contar.

Com certeza, é daquelas que me sinto privilegiado por ter sido capaz de contar.

Damien Lewis, Cork, Irlanda, dezembro de 2013

CAPÍTULO UM

A minúscula cachorrinha enfiou o focinho um pouco mais adiante sob o arame.

Abençoada com uma excelente visão periférica de cão de caça, mantinha um olho fixo nos que estavam atrás dela – seus irmãos – e também no pessoal do canil, que pouco teria apreciado outra tentativa de fuga. Diante dela, a um passo, abria-se o mundo – o fervilhante turbilhão de vida que se espalhava por toda parte e que ela e seus companheiros pareciam definitivamente proibidos de experimentar.

Era tentadoramente perto.

O canil de Xangai, dirigido pelos ingleses, havia criado filhotes de pointer inglês brancos e marrons para servirem de cães de caça a vários ingleses que então residiam em Xangai. Mas essa cadelinha parecia ter outras ideias em mente. O canil era como uma ilhota de calmaria em meio ao mar de caos que era Xangai em 1936 – caos para o qual a

cachorrinha, que já arrastara metade do corpo sob o arame, parecia irresistivelmente atraída.

Diante do seu focinho, jinriquixás – antigos carrinhos de madeira puxados à mão – corriam de lá para cá, ziguezagueando pelas ruas empoeiradas, carregando os mais privilegiados residentes de Xangai engalanados em roupas formais, de cartola e casaca. Essas carruagens bambas lutavam pelo espaço com os bondes e ônibus, passando trepidantemente à frente de barracas de beira de estrada que vendiam condimentadas iguarias recém-fritas. E por toda parte, nas fachadas das lojas, pendiam bandeiras vermelhas de pano anunciando suas mercadorias na exótica caligrafia mandarim ou *wu*.

Por que só ela e seus irmãos sentiam essa insaciável urgência de ver, sentir e experimentar o vasto mundo – *de escapar* – ela não sabia. Porém, desde que nascera, a curiosidade parecia ter tomado conta dessa cachorrinha ainda sem nome. E agora ali estava ela, com o focinho reluzente sob o arame, contraindo-se diante dos fascinantes cheiros que o assaltavam, enquanto seu corpo redondo e fofo ainda estava seguro no confinamento do canil, embora ela só precisasse se contorcer um pouco e se espremer para poder escapar.

Sem dúvida, uma voz dentro da cabeça da cadelinha devia dizer: “Não faça isso!”. Mas outra, tão estridente quanto a primeira, com certeza a encorajava: “Vá em frente, garota!”. Naquele momento de indecisão, enquanto espiava sob o arame, a cadelinha ouviu um grito de alarme atrás dela. *Havia sido pega!* Era o grito de Lee Ming, a garota chinesa cuja mãe morava e trabalhava no canil, que dava o alarme. Lee Ming era rápida e ágil, e a alcançaria como um relâmpago, a não ser que ela seguisse adiante.

As minúsculas patas dianteiras batiam e remexiam a terra, enquanto a cachorrinha lutava para se espremer sob o arame. As dobras de gordura do animal rolavam e se acomodavam debaixo dele, enquanto a cadela abaixava ainda mais a barriga e se contorcia como um peixe gordo preso no anzol de pescador. O toco ralo de uma cauda, espetado atrás dela como um longo dedo rígido, mexia-se para lá e para cá enquanto ela lutava com todas as suas forças para se soltar.

Atrás dela, Lee Ming apareceu de repente e tentou agarrar a desobediente cadelinha, mas a pequena bola de incontrolável energia fez um último e hercúleo esforço, e conseguiu escapar. Em um instante – *puf!* –, a pequena figurinha de quatro patas disparou e sumiu, voando com as patas, enquanto era engolida pelo ruído, a poeira e a enorme confusão do centro de Xangai.

Por um momento terrível, Lee Ming, totalmente consternada, procurou com o olhar aquele filhote. Havia tantos perigos assolando as ruas da cidade que ela nem tinha coragem de pensar em metade deles. Se existia algo que aquela cadelinha ainda não tinha era traquejo. Em sua confusa precipitação, ela poderia ser atropelada por um jinriquixá. De medo, podia cair em um dos inúmeros bueiros a céu aberto da cidade. Mas, ainda pior, uma cadelinha rechonchuda como ela seria uma refeição tentadora para aqueles que comiam cachorro – o que incluía grande parte da população nativa da cidade.

Na Xangai de 1936, a carne do melhor amigo do homem era muito procurada, sendo vista como uma iguaria de gosto “suave”. Um cachorro jovem e tenro do qual ninguém parecia ser dono ou cuidar seria um alvo fácil. Lee Ming regressou para a grande casa de estilo colonial que ficava no centro do conjunto de canis. Foi até a recepção para dar a má notícia e ajudar a organizar a busca da imprevisível cadelinha. Mas seu coração estava entristecido e um pressentimento sombrio pairava sobre ela.

Temia muito que essa fosse a última vez que veria a cadelinha que havia fugido.

*

A Xangai para a qual o animal havia escapado não era um lugar para seres indefesos, muito menos para uma pointer inglesa de poucas semanas. Então com cerca de 3 milhões de habitantes, Xangai – cidade portuária costeira, situada no centro-leste da China – era uma metrópole fervilhante e extremamente violenta. Estava localizada na foz do grande rio Yangtzé – o mais longo da Ásia e uma via vital para o comércio e os negócios internos da imensa China –, e as grandes potências, Grã-Bretanha, Estados Unidos e França, tinham bases comerciais na cidade havia muito tempo.

Por décadas, Xangai fora conhecida como a “Paris do Oriente”, mas, nos últimos anos, havia se tornado uma cidade assolada por problemas. A liderança fraca e os desentendimentos dentro do governo chinês faziam com que várias gangues de bandidos prosperassem. Senhores da guerra haviam tomado o controle de grandes áreas dentro da nação. Cada vez mais, os britânicos, americanos e franceses eram obrigados a mandar canhoneiras para o interior do país pelo rio Yangtzé, em uma tentativa de dissuadir esses elementos sem lei a se desfazer de seus lucrativos negócios de seda, algodão e outros bens valiosos.

Nos últimos tempos, os problemas haviam aumentado, particularmente com o ressurgimento do velho inimigo da China – o Japão. Em uma escalada de sangrentas

escaramuças, a Marinha japonesa havia bombardeado Xangai. Assim como tinham feito com os britânicos e outras grandes potências, os chineses foram obrigados a assinar com o Japão imperial um tratado que autorizava os japoneses a se estabelecerem de forma permanente no “porto do tratado”^[1] de Xangai. O Japão imperial mal escondia seu desejo de conquistar e subjugar toda a nação chinesa, e Xangai era a porta de entrada de Nanquim, então capital da China.

Essa era a Xangai daquela época, a cidade em que a fugitiva do canil se escondera – um lugar ameaçado pelo submundo do crime e cujas ruas eram cada vez mais infestadas por soldados do Japão imperial que mal escondiam seu desdém pelos habitantes locais. Havia algo milagroso no fato de que, semanas após sua espetacular escapada, a fugitiva cadelinha ainda estivesse viva e respirando.

Seu aspecto rechonchudo e macio já havia ficado para trás, claro. Em vez disso, costelas de adolescente salientavam-se sob o pelo branco e marrom, que havia perdido boa parte do seu brilho e lustre. Seu focinho estava seco e rachado, sinal óbvio de que ela estava em péssima condição. Apenas os olhos pareciam manifestar sua costumeira vivacidade, traindo uma força de caráter que fora

seu traço distintivo desde que nascera e que talvez tivesse induzido aos indesejáveis apuros atuais. Brilhavam com ardente curiosidade e apego à vida, apesar de tudo que ela sofrera desde sua azarada fuga. Mas agora havia algo mais no seu olhar – incerteza e vulnerabilidade, a noção que a jovem cadela aprendera a duras penas de que nem sempre os humanos eram seus amigos e aliados naturais.

Como fora estúpida por ter fugido, agora reconhecia. Trocara o conforto e o luxo do canil por uma velha caixa de papelão jogada em um fedorento beco de Xangai infestado de moscas. Trocara o companheirismo e a alegria dos seus irmãos e irmãs pela solidão da vida nas ruas. E, em lugar do amor natural e da proteção do dono inglês do canil, enfrentava crueldade e maus-tratos a cada esquina da cidade, verdadeiro zoológico humano superlotado.

Tudo isso com a exceção de um indivíduo – Soo. Por algum motivo, Soo, negociante chinês, era um incorrigível apaixonado por cachorros. Sua miserável casa em forma de caixa ficava nos fundos da loja, e, desde que a cadelinha encontrara o caminho até a caixa, Soo se encarregava de lhe dar pedacinhos de comida, à noite, após encerrar sua longa jornada de trabalho. Não era o tipo de dieta à qual fora acostumada no canil, mas, pelo menos, servia para mantê-la viva.

Assim como muitos chineses, não era da natureza de Soo nem da tradição de sua família ter em casa um cachorro como animal de estimação. Na China de 1936, os cães deviam ganhar seu sustento com trabalho, ou invariavelmente acabavam na panela. De fato, o consumo de carne de cachorro na China tinha uma história que remetia a milhares de anos, já que se pensava que essa carne possuía místicas propriedades medicinais. Havia até raças de cachorros reservadas especificamente para o consumo humano, especialmente nas épocas de fome sazonal. Felizmente, Soo não fazia parte daqueles que gostavam de ter cachorro no cardápio, e a cadelinha perdida do canil de Xangai tivera muita sorte mesmo por ter casualmente caído sob sua proteção.

Mas, naquela noite, tudo estava prestes a mudar.

Com o sexto sentido que logo se tornaria sua marca registrada, a solitária cadela detectou o perigo antes que fosse audível ou visível ao ouvido ou ao olho humano, incluindo os de Soo. Uma canhoneira japonesa havia atracado no porto de Xangai, e os marinheiros do navio de Sua Majestade Imperial Japonesa vinham ruidosamente ao longo da rua onde a loja de Soo ficava, sem dúvida em busca de álcool e de alguns moradores contra os quais pudessem dar vazão à sua agressividade. Já era noite, mas o diligente

Soo ainda estava em sua loja, uma das poucas da rua ainda abertas.

A tripulação da canhoneira não precisou de outra desculpa para atacar.

Quando os japoneses começaram a agredir Soo verbalmente e a se servir à vontade de suas mercadorias, ele naturalmente protestou. O tom de voz dos japoneses foi ficando cada vez mais raivoso, mas eles não se deram por satisfeitos. Em poucos minutos a loja de Soo foi saqueada e as frágeis prateleiras de madeira, derrubadas e despedaçadas. Os marinheiros japoneses então acometeram contra Soo com uma raiva incomensurável.

Ao ouvir que seu único protetor no mundo estava sendo agredido de forma tão cruel, a jovem cadela saiu furtivamente do beco e foi até a esquina para ver se podia fazer algo para salvá-lo. Avançando meio agachada, ela alternadamente gemia de medo e mostrava seu mais ameaçador rosnado, enquanto as estranhas figuras de calças folgadas enfiadas em botas pretas até a altura do joelho chutavam e socavam seu protetor.

Então, um dos agressores avistou a cadela agachada. Afastou-se de Soo e deu alguns passos em sua direção. Logo depois, uma das botas perfeitamente lustradas levantou-se em direção ao abdome do animal. O violento golpe a

levantou do pavimento, e ela voou até o outro lado da rua, caindo em uma pilha de lixo. Lá ficou ela deitada, gemendo e mortificada, esperando acima de qualquer coisa que aqueles homens cruéis de fardas estranhas não a machucassem mais.

Quando seus opressores foram embora, Soo estava tão machucado que precisou de ajuda para sair do local. A cadela, que até então o vira como um protetor, foi obrigada a procurar refúgio na escuridão de uma entrada vizinha. Andou com dificuldade por ali, com o corpo dolorido por causa do chute, a barriga também dolorida pela mesma razão e pela fome arrebatadora que sentia, e a mente entorpecida pelo trauma e o frio da longa noite que estava por vir.

Embora os marinheiros japoneses tivessem ido embora havia muito tempo, a solitária cadela sentia que seu sonho de fuga do canil de Xangai se transformara no mais sombrio pesadelo – mas, como tão frequentemente é o caso, o pior momento é pouco antes do amanhecer.

Enquanto o sol se movia lentamente acima da ampla linha do horizonte colonial da cidade, uma figura familiar seguia seu caminho ao longo da rua onde o animal jazia. A cadelinha solitária tremia, gemia e estava tão perdida em sua própria miséria que quase não reparou que o som dos

passos havia cessado, nem ouviu as palavras gritadas com espanto em sua direção.

— Shudi? Shudi? Ah, Shudi! O que aconteceu? Onde você esteve?

A longa cauda da pointer – com o pelo branco agora manchado pela sujeira e a fuligem da vida na rua – talvez não se mexesse se ela não tivesse reconhecido quem falava. Mas a jovem cadela *havia* reconhecido o tom doce da voz, assim como a garotinha do canil reconhecera o animal desesperado. Suas marcas distintivas – a macia cabeça marrom, a marca de mesma cor seguindo em forma de sela pelos ombros, e a mancha sem forma aparente no flanco direito traseiro – fizeram com que Lee Ming a reconhecesse imediatamente.

Não havia dúvida – era a mesma cadela que havia fugido! Em uma cidade em expansão de cerca de 3 milhões de habitantes, naquela manhã a garota do canil de Xangai, por acaso, escolhera passar diante da porta em que o animal perdido e ferido estava abrigado. Lee Ming se debruçou, apanhou a cadelinha e a acomodou dentro da sua jaqueta. Disparou pelas ruas em grande parte desertas, ansiosa para contar a notícia à senhora inglesa que dirigia o canil.

No momento em que chegou à grande casa do conjunto de canis e abriu o zíper da jaqueta, a cadelinha já havia caído

no sono.

— Veja! Veja! Encontrei Shudi! — anunciou a garotinha, maravilhada.

A inglesa deu uma olhada cheia de dúvida por cima da grande mesa atrás da qual se sentava. Observando a cadela, aproximou-se com incerteza e pegou o animal dos braços estendidos da garota. Trouxe-a para mais perto, acariciando-a e afagando-a por trás das orelhas, enquanto estudava as marcas, tentando compará-las com as das suas lembranças. A cadelinha abriu um olho preguiçoso, viu onde estava, pareceu sorrir e, exausta, voltou a dormir docemente.

Agora, era a inglesa que sorria.

— *É ela*. É mesmo aquela que fugiu. — Deu uma olhada em Lee Ming, que estava radiante de alegria. — Então, acho que está na hora de você lhe dar um bom banho e algo para comer, não é?

Lee Ming, entusiasmada, acenou com a cabeça. Não existia nada que quisesse mais senão alimentar e reconfortar a teimosa cadelinha. Ela levantou os braços de maneira que “Shudi” lhe fosse devolvida e ela pudesse levá-la e lhe dar o terno carinho de que tanto precisava.

A mulher devolveu a cadela. Olhou para Lee Ming com curiosidade.

— Diga-me, por que a chama de Shudi?

Lee Ming colocou de volta na jaqueta o animal aquecido, porém exausto.

— Sempre a chamei de Shudi — respondeu timidamente.
— “Shudi” quer dizer calma. E calma é exatamente o que ela parece ser, não é?

A mulher estendeu a mão e afagou o rosto de Lee Ming.

— Parece. Sim, ela parece mesmo.

E Lee Ming disse: — Bem, este será seu nome de agora em diante: *Judy*.

Então, foi assim que a cadelinha que fugira e, contra todas as expectativas, voltara recebeu o nome talvez menos adequado à sua natureza: a palavra mandarim que significa “calmo” – *shudi* – transformada em “Judy” para o inglês sortudo que viesse a ser seu futuro dono.

Enquanto a garota carregava Shudi – Judy – para cuidar dela, mal podia se dar conta de como um animal que começara a vida de forma tão desfavorável viria a se destacar no sangrento e devastador conflito que estava por vir...

Lee Ming não fazia ideia do quão famosa a pointer inglesa do canil de Xangai seria quando a Segunda Guerra Mundial terminasse.

CAPÍTULO DOIS

Até mesmo no verão de 1936, quatro anos antes do começo da guerra na Ásia, os sinais de agressão do Império do Japão varriam as ruas de Xangai e a China como um todo.

Usando seu poder militar, o Japão Imperial iria atacar Xangai e a capital da China, Nanquim – um nome que ia se tornar sinônimo de terror e brutalidade indescritíveis. Mas, por enquanto, esses terríveis horrores ainda estavam longe de acontecer, e grande parte da cidade de Xangai e o rio Yangtzé permaneciam sob a administração da frota de canhoneiras britânicas e Aliadas.

As canhoneiras britânicas eram da Classe Insetos, nome que desmentia sua verdadeira finalidade, a de patrulhar as águas e rios pouco profundos nas áreas mais devastadas pelas guerras ao alcance do Império britânico. Construídas pelo estaleiro Lobnitz no rio Clyde, os navios da Classe Insetos começaram a operar durante a Primeira Guerra

Mundial, no que então era a Mesopotâmia (o atual Iraque), patrulhando os rios Tigre e Eufrates.

Em 1936, tinham duas décadas de idade e de modo nenhum estavam entre os mais modernos navios de guerra. Mas ainda eram relativamente rápidos, ágeis e bem-armados. Com fundo achatado e perfil plano, eram projetadas para operar em rios de corrente rápida como o Yangtzé. Coloquialmente conhecidas como “grandes canhoneiras da China”, contavam com dois motores e caldeiras do tipo Yarrow, cada uma impelindo uma hélice colocada em um eixo posto dentro do casco, para evitar os riscos de se partir nos rios de pouca profundidade.

Enquanto Shudi – Judy – voltava a se acomodar no delicioso conforto do canil, uma das canhoneiras britânicas estava completando seu reaparelhamento anual nas docas de Xangai. Preparava-se para voltar ao serviço de patrulha, impedindo atos de pirataria e de banditismo no curso inferior do Yangtzé – cobrindo uma extensão de mais de 1.500 quilômetros rio adentro.

Nos últimos tempos, a HMS *Gnat* não era um navio particularmente feliz, e grande parte da angústia da tripulação girava em torno de dois diferentes aspectos-chave da vida no navio que agora estava sofrendo de escassez. O

primeiro era o estoque de cerveja. As canhoneiras da China eram as únicas da Marinha Real a carregar um estoque de cerveja quando estavam em operações, já que cada membro da tripulação tinha direito a certa cota de consumo diário.

Mas, como o capitão da *Gnat*, o tenente-comandante Waldegrave, comentara no diário de bordo, restavam apenas umas poucas semanas de estoque da preciosa bebida, mesmo com o estrito racionamento em vigor.

Recentemente, uma canhoneira da Marinha americana havia atracado ao lado da *Gnat*. Os oficiais e a tripulação foram convidados a desfrutar da hospitalidade do navio britânico – principalmente sua cerveja –, mas somente uma vez por semana, no sábado à noite, em uma tentativa de se preservar o estoque. Em contrapartida, os oficiais e a tripulação da *Gnat* eram convidados para projeções de filmes no cinema do navio americano, três vezes por semana.

O segundo problema era específico da *Gnat* em toda a frota britânica de canhoneiras do Yangtzé: faltava a mascote do navio, algo que era ainda mais inimaginável que a escassez de cerveja. Nos outros navios, HMS *Cricket*, *Cicada*, *Ladybird*, e na nau almirante *Bee*,^[1] havia uma variedade de gatos, cachorros e até um macaco. Mas a tripulação da *Gnat* não tinha nenhum amigo de pelos, penas ou quatro patas,

motivo pelo qual o capitão confiou aos seus oficiais subalternos a tarefa de encontrar algum.

Os oficiais subalternos, por sua vez, consultaram os membros do Comitê de Suprimentos na tentativa de decidir qual a melhor espécie de pássaro, mamífero ou réptil para enfeitar o convés do navio. Choveram sugestões, mas muitas – entre as quais tartarugas chinesas, pandas-gigantes e jacarés – foram consideradas um tanto impraticáveis e inapropriadas, embora provocassem boas risadas.

O Comitê de Suprimentos decidiu que a mascote da canhoneira *Gnat* devia possuir três qualidades essenciais. Primeiro, como os oficiais e a tripulação do navio não dispunham de companhia feminina, ela tinha que ser fêmea. Segundo, tinha que ter aparência agradável. E terceiro, por razões práticas, precisava ser capaz de ganhar seu sustento. Assim, foi em uma tarde do começo de novembro de 1943 que uma delegação de oficiais subalternos deixou a *Gnat* para visitar o canil de Xangai.

Como a maior parte dos “cães de caça”, os pointers ingleses são abençoados – ou amaldiçoados – com excesso de energia. Foram criados para serem fortes, vivos e totalmente incansáveis, não importa o tamanho do terreno que têm que cobrir. Essas são as qualidades requeridas de um cão cujo propósito consiste em localizar, caçar, descobrir

e – frequentemente – recuperar a caça. Essencialmente cães de caça, os pointers devem sempre estar prontos para disparar.

Judy certamente já provara que estava pronta para isso quando se contorceu sob a cerca de arame do canil e fugiu. Mesmo para uma raça extremamente cheia de energia como a dos pointers, ela mostrou ter extraordinário dinamismo. À primeira vista, talvez não fossem as qualidades ideais para ser um mascote de navio e ficar confinada num convés que media 72 metros da proa à popa e 11 metros de largura. Mas, assim que a viram, os oficiais subalternos da *Gnat* pareceram estranhamente convictos de que Judy fora feita para eles.

Ela estava então chegando aos 6 meses, e se recuperara plenamente do período que passara nas ruas de Xangai. Tinha ótima aparência, mostrando uma elegância que parecia distingui-la como uma verdadeira aristocrata da sua raça. Andava de cabeça erguida sobre um pescoço gracioso, porém forte, e seus olhos escuros – como carvão cintilante – ficavam bem atrás do longo e largo focinho. Ela olhava para aqueles homens estranhos de fardas elegantes que tinham vindo examiná-la mostrando uma tímida reserva natural das fêmeas da raça.

Para a delegação da canhoneira *Gnat*, que felizmente ignorava a épica escapada de Judy e sua longa estadia em um

beco de Xangai, ela parecia uma perfeita *lady*. E, como bônus, era um cão de caça, o que significava que em todas as expedições fora do barco para garantir a carne da cozinha haveria um cachorro para fuçar e trazer as presas. Embora nem sempre sejam especialmente criados como cães de caça, os pointers podem ser treinados para caçar e procurar qualquer coisa que tenha sido abatida – *ou, pelo menos, em teoria.*

Na *Gnat*, os últimos suprimentos – entre os quais aprovisionamentos de pão, carne, combustível (petróleo e querosene) e carvão –, além das munições, estavam sendo armazenados embaixo dos conveses, no aguardo da partida iminente. As últimas demãos de tinta estavam sendo aplicadas para encobrir as antigas manchas de ferrugem na superestrutura. Os ajudantes chineses do refeitório, contratados para auxiliar na cozinha e preparar o chá, haviam regressado da curta licença e estavam preparando as primeiras bebidas quentes a bordo do navio.

Um grupo de marinheiros andava pelo convés do refeitório, localizado na proa do barco, prestes a vestir fardas brancas e limpas para a última noite em terra. Foi então que o timoneiro-chefe – o oficial encarregado de governar a canhoneira e controlar a tripulação – apareceu pela escotilha aberta acima do convés principal e fez a

seguinte declaração: – Todos no convés daqui a dez minutos!

Enquanto vestiam a farda, os marinheiros se perguntavam o que diabos poderia ser. Certamente, não seria algo que pudesse impedi-los de ter uma última noite em terra, certo? De acordo com sua fama selvagem e exótica, Xangai era uma cidade festiva por excelência, e ninguém queria ficar longe dos bares onde a cerveja corria solta – ao contrário dos minguados suprimentos a bordo da *Gnat*.

Ansiosos, os homens se juntaram no convés de proa, formando duas fileiras por trás do toldo de lona que se estendia praticamente de ponta a ponta do navio. Ele dava ao barco uma aparência um tanto estranha, aquele toldo comprido parecendo um telhado, e fazia com que, de longe, o navio tivesse a aparência de um alongado bonde no mar. Mas o toldo provara ser muito útil durante as longas patrulhas no Yangtzé, fornecendo sombra no convés principal e abrigo contra as chuvas de monções que varriam o grande rio em toda a sua extensão.

— A-ten-ção! — clamou o timoneiro do navio, quando todos já estavam presentes. — A companhia do navio está pronta, senhor — disse ele a uma pessoa ao seu lado.

O primeiro-tenente da *Gnat*, R. Haines, deu um passo adiante e subiu em uma caixa de madeira vazia, uma

daquelas que normalmente contêm armas para o barco. Metralhadoras Maxim de calibre 303. Três dessas metralhadoras leves – uma arma que se tornara sinônimo da projeção do poder colonial da Grã-Bretanha – estavam posicionadas de cada lado do navio, dando-lhe um impressionante poder de fogo periférico. Mas, agora, o primeiro-tenente pensava em um assunto bem distante da guerra. Tendo dado a ordem de descansar, ele começou a se dirigir aos homens, e seu rosto, em geral impenetrável, deixava transparecer uma leve sugestão de sorriso.

— Umas semanas atrás, o Comitê de Suprimentos, do qual sou o presidente, votou uma resolução para que tivéssemos um animal de estimação no navio.

Ele fez uma pausa, como se estivesse conferindo uma folha de papel na mão, e então continuou com o sorriso ainda mais evidente nos olhos.

— Vocês se lembram de que decidimos que seria uma fêmea; uma *lady*, que fosse atraente e pudesse ganhar seu sustento. Estudei cada uma das suas interessantes sugestões, que, infelizmente, tive que descartar.

O primeiro-tenente olhou para os homens enfileirados diante dele.

— No *Bee*, eles têm dois gatos — prosseguiu. — O *Cricket* tem um cachorro... ou algo assim. O *Cicada* tem um macaco...

que o céu os proteja! — Longa e grave pausa. — Quanto à *Gnat*, a partir de agora nenhum grupo de caça poderá voltar ao barco dizendo que matou 23 codornas, mas que só encontrou uma.

Ele se virou e gritou: — Intendente!

Uma figura emergiu da porta atrás dele, que adentrava a superestrutura do navio e ia até a ponte. Alguns passos atrás apareceu uma cabeça à altura do joelho, olhando curiosamente ao redor pelo batente da porta. Quando o intendente – encarregado do abastecimento do navio – puxou gentilmente a correia, o resto do corpo revelou-se na luz. Era um animal de quatro patas – uma pointer inglesa branca, com impressionantes manchas marrons de um lado ao outro da cabeça e do corpo.

O intendente foi até um lugar em que pudesse ser visto por qualquer um. Todos os olhos fixavam o animal. Ainda não totalmente adulta, ela andava de maneira macia e adorável, atravessando o convés sobre patas que pareciam grandes demais para seu corpo. O homem e a cadela pararam entre o primeiro-tenente e a tropa de homens enfileirados diante dele. Judy então se deixou cair no chão, o ar de *lady* bem-educada se desvanecendo à medida que sua grande língua rosa se pendurava no que parecia ser um sorriso bobo.

Foi o máximo que os homens puderam aguentar antes de caírem na gargalhada.

O primeiro-tenente passou o braço teatralmente sobre a cadela agachada diante dele.

— Então, senhores, aqui está ela. Por favor, conheçam a primeira-dama das canhoneiras. Eis Judy – Marinha Real!

Judy recebeu verdadeiras boas-vindas reais da tripulação da *Gnat*. Os homens escolheram o apelido de “Judy de Sussex”, de acordo com seu tipo de atitude aristocrática, de raça pura. O único motivo da escolha de Sussex foi o de ficar longe de Xangai, e porque vários membros da tripulação eram originários dessa região da Inglaterra.

A escolha natural para o importante cargo de “responsável pela cadela do navio” coube ao marinheiro Jan “Tankey” Cooper. Tankey era encarregado dos armazéns de comida e da água fresca do barco, mas, mais importante, era o açougueiro do navio, o que significava que tinha acesso a suprimentos regulares de ossos.

Por iniciativa de Tankey, o quarto de dormir de Judy foi arrumado em uma caixa de munições aberta – colocada perto da ponte do navio, forrada com uma manta. Mas, nas semanas e nos meses seguintes, ela quase sempre se encontrava em outro lugar, já que era preferível cair

rapidamente no sono encolhida ao lado de um membro da tripulação.

Judy recebeu um número oficial no diário de bordo. A cada homem que servia na Marinha Real era atribuída uma sequência de letras e números – por exemplo, JX125001 –, para identificar alguém em uma das quatro escalas de remuneração: 1. Marinheiros e comunicadores; 2. Foguistas; 3. Oficiais, cozinheiros e intendentess; 4. Todos os outros. O número de Judy a identificava com o prefixo “MX”; significava que fazia parte de “Todos os outros” e que ingressou no serviço depois de 1925, ano antes do qual era usado outro sistema de números e letras.

O número dado a Judy não lhe garantia nenhuma remuneração – ou categoria de salário, já que isso ainda não havia sido determinado pelo Almirantado. Porém, se os oficiais da *Gnat* o quisessem, sem dúvida poderiam ter se livrado disso, já que o sistema de numeração dos navios era notavelmente confuso e desconcertante. Muitos marinheiros da Marinha Real tinham números iguais, sendo cada um diferenciado apenas por uma letra no prefixo.

Mas, de qualquer modo, Judy pouco precisava de dinheiro agora que estava a bordo da *Gnat*. A vida de cadela de navio ia se mostrar tão boa quanto qualquer suposto paraíso dos

cachorros, se existir – pelo menos nos primeiros meses. Na *Gnat*, Judy de Sussex ia ter tudo que desejasse ou que o dinheiro pudesse comprar, até mesmo abundância de comida, boa companhia, calor e companheirismo.

Como animal de caça destinado a “ganhar seu sustento”, a princípio Judy devia ficar longe da tripulação e se manter nos aposentos dos oficiais, localizados – de forma não usual – na parte dianteira do navio. De fato, foram o capitão do barco, o tenente-coronel Waldegrave, e o suboficial-chefe, Charles Jefferey, que desembolsaram o dinheiro para comprá-la em nome da tripulação do navio. Assim, consideravam que tinham todo o direito de mantê-la em seus aposentos, ou treiná-la para “a caça” – para que agisse como cão de caça dos oficiais do navio.

Os pointers são criados para fazer exatamente o que o nome sugere – apontar a presa. O pointer deve manter uma pose rígida ao farejar uma caça. Embora isso possa mudar conforme o cachorro, classicamente o pointer inglês deve manter a seguinte pose: cabeça abaixada, cauda horizontal alinhada com a cabeça, a pata apontando para guiar o caçador até o alvo.

Mas, como o auxiliar do refeitório dos oficiais a bordo da *Gnat* foi um dos primeiros a notar, no caso de Judy parecia haver uma falha irremediável em sua habilidade para

“apontar”. Nas primeiras 48 horas que passou a bordo do navio, ela parecia se enrijecer ou apontar apenas em uma única circunstância: quando sentia o delicioso cheiro do jantar flutuando ao redor da *Gnat*. Ela infalivelmente apontava para a cozinha do navio!

Sem problema, argumentaram os oficiais do navio. Iam treiná-la para apontar a coisa certa – principalmente patos, codornas, antílopes e gazelas que gostavam de caçar ao longo do Yangtzé. Mas parecia não haver maneira de controlar os movimentos dessa retesada bola de energia no navio. Seu curioso focinho a levava a cada canto e fenda, e era somente em um alojamento – o dos auxiliares de cozinha e cozinheiros chineses – que ela parecia não ser recebida com alegria.

Independentemente das intenções dos oficiais, desde o começo a companhia do navio tratou Judy como um animal muito querido. Era como se ela fosse a companheira de todos – algo que, de fato, na sua qualidade de mascote do navio, se esperava que fosse. Como não pertencia a ninguém, era de todos, e nisso residia a impossibilidade de levar a contento qualquer tentativa de treiná-la para a caça. Da mesma maneira, todos os duros esforços de Tankey Cooper para regular suas refeições foram igualmente frustrados. Todas as vezes que ele virava as costas, quadradinhos de chocolate ou

até restos de copos de cerveja escorregavam em direção à cadela.

Na época em que a HMS *Gnat* estava pronta para deixar Xangai, na segunda semana de novembro de 1936, o seu capitão e o suboficial-chefe – aqueles que originalmente haviam procurado o cachorro –, após certa relutância, tinham aceitado as fraquezas de Judy de bom grado. Antes e acima de tudo, ela era a cadela do navio, e não um cão de caça, e nesse sentido provara ser amplamente bem-sucedida. Não havia um homem na tripulação da canhoneira *Gnat* que não se mostrasse carinhoso com ela, e a presença de Judy a bordo provara ser um estímulo necessário ao moral da tripulação.

Tendo sobrevivido às ameaças das ruas de Xangai, Judy parecia destinada a uma longa e feliz carreira a bordo da HMS *Gnat*, valente canhoneira da frota da Marinha Real no Yangtzé. Mas, por mero acaso do destino, o próximo encontro de Judy com um perigo mortal estava por acontecer.

E, mais uma vez, foi a curiosidade que quase provocou sua morte.

CAPÍTULO TRÊS

Durante décadas, os estudos científicos sobre cachorros – assim como as teorias sobre seu treinamento – basearam-se no exemplo fornecido por seu antigo ancestral, o lobo. Ao contrário do que pode parecer, todos os cães de hoje – do pequinês ao dogue-alemão – descendem de uma única espécie, *Canis lupus*, o lobo-cinzento. Os cães compartilham 99,96 por cento do seu DNA com o lobo.

Mas esses traços genéticos foram encobertos por mais de 30 mil anos de criação seletiva e, acima de tudo, pela domesticação.

Milhares de anos atrás, os homens e os cães começaram o que ia se tornar a mais duradoura e permanente parceria entre homem e animal. O cão foi o primeiro animal que domesticamos, e hoje ele possui a habilidade de criar laços e relações com os seres humanos mais do que qualquer outro ser vivo.

A crença segundo a qual os cães voltariam a se comportar como lobos na ausência dos seres humanos há muito tempo influencia a maneira como treinamos nossos companheiros caninos. Os estudos sugeriam que os lobos eram animais de matilha, com dois adultos dominantes – um macho e uma fêmea – que faziam uso da violência ou expulsavam intrusos para subjugar seus pares. Usando o argumento segundo o qual os cães são essencialmente lobos, pensava-se que os seres humanos precisavam dominar seus cães de estimação para provar que eram os “chefes da matilha”.

Nos últimos anos, essa maneira de pensar mudou por completo. A maior parte dos estudos sobre matilhas de lobos foi realizada em cativeiro, geralmente em zoológicos. As “matilhas” cativas eram formadas por grupos discordantes de animais juntados arbitrariamente, e com pouca relevância para a vida selvagem. Estudos recentes de alcateias no ambiente natural provam que os lobos não são mais ameaçadores do que unidades familiares ampliadas.

Na natureza, as matilhas de lobos em geral consistem em um casal reprodutor e sua prole adolescente, que ajuda os adultos a criar novos lobinhos. A matilha pode ser violenta, mas somente contra outra que tente invadir seu território. Assim, os lobos são naturalmente sociáveis e dedicados à família. Dentro da unidade familiar – chamada matilha ou

alcateia –, mostram-se cooperativos, gentis e cuidam uns dos outros.

Da mesma forma, em grande parte, os cães apenas querem se sentir membros da família e aproveitar a vida em conjunto, como outros membros da unidade familiar – seja esta humana ou canina. Dentro desse contexto, o método que consiste em treinar os cães fazendo uso de comportamento dominante, ameaças ou até punições físicas tem o mesmo efeito que quando usado com crianças. Os cães respondem melhor ao amor, à recompensa e à brincadeira – e, essencialmente, ao sentirem que fazem parte integral da família. Felizmente para Judy, ela acabara de chegar à maior, mais divertida e amável família que poderia desejar.

Por necessidade, a vida a bordo das canhoneiras do Yangtzé era unida e familiar. Com uma tripulação de cerca de cinquenta membros – sem contar os auxiliares e cozinheiros chineses –, a companhia da *Gnat* não era muito maior que uma matilha média de lobos. A maior parte dessas matilhas são unidades familiares felizes, nas quais podem surgir desentendimentos, que costumam ser harmoniosamente resolvidos. A regra é a cooperação, e não a coerção.

Embora Judy precisasse encontrar seu “dono” de duas pernas a bordo da *Gnat* – alguém com quem criasse vínculos

absolutos –, nos primeiros dias após sua chegada ela estava à vontade com a união da tripulação. Sentia-se em casa com todos eles. E, no momento em que a *Gnat* estava prestes a partir, Judy de Sussex parecia ter se acostumado à vida a bordo do navio, ao balanço do navio, e parecia estar mais do que pronta para a longa viagem pelo interior do país.

Às 8h00 do dia 10 de novembro de 1936, a tripulação da *Gnat* começou a guardar os últimos suprimentos, preparando-se para a partida. Às 9h00, os membros da tripulação encarregados do serviço no mar e os encarregados da atracação preparavam-se para desatracar. Como todos os cães, Judy tinha uma estranha habilidade de ler a linguagem do corpo e das ações humanas. Corria por todo lado, fungando de excitação enquanto os cabos deslizavam e as defensas eram erguidas a bordo.

Dez minutos depois, a *Gnat* havia puxado a âncora, e a pulsação dos dois motores fazia vibrar e tremer o convés. Vinte minutos depois, o navio aproximou-se de volta à doca e foi amarrado ao longo do cais da Asiatic Petroleum Company, onde 68 toneladas de óleo combustível foram bombeadas para bordo. Judy acabara de passar por sua primeira curta viagem “no mar”, e todos no navio ficaram muito impressionados pela forma como ela havia se comportado. Mas isso acontecera nas águas relativamente

protegidas do porto de Xangai. A própria palavra Xangai significa “no oceano”, pois a cidade fica na confluência do rio Yangtzé com o mar da China Oriental.

Com o combustível a bordo, o navio deu meia-volta e, às 12h20, encaminhou-se para outro cais, onde ia carregar suprimentos de armas. Além das seis metralhadoras colocadas na popa da ponte, a *Gnat* contava com um canhão antiaéreo de 12 libras e um par de canhões Mark vi de 15 mm, capazes de atirar obuses de 45 quilos, com alcance de 10 quilômetros. O calibre de 15 mm dos canhões era o maior dentre todas as canhoneiras que então serviam no Yangtzé, dando aos navios da Classe Insetos uma potência que desmentia seu nome.

A vida a bordo das canhoneiras do Yangtzé era animada, mas também cheia de perigos. Navios hostis ameaçavam as águas do rio. Em certos lugares, o rio Yangtzé era selvagem e imprevisível, e os barcos podiam ser levados para a costa e despedaçados nas margens rochosas dos desfiladeiros por onde passavam. A tensão e o perigo constantes cobravam seu preço, e os jovens marinheiros precisavam de períodos de folga de qualidade para poder relaxar e diminuir o estresse. Xangai, com seus bares agitados e clubes subterrâneos, oferecia-lhes muitas oportunidades para isso.

Mas, como sempre era o caso, quando os jovens marinheiros saíam para se distrair, alguns relutavam em deixar os prazeres da terra para trás. Nos últimos dias, o capitão Waldegrave fora forçado a mandar dois membros da tripulação da *Gnat* para o Centro de Detenção Militar, em Xangai, onde iam ficar detidos por trinta dias.

Sem dúvida, esses marinheiros achavam que os suprimentos de cerveja a bordo da *Gnat* deixavam a desejar, ou talvez tenham se recusado a deixar alguma namorada para trás.

Mas, ao mesmo tempo, o capitão também descobrira motivos para dar distintivos por boa conduta à tripulação, e até inscrevera um para ganhar uma medalha por boa conduta. Acima de tudo, os marinheiros uniam forças de forma admirável, e o capitão achava que, em parte, isso se devia à chegada de um novo membro entre eles. Mas, embora Judy lhe trouxesse imensa alegria e renovado sentimento de propósito, ela logo ia provar que podia ser fonte de muitos problemas.

Foi na manhã de 14 de novembro que a *Gnat* finalmente tomou seu curso para a longa viagem na contracorrente do Yangtzé. Primeiro, foi para o leste, na direção do mar, antes de virar a oeste na agitada foz que forma a vasta extensão do delta do rio Yangtzé. Aproveitando ao máximo sua

velocidade de 14 nós e os três lemes – que permitiam que o barco tivesse um raio de giro fechado, algo crucial para operar nas áreas mais estreitas da parte superior do rio –, a *Gnat* começou a lutar contra a corrente de 10 nós formada por uma enorme quantidade de água doce que desaguava no mar.

Nesse exato lugar em que o imenso Yangtzé escoava no mar da China Oriental, o delta tem mais de 32 quilômetros de largura: quase a mesma largura que o canal da Mancha no seu ponto mais estreito. Olhando para as águas cinzentas de novembro, os homens e o animal precisavam se lembrar de que se tratava de um rio, e não do oceano. Violentos redemoinhos e correntes varriam o fundo achatado do casco da *Gnat*; poderosas ondas do tamanho de altas ondas oceânicas estrondeavam contra os flancos do navio. A fria e turva água cinza-amarelada estava carregada de aluviões e, volta e meia, um turbilhão de água aparecia diante deles, engolindo inúmeros escombros para suas profundezas.

Enquanto a cidade portuária desaparecia ao longe, a terra mal era visível. Em vez do agito da vida do porto de Xangai, um novo som enchia os ouvidos da tripulação. Era a misteriosa precipitação oca do rio que a *Gnat* enfrentava na contracorrente, passando por cima da restinga e do lodo que compunham o leito do Yangtzé perto do mar. O ruído se

transformava em um rugido ensurdecedor toda vez que o navio de casco plano quase arranhava os baixios mais rasos, onde a profundidade se limitava a poucos metros, e sumia de novo quando o leito do rio voltava a ultrapassar 30 metros de profundidade.

Durante as semanas que passou nas ruas de Xangai, Judy se acostumara ao ruído da cidade – a incessante cacofonia de motores, vozes, indústrias e atividades humanas. Mas isso era totalmente diferente. Era o urro gutural do rio selvagem – o terceiro maior do mundo – irresistivelmente próximo e extremamente amedrontador. Era o impressionante poder da natureza concentrado em uma repentina massa de água, e a selvagem e indomada estranheza de tudo isso atraía Judy... como uma mariposa é atraída pela proverbial luz de uma vela.

O suboficial-chefe Jefferey foi o primeiro a perceber o perigo. Estava na popa quando viu a cadela pela qual pagara fuçando perto do corrimão do navio. Enquanto gritava para dar o alerta, viu que ela se enfiava debaixo do corrimão, até se equilibrar sobre a placa de aço escovado da parte externa do barco, a estreita beirada externa do convés. Judy olhava a espumosa água abaixo, parecendo ignorar os gritos de alarme de Jefferey, assim como já fizera com Lee Ming, meses antes, no canil de Xangai.

Ela saltitava, ganindo de excitação e latindo para o ensurdecedor monstro cinzento que batia e rugia abaixo das suas patas dianteiras esticadas. Mas, logo depois, Judy perdeu completamente o equilíbrio e, com um ganido desesperado, sumiu de vista. Quem disse que foi a curiosidade que matou o gato obviamente nunca se deparou com a cadela da HMS *Gnat*!

Com o rosto pálido, Jefferey virou-se e chamou a ponte, gritando o mais alto que podia para ser ouvido.

— Cão ao mar! Cão ao mar! CÃO AO MAR!

O grito de “homem ao mar” é a última coisa que qualquer marinheiro quer ouvir – ainda mais em um rio como o Yangtzé. A velocidade combinada da corrente do rio com o avanço do navio significava que a mascote da canhoneira estava sendo levada para trás a cerca de 14 nós, ou mais de 25 quilômetros por hora. O grito de Jefferey de “cão ao mar” foi igualmente mal recebido por todos os que o ouviram, em uma tripulação que cada vez mais amava e prezava sua companheira canina.

Felizmente, o capitão fizera parte daqueles que ouviram e, imediatamente, tomou a iniciativa.

— Parar, e a ré, toda a força! Parar, e a ré, toda a força!

O capitão Waldegrave tinha certeza do que iria acontecer se o navio não invertesse seu curso rapidamente. Não havia a mínima chance de que a canhoneira desse meia-volta a tempo. O clima na China centro-oriental é semelhante ao da Europa continental: temperado, com primaveras amenas, verões quentes, outonos frescos e invernos frios. Em novembro, as águas do Yangtzé eram gélidas, condição capaz de rapidamente esgotar as forças do mais resistente dos cachorros, enquanto lutava contra a selvageria das correntes e dos redemoinhos. Até o capitão conseguir virar o navio, a cadela teria sido levada pela correnteza das águas frias e estaria perdida.

Ela havia caído a cerca de 4 metros da balaustrada do navio, mas, mesmo assim, podia ter afundado, e a água doce oferece bem menos flutuabilidade que a água salgada, e bem menos chances de o corpo voltar à superfície. Tudo que o capitão podia esperar era que Judy nadasse bem, e que tivesse o instinto natural dos cães de caça de lutar pela sobrevivência – pelo menos até que pudessem ajudá-la. Mesmo assim, ele não considerava as chances dela muito altas. Ou eles conseguiam resgatá-la nos próximos minutos, ou Judy de Sussex iria ter um túmulo frio e úmido.

Até o momento em que o capitão mandasse o navio parar, o marinheiro de primeira classe Vic Oliver, homem de ação,

já havia preparado a lancha da *Gnat*. Oliver ficaria no timão com um colega para operar o motor, e um relutante auxiliar chinês chamado Wugle, empoleirado na proa, fora encarregado de apanhar a cadela perdida. O pequeno barco foi erguido oscilando para fora do navio e então baixado pela lateral, mas, no momento em que alcançou a água, Oliver havia perdido a cadela de vista.

A última coisa que vira dela fora um pontinho preto ao longe, flutuando rio abaixo. Tentou manter sua localização em mente, mas só conseguia conduzir a lancha em uma direção aproximada. Como não conseguiam ver nada, ele levou a embarcação para o rumo que considerava o melhor, adequando a velocidade da lancha à corrente para que o barco descesse o rio como a rolha propelida de uma garrafa de champanhe.

A pequena embarcação batia e lutava contra a água revolta, que, de perto, parecia uma viscosa sopa laranja espumando e fervendo em volta da proa. Oliver estimou que, no momento em que o barco descera na água, Judy devia estar a cerca de meia milha náutica atrás da *Gnat*. Na velocidade da lancha, ele calculou que deveriam alcançá-la em dois minutos – se estivessem indo na direção certa.

Sabia muito bem que, se errasse, não haveria outra chance. Muitos homens já haviam perdido a vida no Yangtzé,

e cair no rio tão longe da terra frequentemente significava o fim. Oliver temia pensar quais seriam as chances para uma cadela ainda não totalmente adulta.

O tempo se arrastava horivelmente. O barco lutou para seguir seu rumo sobre a superfície do rio no que pareceu ser uma eternidade. Então, de repente, enquanto passavam a crista de uma onda, avistaram um ponto preto quase imperceptível na direção do porto. Os homens da lancha vislumbraram as patas dianteiras brancas batendo freneticamente, os olhos arregalados de medo, enquanto Judy lutava para evitar ser arrastada para baixo da superfície. Com dificuldade, tentava manter a cabeça acima das águas turvas.

Gritando palavras de incentivo, Oliver virou a lancha em uma curva apertada. Desta vez, contra a corrente, estavam indo em direção à cadela, em posição de interceptação. O progresso do barco era bem mais lento e mais controlado, já que a lancha lutava contra a forte corrente, e Oliver presumia que dessa vez Judy estava dentro do seu alcance. Mas, no momento em que diminuíram a velocidade para pegá-la e que Wugle se debruçou sobre a lateral do barco para apanhar a coleira, a lancha bateu contra a crista de uma onda e também ele caiu na água.

O homem e o animal afundaram, e não se via mais nada deles. Imediatamente, Oliver fez a lancha girar a toda a velocidade. Voltaram ao local, mas Wugle e Judy continuavam invisíveis. Finalmente, duas silhuetas desesperadas apareceram na superfície, e Oliver usou o gancho do barco para trazê-los mais perto. Todas as mãos se juntaram sobre a lateral do barco, e um rapaz encharcado e uma cadela meio afogada foram trazidos a bordo, agarrados pela nuca.

Então, ecoou sobre a água uma estridente salva de aclamações vinda do convés da *Gnat*, onde toda a companhia do barco parecia ter se juntado para assistir ao drama. Agradecendo com um aceno, Oliver voltou a pôr o barco em movimento, dirigindo-se de volta para a *Gnat*. Ator por natureza, ele segurou o timão com os joelhos e mandou uma curta mensagem de confirmação, usando para tanto o semáforo do barco – um sistema de bandeiras seguras com os braços estendidos em várias posições, cada uma correspondendo a uma letra do alfabeto.

“BATISMO COMPLETO”, dizia a curta, porém perfeitamente apropriada, mensagem transmitida.

Sujos e com uma espessa camada de lama do Yangtzé no cabelo, nos olhos e nas orelhas, Judy e Wugle foram os

primeiros a serem içados de volta a bordo do navio. Foram levados à parte de baixo para tomar um banho quente. O suboficial-chefe Jefferey, que rapidamente ia se tornando um dos maiores protetores de Judy, encarregou-se pessoalmente de friccionar o animal. À água do banho misturou-se desinfetante, por ordem do cirurgião do navio, já que o Yangtzé não carregava apenas aluviões e lama – servia também de esgoto para as inúmeras aldeias e cidades situadas em suas margens.

Jefferey esfregou Judy com sua própria toalha para secá-la, e então decidiu dar uma volta com o animal por todo o navio, para mostrar-lhe os perigos mais evidentes. Estar a bordo de um navio é como aprender a andar a cavalo: se cair no chão – ou ao mar – você precisa subir de novo. No primeiro momento, Judy ficou visivelmente assustada por estar no convés. Tremia de medo e evitava o quanto possível a balaustrada do barco. Enquanto a *Gnat* seguia seu curso adiante, ela até relutava em dar uma olhada na espumosa água que surgia de cada lado do casco.

Diante disso, Jefferey se permitiu sorrir levemente de satisfação. Afinal, ela parecia ter aprendido a lição.

Às 18h do mesmo dia, o capitão Waldegrave anotou a quase perda do animal no diário do navio: *Um homem caiu acidentalmente ao mar e foi resgatado pela equipagem do barco*

salva-vidas. O fato de o “acidente” de Judy ter sido oficialmente registrado como se tivesse ocorrido com um membro *humano* da tripulação refletia a maneira como os homens da *Gnat* começavam a enxergar a cadela do navio. Mas, ao mesmo tempo que a tripulação estava gostando cada vez mais dessa nova companheira, muitos se perguntavam se ela realmente iria preencher a terceira qualidade que haviam exigido dela – a sua *utilidade*.

*

Na noite do “acidente”, Judy, abalada, dormiu no alojamento dos oficiais, deitada ao lado do beliche de Jefferey para ter mais conforto. Em geral, na vida, o homem é quem escolhe seu cachorro. Apenas ocasionalmente o cão chega a escolher seu homem. Após sua experiência de quase morte no Yangtzé, Judy precisava de conforto verdadeiro. Mas ela continuou sendo o tipo de cachorro que escolhe seu dono – ou, melhor ainda, seu companheiro de vida – no momento que lhe é mais apropriado. Havia muitos candidatos disponíveis a bordo da *Gnat*: o capitão da canhoneira, o suboficial-chefe Jefferey e Tankey Cooper, só para citar alguns. Por enquanto, no que dizia respeito a Judy, a pessoa certa ainda não havia aparecido em seu convés.

Felizmente, a noite estava relativamente tranquila a bordo da *Gnat*, exceto pelo rugido da água atormentada que

corria ao longo do casco, o batimento das hélices do navio ou o baque surdo dos motores nos conveses abaixo. Assim como todas as canhoneiras do Yangtzé, a *Gnat* viajava apenas com a luz do dia, quando sua tripulação podia enxergar devidamente para se defender dos perigos que espreitavam ao longo do rio. Ao cair da noite, ou o navio ancorava nas águas rasas, ou atracava em um dos desembarcadouros ou píeres distribuídos no curso do rio.

De qualquer modo, o Yangtzé era uma via de tráfego muito carregada, e a maior parte das sampanas e dos juncos locais que navegavam em suas águas – veleiros tradicionais com casco de madeira – o fazia a qualquer hora do dia ou da noite. Poucos usavam as luzes de sinalização – em geral uma luz vermelha a bombordo e outra, verde, a estibordo – que as embarcações devem usar na escuridão. O risco de colisão com algum barco invisível era alto.

Mas havia outras forças, bem mais malevolentes, que ameaçavam as águas durante a noite – motivo pelo qual os capitães de canhoneiras do Yangtzé sempre preferiam encontrar uma doca na margem ao pôr do sol. Mesmo lá, o perigo estava à espreita. Bandidos armados andavam pelas terras férteis do delta do rio Yangtzé, vasto labirinto de canais, pântanos e arrozais que a *Gnat* precisaria de mais de uma semana para percorrer. No interior, as planícies, vales e

lagos em certo ponto davam lugar a imponentes montanhas e densas florestas, que eram infestadas por senhores da guerra e as cruéis gangues sob seu controle.

Mesmo quando ancorava de noite, a tripulação da *Gnat* estava pronta para se levantar de repente. O som estridente do apito do barco e a ordem gritada de “Repelir atacantes! Repelir atacantes!” significavam problemas à vista. O governo nacionalista chinês de Chiang Kai-chek estava travando uma batalha contra um adversário relativamente recente – os revolucionários comunistas chineses, apoiados pelos soviéticos. Partes do país estavam em estado de uma virtual guerra civil, tomadas pela insegurança e pelos conflitos fomentados por senhores da guerra e bandidos.

Os rebeldes comunistas se ressentiam das potências “imperialistas” estrangeiras que ocupavam o Yangtzé, e agora eram outra força a ser levada em conta. Com a ordem de “repelir atacantes”, pegavam-se as espingardas no arsenal do navio, as metralhadoras Maxim eram carregadas, e os homens ficavam enfileirados no navio para enfrentar a ameaça de onde ela viesse. Mas a primeira linha de defesa era a mangueira de vapor – a água escaldante era um meio não letal de rechaçar qualquer agressor.

Assim como em todas as canhoneiras britânicas, o capitão da *Gnat* recebera a ordem de minimizar as baixas sempre que

possível. A China era um barril de pólvora pronto para explodir, e o massacre de nativos poderia servir de faísca para acender o estopim. Caso houvesse um “incidente” – e sempre havia incidentes no Yangtzé –, o capitão de corveta Waldegrave devia evitar as mortes sempre que fosse possível, a não ser que os súditos ou as propriedades de Sua Majestade fossem diretamente ameaçados.

Felizmente, a noite que se seguiu ao batismo de fogo, ou de água, de Judy no Yangtzé foi totalmente tranquila, como ela precisava para facilitar sua recuperação. Ao amanhecer – no início do segundo dia da viagem à contracorrente –, o corneteiro do navio soprou com toda a força para acordar a tripulação. Eram 6h00, o momento de preparar o navio para mais um dia de viagem sobre o Yangtzé.

No alojamento dos oficiais, situado na proa, antes da cozinha e da ponte do navio, o suboficial-chefe Jefferey foi acordado por um dos ajudantes chineses, que lhe trouxe uma caneca de chá. Dividindo um pouco da bebida quente e adocicada com o lindo animal encolhido ao seu lado, Jefferey se perguntava o que o dia iria lhes reservar. Esperava que a incontrolável cadela do navio não provocasse outras calamidades.

Assim que ele abriu a porta da cabine, Judy irrompeu para fora, disparou até o convés e, com a cabeça abaixada,

começou a farejar tão logo sentiu o cheiro de comida vindo da cozinha. “Ah, ovos. Mexidos no ponto certo. Como eu gosto.”

Ela passou ao lado das gaiolas de galinhas, farejando longamente antes de seguir adiante. Jefferey supôs que o entusiasmado interesse de Judy pelas aves do navio – trazidas a bordo em Xangai, para fornecer carne fresca durante a viagem – refletisse sua afinidade natural pela caça e fosse uma amostra do seu desempenho nas obrigações de cão de caça nas próximas semanas.

Tankey Cooper, oficialmente encarregado da cadela, cuidava da guarda de Judy pela manhã, de maneira que lhe serviu o desjejum. Como Jefferey, Tankey era um caçador afiado e, uma vez Judy alimentada, resolveu testar pela primeira vez as proezas de cão de caça do animal. Abaixando-se para ficar à altura dos olhos da ágil cadela, começou a lhe explicar detalhadamente e com paciência aparentemente ilimitada o que se exigia de uma pointer inglesa durante a caça.

Olhos nos olhos do animal – que, na luz da manhã filtrada pelo toldo de lona, pareciam menos cor de carvão e mais como faíscas de fogo ardente –, ele sentiu que ela entendia cada palavra. Com as longas orelhas enquadrando o rosto, havia algo de levemente triste e intensamente sério

em sua expressão – imagem que ela então poderia arruinar dobrando o lábio em um sorriso torto, ou desenrolando sua longa língua rosa e arfando de maneira cômica.

Não obstante, ainda não era adulta, e Tankey considerou que ela teria tempo suficiente para provar suas qualidades como cão de caça. Decidindo que era necessário fazer uma demonstração prática, ele apontou para as galinhas engaioladas, que eram o que mais se parecia com caça a bordo da *Gnat*.

Judy o fitou durante um longo segundo, a cabeça inclinada de lado com ar zombeteiro. Ela entendia, a partir da linguagem corporal de Tankey, que ele estava tratando de algo realmente importante, mas sequer podia imaginar o que era. Tankey manteve a pose o mais que pôde – “Veja, assim” –, até Judy chacoalhar secamente a cabeça, bufar pelas narinas como se estivesse debochando dele e girar o focinho em direção aos tentadores cheiros que emanavam da cozinha do navio. O significado era claro como água cristalina: “Recado nem recebido nem entendido!”.

Resoluto, Tankey decidiu repetir a demonstração todos os dias, após o café da manhã, até que Judy entendesse. Mas uma parte dele se perguntava se Judy não estava se divertindo à sua custa, quando ele se inclinava sobre uma

perna, para tentar mostrar como o pointer inglês deve apontar.

Uma vez as coisas em ordem, a *Gnat* desatracou e entrou na corrente principal do rio. A pulsação dos motores voltou ao normal, e o navio seguiu seu curso. Para garantir certa distância da balaustrada, Judy permaneceu no alto da proa do navio, com o focinho em direção ao vento. Mal haviam andado uma milha, e a mascote da *Gnat* pôde sentir o perigo que esperava por eles mais adiante no rio.

Pouco depois do meio-dia, às 12h03, para ser exato, a *Gnat* cruzou uma canhoneira da Marinha Imperial japonesa que estava descendo na direção oposta. Uma hora depois, seguiu a canhoneira francesa *Francis Garnier*, também rumo a Xangai. E logo depois um terceiro navio de guerra, a canhoneira francesa *Balny*, cruzou com a *Gnat*, mas dessa vez indo à contracorrente, para o interior da China. Sem dúvida, o Yangtzé estava ficando ocupado à medida que as potências mundiais rivais vislumbravam controlar o frutífero comércio praticado nessas águas.

Mas, por enquanto, a *Gnat* estava prestes a ser ameaçada por outro perigo, bem diferente. Estando em uma posição dianteira, Judy foi a primeira a avisar do perigo. Levantou a cabeça, farejou longamente e começou a latir para algo distante. Um navio estava prestes a aparecer, descendo

lentamente a corrente. Com dois mastros, velas quadradas cinza e pardas sobre uma proa elevada, o junco, todo de madeira, parecia vir diretamente da idade das trevas se comparado às modernas canhoneiras com casco de aço.

Era o tipo de embarcação que a tripulação da *Gnat* já vira sendo puxada no pior trecho das corredeiras do Yangtzé por grupos de cules humanos. Usando dúzias de cordas lançadas a partir das margens e amarradas ao casco do navio, homens de torso nu enfrentavam a corrente, avançando penosamente nas águas rasas, puxando, exaustos, o navio atrás deles – em um movimento ritmado pelos gritos do contramestre que os contratara nos navios de passagem. A tripulação da *Gnat* se acostumara a esse tipo de cena arcaica, mas o barco diante deles tinha uma aparência da qual não gostaram muito.

O casco desse antigo navio de madeira penetrava profundamente na água, o que significava que transportava uma carga pesada. Ninguém da tripulação tinha certeza, mas, já que Judy estava agitada e latia na proa da *Gnat*, adivinharam que algo ruim estava por vir. A cadela nunca agira dessa maneira antes, nem mesmo após ter sido engolida pelas águas turvas e gélidas do Yangtzé. Algo naquele navio a assustara.

Semicerrando os olhos para enxergar melhor o navio ao longe, o capitão Waldegrave virou-se para o suboficial-chefe. Seus lábios se torceram, traindo um leve sinal de repulsão.

Jefferey pegou um binóculo para enxergar mais de perto. Graças ao aumento de oito vezes, ele conseguia ver o navio com mais detalhes. Havia um porão escuro aberto ao relento, e Jefferey tinha 90 por cento de certeza do que continha.

O que vinha se aproximando da *Gnat* era um horrível “navio latrina”, e Judy parecia ter percebido isso antes que qualquer outro membro da tripulação tivesse a mais leve ideia do que se tratava. O capitão do navio mudou o curso, as ordens foram transmitidas da ponte para fechar todas as escotilhas e todas as portinholas e deixar o navio o mais hermético possível – após o que os membros da tripulação deviam descer aos conveses inferiores o mais rápido que pudessem.

Os navios latrinas do rio Yangtzé carregavam dejetos humanos – invariavelmente bem decompostos e fedendo a céu aberto – até o grande rio, onde podiam ser descartados longe das maiores cidades e aldeias. Na maior parte dos casos, eram usados para fertilizar os verdejantes arrozais que beiravam cada margem do rio. A *Gnat* estava se

aproximando da cidade portuária de Zhanjiang, e sem dúvida o navio repleto de dejetos humanos putrefatos vinha de lá.

Graças aos latidos de Judy, no momento em que o repugnante fedor os alcançou, a maior parte da tripulação estava trancada dentro do navio – inclusive uma cadela que acabara de provar sua inesperada utilidade. Os navios latrinas eram um risco constante nos cursos inferiores do Yangtzé. Se entrasse no navio, o fedor impregnaria cabelo, roupas e acessórios durante dias. Assim, Judy provara ser um primeiro sistema de alerta a bordo da *Gnat*.

Fizera-o usando seu extraordinário faro. Ao contrário dos seres humanos, o mundo dos cães é quase inteiramente definido por cheiros. Seu poder de olfato é tão superior ao nosso que é quase como se experimentassem uma dimensão totalmente diferente – um mundo definido por inúmeras camadas de cheiros.

Enquanto os seres humanos possuem 5 milhões de detectores de odores, um cão de caça como Judy tem cerca de 300 milhões. Ele pode diferenciar mais de 1 milhão de aromas, ao passo que podemos distinguir apenas cerca de mil, e isso em concentrações bem mais ínfimas. Com seu focinho úmido – por causa dos canais lacrimais que correm até a ponta do nariz –, Judy podia sentir a direção do vento, e distinguir o sentido de onde o cheiro vinha. A umidade do

nariz dissolvia as minúsculas moléculas de odor, e as células receptoras as identificavam.

Mas a capacidade de detecção de odores de Judy era ainda mais desenvolvida. Como os seres humanos se orientam principalmente pela visão, uma grande parte do nosso cérebro processa as informações visuais. Nos cães, o centro olfativo – faro – do cérebro é quarenta vezes mais desenvolvido que o dos seres humanos. Os odores também são captados pelos bigodes dos cachorros, que os encaminham ao cérebro. Além disso, os cães têm um órgão de detecção de odores – o vomeronasal, localizado acima do céu da boca – que não existe nos seres humanos, e sobre o qual, até agora, pouco entendemos.

Para Judy, os cheiros eram seu universo, o primeiro sentido com o qual interpretava o mundo ao seu redor. Aqui, no Yangtzé, seu focinho era um meio de filtrar com o qual peneirava todas as informações relativas a odores que chegavam até ela, para melhor entender e lidar com esse novo e exótico – e, às vezes, ameaçador – ambiente. Detectar o navio latrina no Yangtzé a 1,5 quilômetro de distância não era um problema para um cão equipado com olfato tão apurado.

Dessa vez, os sentidos caninos de Judy salvaram a tripulação do navio de horas de fedor nojento e sufocante.

Mas estava por vir o momento em que Judy precisaria usar seus incríveis poderes caninos para salvar a vida de todos a bordo da *Gnat*.

CAPÍTULO QUATRO

Seguindo o rio à contracorrente, a *Gnat* passou por quatro navios de guerra japoneses, cada um deixando em sua esteira o rastro da sua característica bandeira com o sol nascente vermelho-vivo. Era assustadora a maneira como o Japão Imperial, antigo adversário da China, fazia sentir cada vez mais sua presença nas terras do país vizinho. Claramente, problemas estavam por vir. A tripulação da *Gnat* já se convencera disso.

Em 20 de novembro, a canhoneira britânica chegou a Nanquim, a extensa capital da China, parando apenas para acolher um marinheiro que fora autorizado a embarcar após ter sido tratado de uma infecção hospitalar em Xangai. Isso resolvido, a *Gnat* se apressou a chegar ao povoado de Wuhu, onde ia encontrar sua canhoneira irmã, *Ladybird*.

A *Gnat* atracou ao seu lado – as duas canhoneiras, com suas altas chaminés gêmeas e os longos toldos de lona correndo de uma extremidade à outra, pareciam espelho

uma da outra. Também eram notavelmente semelhantes em um aspecto-chave: tanto a *Ladybird* quanto agora a *Gnat* tinham um cão como mascote.

Os oficiais e homens da *Ladybird* foram convidados a bordo da *Gnat*, onde foi servido o rum do navio enquanto as partes trocavam informações. Era uma oportunidade ideal para que o capitão da *Gnat* colhesse informações sobre os possíveis perigos que os aguardavam adiante, já que a *Ladybird* seguia rumo a Xangai após uma longa estadia a montante do rio.

Mas um membro da tripulação da *Ladybird* não era nem um pouco bem-vindo. Bonzo, o cachorro do navio, começara a agir de maneira muito estranha assim que a *Gnat* aparecera no horizonte.

Cruzamento de boxer e terrier, Bonzo começara a correr loucamente de um lado ao outro do convés, sem parar. Como o focinho de Bonzo não desgrudava da *Gnat*, não precisava ser um gênio para entender o que estava acontecendo. Ele havia sentido a presença de uma linda e glamorosa jovem cadela a bordo do outro navio e tinha planos amorosos para ela.

Alertado da ameaça, o capitão Waldegrave ordenou a Tankey, como encarregado de Judy, que a mantivesse estritamente trancada. A última coisa que queriam era a

prole do cruzamento de um boxer-terrier com uma pointer inglesa. Judy de Sussex não estava especialmente feliz por ser retida dessa maneira. Sempre gostara de andar livremente no navio, e não entendia que era para seu bem. Ficou a salvo até a *Ladybird* seguir seu curso rio abaixo, uma vez que as desonrosas intenções de Bonzo a seu respeito haviam sido realmente frustradas.

Com Bonzo longe, Judy voltou a se juntar à tripulação da *Gnat* nas expedições em terra. Havia uma cantina da Marinha nas docas de Wuhu onde – a maior das alegrias – a cerveja corria livremente. Por algum motivo, o lugar também parecia ter um inesgotável suprimento de algo pelo qual Judy mostrou ter fraqueza – sorvete. Assim que a tripulação entrava na cantina, Judy adotava uma postura apropriadamente real, apontando o focinho diretamente para o balde que continha a deliciosa iguaria.

Uma noite, os homens se esqueceram de lhe dar seu prato habitual. Perdendo a paciência, ela foi silenciosamente atrás do balcão da cantina, agarrou com a boca o balde de sorvete pela alça e o arrastou até o centro da sala. Virou-se para os consumidores atônitos e latiu uma vez em tom de comando, pedindo que o sorvete lhe fosse devidamente servido.

Acima de Wuhu, o Yangtzé se estreita bastante, à medida que as regiões planas do delta dão lugar a impressionantes e

amplos vales. Três pontos de estrangulamento – os desfiladeiros de Xling, Wu e Qutang – afunilam as águas do rio no meio de paredes de rochas e abruptos penhascos de centenas de metros de altura de cada lado. Esse é o território perfeito para o tipo de pirataria que dera ao Yangtzé sua má reputação – embora a *Ladybird* tivesse dado avisos precisos sobre as ameaças que se encontravam adiante.

Dois dias após deixar Wuhu, a *Gnat* entrou no desfiladeiro de Xling, onde o som ecoava nas altas paredes e a rara vegetação escorria pelos declives até a rápida corrente de água. Ao cair da noite, o capitão decidiu ancorar. Enquanto a espessa fumaça das chaminés da *Gnat* flutuava sobre esse vale que ananicava o navio, ele manobrou a embarcação para as águas mais rasas antes de dar a ordem de soltar a âncora.

Uma vez a *Gnat* devidamente atracada, o capitão Waldegrave anunciou: — Navio seguro... vamos para o chá.

Era hora de tomar uma bebida refrescante, após um longo dia de viagem no Yangtzé.

Nessa área mais selvagem e menos povoada, a tripulação instintivamente estava mais alerta. Mas, enquanto a faixa de céu acima deles tomava um tom púrpura-aveludado com o pôr do sol, não havia sinal de qualquer perigo esperando por eles no rio que escurecia. Aparentemente, tudo permaneceu tranquilo até as 3h00, quando Judy de repente se endireitou

na caixa que lhe servia de cama, na ponte da *Gnat*. Jogando de lado seu cobertor, ergueu as orelhas. Logo depois, levantou-se em um pulo e correu loucamente para a área aberta da ponte.

Mal se dando o tempo de verificar de onde vinha a ameaça, começou a latir desenfreadamente para algum ponto na escuridão. Por um momento o oficial de vigia se perguntou se não era outro fedorento navio latrina que tirara Judy do seu sono, mas logo ficou claro que sua postura e seu comportamento dessa vez eram totalmente diferentes. Havia em seu latido algo agressivo e feroz que ele nunca ouvira antes.

Naquela altura, a tripulação da *Gnat* estava aprendendo a prestar atenção ao latido da cadela. O oficial de vigia reagiu imediatamente. Pegou a lâmpada de Aldis ao seu alcance – uma potente luz portátil normalmente usada para enviar sinais de um navio para outro –, acendeu-a e girou o feixe para o ponto em direção ao qual Judy descarregava sua fúria. Imediatamente, a razão do seu comportamento ficou clara: dois grandes juncos estavam deslizando silenciosamente em direção à *Gnat* – embora não fossem suficientemente silenciosos para não despertar o ouvido supersensível da cadela.

Sem perder mais um segundo, o oficial de vigia sacou a pistola e deu um único tiro em direção ao céu escuro: o estalo da bala de baixa velocidade reverberou em torno do navio adormecido, acordando instantaneamente a tripulação. Por toda parte, homens de pijama surgiram cambaleando das escotilhas e portas, carregando espingardas, pistolas e um sortimento de outras armas engatilhadas, ao mesmo tempo que se precipitavam até seus lugares predeterminados para rechaçar os invasores.

Enquanto isso, o oficial de vigia ordenou a Judy que se acalmasse. Agora eles sabiam que ameaça estavam enfrentando, já que o pronto aviso do animal dera à tripulação do navio uma perfeita oportunidade para levar vantagem contra seus maiores adversários – duas grandes embarcações repletas dos temidos piratas do rio Yangtzé.

Os piratas estavam se aproximando para o ataque de forma típica – um par de juncos deslizando silenciosamente lado a lado com uma espessa sirga de bambu, trançada como uma corda, lançada entre eles. Uma vez amarrada à proa da *Gnat*, a corda serviria para puxar os navios piratas contra a embarcação, e, feito o contato, os atacantes iriam subir a bordo do navio adormecido, dizimar a tripulação e saquear o navio à vontade. Pelo menos, essa era a intenção deles até Judy perceber que se aproximavam no gélido ar da noite.

A tensão a bordo da *Gnat* era palpável conforme os segundos iam passando. Então houve um fraco baque, quase inaudível, quando a corda de bambu entrou em contato com a proa da *Gnat*. Agora, o capitão Waldegrave estava dirigindo as operações com entusiasmo a partir da ponte. Quando as duas embarcações piratas foram puxadas até seu navio, fazendo o rio gorgolejar sob os salientes cascos de madeira, seus homens já estavam posicionados. Um deles, foguista, só tivera tempo de vestir a parte de cima do pijama escarlate antes de pegar um machado de incêndio com o qual ia enfrentar a iminente ameaça.

Antes mesmo que o primeiro barco tivesse feito contato com a *Gnat*, o capitão ordenou aos homens que manuseavam as metralhadoras Maxim, localizadas em uma plataforma atrás das chaminés, que abrissem fogo. Soltaram rajadas de dez segundos, varrendo as laterais dos navios piratas, enquanto lascas de madeiras voavam para o rio. Havia três metralhadoras Maxim de cada lado do navio, principalmente como defesa antiaérea, que também eram armas perfeitas para mostrar as intenções da *Gnat*.

Com certeza, os piratas agora sabiam que seu alvo havia sido avisado de antemão, sem mencionar que estava fortemente armado, mas não tinham como parar de se

aproximar, já que a corda continuava puxando as embarcações para perto.

A primeira nave se chocou na lateral. Silhuetas indistintas se levantaram e tentaram subir a bordo da *Gnat*. Mas foram recebidas com uma salva de metralhadoras – além de um foguista rugindo e exibindo sua virilidade, girando um machado acima da cabeça, e um cão latindo e rosnando furiosamente.

Sem dúvida, a batalha havia começado.

Dois membros da tripulação da *Gnat* estavam posicionados na proa e decepavam furiosamente a sirga dos piratas. Quando os últimos filamentos de corda de bambu foram rompidos, os dois juncos foram carregados pela corrente e desapareceram na escuridão.

Os últimos piratas fugiram e pularam no vazio, em um desesperado esforço para alcançar os barcos prestes a desaparecer.

Aqueles que não conseguiram essa façanha enfrentaram uma longa travessia das agitadas águas do desfiladeiro de Xling – um batismo muito mais arriscado que aquele pelo qual Judy de Sussex passara uns dias antes. Enquanto os juncos piratas sumiam na escuridão, gritos de triunfo ecoavam do convés da *Gnat*. A bordo, o sentimento era unânime: fora graças ao alerta antecipado da intrépida

cadela que conseguiram vencer seus inimigos de maneira tão avassaladora.

Se Judy ia ser útil para caça ninguém ainda sabia, mas, naquela noite, ela mais do que provara seu valor – já que realmente se mostrara uma salva-vidas.

*

Antes da domesticação, os cães usavam seu apurado sentido auditivo para rastrear presas e predadores na natureza. Podem ouvir muito mais frequências que os humanos, a distâncias bem maiores, e podem localizar exatamente de onde vem o som – como Judy o fizera. De fato, a audição dos cães é dez vezes mais eficiente que a nossa: eles podem ouvir a 200 metros o que um humano ouviria a 20 metros. Se um camundongo tivesse vivido a bordo da *Gnat*, Judy teria sido capaz de ouvir seu chiado a vários metros de distância.

Usando suas grandes e móveis orelhas, eles podem localizar a fonte de um som de maneira quase instantânea – em um seis centésimo de segundo –, por isso a reação rápida de Judy a bordo da *Gnat*, que permitiu à tripulação repelir os piratas do rio sem ferimentos ou perdas de vida. No confronto do desfiladeiro de Xling, os sentidos caninos realmente fizeram a diferença.

Na semana seguinte, o pequeno navio de guerra britânico – as canhoneiras estavam entre os menores navios de guerra da frota da Marinha Real – seguiu seu curso pelos desfiladeiros de Wu e Qutang, entrando no complexo conjunto de lagos, pântanos e afluentes da província de Hunan. Antes de chegar à sua primeira parada importante e possível ponto de meia-volta – o agitado “porto de tratado” de Hankow (hoje, Wuhan), cerca de 900 quilômetros adentro –, a *Gnat* devia encontrar a nau capitânia da flotilha britânica de canhoneiras, o *Bee*.

Sendo a nau capitânia da frota, o *Bee* perdera parte do seu armamento principal para abrir espaço ao alojamento dos oficiais. Apesar disso, em várias patrulhas, a ilustre canhoneira *Bee* percorrera as águas do Yangtzé até Yichang, a oeste, e Changsha, ao sul, ambas situadas a cerca de 1.500 quilômetros de Xangai e do mar. Foram realmente viagens por terras selvagens e desconhecidas.

Diferentemente dos outros navios da Marinha Real, as canhoneiras do Yangtzé costumavam navegar – e lutar – de forma solitária, percorrendo o rio sozinhas por dias e semanas. Em geral, seus comandantes e tripulações tinham poucos ou nenhum oficial superior para chefiá-los. O ambiente a bordo do navio era familiar, de relações estreitas,

e seu grau de independência de ação era algo raramente visto na Marinha Real.

Mas, sem procedimentos devidamente impostos para manter os navios em ordem, as longas semanas passadas em isolamento no rio podiam fazer com que as ativas e lotadas embarcações se tornassem lugares pouco agradáveis.

Assim como os demais comandantes de canhoneira, o capitão Waldegrave havia estabelecido uma rotina estrita para manter a *Gnat* impecável. Diariamente, os homens tinham tarefas de limpeza – lavar os conveses, aplicar demãos de tinta, arrumar os conveses, ordenar os alojamentos, lustrar os cromados (as partes de metal polido do navio) e cuidar da manutenção das metralhadoras Maxim.

Como o capitão da *Gnat* bem sabia, a inspeção bianual do Almirantado podia ser feita em qualquer canhoneira do Yangtzé a qualquer momento. O contra-almirante Reginald Holt, oficial superior da frota do Yangtzé, estava a bordo do *Bee* quando a *Gnat* atracou a seu lado, e deve ter decidido que não havia melhor momento do que esse para testar a canhoneira recém-chegada. Não é preciso dizer que essa seria a primeira inspeção formal da *Gnat* com seu mais novo membro, Judy de Sussex, a bordo.

Foi ao amanhecer que o contra-almirante subiu a bordo da *Gnat* com seu ajudante, para anunciar a inspeção-

surpresa. Os oficiais do navio e a tripulação souberam imediatamente do que se tratava. O contra-almirante ia investigar a embarcação da proa à popa à procura da mais ínfima infração às regras do navio. Ele ia testar cada homem e setor, de maneira a garantir que a *Gnat* estivesse operando da melhor forma possível e pudesse travar uma guerra, se necessário.

Ou, como dissera o homem encarregado de Judy, Tankey Cooper, ele viera a bordo para colocá-los “nos eixos”!

Primeiramente, procedeu-se à inspeção da tripulação. Os homens se alinharam no convés principal em duas fileiras, as famosas “divisões”. O contra-almirante iniciou a verificação dos equipamentos e leitos, que, em tese, deviam estar perfeitamente arrumados, e cada item devia trazer uma etiqueta com o nome do dono. Em determinada altura, deparou-se com o mais novo membro da tripulação... Judy. Ela estava posicionada entre Tankey Cooper e a caixa de munições que lhe servia de cama, com o cobertor cuidadosamente dobrado diante dela.

O contra-almirante fitou a cadela sentada com olhar perscrutador. Ela, em resposta, levantou a cabeça em sua direção, com a língua pendurada para fora e aquele sorriso bobo que era sua assinatura e que ela parecia reservar para ocasiões formais a bordo do navio. Aos seus pés estavam

enroladas duas correntes de reposição e uma coleira extra, exibindo claramente seu nome – *Judy*. Tudo parecia adequado e correto, de maneira que, sem proferir uma palavra ou mudar algo em sua expressão impassível, o contra-almirante foi adiante, acompanhado por seu ajudante.

Seguiram-se outras inspeções semelhantes por todo o navio, refeitórios, depósitos, sala das máquinas, cozinha, em que tudo foi verificado. Finalmente, parecendo estar satisfeito, o contra-almirante e seu ajudante voltaram ao ponto onde haviam começado – a ponte do navio. De lá, ele começou a dar aos homens todo tipo de tarefas conhecidas a bordo da flotilha de canhoneiras do Yangtzé, além de outras que pareciam ter sido inventadas.

Quem observasse o navio por acaso teria achado que a confusão era geral, mas, para o capitão Waldegrave, tratava-se de um caos perfeitamente ordenado. Cada homem conhecia seu lugar e suas tarefas, à medida que os blocos de polias e moitões rangiam, as polias zuniam e o navio ia sendo “vestido” – com o “varal” de bandeiras de cores vivas, erguido da popa à proa –, antes que o mastaréu fosse abaixado, o gerador do navio desmontado e remontado, e assim por diante.

Uma vez isso feito, o contra-almirante ordenou a “ida à terra da guarda armada”, e, uma vez tripulada, a lancha foi descida até o mar e se afastou da *Gnat*. Tão logo a embarcação partiu, o contra-almirante anunciou “homem ao mar” – o que deixou os homens da *Gnat* um tanto confusos, por não saberem como resgatar vítimas fictícias, ainda mais porque a lancha agora se encontrava a meio caminho de enfrentar adversários invisíveis na costa.

“Ele vai ter que nadar até o maldito barco voltar”, resmungou um dos homens, suando enquanto se precipitava para cumprir outra tarefa.

Então veio uma série de ordens, como “posto de combate”, depois “abrir fogo” – com resultados bastante espetaculares – e “lançar a ancoretas”, uma leve âncora secundária usada para ajudar a manobrar o navio em estuários estreitos ou rios. A tripulação da *Gnat* estava ficando bastante exasperada quando Judy resolveu que estava na hora de ela fazer algo. Como viria a se confirmar várias vezes no futuro, quando Judy sentia que sua “família” estava passando por alguma aflição, encontrava um meio de ajudá-la.

Sem avisar antes, ela levantou sua fina cabeça para o céu acima da ponte e começou a latir. *Auu-uu-uu... Auu-uu...* O latido era contínuo e insistente, e a tripulação do navio o

reconheceu pelo que era – *um alerta*. À medida que o latido ia crescendo, tornando-se mais raivoso, tiveram a certeza de que estavam prestes a enfrentar algum perigo – embora fosse pouco provável que navios piratas atacassem duas canhoneiras britânicas à luz do dia, e a ameaça parecia *vir do céu*.

Quanto ao contra-almirante, as ordens que emitira haviam sido encobertas pelos loucos latidos de uma cadela, e ele começava a apresentar um tom arroxeadado. No momento em que parecia prestes a perder o controle e descarregar sua raiva contra Judy, o motivo do desespero do animal ficou claro. De repente, um avião de guerra japonês apareceu no céu supostamente vazio e mergulhou em direção aos navios britânicos. Passou em voo rasante sobre a *Gnat* e cruzou o *Bee* a pouco mais de um mastro de altura, antes de subir de forma abrupta e desaparecer.

Até então, nenhum avião de guerra japonês atacara navios britânicos ou Aliados no Yangtzé, mas o significado do “zumbido” era mais que claro. Se quisesse, a tripulação do avião japonês poderia ter bombardeado ou metralhado a canhoneira britânica à vontade. No céu, o Japão tinha uma superioridade quase total sobre a China. A Força Aérea chinesa era terrivelmente mal equipada e tripulada, e

nenhum avião Aliado podia patrulhar tão longe dentro do seu território.

Judy parou de latir apenas quando o avião japonês se reduziu a um ponto invisível no horizonte. Depois, fez algo bem esquisito. Começou a rodopiar sobre si várias vezes, como se estivesse caçando sua própria cauda, e, após garantir que havia monopolizado completamente a atenção do contra-almirante, deitou-se e enrolou-se aos seus pés.

O contra-almirante fitou-a por vários segundos. Ela estava confortavelmente acomodada junto às suas reluzentes biqueiras, parecendo ter caído no sono após toda a confusão e os latidos. Ele deu uma olhada para o rosto crispado do capitão e levantou uma eriçada sobrancelha.

– A cadela de vocês é incrível. Deve ser por causa da vibração do som. Foi isso que aconteceu. – Pausa opressiva.
– Mas temo que logo esteja chegando o momento em que todos nós vamos precisar de um cachorro igual a este para ficar na ponte do navio.

O contra-almirante deve ter percebido que não havia nada em seu repertório que pudesse competir com a demonstração de alarme de Judy, e a Inspeção do Almirantado logo foi encerrada. Os oficiais e a tripulação da *Gnat* passaram no exame com louvor – todos eles, inclusive

uma cadela especialmente notável e que parecia ser dotada de um milagroso tipo de radar canino.

Os cães possuem dezoito músculos separados com os quais levantam, abaixam ou giram as orelhas, para garantir que localizem exatamente de que direção vem o som. Ao detectar o avião japonês, Judy demonstrou a eficiência com que essas orelhas movidas por músculos podem ser usadas para rastrear sons distantes. Mas a habilidade de Judy para detectar aviões – e a ameaça que representam – foi muito além de atributos puramente físicos.

De certo modo, Judy também percebera que esse trovejante ruído no céu equivalia a perigo, e, como até então ela nunca sofrera nenhum ataque vindo do céu, não existia razão óbvia para que agisse como fez. Assim como no caso dos navios piratas, ela era capaz de sentir *o perigo em si* – e foi isso que impressionou tanto o contra-almirante... sem falar dos seus companheiros de tripulação.

*

Alguns dias após ter passado no exame da Inspeção do Almirantado, a *Gnat* entrou no porto de Hankow, sem que outros piratas ou aviões japoneses – nem mesmo navios latrinas! – tenham ameaçado sua peregrinação pelo Yangtzé. Lá, encontrou atracadas várias outras canhoneiras

britânicas, americanas, além do estranho navio ítalo-germânico que também patrulhava essas águas.

Em Hankow, as ordens do capitão foram simples. Era para mostrar presença e exibir a bandeira, parecer eficiente e belicoso de maneira a evitar qualquer problema nessa tão importante cidade ribeirinha. Nas oito décadas em que o Yangtzé havia sido patrulhado por potências estrangeiras, Hankow crescera até se tornar o porto de tratado-chave, onde se concentravam as canhoneiras, principalmente por causa da sua localização estratégica no centro da faixa navegável do grande rio. Em decorrência, a cidade oferecia todas as luxúrias que faltavam a bordo de navios como a *Gnat*.

O refeitório dos oficiais em um navio da Classe Insetos era bem-equipado para um navio desse tamanho. A *Gnat* tinha até um salão dos oficiais, situado na parte dianteira do casco, espremido entre o alojamento do capitão e os tanques de combustível. O salão fora projetado para se assemelhar a uma versão miniatura dos clubes de cavalheiros ingleses, com confortáveis poltronas forradas de tecido unicolor, exemplares amarelados do jornal *The Times* em mesas de apoio e mordomos chineses vestidos de branco prontos para completar os copos de *pink gin*^[1] quando solicitados.

Mas, apesar desse conforto a bordo, Hankow prometia oferecer aos oficiais e homens da *Gnat* bons momentos em terra. Naquela época, Hankow se assemelhava a uma clássica cidade europeia, fosse pela bela arquitetura de estilo colonial ou por seu traçado e sua atmosfera. O elegante Hankow Club oferecia excelentes jantares e bebidas, cabaré, partidas de bridge, tênis, além de boas caçadas na mata ao redor. Hankow até se gabava de seu Race Club, um clube de corrida de cavalos que, levando-se em conta que se tratava de uma região profundamente atrasada da China, lembrava o inglês Royal Ascot.

O Hankow Bund – a área aterrada à beira do porto onde a *Gnat* estava atracada – havia sido projetado para ser um calçadão à beira da água tão elegante quanto o de qualquer outra cidade portuária europeia. Era dominado pela torre do relógio da alfândega chinesa e pelas esplêndidas colunas brancas do Hong Kong and Shanghai Bank. O andar térreo do banco fora transformado em bar e salão de clube, com mesa de bilhar e garçons chineses falando inglês.

Uma vez a cada quinze dias, o salão recebia um Navy Opera, evento em que algumas tripulações da Marinha Real convidavam o público para cantar em coro, em um ambiente regado com copiosas quantidades de cerveja local, chamada

EWO Pilsner. Produzida pela cervejaria EWO em Xangai, a cerveja parecia exalar um peculiar cheiro fétido de cebola e era excepcionalmente forte.

O salão recebera o apelido de Strong Toppers Club,^[2] em referência à forte cerveja com cheiro de cebola que era consumida ali. Novos membros só podiam ser admitidos no clube após passarem por um rigoroso ritual de iniciação. O novato, diante de um júri de três membros, devia enfrentar uma variação chinesa da popular brincadeira com bebida chamada “cardeal Puff”.

Segurando a cerveja com a mão esquerda, ele anunciava um brinde “à saúde do cardeal Puff”, batia uma vez na mesa com a mão direita, batia os dois pés, batia com o copo na mesa e então bebia a cerveja. A sequência se repetia com outra cerveja, só que desta vez o novato bebia à saúde do “cardeal Puff Puff”, e repetia todas as ações duas vezes. Após uma terceira rodada bem-sucedida – em que executava todos os gestos três vezes – ele era devidamente admitido no clube. Quem errasse – na fala, na ordem dos gestos ou bebendo com a mão errada – sofria as zombarias e os sarcasmos do público. O infeliz iniciado fracassava e tinha que refazer tudo desde o começo.

Durante a longa subida do rio, Judy desenvolveu certa fraqueza pela cerveja. Agora que se tornara membro de pleno direito da tripulação do navio – até tivera o batismo *de rigueur* no Yangtzé –, sua presença era exigida nessas noites de tanto convívio. Por isso, Tankey Cooper criou sua própria versão do ritual de iniciação do Strong Toppers Club especialmente para ela.

Diante da multidão reunida, Judy teve que latir sucessivamente uma, duas e três vezes, sendo cada latido pontuado por uma barulhenta lambida de bebida do copo de alguém.

Isso feito, Judy de Sussex foi declarada membro. Agora, podia andar majestosamente entre rostos desconhecidos e rostos familiares, comendo lá e cá alguns amendoins e sorvendo goles de um copo de cerveja cheirando a cebola. Essas noites desenfreadas sempre acabavam com a tradicional execução do Hino do Yangtzé, que Judy provou ser capaz de acompanhar de forma muito comovente, colocando a cabeça para trás e uivando junto com os versos.

*Strong Toppers are we
On the dirty Yangtze
'Gunboats' or 'Cruisers'
We're here for a spree.[3]*

O Strong Toppers Club era um ambiente essencialmente masculino, e Judy era uma das poucas garotas autorizadas a entrar. E, do seu jeito peculiar, ela parecia entender o que isso significava, em relação à sua aceitação no recinto da família totalmente masculina da tripulação da *Gnat*. Ela percorrera um longo caminho desde o beco atrás da loja de Soo nas duras ruas de Xangai, e, ao cantar junto à companhia do navio no Strong Toppers Club, Judy realmente encontrara sua tribo.

O suboficial-chefe Jefferey, até então o mais próximo companheiro de Judy, acreditava que a cadela estava desenvolvendo um “cérebro humano”, ou um meio pelo qual enxergava o mundo das canhoneiras do Yangtzé da mesma maneira que os marinheiros o viam. Ela parecia entender cada palavra dita, ler cada gesto e expressão e ter se adaptado às nuances da vida numa canhoneira tão facilmente quanto qualquer membro humano da tripulação o fizera antes dela.

Uma manhã bem cedo, Jefferey levou Judy para passear no terreno de um pequeno e elegante hotel de Hankow, apreciado pelos visitantes europeus. O homem e a cadela caminharam por mais de 1 quilômetro pela via de acesso, com uma densa mata se estendendo à esquerda. De repente, Judy se precipitou no bosque. Jefferey presumiu que farejara

algun animal silvestre – mais provavelmente um veado, já que mais cedo, na mesma manhã, ele avistara umas pegadas.

Pouco depois ele ouviu um latido de alarme vindo de algum lugar dentro do bosque. Instantaneamente, soube que se tratava de Judy. Chamou-a, e rapidamente ela disparou para fora da vegetação. Mas estava claramente muito assustada, tremendo da cabeça aos pés. Jefferey nunca a vira agir dessa maneira antes, nem mesmo após sua experiência de quase morte no Yangtzé. Chamou a cadela para perto dele, mas Judy se atirou na estrada, em direção ao hotel, obrigando-o a correr atrás dela.

Enquanto corria, algum sexto sentido o fez olhar por cima do ombro. Lá, à beira do bosque, estava um grande leopardo. Um pensamento imediatamente lhe passou pela mente – *então foi isso que assustou Judy*. Foi somente ao se encontrar na segurança do hotel que Jefferey se permitiu imaginar outro roteiro – que Judy havia sentido o cheiro do enorme felino e fora até a floresta apenas para distrair sua atenção, já que, na verdade, o leopardo estava atrás dele!

Jefferey nunca soube exatamente a verdade. Mas uma coisa era certa – todas as vezes que sentia que os membros de sua ampla família corriam algum perigo, Judy não hesitava em se arriscar para protegê-los.

Sem se abalar pelo encontro com o leopardo, o suboficial-chefe Jefferey decidiu tirar pleno proveito da parada em Hankow para testar as qualidades de Judy como cão de caça. Ela estava se aproximando dos oito meses de idade e se tornara um belo animal: musculosa, esbelta e saudável, de pelo brilhante, e sempre disposta a dar uma volta.

De fato, Hankow oferecera muitas oportunidades para aperfeiçoar sua esbelteza, já que as diversas tripulações sempre organizavam partidas de futebol, rúgbi ou hóquei. No caso do futebol e do rúgbi, a bola era grande demais para Judy, mas ela se tornara um verdadeiro demônio nas partidas de hóquei. Pegava a bola com a boca e se precipitava para o gol mais próximo, sem se preocupar com o lado pelo qual supostamente devia jogar. Isso a tornava um jogador extremamente imparcial, mas não um que pudesse melhorar os resultados da *Gnat*.

Mais interessado no assunto da caça, o suboficial-chefe Jefferey organizou uma expedição de caça ao alvorecer. Após um café da manhã bem cedo a bordo do navio, a equipe – consistindo em Jefferey, Tankey Cooper e mais quatro outros exímios caçadores – partiu, orgulhosamente liderada por Judy. Para além de Hankow, na mata aberta, havia abundância de codornizes – aves de caça da família do faisão e que eram o objetivo dessa caçada.

Ao primeiro sinal desses típicos pássaros levantando voo – um lampejo de iridescente plumagem azul e pés laranja-vivo –, as armas rugiram. Enquanto as codornas eram atingidas e caíam do céu, Judy olhava passivamente, sem fazer nenhum movimento para apontar ou ir buscar. Os homens organizaram turnos entre atiradores, enquanto os outros agiam como “cães de caça” para juntar as aves derrubadas, e, mesmo assim, Judy não parecia entender o recado ou querer se juntar a eles.

Finalmente, Tankey Cooper decidiu que bastava. Agachou-se ao nível dos olhos de Judy e teve uma pequena conversa com ela, explicando o que eles queriam que ela fizesse.

Então, apontando para a direção de um pássaro recém-morto, ele disse: – Boa menina! Vá pegar! Vá pegar!

Parecendo ter finalmente entendido o que se esperava dela, Judy abanou o rabo de excitação, baixou a cabeça e disparou na mata. De vez em quando, seu longo rabo branco aparecia acima da vegetação rasteira, ou surgia um lampejo branco e marrom quando ela pulava por cima dos espessos arbustos. Por um momento, ela pareceu andar bem, mas de repente sumiu da vista e dos ouvidos dos observadores. Eles esperaram alguns minutos antes de guardar as armas, e então Tankey se ofereceu para ir atrás dela.

Mal partiu, ouviu um uivo de angústia ecoar do terreno à sua frente. Instantaneamente, soube que era Judy, embora ele nunca a tivesse ouvido gemer de forma tão angustiada quanto agora. Assim que novos uivos de partir o coração rasgaram o ar, ele se precipitou adiante, temendo o pior.

Será que a cadela estava presa em algum tipo de armadilha, perguntou-se. Ou, pior ainda, estaria dilacerada pelas mandíbulas de algum leopardo faminto?

Tankey se atirou na relva alta, desesperado para alcançar Judy, usando os ouvidos para se guiar. Pouco depois, encontrou-a. Diante dele havia um tipo de charco, e Judy de alguma forma caiu dentro dele. Pior ainda, o charco parecia feito de uma espessa lama grudenta da qual a pobre cadela parecia não conseguir escapar. Ao vê-la olhando-o desesperadamente, implorando por sua ajuda, Tankey não hesitou nem um segundo – atirou-se no charco.

Caindo de pé, ele começou a avançar penosamente em meio à sujeira à altura da cintura. Foi somente então, quando a espessa crosta que cobria a superfície do charco começou a se esfarelar à sua frente, que seus sentidos foram despertados por um fedor inacreditável. Conforme essa crosta enrugada de tão queimada pelo sol se desfazia, o fedorento conteúdo abaixo ficava exposto ao ar, com o cheiro

característico. Judy e agora Tankey haviam caído em uma fossa a céu aberto.

Quase paralisado pelo choque e pelo sufocante e opressivo fedor – de fezes humanas cozinhando havia meses sob o forte sol de Hankow –, Tankey parou por um instante e fez exatamente o que Judy estava fazendo: gritar de desespero. Então, de repente, se deu conta da real situação: enquanto ele era capaz de ficar de pé com sujeira até a cintura, a pobre Judy tinha que remar para poder boiar em um charco repleto de indescritível tormento.

Obrigando o próprio cérebro e o corpo a funcionar – arrastando sua mente para fora do terrível horror daquele momento –, ele a apanhou pela coleira, arremessou-a para a margem e saiu do charco em seguida. Lá estava Tankey, de pé à beira da fossa, com as pernas, metade do torso e os braços cobertos de uma repulsiva camada de dejetos. A sujeira até cobria suas mãos, já que pegara Judy pela coleira, e também podia senti-la dentro das botas.

Mas o estado de Judy era ainda pior: apenas a cabeça escapara da imersão naquela fossa demoníaca. Usando largos tufo de grama, Tankey tentou o quanto pôde retirar a pior parte da sujeira. Tendo feito isso em si mesmo, virou-se para Judy e usou a mesma técnica para tentar friccioná-la. Porém, embora os pelos dos pointers sejam relativamente

curtos, Judy estava tão encharcada com aquela nojeira escura que parecia impossível limpá-la.

Não havia nada que pudesse ser feito: precisavam se apressar para voltar à *Gnat*, onde tomariam um bom banho quente regado a desinfetante. Então, ambos com a expressão de cão abandonado, animal e homem se precipitaram para encontrar o grupo de caçadores – mas nenhum dos seus companheiros arriscou aproximar-se a menos de 6 metros deles.

Desapontado e desgostoso demais para se preocupar com isso, Tankey levou Judy de volta ao porto, com uma espessa nuvem de moscas vorazes assinalando seu avanço pela mata.

Muito antes de eles chegarem à *Gnat*, Tankey ouviu o tinido do sino do navio. Estava claro que um dos membros da caçada regressara à embarcação antes deles. Uma voz ecoou até ele enquanto se apressavam ao longo do Hankow Bund. Era o intendente, vociferando a sonora ladainha: “Sujo! Sujo! Sujo!”.

Acima do navio, havia sido erguida a bandeira amarela com um “Q” – para indicar a quarentena –, mas nem o homem nem o animal acharam que houvesse por que rir dos seus apuros.

Após o segundo banho de desinfetante de Judy em pouco tempo, grande parte do terrível cheiro parecia ter sumido. Mesmo assim, passaram-se vários dias até que ela fosse considerada livre da quarentena e autorizada a voltar ao seio da família. Quanto a Tankey, passou horas se esfregando até ficar com cor de lagosta, em um desesperado esforço para tentar se livrar dos últimos vestígios daqueles indescritíveis dejetos. Nesse intervalo, ele tomou uma decisão capital: com certeza, não ia mais forçar Judy a se comportar como um cão de caça.

Como sistema prévio de alerta, Judy provara ser imbatível. Mas, no que dizia respeito à maneira como andavam suas obrigações clássicas de pointer, parecia ser uma carta fora do baralho. É verdade que tinha ajudado a *Gnat* a evitar o navio latrina no Yangtzé, mas aqui em Hankow levava Tankey para o meio de uma fossa sem igual!

*

A tripulação da *Gnat* se despediu do Natal e do Ano-Novo em Hankow, após o que *Bee* foi até o porto para ser dispensado das suas funções. Assim, nos gélidos meses do início de 1937, a *Gnat* virou a proa a leste, para começar sua viagem de volta até Xangai.

Mal sabia a tripulação que a *Gnat* rumava para graves problemas – assim como toda a frota de canhoneiras

britânicas no Yangtzé.

O conflito que estava prestes a irromper iria eclipsar os aborrecimentos que a tripulação da *Gnat* sofrera nas mãos dos piratas do Yangtzé, ou qualquer outra coisa que acontecera antes.

Logo, Judy de Sussex seria chamada várias vezes para salvar a vida dos seus companheiros.

CAPÍTULO CINCO

Britânicos e americanos – os dois Aliados mais próximos, unidos pela mesma língua, ancestralidade e cultura – com frequência patrulhavam juntos o Yangtzé, até mesmo em missões contra piratas, bandidos ou de resgate. Cada vez mais, as duas frotas reagiam ao crescente perigo agrupando o trânsito sobre o rio em comboios protegidos por tantos navios britânicos e americanos quanto possível.

Nessas tarefas, a tripulação da *Gnat* fez uma bela amizade com a tripulação da canhoneira americana *USS Panay*. Uma noite, durante uma pausa nas patrulhas, as tripulações dos navios se encontraram em uma cantina ribeirinha. Não faltava cerveja, e logo as vozes dos marinheiros cantando se elevaram até o teto. Os americanos se afeiçoaram a Judy, especialmente quando ela jogava a cabeça para trás e uivava para acompanhar as canções dos marinheiros, tornando-se o centro das atenções.

Mas, após encontrar o caminho de volta à *Gnat*, Tankey Cooper, embriagado, percebeu que Judy não estava mais com ele. A falta da cadela fez com que ele logo ficasse sóbrio. Os marinheiros vasculharam a *Gnat* da popa à proa, mas não havia sinal dela. Com a lanterna Aldis, emitiram um sinal da ponte, perguntando aos membros da *Panay* se a haviam visto. A resposta que receberam por sinal de luz foi: “Lamentamos, nenhum rastro dela aqui”.

Tankey não foi o único membro da tripulação do navio a dormir pouco naquela noite. Culpou-se por não ter vigiado Judy, mas, na verdade, ela era a cadela do navio, e todos os homens deveriam ter mantido um olho nela. Porém, na manhã seguinte, tudo pareceu bem mais claro, embora, ao mesmo tempo, um pouco mais sinistro. Os ajudantes chineses do barco ouviram um rumor de que Judy estava sã e salva – e escondida a bordo da canhoneira americana!

“Então, é assim que eles querem jogar”, resmungara Tankey ao ouvir as notícias. Ele e seus companheiros passaram o dia tramando uma vingança. Ao cair da noite, uma sampana acostou às escondidas contra a *uss Panay*. Duas silhuetas fugazes subiram a bordo e, quando consideraram o caminho livre, tentaram sua sorte. Uma vez executada a tarefa, deslizaram de volta para a escuridão da

sampana e afastaram o barco da canhoneira americana, em direção à *Gnat*.

Logo após o amanhecer, um sinal foi telegrafado da *USS Panay* à canhoneira britânica: “Para a *Gnat*: piratas a bordo esta noite. Sino do navio roubado”.

A resposta veio da *Gnat* da seguinte forma: “Da *Gnat* para a *Panay*: também fomos pirateados – de Judy. Trocamos um sino pertencente à *USS Panay* por uma senhora chamada Judy, propriedade dos oficiais e da companhia da *HMS Gnat*”.

Em menos de uma hora, Judy estava de volta a bordo da nau britânica, e o tombadilho superior da *USS Panay*, de novo adornado com o sino do navio. Ninguém – nem mesmo a Marinha americana – ia separar os valentes homens da Marinha Real de sua mascote.

Mas essas bem-humoradas brincadeiras encobriam o tamanho do perigo que agora estava ameaçando o Yangtzé. Logo, as canhoneiras iriam ser vítimas da crescente agressividade japonesa – a canhoneira *USS Panay*, em primeiro lugar.

*

No começo de abril de 1938, a *Gnat* voltou a ficar baseada em Hankow. Já que Hankow se tornara seu porto principal longe de casa, havia o inevitável faz-tudo local, que do

atendimento às necessidades da tripulação fazia o seu negócio. Em Portsmouth, o porto britânico de origem da *Gnat*, havia “Tubby” Greenburgh, jovial e rechonchudo alfaiate da Marinha ao qual os homens sempre podiam pedir 10 xelins emprestados nos dias “em branco” – aqueles imediatamente anteriores ao dia de pagamento – sem juros e fechar o acordo com nada mais que um simples aperto de mãos.

Em Hankow, o equivalente de “Tubby” Greenburgh era Sung. Por razões perdidas nas brumas do tempo, Sung era mais conhecido por quem navegava pelo Yangtzé como “Joe Binks”. Homem enorme, do tamanho de um urso, Joe Binks manifestava bom humor enquanto os homens saíam aos poucos da *Gnat* em busca de divertimento de qualidade em terra, mas reservava uma recepção especialmente calorosa à cadela do navio.

Joe Binks era o comprador oficial da *Gnat* em Hankow – o homem encarregado de suprir o navio com alimentos e outras necessidades de que precisasse. Costumava trazer a esposa e os quatro filhos pequenos quando fazia negócios a bordo da canhoneira britânica, e as crianças apreciavam muito a companhia de Judy. Apesar de serem criados para a caça, os pointers ingleses em geral mostram um amor

instintivo pelas crianças, e Judy adorava a presença dos filhos de Sung.

Correndo pelo navio, escondendo-se em seus nichos prediletos e desafiando as crianças a encontrá-la – esses eram alguns dos momentos mais felizes de Judy em meio à tensão e ao caos vividos no curso inferior do Yangtzé devastado pela guerra. Os gritos de prazer das crianças indicavam que elas a haviam descoberto, mas Judy rapidamente retomava o controle da situação, dançando excitadamente de uma pata para outra, antes de se imobilizar, parecendo “apontar” para os bolsos salientes das crianças – já que os filhos de Sung sempre traziam saborosos presentes para Shudi, a calma.

A outra melhor amiga de Judy entre a população local era simplesmente conhecida como “Sew-sew”. A razão do apelido era óbvia: ela era encarregada de cuidar de qualquer trabalho de costura^[1] ou de conserto das roupas e dos acessórios a bordo da *Gnat*. Sew-sew passava o tempo inteiro empoleirada em um banquinho no convés aberto, e a agulha e o fio brilhavam na luz do sol enquanto ela fixava uma nova fita branca à gola de um paletó formal de oficiais e, com voz doce e musical, falava com sua principal companheira – a encantada Judy.

Mas talvez a principal “família de amigos” local de Judy tenha sido os filhos de Amah. Amah era uma mulher de forte reputação no Hankow Bund. Toda a família vivia em uma pequena sampana coberta de vime, amarrada à doca. Contratada pelo Almirantado britânico, Amah lutara e obtivera o direito de que seu barco fosse usado como embarcação de “uso geral” das canhoneiras britânicas. Ela e seus filhos passavam o dia transportando homens e material do navio à costa e de volta, ou, quando não havia pedido de serviço de transporte, ela se encarregava de retocar a pintura do casco das canhoneiras.

Judy acabara adorando Amah e, mais especificamente, seus filhos. Todas as vezes que podia, pulava da *Gnat* para a sampana e, orgulhosamente postada na proa do barco, supervisionava as operações enquanto Amah transportava um grupo de marinheiros para terra. Mas seu momento predileto era quando podia correr debaixo do teto de vime da sampana, onde guinchos e gritinhos de alegria revelavam que estava se divertindo muito com os filhos de Amah.

Esses eram os amigos especiais de Judy em Hankow, e, por meio da sua família local, sem dúvida ela conseguia entrar em contato com seu lado feminino. Mas, no conturbado curso inferior do Yangtzé em 1938, era talvez inevitável que poucas famílias tão amplas permanecessem

intactas por muito tempo, até mesmo aquelas a bordo das canhoneiras.

Inevitavelmente, havia uma “rotatividade” nas tripulações britânicas, já que quem tivesse completado dois anos e meio de “serviço no estrangeiro” era mandado de volta ao Reino Unido. Muitos relutavam em regressar. Especialmente em meio a um conflito como aquele que se desenvolvia, a vida de um marinheiro de canhoneira era excitante e repleta de perigos, o que a tornava estranhamente atraente. Ao contrário, a Inglaterra de 1938 permanecia uma terra de estabilidade e paz, sem oferecer aos jovens marinheiros a agitação que podiam esperar ao patrulhar o Yangtzé.

Mas, assim como para todas as coisas boas, o posto de cada homem na canhoneira tinha um fim. Infelizmente para Judy, agora era a vez de os seus companheiros mais próximos serem repatriados para a Inglaterra. Vic Oliver, que a resgatara do Yangtzé; Tankey Cooper, que a resgatara da fossa séptica de Hankow; e o suboficial-chefe Jefferey, que a resgatara do canil de Xangai e a escolhera como mascote do navio – todos iam embora. Visto que perdera tantas pessoas próximas, talvez fosse inesperado que Judy estivesse prestes a começar uma família própria...

Após as sinceras despedidas entre os que partiam e a cadela que deixavam para trás, novos tripulantes chegaram a bordo da *Gnat*. Entre eles, Judy pareceu gostar imediatamente de dois indivíduos distintos. Um era um descontraído gigante, o cabo Law. O outro, o marujo Boniface, mais conhecido por todos como “Bonny”, era um verdadeiro palhaço, e ia se tornar figura central do navio. Foram Bonny e Law que tiveram um papel fundamental na futura maternidade de Judy.

A canhoneira francesa *Francis Garnier* atracou do lado oposto da *Gnat*, com a canhoneira americana *USS Tutuila* encostada ao seu lado. De início, a chegada de duas canhoneiras Aliadas foi vista como uma boa desculpa para uma recepção bem animada. A tripulação da *USS Tutuila* foi convidada a bordo do navio britânico para um uso limitado da cantina do navio – em outras palavras, o estoque de cerveja. Esperava-se que a cerveja durasse apenas até 26 de abril, antes que houvesse um novo racionamento.

Após uma agradável noite de bebedeira anglo-americana, a tripulação da *Gnat* desafiou seus companheiros ianques para uma competição de rifle. O resultado foi bem apertado: os marinheiros britânicos venceram por um ponto. Mas a tripulação da *Gnat* estava prestes a receber da *Francis Garnier*

um desafio mais inesperado – e muito maior do que qualquer coisa que eles poderiam planejar.

Foi Bonny quem primeiro constatou o comportamento estranho de Judy. Ele estava sentado no refeitório da tripulação, na parte dianteira do navio, tentando se concentrar em uma carta que escrevia para sua namorada de Portsmouth. Mas, toda vez que achava ter encontrado as palavras que elaborava em sua mente, Judy se levantava, gemia com insistência andava sem rumo com ar triste antes de se deitar de novo.

Finalmente, moveu-se até a escada que levava ao convés principal e ao ar fresco e olhou para cima com expressão fixa no rosto. Então, virou-se para Bonny como que suplicando, com o olhar mais enternecedor que ele já vira.

Bonny pôs a caneta sobre a mesa e olhou o animal de novo.

— Como você quer que eu convença a garçonete do Air Balloon que ela pode passar férias comigo sem sua mãe se você não para de gemer e de se contorcer?

Judy virou a cabeça para a escada antes de fitar mais uma vez Bonny com o mesmo ar suplicante.

Bonny se levantou.

— O que você tem? Quer dar uma volta, é isso? Então, tá... vamos lá!

Judy se tornara perita em usar a escada, que tinha um ângulo de 30 graus, com largos degraus de aço, como uma escadaria. Bonny a seguiu, e o homem e o animal perambularam pelo convés por alguns minutos. Então, Judy tomou a iniciativa e os levou pela passarela de embarque até o ancoradouro da *Gnat*, que era um antigo casco de navio mercantil do qual os mastros e cordames haviam sido retirados.

Esperando que Judy quisesse dar uma corrida nos arredores e se divertir, Bonny ficou bastante surpreso quando ela pareceu apenas querer percorrer para cima e para baixo o convés vazio do casco. Cabisbaixa, com o rabo levantado e flutuando como uma bandeirola de sinalização, ela caminhava de lá para cá do modo mais inabitual. Era estranho. Muito estranho. Bonny não conseguia entender o que ela queria.

Então, ele acabou dando uma olhada para o outro lado do casco, onde a *Francis Garnier* estava atracada. De repente, caiu a ficha. Na ponte do navio francês havia um membro da tripulação de quatro patas e aparência bem elegante, cujos olhos estavam grudados em cada majestoso movimento de Judy de Sussex. Mas o que mais surpreendeu Bonny foi que, embora levemente maior e mais largo, o cachorro da canhoneira *Francis Garnier* poderia ser irmão de Judy.

O pointer branco e marrom era assombrosamente semelhante.

CAPÍTULO SEIS

Bonny, surpreso, olhou fixamente para o cão da canhoneira *Francis Garnier*. Quanto a Judy, ela parecia pensar que seu trabalho ali tinha acabado. Com garboso movimento do traseiro, resolveu dar as costas para a canhoneira francesa e seu apaixonado admirador, e subiu de volta à passarela da *Gnat*.

Bonny meneou a cabeça de espanto.

— Então, era disso que se tratava. Isso é tipicamente feminino! Ela devia saber que ele estava lá, mas não queria olhar para ele. Apenas se mostrar, e então sumiu!

Em pouco tempo, o namoro virou uma lenda. Ao contrário de Judy, Paul, o cão da *Francis Garnier*, não tentou disfarçar o fato de ter se apaixonado loucamente por ela. Agora que sabia que o objeto do seu desejo estava tão tentadoramente perto, ele fugia o tempo todo, descia correndo a passarela do navio francês e acabava se esparramando sobre o casco em sua pressa de se aproximar dela.

Sem se abalar, ele pulava de lá para cá através do convés vazio, como um cavaleiro medieval vestindo uma pesada armadura, sem saber que Judy o estava observando com desdém, mostrando os dentes e com os lábios dobrados. Finalmente, em um desesperado esforço para conquistar sua atenção e atrair seus favores, Paul se lançou em alta velocidade pelo comprimento do casco, as patas se agitando em uma demonstração supercanina de proeza masculina. Infelizmente, calculou mal seu poder de frear no liso convés.

Com um gemido desesperado, o cão do navio francês deslizou pela proa e acabou seu percurso no porto, com um ruidoso *ploft*. Ironicamente, foi então que Judy mostrou seus verdadeiros sentimentos. Correu até o corrimão da *Gnat*, latindo em alarme, enquanto seu belo avançava pela água em sua direção. Percebendo que ele não poderia escalar a íngreme lateral da canhoneira britânica, Judy desceu correndo a passarela, com Bonny atrás dela. Enquanto Judy, à beira da margem, perscrutava e latia desesperadamente, Bonny se debruçou, agarrou a coleira de Paul e o puxou da água.

O cão francês estava encharcado da cabeça aos pés. Mas seu mergulho e sua quase humilhação acabaram valendo a pena – já que, ao se fazer de palhaço, Paul conseguira quebrar a gélida reserva britânica de Judy. Sem mais

disfarçar seus sentimentos, ela decidiu lambar seu rosto, aconchegar-se em seu corpo molhado e lhe dar patadas por todos os lados.

Bonny observava os dois com espanto. Graças à sua exuberante infelicidade, Paul, em um instante, de total perdedor se tornara o primeiro namorado da vida de Judy. De repente, isso parecia a promessa de um casamento perfeito. Sendo assim, Bonny decidiu que os homens da *Gnat* precisavam ter uma boa conversa com sua cadela.

Naquela época, Judy se aproximava dos 2 anos – o equivalente a quase 20 em anos humanos. Bonny imaginou que ela estivesse mais do que pronta para ter uma ninhada, e, com o cachorro da canhoneira *Francis Garnier* ao alcance, eles tinham uma boa oportunidade para fortalecer a *entente cordiale* e criar uma bela linhagem de pointers franco-ingleses. Mas isso não significava que as núpcias seriam consumadas sem que Judy antes estivesse totalmente informada das coisas da vida, sem esquecer suas próprias responsabilidades.

Na tarde em que Paul caiu no porto, cinco homens escolhidos entre os tripulantes da *Gnat* sentaram em volta da mesa do refeitório sobre a qual estava empoleirada Judy de Sussex, cuidadosamente escovada e com sua mais bonita coleira.

Bonny a encarou com expressão séria.

– Sentimos que chegou a hora de termos uma conversa apropriada. Vamos falar como seus guardiões legais, e naturalmente queremos fazer o melhor para sua felicidade. Mas você vai entender que as coisas devem ser feitas de maneira adequada, segundo as regras.

Ele fez uma pausa para que suas palavras fossem bem assimiladas. Judy inclinou a cabeça de lado, com ar zombeteiro. Era como se estivesse dizendo: *Vamos – desembuche!* Ao mesmo tempo, ela esticou a língua para lambar a mão de Bonny, como se quisesse lhe assegurar que estava bebendo suas palavras.

Bonny acenou com a cabeça, feliz de que ela lhe desse a devida atenção.

– Pois bem, Paul sem dúvida é um bom cachorro, e com pedigree. E a turma da *Francis Garnier* é muito legal. Assim, decidimos que você pode noivar hoje e, se der tudo certo, casar amanhã. Mas apenas com uma condição... que seu primeiro filhote se chame Bonny.

Judy pareceu dar seu consentimento, e então um dos engenheiros do navio a fez levantar a pata esquerda, na qual passou uma tornozeleira, feita especialmente para a ocasião.

– Este – anunciou ele, enquanto apertava um pouco mais a tornozeleira – é seu anel de noivado.

Judy observou o círculo prateado por um longo momento. Pelo tom e o comportamento dos homens a seu redor, ela sabia que algo de grande importância estava ocorrendo, mas talvez não entendesse completamente o que tudo aquilo significava.

No dia seguinte, Judy e Paul iam se casar. Foram levados para o centro do casco, de maneira que as duas tripulações pudessem assistir à cerimônia. Bonny oficiou, junto com seu homólogo do navio francês. Enquanto os homens de ambos os navios comemoravam e aplaudiam com entusiasmo – e um grupo de perplexos moradores se juntava, coçando e meneando a cabeça –, Bonny acariciou a cabeça dos dois cachorros e concluiu a cerimônia da melhor forma que pôde.

– E então, sem mais delongas, tenho o prazer de os declarar... – Ele hesitou um momento até encontrar as palavras certas. – Cachorro e cadela? – Deu uma olhada à multidão na esperança de encontrar alguma inspiração. – Paul e Judy?

Então, uma voz com forte sotaque ecoou da ponte da *Francis Garnier*. Era o primeiro-tenente.

– Unos! – ele gritou. – Declare-os unos!

– Perfeito – Declaro vocês unos! – confirmou Bonny.

E, assim, Judy de Sussex e Paul de Paris – Paris porque era mais elegante e extremamente romântico – tornaram-se

devidamente casados.

Paul foi autorizado a subir a bordo da *Gnat*, onde um ninho de amor especial fora construído para os dois cães. Após três dias no paraíso canino, ele foi levado de volta à *Francis Garnier*, queixando-se em voz alta, mas todos ficaram surdos aos seus protestos.

*

Como se isso talvez tivesse sentido, Judy ia trazer novas vidas ao mundo, quando a morte e a destruição ameaçavam engolir tudo a seu redor. Nas semanas que se seguiram à sua ligação romântica com Paul, ela foi ficando cada vez mais rechonchuda, com os olhos brilhando de ansiedade diante das futuras responsabilidades. Mas, ao mesmo tempo, os aviões de guerra japoneses haviam começado a atacar duramente o cerne da resistência chinesa, ao escolherem a cidade de Hankow como alvo primeiro e preferencial.

À medida que a guerra ao longo do Yangtzé se intensificava, a Força Aérea Imperial japonesa recorria aos bombardeiros médios bimotorizados Mitsubishi G₃M, que operavam a partir de bases terrestres no Japão. Unidades especiais foram formadas com a missão de cruzar o mar da China Oriental para realizar bombardeios maciços contra as cidades-chave chinesas. Os Mitsubishis G₃M carregavam 800

quilos de bombas – várias vezes a carga útil dos biplanos baseados em porta-aviões que já haviam atacado as canhoneiras do Yangtzé – e tinham uma autonomia de voo de 4.400 quilômetros.

Nenhum desses aviões até então havia visado às canhoneiras atracadas no Hankow Bund. Mas, todas as vezes que rugiam acima da cidade, Judy se enroscava sobre sua barriga dilatada, como se tentasse salvar sua prole ainda não nascida, e rosnava de forma defensiva contra o céu. Estava aprendendo a odiar esses raivosos pássaros gigantes que surgiam do céu, causando morte e destruição, e ameaçando apagar as vidas que ela carregava antes mesmo de existirem.

Porém, chegou a manhã em que – enquanto outra onda de bombardeiros japoneses estrondava no céu acima de Hankow – houve o milagre do nascimento a bordo da *Gnat*. Bonny, cansado e com a barba por fazer (ele se autopromovera a parteiro da *Gnat*), acabou tropeçando nos degraus que levavam ao convés do refeitório.

— Chegaram! — ele gritou, com ar de triunfo. — Todos os treze!

Houve uma correria pela escada, cada um empurrando o outro para ser o primeiro a ver os recém-nascidos, sem esquecer a orgulhosa mãe. Como era de esperar, espremidos em uma cesta que mal conseguia contê-los,

havia treze réplicas minúsculas de Judy – todas amarronzadas do pescoço para cima, como a mãe, embora várias apresentassem a marca branca do pai, correndo da testa ao focinho.

Dos treze filhotes, três entre os mais fracos logo morreram, deixando os outros dez se fortificar com o leite materno. Deitada junto à sua cria para protegê-la, Judy mostrou-se uma mãe perfeita, e nem mesmo o fluxo constante dos seus admiradores subindo a bordo da *Gnat* parecia capaz de perturbá-la ou incomodá-la.

Ela estava feliz por mostrar seus filhotes a todos – inclusive à Sew-sew, à família Sung e aos filhos de Amah, a dona do barco. Porém, o único proibido de vê-los era o pai dos filhotes, Paul. Agora que fizera a sua parte, Judy parecia ter esquecido seu belo francês, quase como se ele nunca tivesse existido.

Em pouco tempo, havia filhotes inseguros tropeçando pela *Gnat*, pequenos bichos fofos se debatendo ao tentar escapar da tripulação do navio, que, por sua vez, também tentava levá-los de volta ao ninho. Enfiavam-se em qualquer canto concebível, mastigando qualquer coisa que fosse vagamente mastigável, e, por todo lado, deixavam poças escorregadias de necessidades caninas.

Foi somente quando ficaram suficientemente crescidos a ponto de poderem ser levados para passear de coleira que Paul finalmente chegou a ver sua prole. Cheirou-os com curiosidade, como se tentasse descobrir se realmente eram frutos dele, antes que fossem levados às pressas de volta para a *Gnat*. Ninguém queria ficar em uma área aberta por muito tempo. Com os aviões japoneses ameaçando de cima, qualquer saída nos arredores de Hankow significava perigo.

Uma tarde, logo depois da primeira saída dos filhotes do navio, um esquadrão de bombardeiros japoneses veio atacar Hankow, usando o vale do rio para disfarçar sua aproximação até o momento final.

Porém, Judy os ouviu chegar. Naquela época, os ataques eram tão frequentes que ela mal tinha tempo ou oportunidade de disparar seu habitual alarme. Mas, naquele dia, pareceu ter sentido que se tratava de algo diferente, e que o inimigo no ar estava vindo atrás da sua família – a de quatro e a de duas patas.

Gemendo freneticamente, ela chamou seus filhotes para perto, e, enquanto os bombardeiros rugiam prestes a atacar, tentou se enroscar em volta deles para protegê-los, latindo desesperadamente em um alerta de último minuto para a tripulação do navio. Segundos depois, o avião da frente investiu contra a *Gnat*, soltando bombas. Como diabólicos

demônios pretos, elas mergulharam em direção ao navio, mas, no último momento, sua trajetória mostrou estar ligeiramente errada, e elas ultrapassaram a embarcação. Atingiram o rio em frente à *Gnat* antes de explodirem, jogando para o alto enormes colunas de espumosa água branca. As reverberações da explosão ecoaram no casco do navio, enquanto a protetora mãe se enroscava ainda mais em volta da sua prole encolhida, e jorros de água do rio chuviscavam ao seu redor. Pega de surpresa – até então, os japoneses haviam cumprido sua promessa, feita após terem afundado a *USS Panay*, de não atacar nenhum navio neutro –, a tripulação da *Gnat* correu para seus postos de batalha.

Atrás do bombardeiro principal, o resto do esquadrão atacou. Mas, enquanto os artilheiros da *Gnat* giravam as metralhadoras Maxim para o alvo, um novo som rasgou o céu acima de Hankow Bund – o uivo de motores radiais Pratt & Whitney “Wasp”. Judy não podia entender, e o medo que sentia por suas crias era evidentemente redobrado sob o violento ataque aéreo, mas uma artilharia de pilotos de caça viera ajudar e, pelo visto, bem na hora H.

Estridentes salvas de aclamações ecoaram dos conveses do navio, enquanto os característicos narizes arrebitados de oito Boeings p-26 “Peashooters” mergulhavam para atacar.

O p-26 foi o primeiro avião de guerra americano totalmente de metal, e a Força Aérea chinesa operava várias esquadrilhas da temível aeronave. Os japoneses já haviam sentido a ira das metralhadoras Browning dos Peashooters, quando um número recorde de bombardeiros Mitsubishi G3M fora derrubado acima de Nanquim.

Em um instante os bombardeiros que atacavam o Hankow Bund romperam a formação e alijaram suas bombas para tentar diminuir sua carga e escapar. Alguns foram lentos demais. Os Boeings p-26 eram pilotados por chineses, ajudados por um punhado de eméritos pilotos britânicos, americanos e outros tripulantes voluntários. Mergulharam de onde estavam voando em circuito de espera na altitude e irromperam sobre os aviões japoneses. Dois bombardeiros foram dilacerados de ponta a ponta pelas metralhadoras de 7,62 mm dos Peashooters. Os Mitsubishi G3M estremeceram sob o ataque, antes que a fumaça e o fogo se espalhassem pela fuselagem e um e depois outro despencassem do céu no expectante Yangtzé. A *Gnat* – com Judy e sua prole – foi salva do que parecia uma aniquilação quase certa, mas essa escapada de último minuto só serviu para reforçar a urgente necessidade de deixar os filhotes fora de perigo.

Era preciso arrumar lares para os dez cachorrinhos, e rapidamente.

*

Mesmo que os tripulantes da canhoneira não soubessem, a oportuna aparição dos Boeings p-26 não fora tão milagrosa quanto poderia ter parecido. Um sistema secreto de alerta antecipado havia sido implementado para sinalizar à Força Aérea chinesa a iminente chegada de aviões inimigos, e funcionava bem debaixo do nariz dos japoneses. Involuntariamente, a canhoneira britânica *Gnat* tivera um papel-chave ao obter e pôr em funcionamento esse sistema de alerta antecipado.

Alguns meses antes, Stanley Cotterrall, telegrafista da *Gnat* – seu operador de código Morse –, fora levado a Wuhu para passar por uma operação cirúrgica urgente no American Mission Hospital. Durante sua recuperação, o hospital precisou mandar um sinal às docas de Wuhu para garantir a ajuda de um médico que servia a bordo de um navio atracado lá. Cotterrall propusera mandar uma mensagem por código Morse, o que fizera usando um espelho no telhado do hospital e lampejos de luz do sol para avisar o navio.

Em certo momento, uma freira do hospital pediu a Cotterrall que ensinasse Morse a alguns deles, de maneira que pudessem fazer o mesmo no futuro. Um ou dois

chineses da equipe se mostraram alunos especialmente entusiastas. Com muita paciência, também aprenderam a operar o rádio, e, no mais absoluto segredo, instalaram um rádio no telhado do hospital.

Todas as vezes que os aviões de guerra japoneses sobrevoavam Wuhu, usando o Yangtzé para avançar dentro do país até seu alvo, esses médicos chineses subiam furtivamente até o telhado para mandar uma mensagem de alerta em código Morse. Assim, Hankow foi avisada com antecedência e os p-26 Peashooters puderam aparecer como num passe de mágica para expulsar os aviões japoneses do céu. Finalmente, os japoneses acabaram descobrindo que eram enviadas mensagens de rádio, mas nunca foram capazes de localizar o transmissor escondido no telhado do American Mission Hospital.

*

Na medida do possível, a doação dos filhotes de Judy foi um processo gradativo, de maneira a suavizar o impacto. A primeira opção, naturalmente, foi para os oficiais e tripulantes da *Francis Garnier*. Em segundo lugar, veio o Hankow Race Club, que fez uma oferta que o capitão do navio considerou irrecusável: uma metralhadora leve Lewis e quatro pentes de munição em troca dos cachorrinhos. Outros filhotes foram para o pessoal diplomático baseado em

Hankow, e um dos últimos foi dado de presente à canhoneira USS *Guam*.

O décimo e último animal foi entregue a um engenheiro escocês que servia a bordo dos navios a vapor que ainda operavam no Yangtzé. Mais uma vez, Judy foi restringida à companhia da sua família de duas pernas, em um pequeno navio de guerra britânico que cada vez mais sentia a ira dos japoneses. E, nos dias que se seguiriam, os nervos da tripulação da canhoneira seriam testados como nunca antes.

Perto do fim do verão de 1938, com as tropas japonesas prestes a tomar Hankow, um navio aduaneiro chinês, o *Chianghsing*, estava no rio para colocar boias de demarcação, em uma tentativa de dificultar mais a navegação dos navios de guerra japoneses dentro do porto da cidade. Localizado do ar, o *Chianghsing* tornou-se alvo da aviação japonesa, sendo metralhado e bombardeado.

Com o navio afundando e tomado pelo fogo, o capitão Crowley, comandante britânico do *Chianghsing*, decidiu precipitar a embarcação contra a margem do rio, para permitir que a tripulação escapasse. Mas, no processo de levar os homens para terra, o capitão Crowley, seu imediato e o engenheiro foram metralhados pelos aviões japoneses. Os três acabaram mortos. Vários tripulantes ficaram feridos,

e a aviação japonesa permaneceu no céu à procura de sobreviventes.

A *Gnat* era o navio de guerra britânico mais próximo para ajudá-los. Navegou pelo Yangtzé, precisando apenas seguir a espessa e negra nuvem de fumaça para chegar ao avariado navio. Com os homens nos postos de combate, as armas prontas – sem esquecer uma cadela latindo furiosamente para alertar contra os perigos vindos do céu –, o navio viajou sob os aviões voando em círculos e baixou as duas lanchas no rio. A tripulação da *Gnat* conseguiu alcançar os sobreviventes e resgatá-los, com os corpos dos mortos, e, por um motivo desconhecido, a aviação japonesa não chegou a interferir.

Logo depois, a *Gnat* recebeu de presente duas bolas de futebol da alfândega de Hankow. Junto, havia uma carta escrita à mão para agradecer àqueles da tripulação que tinham lidado com o afundamento do *Chianghsing*. Resumia o maravilhoso *esprit de corps* mostrado por todos a bordo da *Gnat* – os homens e o cachorro.

Vocês, homens da Marinha britânica, não importa seu grau, estão sempre invariável e animadamente prontos para ajudar quem for. Embora vissem essa viagem como parte da labuta diária, sua tentativa de transformar um ato muito elegante em simples rotina não diminui nem um pouco os sentimentos de respeito e gratidão com os quais nós, civis, os vemos.

Mas nenhuma porção de tal cavalheirismo altruísta podia impedir os japoneses de invadir a cidade das canhoneiras.

Com a chegada das monções de inverno, furiosos ventos sopraram os invasores japoneses para dentro de Hankow. Nos últimos momentos, a resistência chinesa decidira que era melhor desaparecer na mata e viver para lutar mais um dia do que tentar uma impossível última defesa da cidade. Enquanto os aviões japoneses zumbiam acima, os navios de guerra japoneses aportavam no Hankow Bund, espalhando sentinelas bem-armadas por todo canto da mais nova cidade chinesa a cair sob o domínio japonês.

A bordo da *Gnat*, atracado no lugar de sempre ao lado do casco, o gélido vento de uma hostilidade próxima soprava pelos conveses e ao longo dos corredores. Na ponte do navio, em sua cama feita numa caixa de munições, Judy levantou sua cabeça delgada e sentiu a mudança de atmosfera que descera ao seu redor. O ruído e o agito comuns à vida do porto chinês haviam sido substituídos por um baixo murmúrio de pessoas sob uma ocupação de selvageria sem precedente.

A primeira confrontação de Judy com os invasores logo ia chegar. Pouco após a queda de Hankow, Bonny – seu antigo parceiro – e o cabo Law – seu protetor gigante – levaram-na para seu habitual passeio matinal pelo Bund. O trio

completara seu costumeiro circuito e estava regressando à *Gnat* quando os problemas se materializaram diante deles, na forma de uma dúzia de sentinelas japonesas de guarda ali.

Judy, como era seu hábito, trotou até lá e deu uma cheirada nas botas até a altura do joelho. A reação da sentinela foi tão inesperada quanto imprópria, e foi a origem do problema. Em poucos segundos, sua voz se transformou em um grito histérico, à medida que ia repreendendo a cadela e seus dois companheiros. Lançando perdigotos pelos finos lábios, o enraivecido guarda fez um gesto ao animal – e aos marinheiros – para que sumisse dali.

Judy não saiu do lugar. Levantou a cabeça das botas e, sem dúvida lembrando-se de Soo, seu protetor de Xangai, e da maneira como ele fora espancado, ela dobrou os lábios em um rosnado silencioso. A sentinela deu um passo para trás, o rosto enrubescido de raiva. Com a mão pegou a arma que estava a tiracolo, e ouviu-se o agudo *clatch-clatch* do metal contra o metal ecoando pela doca em grande parte deserta quando ele engatilhou a arma.

A sentinela levantou a arma, mas não era em um cachorro comum que ele pretendia atirar: era em um animal da Marinha Real, a mascote da canhoneira *HMS Gnat*, e, de

pleno direito, membro veterano da tripulação. O cabo Law não hesitou nem um instante. A corpulenta massa do tripulante se precipitou para a frente, empurrou Judy de lado, ergueu a pequena sentinela no ar, e, embora o soldado estivesse reclamando de forma ininteligível contra tamanho abuso, Law o precipitou, junto com a arma, na água do porto.

Ouviu-se um grito desesperado cortado por um ruído de respingo, e a sentinela desapareceu. Bonny, Law e Judy apressaram-se para voltar ao navio. Sabendo o quanto os soldados japoneses eram péssimos nadadores, o trio deu uma parada longe o suficiente para ver o enlameado soldado nadar até a beira antes de correr à terra para relatar o incidente. As primeiras reações dos japoneses não demoraram.

Após uma troca de mensagens concisas, um retesado oficial do Exército Imperial japonês foi enviado a bordo da *Gnat*, complementado com uma espada sobre a qual ameaçava tropeçar.

Por necessidade, os capitães das canhoneiras britânicas aprenderam a se tornar perfeitos diplomatas. Durante o último ano de hostilidades, esforços sobre-humanos de diplomacia haviam sido requeridos para poder navegar no Yangtzé. Oportunamente, Judy fora bem escondida, e, no

momento em que deixou a *Gnat*, o visitante havia sido apaziguado por uma combinação de palavras tranquilizantes e goles de rum do navio.

Houve muitas outras visitas semelhantes, já que os comandantes japoneses tentavam saber como e por que um dos “gloriosos libertadores” fora tratado com tanto desrespeito, e quem exatamente era responsável pela *cadela*. Mas o estoque de rum do salão dos oficiais aguentou, e nunca mais Bonny e Law ouviram falar do incidente. Agora, outra mudança significativa estava acontecendo: daquele momento em diante, Judy de Sussex ficaria confinada no barco. Qualquer novo encontro entre Judy e os japoneses poderia significar sua morte.

CAPÍTULO SETE

Em junho de 1939, a tripulação da *Gnat* – inclusive sua mascote – foi transferida para uma casa nova em folha, a canhoneira HMS *Grasshopper*. Muitas coisas eram diferentes a bordo do navio. Havia um novo capitão, o capitão-tenente Edward Neville, o que então significava que os dois homens que tinham comprado Judy no canil de Xangai – o suboficial-chefe Jefferey e o comandante Waldegrave – não estavam mais ao seu lado.

A HMS *Grasshopper*, além disso, tinha uma tripulação de 75 membros, de forma que o ambiente a bordo era um tanto menos apertado e sociável do que fora na *Gnat*. Infelizmente, Judy teria que lidar até mesmo com a falta de seus companheiros Bonny e Law, que permaneceram na tripulação mínima da *Gnat*. Porém, no momento em que todas as certezas dos anos anteriores lhe eram subtraídas, Judy ia enfrentar os maiores desafios de sua vida até então.

A tripulação mal tivera tempo de se acostumar ao seu novo navio e a Grã-Bretanha declarou guerra contra a beligerante Alemanha. O Japão ainda entraria no conflito, mas poucos tinham dúvidas sobre o lado em que ia lutar quando isso realmente se tornou o segundo grande conflito do século xx, a ameaçar o mundo todo. A canhoneira *Grasshopper* mal tivera a oportunidade de dar umas voltas sobre o Yangtzé quando recebeu a ordem do Almirantado de navegar para mar aberto.

A *Grasshopper* ia acompanhar a *Scorpion* e a *Dragonfly* em uma viagem, via Hong Kong e Macau, à ilha de Cingapura, bastião britânico. Na rota, iria percorrer cerca de 3 mil quilômetros, sem dúvida na direção certa – *longe do Japão* –, mas, para Judy, seria a primeira vez que deixaria o vale do rio Yangtzé para enfrentar o vasto oceano.

Obrigada a abandonar sua prole e a maior parte dos seus amigos, Judy plantou suas valentes patas no convés em movimento enquanto a *Grasshopper* deixava Xangai rumo às águas do mar da China Meridional. Atrás dela, a *Gnat* e muitas outras canhoneiras estavam se preparando para navegar até Cingapura com tripulações mínimas. O Yangtzé fora o lar da *Gnat* por dois anos e meio, e de Judy por três,

mas nem o navio nem o animal iriam embelezar suas águas novamente.

Projetada como canhoneira de rio, a HMS *Grasshopper* tinha um calado de 2 metros. Em consequência, rolava, girava e saía da rota por causa das ondas do mar, seguindo adiante em uma velocidade próxima de sua capacidade máxima, de 70 nós. No começo, Judy ficou extremamente mareada. Apesar do carinho de todos os que a conheciam, ela se recusava a comer ou a deixar a caixa de munições que lhe servia de cama. Mas, finalmente, a tripulação a levou ao convés para fazer exercícios regulares, em uma tentativa de ajudar na sua recuperação. Na época em que a *Grasshopper* se aproximava de Hong Kong, Judy já se habituara ao mar e comia como um proverbial leão. Nunca mais ficaria enjoada no mar.

Prensada entre as atuais Malásia e Indonésia, Cingapura era supostamente uma fortaleza inexpugnável no Extremo Oriente, que poderia deter as forças japonesas em seu avanço se a guerra fosse declarada. Conhecida como a “Gibraltar do Oriente”, essa cidadela em forma de ilha era protegida por enormes canhões de 380 mm, que formavam baterias costeiras aparentemente impenetráveis.

Se o Japão entrasse na guerra, todos, inclusive Winston Churchill em pessoa, esperavam que Cingapura aguentasse pelo menos três meses, o que daria o tempo necessário para chegarem reforços à ilha para rechaçar os atacantes. Infelizmente, havia várias falhas nessa afirmação. Primeiro, os japoneses tinham superioridade aérea. Os aviões de guerra britânicos baseados em Cingapura eram poucos e obsoletos, não sendo páreo para a Força Aérea japonesa, equipada com o Mitsubishi A6M2 – o temível “Zero”.

Além disso, os defensores de Cingapura possuíam poucos tanques, ou nenhum, e todos os canhões costeiros estavam postados em direção ao mar. Não havia nenhum posicionado para defender Cingapura contra uma invasão por terra. Desvantagem adicional, pois, embora Cingapura estivesse bem guarnecida, praticamente nenhuma das tropas estacionadas lá recebera treinamento para lidar com o que iam enfrentar – a guerra na selva, uma arte em que o exército japonês iria se mostrar perito.

Contudo, embora o Japão estivesse prestes a declarar guerra, a *Grasshopper* e os demais navios chegaram a Cingapura quando o lugar ainda vivia sua fama anterior à guerra, de “negócios – e prazeres – como sempre”. Enquanto o conflito se espalhava pela Europa e as tropas

britânicas e Aliadas eram rechaçadas da França, Cingapura permanecia aparentemente distante e ilesa no conflito como um todo.

Quanto a Judy, estava se acostumando a um novo e estranho tipo de vida a bordo de um navio de guerra que não cruzava mais as águas do imenso rio Yangtzé. Se comparada aos meses que passara a bordo da canhoneira cumprindo patrulhas nas águas chinesas, a vida em Cingapura se mostrava notavelmente pacata – mas isso não demoraria a mudar.

Judy fizera amizade com um novo grupo de pessoas a bordo, notavelmente o suboficial-chefe George White, que conhecera da forma mais estranha possível. Na manhã em que se juntou à *Grasshopper* no porto de Keppel de Cingapura, o timoneiro White subiu a passarela para fazer seu relato sem esperar o que estava por vir. Chegou a bordo e prestou continência, quando foi quase derrubado por algo que se colidiu contra seus ombros e parecia não desgrudar mais de lá – antes de arrancar seu quepe!

Por sua vez, o atacante do timoneiro White – Mickey, o macaco – chegara a bordo do navio pouco tempo antes. Os tripulantes da *Grasshopper* concordaram em cuidar temporariamente de Mickey, enquanto seu navio e tripulação estavam em uma missão no golfo Pérsico. Judy

odiava o macaco, mas, naquela manhã, observou com certo fascínio a maneira como o timoneiro White foi atacado.

O homem provou ser mais que páreo para o macaco. Em um piscar de olhos, agarrou Mickey antes que este pudesse escapar, pegou de volta o quepe e, sem cerimônia, atirou o pequeno animal no convés.

Chiando de raiva, Mickey tentou reclamar seu prêmio, mas o timoneiro White se fez de surdo. Colocou de volta o quepe firmemente na cabeça e foi então que percebeu a presença de Judy. Com a cabeça inclinada de lado com ar de deleite, estava sentada fora do alcance de Mickey, o qual fora amarrado com uma correia a um arame que se estendia pelo comprimento do navio. O timoneiro White poderia ter ficado impressionado por sua beleza, não fosse o ar de deboche com o qual ela parecia olhá-lo.

— Ela está zombando de mim — ele resmungou, supondo que a cadela e o macaco do navio estivessem de conluio no ataque.

Rapidamente, White iria aprender que os animais não morriam de amor um pelo outro. A primeira vez que Judy se deparara com Mickey talvez tenha sido seu pior momento desde que caíra na fossa séptica de Hankow. Sem que ela soubesse, Mickey acabara de ser acomodado a bordo, e o arame fora estendido com um anel de metal correndo por

todo o comprimento para que o animal pudesse se deslocar. Judy entrou no perímetro sem saber da ameaça, e Mickey resolveu se lançar sobre suas costas.

A tripulação inteira apareceu para observar Judy, que pulava, corcoveava, saltava e cabriolava como um cavalo de rodeio, enquanto Mickey a agarrava com as duas mãos e não era derrubado.

Finalmente, atordoada e derrotada, Judy fez o mesmo que fizera quando presa na fossa de Hankow – gemeu com todas as suas forças para pedir ajuda. Parecendo ter percebido o desespero que estava causando, Mickey desmontou. Em um gesto de reconforto, tentou passar o braço em volta do pescoço do corcel, mas Judy se fez de surda.

Ela recuou lentamente, com os olhos fixos naquele pequeno bruto, até poder escapulir pelas escadas do refeitório – sob os aplausos da tripulação do navio. A partir de então, Judy tolerou Mickey, e só. Todas as vezes que ele conseguia pular sobre suas costas, ela o levava por onde ia, sofrendo em digno silêncio. Porém, estava determinada a tirar algum divertimento da presença do diabinho, o que acabara de acontecer ao vê-lo atacar o timoneiro White.

Naquele dia, outro novo tripulante ingressou na flotilha de canhoneiras, e, como o timoneiro White, viera diretamente da Inglaterra. Ao se apresentar para o serviço, o

primeiro-foguista Les Searle conseguiu se esquivar do atrevido macaco, mas logo se aproximaria de Judy – a cadela do navio que começara a ganhar status de lenda como a mais leal defensora das canhoneiras, fama que estava prestes a ser testada para além dos seus limites.

*

Motivado por uma necessidade de recursos naturais – o Japão possuía poucos recursos próprios – e com a guerra mal encaminhada para a Grã-Bretanha e os Aliados na Europa, o Império do Japão decidiu que estava na hora de retaliar. O principal objetivo da sua série de ataques-surpresa, perfeitamente coordenados, era abarcar as ricas reservas de petróleo e carvão da Malásia, da Indonésia, de Brunei e das Filipinas.

Como Cingapura ficava no exato centro do território que cobiçava, a fortaleza em forma de ilha teria que ser aniquilada para que o plano japonês tivesse êxito.

A milhares de quilômetros dali, bem no meio do oceano Pacífico, a base americana de Pearl Harbor também teria que ser reduzida a ruínas fumegantes, se o Japão Imperial quisesse evitar que as forças americanas viessem ajudar seus Aliados. As bases americanas nas Filipinas – bem perto da Malásia e da Indonésia –, do mesmo modo, deveriam ser bombardeadas até se renderem.

Então, foi por isso que às 4h00 da manhã do dia 8 de dezembro de 1941 – embora ainda fosse 7 de dezembro na linha de data internacional do Havaí – as primeiras ondas de bombardeiros japoneses atingiram Cingapura, que não estava esperando por isso. Simultaneamente, aviões de guerra japoneses baseados em navios porta-aviões iniciaram um violento ataque contra Pearl Harbor. Aproveitando-se do total efeito surpresa, causaram consideráveis danos à Frota do Pacífico dos Estados Unidos.

Outros ataques japoneses atingiram bases nas Filipinas, enquanto alguns navios desembarcavam tropas em terra na Malásia para abrir caminho até Cingapura.

Com ondas de aviões japoneses bombardeando essa ilha britânica, os navios de guerra britânicos *HMS Repulse* e *Prince of Wales* foram enviados desde a Jamaica em sua ajuda. Parte da chamada “Força Z”, o encouraçado e o cruzador eram escoltados por quatro contratorpedeiros, mas não tinham proteção aérea. A caminho, eles tiveram a infelicidade de ser localizados por um submarino japonês, o I-56, que conseguiu levar aviões de guerra contra eles.

Ondas sucessivas de bombardeiros japoneses Mitsubishi G3M – os mesmos que bombardearam as canhoneiras ao longo do Yangtzé – atingiram os navios com torpedos e

bombas. Às 12h35 de 11 de dezembro, o *Repulse* foi o primeiro a afundar, seguido do *Prince of Wales* menos de uma hora depois. Apenas quatro aviões inimigos haviam sido destruídos.

A notícia de que ambos os navios haviam afundado foi recebida com grande comoção na Grã-Bretanha. A resposta inicial de Churchill foi de descrença.

– Tem certeza de que é verdade? – ele perguntou. Era um terrível golpe para as forças encarregadas de defender Cingapura e deter o avanço dos japoneses.

Por mais incrível que parecesse, as três canhoneiras do rio Yangtzé atracadas em Cingapura estavam agora entre os maiores navios de guerra disponíveis para os defensores. Nos dias que se seguiram, as forças japonesas progrediram, avançando cada vez mais para o sul, através da Malásia, rumo a Cingapura. Os defensores lutavam bravamente, mas eram superados em poder de fogo e estratégia, e sofriam ameaças aéreas por todo lado.

A *Grasshopper* e a *Dragonfly*, além de sua nau irmã, a HMS *Scorpion*, entraram em ação repetidamente, embora só pudessem se mover à noite para evitar ataques aéreos. Bombardearam as forças inimigas, acolheram tropas em retirada da selva em ousadas missões de resgate, e, o tempo

todo, contaram com os ferozes latidos de Judy como sistema de alarme prévio, o que permitiu que se escondessem de qualquer avião de guerra japonês à espreita.

Em uma dessas atrevidas operações, as três canhoneiras resgataram 1.500 soldados britânicos nas barbas dos japoneses, trazendo-os em segurança até Cingapura. Durante outra missão, o primeiro-foguista Les Searle – que apenas recentemente se juntara às canhoneiras em Cingapura – foi a terra com quatro outros homens para localizar e resgatar soldados Aliados. Em vez disso, a pequena tropa deparou-se com o inimigo na escuridão, e Searle levou um tiro na perna.

O primeiro-foguista e seus companheiros conseguiram voltar ao navio, e ele foi levado ao Hospital Naval de Cingapura. Desde o início das hostilidades, Judy criara o hábito de acompanhar o médico assistente da *Grasshopper* em suas visitas em terra aos homens doentes e feridos. Ela parecia sentir que sua presença entre os feridos lhes trazia grande reconforto.

Les Searle sabia tudo a respeito da milagrosa cadela da *Grasshopper*, mas o tempo de convalescença da perna ferida foi sua primeira oportunidade verdadeira de conhecê-la. Enquanto passava os dedos no pelo fino e brilhante, seus pensamentos iam até sua casa. Essa era a beleza de ter um

animal como Judy a bordo – ou visitando os doentes, como agora o fazia. Permitia à mente escapar da selvageria da guerra para pensamentos de tempos mais brandos, daqueles que, infelizmente, pareciam definhar em um passado distante.

Houve uma conexão profunda e instintiva entre Les Searle, o marinheiro ferido, e Judy, a mascote do navio. Provou ser uma amizade duradoura, daquelas que trazem fé na vida, nos sangrentos meses e anos que se seguiriam.

*

Foi em 11 de fevereiro de 1942 que a frota de pequenos barcos remanescentes em Cingapura finalmente obteve permissão de evacuar. Nas oito semanas anteriores, a ilha havia sido reduzida a ruínas por ataques aéreos. Os tanques de armazenamento de petróleo do porto estavam queimando intensamente, espalhando pela área um espesso véu de fumaça tóxica sufocante que se misturava à dos incêndios que tomavam conta da cidade.

Esperando por outro Milagre de Dunquerque,^[1] muitos acreditavam que, de algum modo, poderiam deixar o local em segurança – desprezando a superioridade quase total dos japoneses no ar e no mar. A canhoneira *HMS Scorpion*, já seriamente danificada por bombardeios japoneses, foi o

primeiro dos pequenos navios a sair. Abarrotada de civis fugindo da ilha sitiada, chegou ao estreito de Berhala, cerca de 300 quilômetros ao sul de Cingapura, antes de se deparar com a vanguarda da frota de invasão japonesa – o cruzador leve *Yura*, escoltado por dois contratorpedeiros, o *Fubuki* e o *Asagiri*.

Embora suas armas inspirassem desconfiança, o pequeno navio tinha poucas chances. Incendiado da proa à popa e sem controle, levava apenas vinte sobreviventes no momento em que afundou, os quais foram resgatados pelos japoneses. Um dos falecidos era o suboficial-chefe Charles Goodyear, cujo casamento com uma garçonne russa havia provocado o pessimismo de um vidente chinês em Xangai. Muitos outros amigos queridos de Judy iriam perder a vida antes do final da semana.

Em 13 de fevereiro, a evacuação de Cingapura chegava ao fim, com cerca de cinquenta pequenos navios prestes a deixar a cidade sitiada. Fora dada prioridade às mulheres e crianças.

À medida que traziam a bordo crianças assustadas e confortavam mulheres desnorteadas, os tripulantes da *Grasshopper* tentavam achar um jeito de acomodar as hordas de passageiros extras.

Judy de Sussex não precisou se preocupar com tamanhos detalhes: naquele dia esteve por toda parte, correndo de uma nova chegada a outra, mexendo a cauda sem parar e aninhando o focinho nas mãos dos mais chorosos e desesperados. De certo modo, ela parecia sentir a gravidade da situação e saber quanto a presença de um cachorro, símbolo de normalidade e de lar, podia reconfortar as pessoas evacuadas, muitas das quais haviam sido obrigadas a deixar para trás seu próprio animal de estimação tão querido.

Ela era especialmente fantástica com as crianças. Judy as levava por todo canto do navio, mostrando-lhes os melhores lugares para se esconder, e fazendo suas brincadeiras favoritas com aqueles que ainda tinham espírito para brincar. Mas havia mesmo pouco espaço para a diversão, já que a *Grasshopper* estava ficando cada vez mais lotada. Sua tripulação normal de 75 membros havia sido multiplicada por quatro, e duzentas pessoas a mais se amontoavam nos conveses.

O suboficial White – vítima recente do ataque de Mickey, o macaco – era timoneiro do navio, o que significava que seu trabalho consistia em cuidar das principais necessidades dos evacuados. De algum modo, em uma Cingapura avassalada pela guerra, ele precisava encontrar água e comida em

quantidade suficiente para duzentas pessoas a mais e atender a necessidades especiais como leite para bebês, sabão, papel higiênico e uma sobra de chocolate, se pudesse encontrar.

Desde o mês de setembro anterior, a *Grasshopper* tinha um novo capitão. Junto com seus principais oficiais, o comandante Jack Hoffman estava atarefado na ponte, estudando as possíveis rotas de fuga – embora nenhuma parecesse lhes oferecer muitas chances de escapar. Ele acabara de receber a notícia de que três pequenos navios lotados de refugiados – embarcações locais, o *Redang*, o *Siang Wo* e o *Giang Bee* – haviam sido interceptados e afundados no mesmo dia.

Às 21h00, a *Grasshopper* desatracou e seguiu para o mar aberto. Era acompanhada de outra embarcação idêntica, a *Dragonfly*, além de um rebocador do estaleiro e de dois navios de recreio a vapor, de convés duplo. As cinco embarcações estavam abarrotadas de refugiados, da proa à popa. Na traseira da lotada *Grasshopper*, Judy encontrara um lugar especial. Aninhara-se com os mais necessitados – as crianças que estavam sendo evacuadas da ilha sitiada, a qual continuava sofrendo intensos bombardeios quando eles saíam do porto de Keppel.

Enquanto a *Grasshopper* rumava para a relativa segurança das águas escuras, o uivo esganiçado de aviões japoneses mergulhando rasgou o céu. O som de arrepiar era pontuado pelo grito de bombas caindo e o rugido da terra tremendo quando explodiam no meio das instalações do porto. Um holofote intermitente atravessava a escuridão carregada de fumaça, enquanto os defensores procuravam acertar um bombardeiro japonês na luz, e opunham resistência ao fogo inimigo. Mas, para aqueles que se afastavam de Cingapura, o destino da ilha era evidente.

CAPÍTULO OITO

A *Grasshopper* e os outros navios gêmeos estavam seguindo um “canal seguro” para o sul, que, supostamente, havia sido varrido de minas. Esse canal se estendia pelos estreitos de Berhala e Banka, levando até as águas mais abertas do mar de Java. Infelizmente, era exatamente pela mesma rota que a frota invasora japonesa escolhera se aproximar da malfadada ilha de Cingapura.

À frente da *Grasshopper* e da *Dragonfly*, o primeiro navio que encontrou a armada, vindo em sentido contrário, foi o minúsculo HMS *Li Wo*, comandado pelo tenente Wilkinson, da Marinha Real. O *Li Wo* ficou espremido no meio de uma maciça força naval japonesa – duas fileiras de navios de transporte, cada uma liderada por um cruzador e fechada por um contratorpedeiro.

Destemido, o capitão ordenou que o navio se aproximasse a menos de 2 quilômetros do navio de transporte inimigo mais próximo, e abriu fogo. A terceira salva da única

metralhadora 102 mm do *Li Wo* acertou o alvo logo abaixo da ponte e incendiou o navio inimigo, mas nesse momento os japoneses já haviam despertado para o ataque.

Como o navio danificado estava bem perto, o tenente Wilkinson ordenou que seu navio o golpeasse. Assim foi feito, e o *Li Wo* colidiu em velocidade máxima bem no meio do navio inimigo, de maneira que as duas embarcações ficaram fatalmente presas. A batalha começou nesse espaço exíguo. Foi brutal e feroz, já que cada tripulação varria a do outro navio com saraivadas de metralhadoras. Os atiradores britânicos finalmente silenciaram seus rivais, obrigando os japoneses a abandonarem o navio, que estava queimando intensamente.

O *Li Wo* recuou do buraco que abrira na lateral da embarcação japonesa, e logo percebeu que estava sendo perseguido pelo cruzador inimigo. Enfrentando a barreira de fogo de canhões de 152,4 mm, o *Li Wo* ficou ziguezagueando para evitar ser atingido. Mas, depois que a nona saraivada o atingiu com estilhaços, foi dada ordem de abandonar o navio. Logo após, o paiol de munições foi atingido, causando uma explosão cataclísmica.

O *Li Wo* afundou com o capitão, o tenente Wilkinson, ainda na ponte, e houve poucos ou nenhum sobrevivente. Por suas ações heroicas no comando do seu minúsculo navio

– em número inferior e com potência de fogo reduzida, mas valente até o final –, o tenente Wilkinson recebeu, como homenagem póstuma, a Cruz Victoria.

A menos de uma milha de lá, outro navio menor, o *Vyner Brooke*, comandado pelo tenente Burton, da Marinha Real, foi o próximo a ser atacado. Após dois tiros diretos, acabou sendo enviado para o fundo do mar. Muitos sobreviventes, inclusive dezenas de enfermeiras australianas, conseguiram chegar a salvo na vizinha ilha de Banka, mas logo foram capturados por uma patrulha terrestre japonesa. Os homens foram afastados das enfermeiras e mortos a golpe de baioneta na selva ou degolados. As mulheres foram muito provavelmente estupradas antes de serem levadas ao mar e metralhadas na água.

Dezenas de milhas ao norte da ilha de Banka, a *Grasshopper* e a *Dragonfly* estavam se dirigindo a esse sangrento e seviciado ponto do oceano, junto com três navios pequenos abarrotados de refugiados civis – os dois navios de recreio a vapor e o rebocador. E foi Judy que logo percebeu que o inimigo estava se aproximando.

O primeiro indício do perigo iminente veio por meio do informal sistema de alarme prévio da *Grasshopper* – a cadela do navio. De repente, Judy se sentou, ereta. Em um momento estava brincando com as crianças, e no instante

seguinte suas orelhas apontaram para a frente e ela ficou imóvel, os membros retesados como só os pointers sabem fazer, os olhos vidrados para o horizonte distante, a mente totalmente focada em seu sentido auditivo.

Após uns segundos, ela abandonou sua posição e se precipitou para a ponte do navio. Estava latindo para alertar ao mesmo tempo que voava pela escadaria de ferro, até chegar aos pés do capitão do navio, o comandante Hoffman, sem fôlego e arfando. O capitão estava prestes a ordenar que ela descesse de volta, mas ele e o suboficial-chefe White – o antigo oponente do macaco Mickey – observavam-na com crescente sentimento de alarme à medida que o familiar comportamento de Judy foi se revelando.

Com o focinho brilhante, ela apontou para o norte do céu e soltou uma longa série de ferozes latidos, sem se mostrar disposta a parar. Sabendo o que isso devia significar, o capitão ordenou que seus homens fossem aos postos de batalha. Como não poderia deixar de ser, enquanto os latidos de Judy se transformavam em um frenético e irregular *ruf-ruf ruf-ruf, ruf*, destacou-se ao longe o primeiro ponto minúsculo em meio ao azul-vivo. Ainda inaudível para o ouvido humano, foi apenas a luz do sol se refletindo nas asas que revelou que não se tratava de uma ave marinha, mas de um avião.

Não era um avião de reconhecimento de navios solitário. Enquanto uma verdadeira armada aérea mergulhava em sua direção, os homens da ponte da *Grasshopper* contaram mais de cem bombardeiros voando em cinco formações separadas. Durante as longas semanas que passara sob bombardeio, primeiro no Yangtzé e mais recentemente em Cingapura, a tripulação do navio havia se acostumado à visão de ondas maciças de aeronaves inimigas rugindo no céu. Mas encontrá-las aqui, no meio do oceano, e com centenas de passageiros civis sob sua proteção, era uma situação bem mais intimidadora.

Os bombardeiros da frente mergulharam sobre a nau capitânia da flotilha, a *HMS Dragonfly*. Enquanto as metralhadoras e os canhões dos navios opunham uma violenta resistência, as bombas caíam em volta como uma chuva. Recorrendo a uma tática evasiva, o capitão mandou o navio andar em círculos e em velocidade máxima, enquanto suas armas desencadeavam um inferno, e, por um longo momento, as aeronaves pareceram incapazes de atingi-lo. Mas, embora a *Grasshopper* também usasse toda a sua força de ataque, não teve a mesma sorte.

No primeiro tiro que atingiu a *Grasshopper*, os estilhaços bateram contra as espessas placas de blindagem e

ricochetearam por toda a superestrutura, enquanto a explosão varria a ponte com ardentes cacos de aço. O comandante Hoffman ficou ferido na detonação, sofrendo um corte profundo na perna, enquanto o braço direito e a mão do suboficial-chefe White foram atingidos por lascas rasantes de metal.

O fogo se propagou por causa da explosão, mas logo a tripulação do navio conseguiu controlá-lo. Porém, enquanto cuidavam disso, outros KI-21 mergulharam, lançando em direção ao navio suas bombas que desciam com arrepiantes gemidos esganiçados. Torres de espuma jorravam por todos os lados da *Grasshopper*, enquanto a embarcação avançava com dificuldade em meio à tempestade de fogo. Por instantes, o navio ficou invisível por causa da parede de água projetada para o alto pelas deflagrações.

As armas da *Grasshopper* continuavam seu tiroteio, embora os atiradores estivessem meio cegos por causa dos jorros de água. O rebocador e os dois navios de recreio a vapor estavam totalmente indefesos – com exceção do poder de fogo das canhoneiras.

Em poucos minutos, os dois navios a vapor se imobilizaram, tomados por um intenso incêndio. O

rebocador, que fora atingido diretamente, havia desaparecido por inteiro.

Durante vários minutos, a *Dragonfly* deu a impressão de ter muita sorte, já que nenhuma bomba parecia atingi-la diretamente. Então uma bomba deve ter explodido no paiol de munições, situado na traseira do navio – ou nas cargas de profundidade armazenadas no convés. Até mesmo a meia milha, distância que então separava a *Dragonfly* da *Grasshopper*, a explosão pareceu devastadora.

Viu-se a luz ofuscante da explosão, e um rugido como um trovão atravessou o mar em direção à *Grasshopper*. Uma coluna maciça de fumaça e de escombros subiu pela traseira da ponte da *Dragonfly*. Quando a visibilidade finalmente voltou, tudo que restava da metade traseira do navio de guerra britânico era uma massa de metal retorcida e queimada. Todos os refugiados que haviam se protegido na popa do navio deviam ter morrido instantaneamente. A popa da *Dragonfly* dava a impressão de ter sido arrancada, os motores estavam parados e o navio parecia condenado.

Enquanto os membros da *Grasshopper* olhavam horrorizados, a *Dragonfly* começou a afundar pela popa. Em questão de minutos, ficou submersa até a metade. Os sobreviventes lançaram um bote salva-vidas ao mar, além de algumas jangadas circulares Carley, e os feridos que

podiam ser resgatados foram conduzidos a bordo. Foi somente então que o comandante Sprott deu a ordem final de “abandonar o navio”, e todos aqueles que podiam caíram no mar e nadaram para longe da embarcação, que afundava rapidamente.

No momento em que o navio desaparecia de vez, duas minúsculas silhuetas saíram da ponte, correram pela lateral e escorregaram pela popa até o mar. O comandante Sprott e seu primeiro-tenente conseguiram escapar da *Dragonfly* no último momento. Em poucos segundos, tudo havia desaparecido; apenas alguns centímetros da proa inclinada ainda apareciam acima das ondas. Não se passaram mais de cinco minutos desde que a explosão cataclísmica a dilacerara e a HMS *Dragonfly* já não existia mais.

As poucas dezenas de sobreviventes subiram a bordo das jangadas Carley, ou foram amontoadas no único bote salva-vidas. Estavam a cerca de doze milhas da terra mais próxima e se comprimiam desesperadamente em embarcações superlotadas. Na ponte da *Grasshopper*, o comandante tomou a única decisão possível. Virou o navio para o local onde a *Dragonfly* havia afundado e, com os motores em pleno funcionamento, traçou uma rota para resgatar os

sobreviventes. Se também conseguisse ajudar os sobreviventes dos dois navios a vapor, seria ainda melhor.

Mas os aviões voando em círculos ainda não se davam por satisfeitos. Enquanto Judy pulava e latia freneticamente em direção ao céu trovejante, cerca de outros sessenta aviões inimigos em formação começaram a mergulhar contra a única canhoneira remanescente. Separaram-se em voos de seis aeronaves cada e desceram até 600 metros, onde após uma manobra, alinhando-se para um ataque rasante destinado a acabar com a persistente canhoneira britânica de uma vez por todas.

Pela enésima vez naquela manhã, o comandante Hoffman ordenou aos atiradores que abrissem fogo, e as seis metralhadoras de 7,7 mm da *Grasshopper* cuspiram fogo na cara dos belicosos bombardeiros. Naquela altura, Judy já estava acostumada ao som das armas do navio. Obviamente, não gostava disso, mas sua raiva aumentava e ela rosnava para o céu acima do navio, provando que sabia claramente de onde vinha o verdadeiro perigo.

Da ponte da *Grasshopper* a cena parecia quase irreal. Os latidos de Judy se misturavam aos gemidos das mulheres e das crianças que lotavam os conveses, o manto de selva “paradisiaca” das ilhas ao longe acrescentando um toque surreal à cena. Mesmo assim, os primeiros minutos do

ataque pareceram ainda mais surreais: repetidas ondas de KI-21 berravam no alto, enquanto a *Grasshopper* avançava a 17 nós, remoendo a água em uma série de círculos fechados, e assim, todas as vezes, as bombas pareciam errar o alvo.

A cada revolução do navio pelas águas, o comandante Hoffman o trazia para mais perto da terra. Se fosse atingido, como ele temia, queria estar perto de terra firme para ter a chance de salvar sua tripulação e os civis, que, aterrorizados, estavam agachados nos conveses.

Foi então que um dos aviões japoneses deve ter tido sorte. Um objeto preto e brilhante pareceu cair em câmera lenta diretamente na ponte. No último momento, passou do ponto e bateu no convés do refeitório de trás, bem na traseira da superestrutura do navio. Explodiu nas entranhas da embarcação, espalhando destruição no convés do refeitório, sacudindo o barco como um cachorro faz com um osso.

A *Grasshopper* tremeu da proa à popa, mas, por enquanto, os danos não pareciam ser fatais. Foi somente quando furiosas labaredas saíram do porão do navio, ao lado do armazém traseiro – o depósito de munições do navio –, que o comandante Hoffman soube que estavam em apuros. Diante do intenso incêndio, a tripulação lutou para inundar o depósito com água do mar, para evitar que explodisse, mas

isso se revelou impossível. A ponte recebeu a informação de que nada podia ser feito para evitar que as chamas chegassem ao depósito de munições, que deveria explodir a qualquer momento.

Agora, o comandante Hoffman sabia que precisava tirar todo mundo do navio o quanto antes. Se o fogo alcançasse o depósito de munições, eles sofreriam um destino semelhante ao da *Dragonfly* – ao explodir, a popa do navio se separaria. Embora ferido, o capitão Hoffman ainda estava perfeitamente no controle do seu navio. Com a proa apontando diretamente para a imaculada areia branca da ilha tropical mais próxima, ele exigiu dos dois motores um último sopro de energia.

Com a proa partindo a água como uma faca, a *Grasshopper* deu início à sua última e desesperada corrida. Não havia tempo hábil para qualquer requinte: diante das próximas ondas de aviões japoneses prestes a atacar, o comandante planejou levar a embarcação para as águas rasas e encalhá-la. À medida que a sala das máquinas começava a ficar inundada, os foguistas tiraram das caldeiras a última energia remanescente. As turbinas pulsavam, o convés vibrava, e as duas hélices da *Grasshopper* rasgavam o mar, enquanto uma longa coluna de fumaça se erguia no céu atrás

dele, servindo de marcador para os aviões KI-21, que se aproximavam.

Mais duas vezes, eles lançaram bombas ao redor do navio atingido, o qual rumava a grande velocidade em direção à terra. Milagrosamente, nenhuma das munições encontrou o alvo – até haver o impacto trepidante e dilacerante no fundo do navio e a *Grasshopper* finalmente parar, imobilizada pela pouca profundidade. A areia branca e imaculada estava a menos de 100 metros de distância, o que deveria facilitar o transporte dos feridos e sobreviventes – humanos e caninos – para terra.

O capitão deu a ordem de abandonar o navio. Enquanto a tripulação se atarefava freneticamente pelo navio, descendo as jangadas e os botes salva-vidas, e apressava as mulheres e as crianças aterrorizadas, o único consolo parecia vir do céu acima, que se tornara misericordiosamente silencioso. Tão rápido quanto se materializou, a armada aérea japonesa havia desaparecido: muito provavelmente porque não tinha mais bombas. Mas, no mesmo instante, um novo e terrível drama estava prestes a acontecer em torno dos escombros da canhoneira *Dragonfly*.

O único bote salva-vidas da *Dragonfly* estava desesperadamente superlotado – tanto que quem já estava a

bordo se recusava a aceitar outros sobreviventes. As jangadas também estavam sobrecarregadas, e os grupos ainda na água não tinham outra opção senão percorrer nadando uma longa distância até a terra. Porém, cerca de 30 minutos após o último avião japonês ter desaparecido, uma nova ameaça surgiu à vista. Vinda do leste em voo rasante, chegava uma nova onda de aviões.

Dessa vez, havia menos KI-21, mas o “trabalho” também era menor. Dividiram-se em formações de três voando lado a lado, e mergulharam a ponto de quase tocar a água. O primeiro trio desceu sobre o bote salva-vidas da *Dragonfly* e abriu fogo. As balas de metralhadora despedaçaram a pequena embarcação. A segunda e a terceira formação rugiram sobre o mar antes de também atacar o barco sem piedade. Com o minúsculo barco de madeira perfurado pelas balas, os KI-21 voltaram suas atenções para aqueles agarrados às jangadas Carley e para qualquer um que pudessem encontrar na água.

Tendo matado os sobreviventes da *Dragonfly*, os aviões se viraram para o último alvo restante – a *Grasshopper*. Naquela altura, os feridos, as mulheres e as crianças haviam sido carregados a bordo do bote salva-vidas do navio. A maior parte da tripulação estava reunida em torno das jangadas

Carley, ou saíra em grupos para percorrer a nado a curta distância até a praia. Mas o capitão Hoffman e o suboficial-chefe White permaneciam na ponte com uma tarefa vital a cumprir – dirigir o fogo das armas do navio.

Embora encalhada, quebrada e incendiada, a *Grasshopper* ainda tinha como lutar. E era vital que suas seis metralhadoras de 7,7 mm continuassem atirando até que quem se dirigisse à ilha estivesse protegido pela espessa selva. Com enorme sentimento de ódio e repugnância, a tripulação da *Grasshopper*, que vira o que os bombardeiros japoneses fizeram aos sobreviventes da *Dragonfly*, estava disposta a responder com fogo ao fogo homicida do inimigo.

Mesmo naufragada e condenada, a *Grasshopper* ainda era uma excelente e estável plataforma de fogo – ou, pelo menos, serviria até que o depósito de munições estivesse tomado pelas chamas e explodisse. De fato, sob o granizo de balas lançadas a partir do navio danificado, o bote salva-vidas e as jangadas Carley conseguiram chegar a terra sem muitos danos.

Quando finalmente se deu o sinal de que todos haviam chegado salvos à praia, as armas da *Grasshopper* silenciaram. Aqueles que ainda estavam a bordo do navio – manuseando as armas e na ponte – se precipitaram para o mar e nadaram nas águas rasas. Mas, ao dar uma última olhada no navio

condenado, o suboficial-chefe White não conseguiu achar um membro muito especial da tripulação – Judy. Em meio ao inferno da batalha, a cadela e sempre fiel mascote da *Grasshopper* parecia ter desaparecido.

Presumindo que Judy dera um jeito de chegar a terra, White se jogou ao mar e nadou até a costa.

CAPÍTULO NOVE

No mesmo momento em que o último tripulante da *Grasshopper* mergulhava na água quente do mar, estavam se desenrolando os momentos finais da “ilha-fortaleza” britânica. Em questão de horas, Cingapura iria cair, na maior rendição de forças militares lideradas por britânicos da história. Cerca de 80 mil britânicos, australianos, indianos e outros militares Aliados seriam levados como prisioneiros de guerra dos japoneses, naquilo que Churchill descreveu como o “pior desastre” da história militar britânica.

Assim como 15 de fevereiro de 1942 foi uma das horas mais sombrias da Grã-Bretanha, o destino dos sobreviventes da *Grasshopper* decididamente provaria ser desanimador. Relatou-se que cinco membros da tripulação tinham morrido, quatro estavam seriamente feridos e vários, tanto militares quanto civis, estavam desaparecidos. Muitos sobreviventes estavam em estado de choque. De fato, sua situação nessa ilha desconhecida parecia bem precária.

Tinham poucos bens, nenhum suprimento médico, pouca comida e nenhum rastro visível de água doce.

Ao mesmo tempo, era óbvio que as forças japonesas estavam sobrevoando essas ilhas. A prioridade era abrigar os feridos em um lugar em que ficassem fora de vista e pudessem receber os possíveis cuidados. O comandante Hoffman podia ter perdido seu navio, mas ainda era encarregado da tripulação, e fez uma avaliação rápida de quem e do que estava disponível.

Além de cerca de cinquenta tripulantes, havia um punhado de enfermeiras australianas, que iriam provar sua utilidade ao cuidar dos feridos. Junto, havia seis membros da Marinha Real, sobreviventes do recente afundamento dos navios de guerra britânicos *Repulse* e *Prince of Wales*. Hoffman deu a esses militares a tarefa que lhes era a mais adequada – investigar a ilha de cabo a rabo à procura de água doce, e de eventuais moradores ou sobreviventes de outros navios.

E também havia inúmeras mulheres e crianças para reconfortar e dar atenção. Uma das mulheres era cega e era constantemente assistida pela filha. O bem-estar dos civis devia ser uma das suas prioridades, logo após os feridos. O comandante Hoffman deu à tripulação a tarefa de limpar uma área onde a praia encontrava a selva. Macas foram

improvisadas juntando-se galhos de árvores, e os feridos puderam deitar nelas à sombra. Em seguida, cavaram-se covas no solo arenoso, e os mortos cujos corpos haviam sido trazidos para terra foram enterrados.

No final da tarde, os marinheiros voltaram da busca com más notícias. Até onde podiam dizer, a ilha era deserta, não encontraram provas de que houvesse outros sobreviventes e, pior de tudo, não havia sinal de água potável. Esse passou a ser então o problema principal do comandante Hoffman. Na praia aberta, o sol castigava, e, mesmo à sombra das árvores, o ar era sufocante e úmido. Eles careciam desesperadamente de água, sobretudo os feridos, que precisavam se reidratar após terem perdido tanto sangue.

O comandante Hoffman virou os olhos na direção da *Grasshopper*. A maré havia baixado, deixando aparecer mais o barco encalhado, cuja posição formava um estranho ângulo em relação ao mar. A fumaça do incêndio continuava subindo do convés de popa. Explosões esporádicas ecoavam pela água, quando as chamas alcançavam algo mais inflamável. Ninguém sabia a quais riscos a tripulação poderia se expor caso decidisse regressar ao barco, mas, se não o fizesse, muitos homens da companhia certamente iriam morrer.

Hoffman deu uma olhada para o homem atrás dele – o suboficial-chefe White, o robusto timoneiro da *Grasshopper*. Em seguida, olhou em direção ao barco.

— Timoneiro, quando o bote salva-vidas voltar, quero que vá a bordo da *Grasshopper*. Leve alguns homens junto e veja se algo pode ser salvo. As prioridades são a água, os suprimentos médicos, a comida, as roupas, inclusive as de cama.

Agora, era a vez de White olhar para o navio. O bote salva-vidas fora enviado para dar a volta na ilha e fazer uma busca mais aprofundada por eventuais sobreviventes. Não se sabia quanto tempo demoraria a regressar – tempo que os feridos talvez não pudessem se dar ao luxo de esperar.

— Permissão para ir agora, senhor — ofereceu-se White.
— Fica perto a nado, e posso montar uma jangada uma vez que esteja a bordo.

— Muito bem, timoneiro. Assim que estiver pronto.

O capitão da *Grasshopper* não se mostrara nem um pouco surpreso diante da sugestão do timoneiro White. Teria ficado mais chocado se este não tivesse se oferecido para ir. Mas, ao mesmo tempo, ele não duvidava da coragem do homem. Além do perigo de subir a bordo do navio em chamas, tubarões haviam sido vistos ao redor da embarcação

naufrajada, sem dúvida atraídos pelos corpos que se encontravam na água.

Destemido e resoluto, White entrou no mar e se dirigiu para o navio. O quanto fosse possível, ia manter a mente focada na tarefa que o esperava, mas seus pensamentos eram atraídos pelo que podia estar à espreita *debaixo* d'água. Os tubarões costumavam mesmo nadar com a barbatana dorsal acima da superfície ao se aproximarem da presa? Ou se emboscavam, escondidos nas profundezas, e atacavam por baixo, à altura das pernas?

No momento em que chegou ao barco, teve certeza de que havia quebrado o recorde dos 50 metros! Ergueu-se por uma das laterais do navio, que se inclinara bastante na maré baixa. Agora, sua primeira tarefa era construir uma jangada com a qual pudesse levar qualquer objeto útil à terra. Tanto a ponte quanto a casa do leme tinham uma “grade de convés” – uma forte treliça de madeira posta no chão – que serviria perfeitamente de plataforma para a jangada.

Ele trouxe as treliças ao ar livre, amarrou-as uma em cima da outra, antes de passá-las por cima da lateral do navio. Agora, ele tinha uma plataforma flutuante aproveitável, que amarrou ao corrimão do navio com um pedaço de corda. Isso feito, White entrou no que outrora fora o alojamento dos oficiais, situado na parte dianteira do

navio. Ainda estava em grande parte acima da água e seco. Pegou roupas de cama, vasilhames e panelas e quanta comida enlatada pôde carregar nas mãos. Cada item foi erguido através da portinhola e empilhado no convés de cima. Como um bônus, encontrou uma garrafa de uísque intacta.

— Apenas para uso médico — disse a si mesmo ao colocá-la na crescente pilha de objetos.

Seguiu adiante em direção ao convés principal do navio. White desceu cuidadosamente os degraus de metal da escada, uma vez que o mar já havia se infiltrado nessa parte do navio e a água logo lhe chegou à altura da cintura. Avançou devagar na escuridão, abrindo caminho entre mesas e cadeiras que boiavam na água oleosa, procurando com as mãos qualquer coisa que fosse útil.

Quanto mais avançava para os cantos, mais escuro ficava o lugar, até que acabou encontrando o caminho se guiando quase que exclusivamente pelo tato. Foi então que ele se imobilizou. Ouvira vagamente o mais inesperado e angustiante dos sons. Num primeiro instante, White disse a si mesmo que seus ouvidos o estavam enganando, mas, ao prestar atenção, ouviu de novo o som. À sua frente, nas misteriosas trevas, ouvia-se perceptivelmente algo estranho que lembrava um gemido.

Era muito inesperado detectar um ruído desses naquele lugar, nas entranhas de um navio fantasma encalhado no mar. Mais uma vez o som ecoou – meio gemido e meio choro. Como se uma criança estivesse chorando. White tremeu por inteiro. Era quase como se alguém – algum ser vivo – tivesse sido deixado para trás ali, no convés inundado do refeitório, sem poder escapar e totalmente desesperado. Ou então talvez fossem os espíritos daqueles que haviam morrido ali e vinham assombrar o navio condenado.

White deu meia-volta na água suja, esforçando-se para tentar descobrir de onde vinha o som fantasmagórico. A seu ver, parecia vir de baixo de um conjunto de armários de metal caídos. Usando a divisória como guia, ele a contornou com as mãos estendidas à frente, o coração batendo como uma metralhadora dentro do peito. Pegou-se retendo a respiração: *Quem – ou o quê – podia ser?*

White se aproximou do caos dos armários derrubados, a água batendo contra as laterais ocas à medida que ele chegava mais perto. *Tum, tum, tum* – a água batia contra as gavetas de metal como um tambor. O gemido ficou mais intenso – como se alguém o estivesse chamando. Agora, ele não tinha mais dúvida: por trás daqueles armários derrubados havia um ser vivo, alguém que até então

consequira sobreviver em meio à escuridão e ao caos inundado.

White sentiu uma descarga de um misto de medo e adrenalina, semelhante ao que já experimentara ao fazer a louca travessia pela água infestada de tubarões para chegar ao navio. Devagar, chegou mais perto, sua mão esbranquiçada estendida diante dele para sentir o que havia por trás dos armários. Esticou ainda mais o braço na escuridão. Por um momento, não sentiu nada – certamente nenhum ser vivo –, e então a ponta dos dedos entrou em contato com... um tufo de cabelos encharcados.

Mas não era comparável aos cabelos humanos que ele já apalpara antes. Logo depois, um focinho frio e molhado encontrou sua mão, e White imediatamente soube quem ele havia descoberto ali.

— Judy! Judy! — exclamou com alegria. — Sua boba! Por que não latiu para mim?

No meio de toda a confusão e do choque do ataque e da fuga, os oficiais e a tripulação da *Grasshopper* haviam perdido o rastro do animal. White presumira que estava percorrendo a ilha com o grupo de busca, ou talvez ela estivesse no bote salva-vidas, olhando a distância. Nunca lhe passara pela cabeça que ela ainda pudesse estar a bordo do navio naufragado, ainda mais prisioneira.

Se o capitão não tivesse dado a White a ordem de ir buscar esse material, com certeza o navio teria sido seu túmulo aquoso.

Murmurando palavras de reconforto, ele levantou o primeiro dos pesados armários de cima dela e, logo, Judy ficou livre. Temendo o pior, recolheu a cadela ensopada em seus braços e caminhou em direção à escada, enquanto lhe murmurava palavras de reclamação – *por que não latiu para nós?* – junto com palavras de conforto no ouvido. Uma vez no convés, ele a colocou delicadamente no chão, para poder avaliar seus ferimentos.

Segurando-a com uma mão, ele lhe apalpou as pernas e o corpo à procura de lesões. Enquanto ele fazia isso, Judy parecia lhe dar aquela olhada de soslaio – *obrigada pelo resgate, mas que diabos está fazendo agora?* Finalmente, ele a soltou. Olhou preocupado quando ela se pôs de pé. Meio que esperava que ela fosse tropeçar de dor, por causa de uma fratura no pé ou na perna.

Em vez disso, Judy começou a se chacoalhar da cabeça ao rabo, espirrando uma ducha canina de água salgada sobre seu resgatador. Então, com as patas retesadas, deu um pulo à esquerda e outro à direita, cabisbaixa, como se estivesse pronta para brincar!

Em seguida, mergulhou aos pés de White e lambeu suas mãos. Ele meneou a cabeça de surpresa. Sem saber exatamente se devia rir ou praguejar, optou por fazer ambas as coisas, antes de gritar a boa notícia aos homens na costa.

— Judy! Encontrei Judy! Está aqui no navio!

Com a ajuda de Judy, ele vasculhou o resto do navio. No final da investigação, tinham uma grande pilha de todo tipo de mercadoria amontoada no convés. White demorou vários minutos para carregar o quanto podia sobre a plataforma flutuante, e, finalmente, levou a cadela até a instável jangada. Estava pesada e desajeitada, e, naturalmente, White precisou de toda sua perícia para afastar a jangada sobrecarregada do navio.

Enquanto isso, Judy, firme sobre as quatro patas, espiava por cima da beira da jangada. Algo na água a fascinava. Logo depois, começou a latir desenfreadamente, como se estivesse alertando contra um novo ataque de aviões japoneses, salvo que agora seus olhos fitavam algo nas profundezas abaixo da água. Então, com um último e potente latido de alerta, ela se lançou da jangada para o mar.

White não conseguia entender o que ela queria, e, de qualquer modo, ele precisava usar toda a sua concentração para dirigir a modesta embarcação até a praia. Enquanto isso, Judy estava nadando com vigor, dando voltas ao redor

da jangada como se quisesse circundá-la com sua proteção. Apenas quando outras mãos fortes se juntaram a White para guiar a improvisada jangada pelas águas rasas, Judy parou o que estava fazendo e subiu para terra firme.

Então ela se chacoalhou pela segunda vez nessa manhã – da cabeça ao rabo, molhando todos os seus amigos com água do mar –, antes de soltar uma última salva protetora de latidos em direção à água. White não se estendeu muito no assunto enquanto avançava pelo mar, mas supunha que o extraordinário senso de perigo de Judy havia detectado um tubarão na água. Da mesma maneira que agira em Hankow para salvar o suboficial-chefe Jefferey de um leopardo, ela mergulhara nas águas ao largo dessa ilha tropical para distrair um tubarão da sua presa humana.

Tendo recrutado várias mãos para ajudá-lo a pilotar a jangada e se defender contra qualquer tubarão à espreita, White começou a transportar o resto das mercadorias da embarcação à terra. Assim que a pilha de suprimentos aumentou, a questão imediata da falta de alimentos foi resolvida. Agora, o maior problema continuava sendo a água, já que o pouco que havia sido resgatado da *Grasshopper* não ia durar muito tempo. A tripulação do navio vasculhara a ilha por toda parte, mas nem mesmo uma mínima corrente ou fonte de água parecia querer dar o ar de sua graça nessa

paisagem tropical que, em outras circunstâncias, seria paradisiacamente perfeita.

Enquanto a tripulação continuava a examinar os arredores, cavando buracos pouco profundos nas áreas mais úmidas da floresta ou então procurando em qualquer lugar que parecesse oferecer a mais ínfima promessa de água, Judy se juntava aos homens. Dava uma cheirada em tudo. Trotava de pessoa em pessoa, agitando a cauda ativamente, com a língua pendurada como se tentasse se refrescar no clima abafado do final da tarde.

Mas, mesmo que todos tentassem lhe explicar o que estavam fazendo – *estamos procurando água, sabe* –, Judy não parecia entender bem do que se tratava. Continuava andando ociosamente até o mar, onde mergulhava e brincava na espuma das ondas. Como seus companheiros humanos, Judy sem dúvida sentia calor e tédio, sem mencionar a sede, e um bom mergulho era uma maneira tão boa quanto qualquer outra de se refrescar. A tripulação do navio continuava a chamá-la para ajudar a procurar água, mas ela parecia especialmente atraída por essa extensão de litoral.

O campo rudimentar e improvisado que havia sido aberto na selva já começava a se parecer com algum tipo de hospital militar de linha de frente. Usando os suprimentos médicos da *Grasshopper*, as enfermeiras australianas atendiam os

feridos da melhor forma possível – enfaixando fraturas, limpando e desinfetando feridas, e racionando os preciosos analgésicos. Mas, sem água, havia um limite para o que podia ser realizado.

No espaço em que o acampamento encontrava a praia, os marinheiros estavam construindo um fogão a lenha – com o qual poderiam cozinhar, mas sem correr o risco de serem denunciados pela fumaça que uma fogueira ao ar livre libera. Um dos soldados da Marinha ficou espantado pela maneira como Judy insistia em voltar ao mesmo trecho de areia, bem à beira da água. Ia até lá, gemia e dava patadas no chão, e então latia animadamente – como se tentasse chamar a atenção dos seus companheiros humanos.

O soldado da Marinha perguntou a um membro da tripulação da *Grasshopper*: — O que está acontecendo com sua cadela, chefe? Será que está vendo algo que não conseguimos ver?

O marinheiro foi ao encontro de Judy. Não havia dúvida de que o comportamento dela era curioso. Ele se agachou ao lado dela, coçando-a atrás das orelhas, sabendo que era seu lugar predileto.

— O que está acontecendo, garota?

Em resposta, Judy deu um gemido agudo e começou a cavar. Com as patas dianteiras, arrancava a areia molhada,

que voava atrás dela. Tomado pelo aparente entusiasmo do animal, o perplexo marinheiro se juntou a ela em suas escavações. De repente, houve um gorgolejo no fundo do buraco e um jato de água limpa borbulhou de baixo.

Para todos os efeitos, parecia ser uma fonte.

O marinheiro não acreditava no que via. Debruçou-se, com a mão ávida em concha, pegou água e bebeu. Era fresca e doce. Virou-se e gritou pela praia.

— Água! Água! Judy achou água!

Ali Judy fizera a demonstração de dois dos mais singulares e extraordinários aspectos do comportamento canino. Um é a “desobediência inteligente” – a capacidade de ouvir uma ordem ou um pedido de um ser humano e de ignorá-lo, porque o cão sabe mais. Judy ouvira os incentivos da tripulação da *Grasshopper* para se juntar à busca de água na floresta, mas tinha outras – e, como se viu, melhores – ideias. O segundo é o sexto sentido dos cachorros.

Com muita frequência – como Judy acabara de provar –, os cães parecem capazes de ler nossa mente. Parecem ter o dom de antecipar nosso próximo passo e de adivinhar como nos sentimos. Nos casos mais extremos, são conhecidos por preverem terremotos, a chegada de violentas tempestades, ou até a morte de um companheiro humano. Os mais sensíveis narizes caninos – como o do pointer – podem

detectar feromônios humanos e, assim, também são capazes de “sentir” nosso humor.

Será que Judy leu a linguagem corporal da tripulação do navio – que para ela significava cavar para encontrar algo de importância vital – ao mesmo tempo que sentiu a urgência de algo para beber, e se dispôs a encontrar o que eles procuravam tão desesperadamente? Com certeza é o que parecia ter ocorrido. É bem provável que ela tenha ouvido a água correndo por baixo da areia, ou sentido o cheiro da água fresca. De qualquer modo, seu sexto sentido a levou a entender do que sua família humana precisava, ir atrás e encontrar.

Com o problema da comida e também – graças à maravilhosa cadela – o da água resolvidos, a questão mais urgente dizia respeito aos feridos. O bote salva-vidas da *Dragonfly* chegara até o campo improvisado guiado pelos fumegantes destroços da *Grasshopper*. Estava perfurado de buracos de bala onde os aviões japoneses o haviam acertado, e poucos a bordo estavam ilesos. Apenas os sentados na popa da embarcação – do lado oposto ao que havia sido atacado pelo avião – deixaram de ser atingidos.

Os mortos haviam sido jogados no mar, já que o barco, terrivelmente danificado, mal conseguia carregar os que ainda viviam. O primeiro-foguista Les Searle – já ferido na

Batalha de Cingapura, e que havia sido reconfortado por Judy no hospital da ilha – era um dos mais graduados a bordo do bote salva-vidas da *Dragonfly*. Fez o melhor relato que pôde para o comandante Hoffman de tudo que acontecera, inclusive que o comandante Sprott, capitão da *Dragonfly*, e seu primeiro-tenente provavelmente estavam mortos.

— Fomos atingidos por duas bombas, senhor, e afundamos quase imediatamente — relatou Les Searle. — A maior parte dos feridos ainda está na ilha mais próxima, com o oficial de máquinas Williams cuidando deles. Nenhum oficial sobreviveu, senhor. O último, o tenente Shellard, morreu na ilha.

Até onde Les Searle podia dizer, o mais graduado sobrevivente da *Dragonfly* era o oficial de máquinas chamado Leonard Walter Williams, o principal operador da maquinaria do navio. Todos acima deles – do oficial engenheiro até o capitão do navio – tinham perdido a vida no afundamento da *Dragonfly* e no massacre dos sobreviventes na água.

— Obrigado, Searle — respondeu o comandante Hoffman. — Procure meu timoneiro e traga seus companheiros para perto de nós. Ficaremos melhor todos juntos. Conversaremos de novo mais tarde.

O comandante Hoffman recebeu as terríveis notícias sem que um lampejo de emoção alterasse seus traços impassíveis. Para comandar uma situação como essa, era preciso ter nervos de aço, além de uma atitude firme. O moral de todos aqueles sob suas ordens – soldados, mulheres e outros civis – dependia dele. Mas, agora mesmo, seu maior reforço moral provava ser Judy, a irrepreensível cadela do navio.

Talvez de forma não tão surpreendente, a “ilha paradisíaca” aonde haviam chegado provava ser bem menos idílica vista de perto. Latidos desconfiados de Judy assinalaram que ela havia encontrado outra criatura da selva para enfrentar. A limpeza do campo improvisado obrigara hordas de serpentes a saírem dos seus esconderijos, sem mencionar horríveis aranhas do tamanho de uma mão. Judy de Sussex provava ser uma extraordinária catadora de bichos.

Com as patas retesadas, ela pulava em volta de uma serpente desconhecida que dera um jeito de recostar-se em um canto. Por sua vez, sem dúvida a serpente nunca vira antes um inimigo desse porte – uma pointer inglesa branca e marrom. Judy fingia o ataque, a serpente lançava a cabeça para a frente prestes a golpear, e a cadela pulava de lado, procurando o momento ideal para contra-atacar. Quando

isso ocorria, ela golpeava na velocidade da luz, atacando com as patas e mandíbulas até vencer a batalha.

Então, pegava o flácido corpo da serpente na boca e a carregava orgulhosamente até os pés do escolhido – a maioria das vezes o sortudo suboficial-chefe White. Mas, ao anoitecer do primeiro dia na Ilha do Naufrágio, o suboficial-chefe tinha que lidar com outros assuntos bem mais urgentes. Um novo e premente drama estava para ocorrer na areia da ilha.

Foi a filha da refugiada cega que deu a notícia. Havia duas senhoras holandesas no grupo com gravidez avançada. Parecia que ambas estavam prestes a dar à luz. O primeiro pensamento de White foi que as enfermeiras australianas poderiam cuidar disso, mas estavam atarefadas com os feridos da *Dragonfly*. Ele não podia esperar nenhum auxílio desse lado. E foi assim que o suboficial-chefe da *Grasshopper*, secundado por uma incansável cadela, preparou-se para ajudar a dar à luz dois bebês em uma ilha tropical desconhecida, a leste do mar de Java.

Felizmente, White tivera alguma experiência anterior como parteiro de improviso. Fora durante a Guerra Civil Espanhola, de 1936 a 1939, que pela primeira vez ele colaborou para trazer uma nova vida ao mundo. Seu navio da

época, o contratorpedeiro HMS *Grenville*, estava atracado no porto de Barcelona, e White fora intimado a agir como “parteiro assistente” durante um nascimento inesperado a bordo do navio. Quão pior poderia ser agora, refletiu, com dois partos prestes a acontecer em sua unidade obstétrica na Ilha do Naufrágio?

Com a filha da senhora cega ajudando de um lado e Judy emprestando um ouvido simpático do outro, os dois bebês foram trazidos ao mundo. Por volta da meia-noite, White cortou o cordão umbilical com o que tinha à mão – sua faca Bowie. No devido tempo, os bebês iam ser batizados no mar, com Judy brincando nas ondas em volta. E o suboficial-chefe George Leonard White enrubesceu de orgulho quando os recém-nascidos foram chamados George e Leonard em sua homenagem.

Mas estava se aproximando o momento em que George Leonard White ia deixar a ilha, e não na companhia da cadela que salvara da inundação da *Grasshopper* – uma cadela que estava gostando cada vez mais dele.

Quando Judy mais precisava de seu tão próximo e amado companheiro, o destino ia conspirar para separá-los.

CAPÍTULO DEZ

Os cinco dias que os sobreviventes passaram na Ilha do Naufrágio foram de luta permanente. Combateram o calor, os mosquitos, as moscas de areia, as formigas famintas, os escorpiões e as aranhas venenosas que pareciam conseguir chegar aos mais indesejáveis lugares. Diante da diminuição dos suprimentos alimentares e do esgotamento dos remédios, a aparição-surpresa de um veleiro de madeira vindo em direção à ilha foi recebida com verdadeiro alívio – desde que provasse estar com boas intenções.

Claramente, tratava-se de uma embarcação local. A ilha fazia parte do que então era conhecido como Índias Orientais Holandesas (hoje, Indonésia), na época sob o controle de um governo colonial holandês – de maneira que o barco provavelmente devia ser tripulado por simpatizantes dos holandeses, o que significava do lado dos Aliados. O *tongkang* – tradicional navio de comércio, com dois mastros, velas maltratadas e um pequeno motor a vapor – dirigiu-se para

as águas rasas, evitando os escombros da *Grasshopper*. Lançou âncora, e um grupo de tripulantes foi para terra.

O administrador holandês local – que ficaria conhecido por muitos refugiados Aliados que ajudara sob o simples apelido de “Dutchy” – enviara o navio da ilha próxima de Singkep, para investigar se havia sobreviventes que precisassem ser resgatados. Por meio do *tongkang*, a tripulação das canhoneiras – mais os soldados da Marinha Real, as enfermeiras australianas, as mulheres e crianças, dois bebês recém-nascidos, os feridos sobreviventes e uma cadela – foi transportada até o quartel-general de Dutchy, no pequeno povoado de Dabo, em Singkep.

Apesar dos riscos óbvios – se, ou mais provavelmente *quando*, os japoneses o encontrassem, ele sabia muito bem de que maneira seria recompensado –, Dutchy dera início a uma válvula de escape, fornecendo alimentos, água, barcos e orientação àqueles que passavam por “sua” ilha. Ao comandante Hoffman, ele deu o seguinte conselho: seu grupo deveria seguir a mesma rota que os que haviam partido antes, passando pela área de Sumatra e de lá, por navio, ir para o oeste do Ceilão (hoje Sri Lanka), ao largo da costa da Índia sob domínio britânico, ou para o sul até a Austrália.

A ilha de Singkep ficava a menos de 100 quilômetros da costa leste de Sumatra. Dutchy conseguiria fornecer um grande *tongkang* para a viagem. A beleza dessas embarcações de madeira e fundo raso está no fato de que também servem para navegar pelos rios que cruzam as ilhas da região – já que a futura rota de escape envolvia utilizar essas vias de navegação.

O destino escolhido, Sumatra, é a sexta maior ilha do mundo. Com área continental de 473.481 quilômetros quadrados e cerca de 1.790 quilômetros de comprimento, é formada por uma densa selva e uma íngreme cordilheira montanhosa cortada por rios turbulentos.

O *tongkang* de Dutchy primeiro ia levá-los até a costa leste de Sumatra, de onde precisariam cruzar toda a largura da ilha – cerca de 350 quilômetros de rios, montanhas e selva – para alcançar a cidade de Padang, do outro lado. Relatava-se que de lá os navios Aliados resgatavam os evacuados, já que Sumatra ainda não tinha caído nas mãos dos japoneses.

A viagem que esperava os refugiados era intimidante, para não dizer mais. Mas, caso resolvessem ficar ali, não lhes restaria alternativa senão serem feitos prisioneiros pelo inimigo. Após as atrocidades japonesas que os veteranos do Yangtzé haviam testemunhado na China, e tudo o que

havam ouvido desde a queda de Cingapura, qualquer coisa era preferível a ser capturado. Muitos seguiram o conselho de Dutchy e se prepararam para a longa viagem que os aguardava. Mas o suboficial-chefe White, junto com dois outros membros da *Grasshopper* – o engenheiro Thompson e o marujo Lee –, tomou outra decisão. White pensava que, já que os japoneses haviam tomado Cingapura, agora iam voltar sua atenção para a segunda maior presa da região: Sumatra. A enorme ilha tinha incríveis reservas de recursos naturais, notavelmente ricos depósitos de ouro, carvão e petróleo. No lapso de tempo de que os refugiados iriam precisar para alcançar a costa oeste, White temia que Sumatra já tivesse sido tomada pelo inimigo.

Visceralmente marinheiro, White argumentou que a única rota segura possível era, com qualquer barco que encontrassem, rumar para oeste, em direção à Índia. Era uma viagem aparentemente impossível pelo mar, de cerca de 2.680 milhas, mas era preferível a serem isolados pelo avanço das forças japoneses quando fossem tomar Sumatra, sem terem para onde correr ou escapar. Poucos fizeram questão de se juntar a eles, de maneira que apenas White e seus dois companheiros se separaram do grupo principal dos sobreviventes – que incluía Judy.

Embora o fato de deixar Judy lhe partisse o coração, era inconcebível que White tomasse a decisão de levá-la consigo. A *Dragonfly* e a *Grasshopper* podiam ter afundado ou sido destruídas e seus marinheiros, desprovidos dos navios, mas, mesmo assim, Judy permanecia um animal da Marinha Real. A tripulação do navio ainda era sua família, como ela era a mascote e a guia deles. Judy partiria com eles através do território de Sumatra até a costa oeste, e, com sorte, para uma viagem pelo mar rumo à segurança.

Quando chegou a hora de partir – o grupo que escolhera atravessar Sumatra foi o primeiro a sair de Singkep –, White ficou arrasado de tristeza. Mas, estranhamente, Judy parecia entender o que estava acontecendo ao seu redor e não estava particularmente preocupada. Sentou diante de White, com a cabeça escura erguida para o alto, os calmos olhos fixos no seu olhar. Aparentava uma fisionomia serena e imperturbável. Era como se sempre soubesse que chegaria a hora de eles se separarem, e o porquê.

Agora, White precisava encontrar um barco com o qual ele e seus companheiros pudessem ser bem-sucedidos em sua fuga. Dutchy prometera garantir um, embora o estoque estivesse definhando. Todos queriam um barco de fuga imediatamente. Por um instante, ele se perguntou se não seria melhor se juntar ao grupo principal, rumo ao oeste de

Sumatra. Porém, sentiu intimamente que a viagem não iria dar certo. De algum modo, percebeu que Judy sentia o mesmo, mas que ela iria seguir seu destino com sua família sem questionar, fiel até o último momento.

Com uma última lambida da mão de White – sua maneira de manifestar amor e, agora, de dizer adeus –, Judy deu meia-volta para subir a bordo do *tongkang* que estava esperando.

*

Durante a curta e calma viagem a Sumatra, Judy ficou na companhia de um velho amigo, Les Searle. Searle estava no centro de um grupo muito unido, que incluía Jock Devani, típico marinheiro robusto de Glasgow que parecia não temer nada nesta terra. Jock era um inegável encostado e falastrão, talentos que iam se destacar nos amargos meses que estavam por vir. Quanto a Judy, embora parecesse uma aristocrata no meio dessa rude companhia prestes a tudo, estranhamente, dava a impressão de se encaixar à perfeição nesse grupo de sobreviventes natos.

O capitão e os tripulantes do *tongkang* em que embarcaram eram chineses, de maneira que Judy e seus amigos veteranos do Yangtzé reencontraram compatriotas que conheciam tão bem. O interior do navio era iluminado por uma única lanterna, que balançava levemente para lá e

para cá. A estrutura, era óbvio, havia sido projetada para carregar mercadorias, e não passageiros humanos – ou caninos. Consistia em um ecoante casco vazio que ocupava todo o comprimento da embarcação, mas, pelo menos, nas tábuas nuas de madeira havia espaço suficiente para que todos pudessem se deitar.

O espaço era escuro, abafado e fedorento, com cheiro de corpos sem banho e do trauma recente misturado ao odor de alcatrão e da madeira apodrecendo. O medo e o abalo tinham seu próprio cheiro, aos quais Judy estava ficando cada vez mais acostumada, à medida que a sorte de sua família ia se tornando mais desesperadora. Os cachorros dependem principalmente da parte emocional do cérebro. Em consequência, podem ler perfeitamente bem as emoções humanas, até melhor do que somos capazes de fazê-lo. A partir da nossa linguagem corporal e dos odores que exalamos, eles captam rapidamente nosso estado emocional.

O estado de espírito daqueles amontoados nos conveses inferiores do *tongkang* – derrotados, naufragados, abalados e foragidos – era muito claro para Judy. Mas também havia um novo cheiro no ar abafado da estrutura da embarcação – o da esperança, frágil mas cuidadosamente alimentada. Pelo menos os fugitivos estavam se movendo de novo, e, melhor

ainda, estavam escondidos, pelo convés principal do navio, dos aviões japoneses à espreita.

Até as baratas gigantes que escapuliam pelas tábuas de madeira eram preferíveis às vorazes formigas da Ilha do Naufrágio, ou aos seus companheiros noturnos, os enxames de mosquitos que mergulhavam para atacar. A esperança nunca morre no coração humano e no dos nossos companheiros caninos, e, a cada sopro de vento nas velas do *tongkang*, aqueles que estavam escondidos dentro do barco se permitiam sonhar com uma fuga e a volta ao lar.

O *tongkang* chegou à escancarada foz do rio Indragiri sem contratempos. Ao contrário do Yangtzé, que é uma artéria vital de transporte para o interior da China, o rio Indragiri, de Sumatra, é um canal fluvial de menor importância. Situado bem na linha do equador, que corta Sumatra em dois, o Indragiri é muito quente, lento e adormecido, principalmente nos cursos inferiores.

Enquanto o *tongkang* avançava por dentro da ilha, viam-se clarões de barrigas brancas e ouviam-se ruídos de água respingando à esquerda e à direita, à medida que enormes crocodilos deslizavam pelos alagadiços que entulhavam o rio e entravam na lamacenta água marrom. Para uma tripulação quase inexperiente, seria impossível navegar pelo Indragiri, que é marcado por águas rasas e fortes correntes.

Felizmente, o capitão chinês era um comerciante experimentado, e ele e sua tripulação já haviam navegado por esse rio várias vezes antes.

Entre o calor sufocante e a calma sem vento da selva que ocupava ambas as margens, o barco repleto de refugiados penava para subir o rio, cada revolução do motor levando-os para mais perto do seu destino – o porto de Padang e os navios Aliados esperando para conduzi-los a um lugar seguro. Por ambos os lados, estendia-se uma espessa floresta habitada por inúmeras espécies exóticas – o tigre-de-sumatra, o orangotango-de-sumatra, o rinoceronte-de-sumatra, o elefante-de-sumatra, o urso-malaio, entre outras.

Obviamente, qualquer viagem através do país representaria um desafio pessoal e intimidador para aqueles que estavam a bordo do *tongkang*. Na sua fonte, na alta cordilheira de Barisan, que forma a espinha dorsal de Sumatra, o Indragiri é uma torrente rápida e impetuosa. Quando o *tongkang* alcançou os cursos inferiores dessa via fluvial, a navegação se tornou ainda mais desafiadora. Finalmente, eles chegaram ao minúsculo povoado de Rengar, perto do qual os rios Ombilin e Sinamar convergem para avolumar as águas do rio Indragiri, e, a partir de lá, nenhum navio de tamanho real pode prosseguir.

Judy, Les Searle e Jock Devani – mais um grupo variado de homens das canhoneiras, soldados, civis e os feridos capazes de viajar – desceram em terra. O conselho dos habitantes locais de Rengar era simples: a partir daí a viagem para o oeste só podia ser feita por terra. Seguindo o curso do rio, os viajantes deveriam conseguir atravessar as montanhas – cuja vertiginosa altura podia alcançar 3.800 metros – até uma ferrovia que levava a Sawaluento, do outro lado. De lá, seria uma viagem tranquila de trem até Padang, o porto onde esperavam poder embarcar em segurança.

Mas os habitantes locais também tinham notícias preocupantes. Mesmo num lugar tão retirado quanto esse isolado povoado à margem do rio, cercado por todos os lados por uma selva impenetrável, certas notícias da guerra conseguiam chegar. As forças japonesas haviam desembarcado no sul e já estavam marchando inexoravelmente para o norte. De fato, os refugiados agora precisavam correr para ver quem alcançaria primeiro sua meta – eles ou as forças do Exército Imperial japonês.

Claramente, não havia tempo a perder. Improvisando macas com galhos cortados das árvores mais próximas, o grupo partiu para o norte, seguindo o rio, com Judy de Sussex naturalmente na liderança. No desespero para alcançar Padang antes do inimigo, poucos preparos haviam

sido feitos antes da viagem. À medida que entravam cada vez mais profundamente na selva que beirava a trilha de terra batida, qualquer sinal de civilização ia sendo deixado para trás. A floresta estava opaca ao redor – densa, claustrofóbica e ameaçadora.

Do convés do *tongkang* essas impressionantes ladeiras cobertas de selva tinham algo de totalmente exótico e nobre. Vistas de dentro, e com cerca de 200 quilômetros do mesmo terreno esperando por eles, a história era bem diferente. Raízes maciças, espessas como paredes, de gigantescas árvores tropicais – chamadas de raízes suporte, que ancoram a árvore nas finas camadas de solo – bloqueavam seu avanço. Ao tropeçar numa delas, um refugiado usando pesadas botas militares soltou um grito estranho, como um tambor oco ecoando pela selva escura.

Na liderança dessa debilitada coluna de pessoas, Les Searle se sentia como se as árvores tivessem olhos e os observassem. Estava feliz por ter Judy na vanguarda, as orelhas erguidas, e prestes a dar o alarme em caso de perigo. Aonde ela ia, o resto do grupo seguia, enquanto ela tentava encontrar um caminho praticável no meio do terreno encharcado. A única rota desobstruída era a pista que seguia o rio, mas grande parte do solo perto do borbulhante canal estava alagadiça ou ensopada. De repente, a vegetação

verde-brilhante se abriu revelando o lamaçal que se ocultava embaixo.

Nessa altura, ter quatro patas era uma enorme vantagem. As almofadas sob os pés de Judy ajudavam a distribuir seu peso, e o fato de ter quatro pontos de apoio no chão lhe dava uma agilidade bem maior do que a dos seus companheiros de duas pernas. Sem dúvida, nesse terreno, um cachorro era um inestimável desbravador de caminho.

Abençoada com velocidade, potência e senso apurado de equilíbrio, Judy podia redistribuir rapidamente seu peso para evitar ser engolida ou presa na lama. Seu potente quadril, que nos cães é provido de músculos longos e largos, permitia-lhe movimentos rápidos – pulos para a frente, saltos de lado e até para trás – quase instantaneamente. Ao armazenar energia nos músculos e tendões, e com os joelhos traseiros flexionados a maior parte do tempo, o cão pode usar os membros como molas, dando impulso em caso de problemas.

Enquanto Judy abria o caminho, correndo de lá para cá à procura de qualquer perigo, ela parecia convencida de que o grupo inteiro estava sob seus cuidados. Também dava a impressão de estar tomada por um sentido de urgência. De vez em quando, fazia uma pausa e virava a cabeça para Les Searle e Jock Devani, mostrando um olhar da intensidade de

um raio laser, como um sinal para apressá-los a seguir adiante. *Vamos. Depressa. O caminho está livre. Não percam tempo.*

De volta ao ponto de desembarque no rio, Jock Devani dera um jeito de encontrar e “soltar” o distintivo, o quepe trançado de ouro de oficial da Marinha Real. Colocara-o na cabeça em um ângulo jovial que, de certo modo, contrastava com os desesperadores apuros nos quais o grupo se encontrava. Esse quepe com distintivo dourado servia de marcador visual para Judy todas as vezes que se adiantava demais e sentia a necessidade de verificar se seus companheiros de duas pernas ainda a seguiam.

Anoiteceu quase que instantaneamente. O sol afundou a oeste – a direção da viagem – mas o pôr do sol ficou invisível para aqueles que lutavam para atravessar as fileiras de árvores gigantes. Uma vez o sol sumido, a luz das estrelas mal conseguia se filtrar pela copa da selva. A lua permanecia uma bruxuleante luz prateada, que apenas ocasionalmente brilhava entre a meada de galhos que se estendia bem acima das cabeças. O que antes ficara na sombra agora estava invisível. Uma espessa escuridão, preta como tinta, cobria tudo.

O grupo parou para acampar. Às vezes, eles tinham que se arrastar através da espessa e grudenta lama do rio. Ela

abrigava legiões de sanguessugas. As sanguessugas prendiam-se aos caminhanes, subiam pelas pernas e até a virilha, uma área viscosa, quente e úmida ao mesmo tempo, e cheia de sangue. Após passarem uma hora sugando, as frenéticas sanguessugas, com aspecto de verme preto e do tamanho de uma caneta, já teriam inchado até alcançar quase três centímetros de largura.

As sanguessugas não costumavam abandonar seus hóspedes humanos de bom grado. Ao tentar arrancá-las, corria-se o risco de deixar a “cabeça” incrustada na carne, o que resultava em infecções e terríveis úlceras tropicais. A única maneira de se livrar delas com segurança era queimando-as com cigarro aceso. Também era uma boa desculpa para fumar, embora poucos precisassem de desculpa após as provas e atribulações do dia. E o fato de observar as horríveis bexigas pretas se contorcerem de dor sob o calor de uma bituca incandescente era muito reconfortante.

*

Na manhã do segundo dia, Judy se deparou com seu primeiro obstáculo maior na caminhada. Era largo e obstinado, e vinha equipado com pele couraçada, escamas e fortes mandíbulas. Mas, mesmo assim, Judy estava ainda mais obstinada e menos decidida a recuar do que o bicho à

sua frente. Chegaram a se defrontar na margem do rio – o enorme crocodilo-de-sumatra bloqueando a pista. Estava deitado em uma área aberta estreita, provavelmente tomando sol. Se Judy lhe tivesse dado tempo para recuar com dignidade, não há dúvida de que assim ele teria feito.

Em vez disso, precipitou-se como se fosse uma simples serpente da Ilha do Naufrágio. Porém, não se tratava de uma cobra tímida e reservada. Latindo furiosamente, Judy tentou as mesmas táticas que usara contra aquelas criaturas – pulando de um lado para o outro, abaixando-se antes de investir como se fosse dar o bote. O crocodilo não se movia, aparentemente adormecido... mas estava mesmo observando por trás dos olhos semicerrados. Quando Judy se aproximou ainda mais, tomada pela confiança, em um segundo o réptil atacou.

Moveu-se para diante à velocidade da luz apesar do tamanho, o corpo dobrado no meio, abrindo e fechando as mandíbulas com som cortante, mostrando fileiras de dentes como afiados punhais que se encaixavam uns nos outros. No último momento, Judy deu um pulo para trás, afastando a cabeça. A ágil boca errou por pouco, mas não a garra que o crocodilo projetou como um açoite para rasgá-la de lado.

Judy soltou um gemido de dor e cambaleou para trás de surpresa. Serpentes, aranhas, leopardos, *humanos* – nunca

antes um adversário conseguira levar a melhor sobre ela. Mas uma fileira de profundos arranhões vermelhos e ensanguentados já aparecia no seu ombro onde o crocodilo a atingira.

Mesmo assim, ela não ia recuar. Porém, aqui era o território do crocodilo, e o sr. Sorriso não estava nem um pouco disposto a abandonar uma luta que já começara a vencer. Foi provavelmente a chegada de reforços humanos que salvou Judy. Ao ouvirem seu uivo de agonia, Jock Devani e Les Searle surgiram em questão de segundos, xingando o crocodilo e com armas e facas na mão.

Sentindo talvez que a discricção era prova de coragem, o crocodilo sacudiu a cauda várias vezes antes de se esgueirar de volta ao rio. Com um último espirro lamacento de raiva, ele desapareceu. Mas não sem ter causado danos. Judy estava ferida. A desbravadora de caminhos e guardiã conseguia se equilibrar no ombro ferido com certa dificuldade. Mais importante, eles precisavam limpar e esterilizar a ferida, que podia infeccionar rapidamente nesse ambiente de calor intenso e sufocante e de umidade.

Alguns quilômetros adiante, chegaram a uma antiga fábrica de borracha abandonada – a borracha natural é feita a partir do sumo de árvores que crescem nos trópicos – onde poderiam descansar e limpar a ferida. Por estranho que

pareça, foi o bruto e impaciente Jock Devani que se encarregou disso, demonstrando inabitual delicadeza para cuidar dos ferimentos de Judy. Quanto à cadela, parecia não ter noção de ter escapado por pouco de perder a cabeça nas mandíbulas do sr. Sorriso.

Depois do curativo, de tomar água e descansar, ela pareceu estar cheia de energia e impaciente para se mexer. Jock a levou para um passeio em volta da fábrica, apenas para ver se ela tinha condições de seguir adiante. Havia outro motivo para essa rápida saída. Jock esperava que houvesse algo no local que pudessem recuperar, para sustentá-los durante a viagem.

Foi na parte traseira da construção que ele tropeçou na mais inesperada descoberta. Os primeiros sinais de que havia encontrado alguma coisa foram um exaltado grito do homem de Glasgow e um quepe de oficial da Marinha lançado para o alto. Foi algo que, dizem, ou você ama ou odeia, e Jock claramente compartilhava a primeira opinião. Estranhamente, o que ele encontrou no escuro terreno de uma fábrica de borracha abandonada de Sumatra foi um grande estoque da pasta predileta da nação britânica – Marmite.^[1]

Não dispunham de fatias de pão de fôrma para untá-las com a pasta, acompanhada de bastante manteiga. Porém,

com o cuidado de não despertar o sr. Sorriso, buscou-se água do rio para fervê-la sobre uma fogueira. Depois, temperou-se a água com a maravilhosa pasta preta, para fazer uma bebida quente, refrescante e nutritiva.

Os demais vidros fechados foram embrulhados cuidadosamente, para serem usados no resto dessa épica viagem.

CAPÍTULO ONZE

Cinco semanas de lama, suor e sangue foram necessárias para o grupo chegar ao fim da viagem. Em média, andaram menos de seis quilômetros por dia. Sem dúvida, os fisicamente aptos e a cadela poderiam ter feito o percurso em uma fração de tempo, mas não as crianças e os feridos. Por todo lugar, eram carregados sobre macas, quando passavam por riachos, pântanos, matagais espinhosos e através das terras altas encharcadas por gélidas tempestades tropicais que pareciam não ter fim.

Se os mais aptos tivessem seguido em frente, talvez pudessem se poupar do sofrimento dos anos seguintes, mas isso não fazia parte da natureza da companhia do navio – *a família* –, mesmo que apenas em pensamento. E, assim, chegaram ao seu destino final, a ferrovia em Sawaluento, com roupas rasgadas, rostos barbudos, encharcados de suor e manchados de lama da cabeça aos pés, mas, mesmo assim,

ainda com aparência de companhias de duas canhoneiras, e de algo mais.

Quanto a Judy, ela parecia ter aprendido a lição do sr. Sorriso. Todas as vezes que se deparava com outros habitantes todo-poderosos da selva, tratava-os com deferência. Nos dias que se seguiram ao seu encontro com o crocodilo, o ombro ferido se curou notavelmente bem. Apenas quem assistiu à luta poderia acreditar que ela fora seriamente machucada no começo da viagem.

A calorosa recepção do holandês que dirigia a estação ferroviária de Sawaluento foi sincera. Serviu-se uma refeição quente e arrumou-se espaço no prédio da estação para que o grupo pudesse descansar durante a noite. O trem estava programado para sair em direção a Padang na manhã seguinte; tudo parecia nos conformes. O trem estaria lotado de pessoas fugindo do avanço dos japoneses: além do grupo de Judy, havia soldados, marinheiros e pilotos provenientes da máquina de guerra Aliada, agora numa retirada desesperada, além dos civis que os acompanhavam.

Quando a locomotiva entrou bufando na cidade portuária de Padang na manhã seguinte, a entrada deveria ter sido triunfal, especialmente para aqueles que haviam feito a supostamente impossível viagem a pé. Mas, estranhamente, não foi o caso. Enquanto esse remendado exército de

desalojados saía tropeçando do trem, uma das primeiras coisas que os oficiais holandeses fizeram foi ordenar que entregassem imediatamente as suas armas. Era uma maneira estranha de receber aqueles que supostamente eram aliados recuando diante de um inimigo comum.

Os membros do grupo de Judy que ainda tinham rifles e pistolas também receberam a mesma ordem. Exaustos pela viagem, fracos pelos esforços e a falta de comida e abrigo decentes, mas também orgulhosos por terem conseguido tamanha façanha, poucos viram necessidade ou sentido em resistir à ordem. Iriam lamentar amargamente essa decisão.

Uma vez as armas entregues, o grupo reunido – humanos e animal – teve que andar pelas ruas da cidade sob o calor escaldante do meio-dia. Estavam indo para uma escola holandesa abandonada, onde iriam ficar aquartelados. Era estranho alojá-los quando todos queriam se dirigir para as docas, subir a bordo de um navio e viajar para um lugar seguro, mas, mais uma vez, acharam que não fazia sentido questionar as coisas. Afinal de contas, eles se encontravam a alguns passos da liberdade.

O que deveria ter sido uma orgulhosa procissão pelas ruas de Padang para aqueles que haviam conseguido chegar contra todas as probabilidades tornou-se algo bem diferente. Pairava pela cidade um clima estranho, frenético, e quase de

raiva e desconfiança. O desgastado exército logo permaneceu em silêncio enquanto avançava. Aos poucos, ficou claro que muitos holandeses de Sumatra os culpavam – pelo fato de a queda de Cingapura ter aberto caminho para os japoneses rumo a Sumatra e mais além. No momento em que os refugiados chegaram à escola transformada em alojamento, o sentimento era de amargura e decepção. Para Les Searle e Jock Devani, com Judy ao lado, sentiram-se como se estivessem acompanhando algum tipo de degradante marcha fúnebre, sua penitência pela derrota de Cingapura.

Mas algo pior – *bem pior* – estava por vir.

Foi somente quando chegaram à escola – sem suas armas – que os oficiais holandeses revelaram a amarga verdade àqueles que haviam passado a maior parte dos dois últimos meses lutando e então fugindo dos soldados japoneses.

Haviam chegado a Padang 24 horas tarde demais.

Os últimos navios carregados de refugiados haviam saído da cidade na véspera. E agora não existia a mais remota possibilidade de que outra embarcação atracasse no porto da cidade, já que ninguém esperava que os britânicos corressem o risco de mandar outros navios debaixo do nariz dos japoneses. Porque era a essa distância que os inimigos se encontravam agora. Esperava-se que chegassem a Padang a

qualquer momento, e os responsáveis holandeses pretendiam entregar a cidade sem protesto.

Não devia haver nenhuma tentativa de luta ou de defesa de Padang, explicou o oficial holandês. E, embora os “refugiados” não fossem prisioneiros em si, ninguém estava autorizado a deixar a escola. Mas o pior era o seguinte: qualquer um pego se aproximando dos poucos navios restantes que ainda estavam atracados no porto seria morto no ato. Os administradores coloniais holandeses proibiam, sob pena de morte, qualquer tentativa de fuga.

Depois de tudo pelo que haviam passado, Les Searle e Jock Devani estavam com um humor massacrante. Decidiram que o administrador holandês e suas prescrições pró-japonesas podiam se danar. *Ficar trancados nesta escola, esperando que o inimigo entre na cidade, isso nunca.*

Foram diretamente para as docas com Judy ao lado, praguejando a cada passo por terem entregue as armas tão facilmente. Se os marinheiros britânicos ainda as tivessem comigo, poderiam ter tomado os navios à força se preciso, e mandado as autoridades holandesas para o inferno. E, com certeza, os holandeses haviam posto guardas em torno da área do porto para evitar qualquer tentativa desse tipo. Os britânicos se sentiam como se tivessem sido abandonados, enganados e traídos.

Na verdade, os holandeses não eram os únicos culpados pela espantosa situação de Padang. As autoridades britânicas precisavam reconhecer sua parte de responsabilidade. Naquele dia bem cedo, o cônsul britânico de Padang ouvira no rádio que Sumatra se rendera aos japoneses, e que as forças de ocupação já estavam se aproximando da cidade. Acreditando que fosse verdade, ele correu para despachar suas ordens – queimar todos os documentos secretos, inclusive os cadernos de códigos para rádio.

Na verdade, a notícia era falsa. Mas, quando ele se deu conta disso, seus preciosos cadernos já eram uma pilha de cinzas. Mesmo que houvesse navios de guerra britânicos ou Aliados ao largo das costas de Sumatra, agora ele não tinha mais como fazer contato com eles e informá-los de que a cidade ainda não tinha sido ocupada e que centenas de pessoas esperavam desesperadamente para serem evacuadas.

O tamanho real da sua precipitação foi revelado quando um avião de reconhecimento da Marinha britânica sobrevoou a cidade naquela tarde. Viera de um navio de guerra britânico que navegava ao largo da costa, mas, sem os códigos, não havia como se comunicar ou receber instruções. Se o contato tivesse sido feito, teria sido possível marcar um encontro com a embarcação ao norte da cidade,

longe do controle holandês e das tropas japonesas. Do jeito que as coisas estavam, essa opção se tornou impossível.

Naquela noite, os inimigos chegaram a Padang. Foi Judy quem primeiro alertou seus companheiros. Estava deitada no centro da pequena sala de aula onde tinham sido confinados. Tinha a cabeça sobre as patas dianteiras, os olhos imperturbavelmente fixados na porta. Les Searle olhava para Judy, mas sua mente estava perdida em pensamentos raivosos e amargos a respeito de uma fuga que fora obstada de maneira tão inútil e estúpida.

Foi então que Judy se levantou. Por alguns segundos, ficou parada – tensa, retesada como uma mola, os sentidos totalmente focados em algo que acontecia do lado de fora. Quando o ruído distante e gutural de uma motocicleta ficou audível para o ouvido humano, ela dobrou os lábios em um rosnado silencioso. O som do motor mudou quando o motociclista reduziu a velocidade, e então ouviu-se o ruído de outros veículos chegando. Pararam fora do prédio da escola.

Após o alerta de Judy, ninguém duvidava do que se tratava: os japoneses estavam ali.

A escola se encheu do som de ordens gritadas, ríspidas, que ecoavam pelos corredores. Eram dadas em tom alto, numa língua incompreensível – que devia ser japonês. Um

calafrio correu pelas costas de todos os que estavam esperando ali dentro.

Les Searle se aproximou de Judy. Raramente, talvez nunca, ela fora acorrentada. Desde o dia em que pusera as patas no meio deles, cerca de cinco anos antes, andava livre entre os homens do navio. Mas, agora, ele chegou perto dela e passou um pedaço de pano pela coleira. Segurando-a com firmeza, com ar protetor, manteve a cadela ao seu lado.

Uma silhueta entrou, seguida de perto por três acólitos. Se a situação não fosse tão terrivelmente sombria, a cena teria sido cômica. O oficial japonês – um coronel, pelo que pareceu – era pequeno e encorpado, e olhava para os refugiados frustrados através de óculos de lentes tão espessas como fundos de vidros de geleia. Para completar a estranha cena, carregava uma enorme espada de lado, junto a botas de cavalaria bem-lustradas, e que também pareciam desproporcionais. A espada era obviamente grande demais para ele, e, toda vez que dava um passo, esbarrava ou tropeçava nela.

Finalmente face a face. Então, esse era o inimigo vitorioso.

O coronel percorreu com os olhos a fileira de homens esfarrapados e derrotados. Seu rosto rechonchudo se abriu em um sorriso onde brilhavam dentes de ouro.

Ele gritou algumas ordens aos seus companheiros, que responderam com uma salva de zurros em coro. *Han-han-han*. Risos obrigatórios para agradar ao estimado oficial.

De repente, o relampejante sorriso do coronel desapareceu. Sacou a arma, apontando em direção à mascote da falecida e lamentada HMS *Grasshopper* – Judy. Uma série de frases curtas e contundentes saiu dos seus lábios, cada uma acabando por uma nota especialmente aguda e estridente. Seu subalterno se retesou com atenção, cabisbaixo e silencioso, marcando com os ombros o compasso das vociferações do seu comandante. A torrente de palavras do coronel subiu em um último crescendo antes de ele dar meia-volta sobre seus saltos desproporcionais e irromper para fora da sala, com a espada tinindo atrás dele.

Pelo visto, Judy não parecia ter agradado o coronel japonês. Seus subalternos seguiram-lhe os passos, mas não sem antes terem lançado um olhar de desdém para uma cadela muito desconfiada. Agora, os japoneses haviam ido embora, pelo menos dos arredores imediatos, mas ninguém deixara de ver as sentinelas armadas postadas na entrada da escola.

Aquela noite, o assunto da fuga esteve na boca de muitos homens. Seria bastante fácil escalar o muro da escola e

desaparecer na noite, evitando as sentinelas. Mas e então? Qualquer foragido ficaria perdido naquela ilha tomada pela selva, sem ter para onde escapar senão por uma viagem de mil léguas ou mais pelo mar. Naquela altura, os japoneses deviam ter fechado as docas, e as chances de pegar um navio para escapar eram quase nulas.

Então, se escapar estava fora de cogitação, qual seria a alternativa? Todos ouviram os rumores. Os japoneses estupravam e torturavam as mulheres dos inimigos vencidos; e não se preocupavam muito em manter prisioneiros de guerra. Poucos dormiram naquela noite. Les Searle e Jock Devani tinham ainda outras preocupações que os mantinham acordados. A sempre fiel cadela – que tantas vezes salvara a vida dos tripulantes – claramente não caíra nas graças do coronel japonês, um homem que, presumiam, agora tinha o poder de vida ou morte sobre eles.

Na manhã seguinte, ficou claro que não iam ser executados, ou pelo menos não imediatamente. Em vez disso, os homens foram separados das mulheres e crianças – o que em si já era suficientemente preocupante – e cada grupo foi enviado para um “campo de prisioneiros” distinto na cidade. Os tripulantes das derrotadas *Dragonfly* e *Grasshopper* foram enviados para alojamentos do Exército holandês, e Judy foi com eles.

A marcha por Padang, da escola aos alojamentos holandeses, ficaria marcada para sempre na mente dos que sobreviveram aos anos de guerra. Começou de forma bastante ignominiosa – um monte de marinheiros, soldados e pilotos esfarrapados provenientes de várias unidades e nacionalidades, arrastando-se pelas ruas de manhã. O chão estava empoeirado, e os habitantes pareciam ter se juntado para vê-los passar. Sob a escolta de soldados japoneses bem-armados, cada homem tinha consciência de que devia parecer sujo e desleixado, desfilando entre os impecáveis, disciplinados e engraxados conquistadores.

Mas, aos poucos, o espírito da procissão começou a mudar. Os soldados Aliados começaram a andar segundo um ritmo coletivo. A derrota e a humilhação incitaram muitos deles – principalmente os tripulantes das canhoneiras – a levantar a cabeça, encher o peito e se comportar como lutadores. Os braços se mexiam de acordo com o passo cadenciado, e a marcha se tornou uma oportunidade de mostrar ao inimigo – e aos habitantes, de olhos arregalados – que seu espírito não estava nem um pouco abalado. Apesar da dor, até os feridos lutaram para manter a postura e o lugar na fileira.

Acompanhando-os ao lado, Judy sentiu a mudança de humor – já que as emoções vão e vêm pela correia, e Les

Searle a mantivera amarrada à correia improvisada. A pointer inglesa – ágil, linda e em ótima condição física, apesar da longa estadia na selva e do encontro com o sr. Sorriso – levantou a cabeça e cheirou o ar. Os japoneses estavam por toda a cidade. Judy os conhecia como sendo inimigos não só dela, mas de sua família inteira. Podia sentir o cheiro de agressão e hostilidade que emanava deles, e conseguia ler o medo e a derrota na linguagem corporal dos seus companheiros.

Mas, enquanto o grupo avançava em sintonia pelas ruas da cidade derrotada, ela também sentia algo novo. Nenhum daqueles com os quais compartilhara tantas aventuras selvagens e sangrentas parecia estar intimidado, resignado ou derrotado – ainda não, pelo menos.

Os alojamentos do Exército holandês provaram ser um tipo benigno de prisão, se comparados aos diabólicos campos que estavam por vir. Consistiam em quatro amplos blocos térreos formando um quadrilátero, com um campo de futebol de boas dimensões no centro. Ao chegarem, os homens foram separados em quatro grupos, cada um por alojamento: britânicos, australianos, holandeses e diversos oficiais (independentemente da nacionalidade). Também havia construções menores para os guardas japoneses, e um armazém.

A leste do campo ficava uma fileira de montanhas acidentadas – as mesmas pelas quais os refugiados haviam traçado seu caminho nas últimas semanas, na viagem do rio Indragiri a Padang. Servia de contundente e amarga lembrança de todo o sofrimento pelo qual haviam passado em nome da fuga, em vão. Os homens confinados no campo sonhavam com um exército vingador – provavelmente o americano – varrendo aqueles cumes e o oceano Índico e libertando os milhares de capturados.

Entre os prisioneiros, os “americanos” sempre eram mencionados como os libertadores. Nos primeiros dias, se falava sempre na esperança de vingadores ianques. Talvez subconscientemente, os britânicos haviam perdido a fé em seus próprios conterrâneos. Abalados pelo choque da estrondosa derrota – especialmente a capitulação em massa de 80 mil soldados em Cingapura –, eles alimentavam sua esperança com outra nação e outros soldados.

Muitos acreditavam que os ianques iam chegar a qualquer momento, e que a hegemonia japonesa seria rapidamente podada. Quando um oficial sugeriu judiciosamente que pedissem sementes de vegetais aos guardas japoneses para começar a fazer uma horta, para complementar a magra ração, um oficial escarneceu dele. *Para que cavar uma horta?*, perguntaram-se vários zombeteiramente. *Vamos sair daqui*

antes que os brotos apareçam na superfície. Para quê, já que os ianques chegarão a qualquer momento?

Esses sentimentos tão esperançosos – porém totalmente enganosos – logo foram suplantados por algo primordial: a luta diária para conseguir comida suficiente de maneira a manter vivos o corpo e a alma. Cada alojamento da prisão tinha seu próprio *honcho* – um líder designado pelos japoneses para garantir que suas regras fossem aplicadas. De longe, o maior desafio do *honcho* era garantir o suficiente para comer àqueles da sua área. Mas para nenhum prisioneiro a questão da comida era tão ruim quanto para Judy.

Les Searle fizera tudo o que podia para tentar convencer o comandante japonês do campo de que a cadela da *Grasshopper* pertencia tanto à Marinha Real quanto qualquer outro marujo. Mas seus argumentos caíram em ouvidos surdos. Exceto pelo chute violento dos guardas – do qual Judy sempre dava um jeito de escapar no último momento –, por enquanto, pelo menos, ela estava sendo amplamente ignorada.

Porém, apenas os prisioneiros oficiais com registro de prisioneiro de guerra tinham direito à ração de comida, e o estatuto de não existente de Judy significava que ela não recebia nada. Les Searle, Jock Devani e os outros no seu

círculo imediato faziam o possível para ajudá-la. Separavam alguns grãos de arroz cozido para a querida Judy. Mas foi pela urgência da necessidade que o instinto de sobrevivência de Judy se manifestou.

Ela perseguia e matava qualquer coisa que se movesse, mesmo que vagamente comestível: lagartos, ratos, serpentes e pequenos pássaros; até moscas pegas no voo eram engolidas com avidez.

Seguindo o exemplo de Jock Devani, ela também se tornou exímia parasita dos prisioneiros mais prósperos: os holandeses, que conseguiam ter mais bens materiais que os outros.

Muitos holandeses eram naturais de Padang, e chegaram ao campo totalmente equipados, com exceção da pia da cozinha. Carregados de colchões, cobertores e malas repletas de bens que salvaram da própria casa – inclusive dinheiro vivo –, tinham como barganhar ou comprar comida dos habitantes locais.

Mas, apesar do seu empenho, Judy começou a experimentar pela primeira vez na vida o que todos os britânicos e australianos também estavam começando a sentir – uma dor surda no estômago resultante da falta de comida suficiente; as perpétuas pontadas de fome. A situação levou alguns homens a roubar o depósito de

alimentos do campo, e os japoneses então colocaram guardas dia e noite para vigiar a porta. Foi a fome que levou os prisioneiros britânicos a revirar as lixeiras que ficavam ao lado do alojamento dos holandeses, em busca de algum resto comestível de alimento descartado.

Foi a fome que levou vários deles a se ressentir dos prisioneiros holandeses – que tinham recursos e, conseqüentemente, comida porque não haviam perdido tudo em naufrágios e lutas, ou em sangrentas batalhas contra o inimigo. Muitos britânicos e australianos não tinham mais do que as roupas do corpo. Os holandeses podiam sentar na varanda do alojamento para fumar um cigarro e tomar café. Por outro lado, os prisioneiros britânicos e australianos eram obrigados a enrolar cigarros feitos com as bitucas dos holandeses, em uma tentativa de esquecer as pontadas causadas pela fome.

Entre os supostos aliados, a inimizade começou a brotar. Nasceu da traição, como muitos a entenderam, dos aspirantes a refugiados que chegaram a Padang, e foi nutrida pela grande disparidade de riqueza e condições como prisioneiros de guerra. A ração diária consistia em dois pãezinhos minúsculos, duas bananas e uma xícara de arroz cozido no vapor. Estava longe de ser o suficiente para que um britânico, um australiano – ou um holandês, para todos

os efeitos – pudesse subsistir, e o que primeiramente era uma fome crescente acabou nutrindo uma inimizade.

Aqueles que tinham poucos bens materiais ou dinheiro – entre os quais a naufragada tripulação das canhoneiras – eram forçados a contar com a inteligência para sobreviver. Junto com um ou dois outros conspiradores, Les Searle, Jock Devani e Judy formaram um grupo dos mais desesperados e, ainda assim, engenhosos. Mesmo sem ter nada para barganhar, recorreram à consagrada tradição de tirar qualquer coisa de quem fosse capaz de poupar.

“Operação Arrancar” era a ideia principal. Uma vez por semana, os japoneses autorizavam comerciantes locais a montar barracas no campo para vender artigos de primeira necessidade: principalmente comida, sabão e alguns descartes de roupas de dormir e de vestir. O dia da feira logo se tornou o da “Operação Arrancar” para a equipe das canhoneiras. O sucesso significava barrigas relativamente cheias, mas o fracasso levava a violentas surras, ou pior ainda. Mesmo assim, ninguém – Jock Devani em primeiro lugar – hesitava perante os riscos.

A “Operação Arrancar” começava com Les Searle agindo como se tivesse algo para barganhar. Uma vez desviada a atenção do feirante, Jock Devani derrubava algumas coisas da banca. No mesmo instante, Judy estava lá, pegando-as na

boca antes de sair em disparada para um canto seguro. Um quarto cúmplice ficava esperando em algum lugar onde não podia ser visto, e Judy ia até ele e entregava o que ajudara a furtar, para que o fruto do roubo fosse rapidamente escondido.

Poucos feirantes conseguiam seguir os atalhos que Judy usava, ou rastrear as mercadorias, ou ainda pegar os culpados. Mas, de longe, o maior sucesso da “Operação Arrancar” foi obtido contra os próprios japoneses. Havia duas cabras no campo, cuja função era fornecer leite ao comandante. Usando casca de banana como isca, uma das cabras foi levada até a janela do barraco dos britânicos. Enquanto o animal mordiscava a cheirosa casca, uma força fabricada com cabo elétrico foi passada em volta do seu pescoço e, com um forte puxão, a cabra acabou sendo levantada do chão e içada pela janela.

Naquela noite, poucos dormiram no barraco dos britânicos, fossem os prisioneiros humanos ou uma cadela muito satisfeita. De manhã, os preocupados guardas japoneses procuraram por todo canto algum sinal da cabra desaparecida. Sumira da face da terra: nenhum pedaço de pele, casco, chifre ou osso pôde ser encontrado. E, mesmo que lançassem olhares acusadores às barrigas cheias dos

prisioneiros britânicos – e da sua maldita cadela –, não havia evidências que provassem o que acontecera.

Claro, os frutos proibidos da festança da cabra calaram as corrosivas pontadas de fome apenas por alguns dias. Foi a fome que levou Judy a se afastar da sua família e a se aventurar sozinha em busca de alimento. Durante as longas e arrastadas horas do dia, Les Searle e os outros sempre a mantinham ao seu lado. Sabiam o que os guardas fariam se tivessem a mínima oportunidade – matariam Judy para comê-la. Isso ficara claro pelos gestos que faziam todas as vezes que olhavam para o animal.

Mas, de noite, quando todos dormiam, Judy começou a se aventurar secretamente para fora em busca de comida. Suas sombrias excursões foram descobertas apenas quando ela pulou pela janela entreaberta do barraco e aterrissou no peito de um prisioneiro adormecido – o suboficial-chefe Puncheon, o “Punch”. Ele levou um susto antes de reconhecer o rosto familiar diante de si. Judy, que também parecia surpresa, segurava na boca um frango meio comido. Às escondidas de todos, arrastou-se debaixo da cerca de arame farpado do campo – como fizera quando era filhote em Xangai – e foi à cidade em busca de comida. A partir daí, Judy teve que ser acorrentada de noite. Obviamente, ela não

gostava disso, mas Punch Puncleon fez o possível para lhe explicar por que era necessário.

— Você não está de castigo — disse ele. — É porque não queremos que *você* vire comida!

Os dias foram se passando, cada um bastante igual ao anterior. Havia poucas notícias do mundo lá fora ou das desventuras da guerra. Era quase como se estivessem em um mundo fora do tempo. Então certos rumores começaram a se alastrar, e tornou-se claro que eles estavam prestes a serem removidos do campo. Todos começaram a elucubrar. Certamente, qualquer coisa seria melhor que o perpétuo tédio da existência que levavam, sem mencionar a fome.

De fato, Padang era virtualmente um paraíso se comparado ao lugar para onde estavam prestes a ser enviados. Os homens – e a cadela – passavam fome, sem dúvida, mas ninguém ainda começara a morrer. Porém, a esperança sempre anima o coração do homem: muitos daqueles que ouviram a notícia da partida iminente se permitiam sonhar com um futuro melhor.

Na verdade, esses homens – e seu animal tão querido – haviam começado uma viagem rumo a um lugar bem próximo do inferno.

CAPÍTULO DOZE

Finalmente, o sinal da partida foi dado. “Por ordem do comandante do Japão Imperial”, o guarda-chefe anunciou, falando por meio de um intérprete, “quinhentos homens vão sair amanhã para Belawan, um porto na costa nordeste de Sumatra. De lá, vão embarcar para um destino desconhecido.”

Quinhentos homens representavam metade do número de prisioneiros no campo. Les Searle, Jock Devani, Punch Puncheon e um grupo de outros membros das canhoneiras estavam na lista dos que iam partir. Claro, embora seu nome não estivesse em nenhum rol, Judy de Sussex ia com eles. Os prisioneiros embarcaram em um comboio de caminhões de transporte. Quando ninguém estava olhando, Punch Puncheon ergueu Judy entre o grupo de homens que esperavam, e, após algumas carícias para acalmá-la, ela foi escondida atrás de sacos de arroz.

A viagem foi a primeira de muitas em que a habilidade de Judy para entender o que se esperava dela, e por quê, ia servir para salvar sua vida. De certo modo, ela sabia que precisava ficar deitada em silêncio no fundo daquele caminhão durante a longa viagem adiante, de maneira que, de forma quase milagrosa, foi como se ela se materializasse no novo destino, como se sempre tivesse estado ali.

Enquanto a longa fila de veículos saía do campo de Padang, muitos prisioneiros a bordo dos caminhões gritavam e acenavam alegremente. Os prisioneiros podiam estar esfarrapados, emaciados e com a barba por fazer, mas finalmente algo estava acontecendo. Mudanças estavam por vir, e, com elas, novas esperanças.

— Nós nos veremos na Inglaterra no Natal! — alguns até gritaram.

Era o outono de 1942, e ninguém a bordo daqueles caminhões estava destinado a passar o Natal em casa por outros três terríveis anos.

Ouviu-se o ruído da troca de marcha e o comboio de cerca de vinte veículos acelerou, deixando para trás as ruas de Padang em uma nuvem de poeira. Pela traseira aberta do caminhão, Les Searle e seus companheiros podiam ver apenas que tipo de terreno ficava ao norte da cidade. Parecia ainda mais remoto e acidentado que aquele que haviam

atravessado seis meses antes. A estrada para Belawan seguia por 500 quilômetros ou mais rumo ao norte, traçando seu caminho pelos cumes da impressionante cordilheira de Barisan.

A estrada havia sido aberta no meio da densa selva, de profundas fendas e íngremes paredes rochosas, formando uma série de curvas incrivelmente fechadas nas quais o comboio andava depressa. Mas, apesar do questionável talento dos soldados japoneses no volante, os homens estavam com alto-astral. O vento soprava no rosto deles, que corriam em meio a paisagens de tirar o fôlego. Quando não se tinha de atravessá-las a pé, as altas terras de Sumatra eram incrivelmente lindas.

Na tarde do quarto dia, o comboio chegou à alta planície em torno do lago Toba, um lugar de beleza única que, por muito tempo, serviu de estação e destino de férias para os residentes holandeses de Sumatra. Os guardas japoneses decidiram que era um bom lugar para uma parada. A refeição – a minúscula ração de arroz de sempre – foi servida cedo à beira da estrada, de onde todos puderam admirar a vista sobre a brilhante extensão de água e, atrás, as majestosas colinas cobertas de pinheiros.

O lago Toba era mágico e inspirador. Ninguém podia deixar de ficar comovido. Até mesmo os guardas japoneses

pareciam levados a abrandar seu comportamento. Com sorrisos e gestos aparentemente tranquilizadores, distribuíram cachos de bananas – mas, retrospectivamente, isso serviria apenas para enfatizar o contraste entre a beleza do lugar e a escuridão e a dureza que se seguiriam.

O destino final do comboio era a aldeia de Gloegoer, um punhado de casas típicas agrupadas em volta de uma rua bordada de lojas chinesas. De um lado da rua ficavam antigos alojamentos do exército holandês, e, atrás, um manicômio. Estes iriam ficar conhecidos como “Gloegoer I” e “Gloegoer II”, respectivamente, e se tornariam campos de trabalho forçado para os prisioneiros de guerra do Japão Imperial.

Os homens foram retirados dos caminhões e levados até Gloegoer I, os antigos alojamentos militares. As esperanças nutridas pela longa e revigorante viagem logo se esvaíram. Gloegoer I era bem menor e mais triste que o antigo campo. Cerca de mil homens foram arrebanhados juntos em uma área não muito maior que um campo de futebol. Consistia em uma fileira apertada de longos blocos de barracos, separados por finas faixas de gramado.

Mais uma vez os homens foram separados por nacionalidade, com um alojamento reservado para os oficiais. Os alojamentos eram básicos. Tábuas de madeira

havam sido dispostas transversalmente sobre suportes de metal para formar prateleiras que corriam ao longo das paredes do barraco: eram as plataformas de dormir dos prisioneiros. Entre elas, havia um corredor central de cerca de 2,5 metros de largura... com chão de concreto. Acima, o telhado era infestado de ferozes ratos comedores de bananas.

Havia janelas sem vidros ao longo das paredes, completadas por grades de aço e persianas de madeira. A cada prisioneiro foi atribuído um espaço na plataforma de dormir de 75 centímetros de largura e 1,80 metro de comprimento. Esse minúsculo espaço era seu lar. Lá, ele ia comer, dormir, passar horas a fio, e seria seu leito se se adoentasse com a malária ou uma das inúmeras doenças debilitantes que iriam assolar Gloegoer I. Não havia privacidade para os homens, a não ser nos próprios pensamentos.

Que Gloegoer I acabaria por ser uma miserável continuação de Padang se confirmou quando as primeiras rações de comida foram distribuídas. A cozinha central do campo servia duas refeições por dia. Variava raramente, para não dizer nunca: uma xícara de arroz lavado conhecido como “papa”; uma sopa espessa sem gosto com algumas folhas flutuando no meio; e uma mistura grudenta inidentificável

que na verdade era feita com farinha fervida em um mingau indigesto. Se em Padang as rações eram mínimas, as de Gloeoger I pareciam feitas para que se morresse de fome.

No começo, os homens ficavam trancados nos barracos o dia todo. Não havia como aliviar o tédio entorpecedor e a inatividade, sem mencionar o calor sufocante. Muitos sonhavam estar de volta à liberdade e à relativa vida de luxo de Padang. Alguns mergulharam no desespero e na apatia. Mas, após três semanas de encarceramento forçado, o coronel Banno, comandante japonês do campo, anunciou aos prisioneiros que, como sua “punição por lutar contra as forças imperiais japonesas” havia sido cumprida, a partir de então eles iriam ser tratados “propriamente” como prisioneiros de guerra.

O coronel Banno era uma figura enigmática: alto, com uma aparência de certa forma distinta de um antigo fazendeiro, a primeira impressão que dava era de ser um oficial japonês relativamente sensato e imparcial. Mas por baixo dessa aparente benevolência se escondia um coração bem mais sombrio – daqueles que afinal enxergavam o encarceramento forçado durante semanas como uma retribuição perfeitamente justa àqueles que ousaram se opor ao Japão Imperial.

Nenhum dos prisioneiros vira o fato de terem sido trancados como uma “punição”, mas a possibilidade de sair dos alojamentos durante o dia era vista como uma abençoada libertação. Mudanças estavam por vir, anunciou o coronel Banno. Grupos de trabalho iam ser enviados para fora do campo, de maneira que os prisioneiros pudessem trabalhar em vários projetos que os japoneses haviam iniciado na área. Os comerciantes locais também seriam autorizados a instalar bancas duas vezes por semana, para vender “artigos de luxo” como frutas, ovos, tabaco, sabão e até papel e caneta.

Diante da notícia de tamanhas “melhorias”, o moral melhorou um pouco em Gloegoer, mas não por muito tempo. Foi por meio da presença dos comerciantes locais nos arredores do campo que os prisioneiros puderam testemunhar pela primeira vez a indizível selvageria que os japoneses estavam dispostos a deflagrar contra quem ousasse atravessar seu caminho.

Gloegoer I era provido de guardas japoneses e subalternos coreanos. Os coreanos usavam fardas de soldados japoneses, mas estes os viam como seres inferiores. Havia uma rígida ordem hierárquica. Os oficiais japoneses vigiavam e regularmente maltratavam e espancavam seus próprios soldados, que por sua vez vigiavam, maltratavam e

espancavam os guardas coreanos, que descontavam sua raiva em qualquer um “abaixo” deles – principalmente os habitantes locais, e, às vezes, os prisioneiros de guerra.

O primeiro sinal da selvageria gerada por esse “sistema” surgiu quando um comerciante local foi pego tentando contrabandear dinheiro no campo. Um dos prisioneiros deve ter oferecido algo para vender – um relógio, ou até um precioso anel de ouro. Mas esse tipo de barganha era proibido segundo as regras do campo – apenas dinheiro podia ser trocado por bens com os comerciantes.

Primeiro, o prisioneiro foi espancado pelo próprio comandante dos guardas até ficar inconsciente, tendo o mais graduado a honra de dar os primeiros golpes. Depois, todos os guardas tiveram o direito de espancar o homem inconsciente. Cada um tentou superar o outro com tamanho entusiasmo que coronhadas ou chutes choviam sobre a forma prostrada. Finalmente, a vítima foi reavivada com um balde de água fria antes de ser amarrada pelas mãos ao mastro da bandeira e deixada lá pendurada debaixo do sol escaldante.

Porém, mesmo assim, a punição do comerciante chinês – os chineses eram os mais antigos inimigos do Japão Imperial – foi ainda pior. Acusado de roubo, ele foi enforcado com um aviso colocado acima da cabeça, em que estava escrita uma

única palavra: “ladrão”. À corda passada em volta do seu pescoço foi amarrado um grande saco de pano. Todos os que passavam em frente – inclusive os prisioneiros – eram incentivados a colocar uma pedra no saco, de maneira que a corda se apertasse devagar com o peso... e o estrangulasse.

Aqueles que testemunharam esses atos sádicos ficaram enojados, mas também viram nessas “punições” públicas um aviso do que aconteceria com qualquer prisioneiro que desrespeitasse as regras do campo. E, em Gloegoer, as regras eram sacrossantas. Acima de tudo, os prisioneiros deviam reverenciar os guardas japoneses ou coreanos sempre que estavam na sua presença. Deviam fazer isso a partir da cintura, inclinando-se o quanto possível, de preferência até conseguir tocar os dedos do pé. Quanto maior a humilhação, menor era o risco de levar um golpe cruel por não ter mostrado o “justo respeito” aos vitoriosos.

Saber quando se curvar não era fácil, mas muitos aprenderam rapidamente por necessidade. Mesmo que os guardas japoneses ou coreanos não estivessem à vista, precisavam se curvar. O fato de não ter visto o guarda não era desculpa por não ter se curvado, e provocava invariavelmente um paroxismo de xingamentos e violência física, em que o culpado devia ficar em posição de sentido enquanto o guarda lhe dava socos no queixo e chutava suas

canelas. Era crucial permanecer ereto e aceitar a “punição” sem cair – ou então o guarda fazia uso das botas, ou chutam a cabeça da vítima.

Les Searle, Jock Devani, Punch Punccheon e os outros membros da “gangue de Judy” observavam esses atos de selvageria ocasionais com profunda repulsa e preocupação – tanto pela cadela quanto por eles mesmos. Do seu jeito, Judy parecia ter aprendido a se curvar. Ela caminhava pelo campo de Gloegoer olhando para baixo, cabisbaixa, fazendo o máximo para evitar os guardas. Mas não conseguia esconder totalmente o ódio que tinha deles. Todas as vezes que um guarda estava perto, ela dobrava os lábios em um rosnado silencioso. Várias vezes ela se aproximou de um dos piores guardas, e parecia ser a única prisioneira incapaz de não expressar o que tinha em mente.

Essa hostilidade óbvia por parte de uma “humilde cadela” colocava a vida de Judy em risco permanente, em especial junto aos guardas coreanos, que eram propensos a comer carne de cachorro, assim como os habitantes locais. Nessa parte de Sumatra, qualquer cachorro que não estivesse sob a proteção estreita de alguém era caçado e acabava morto e cozido. E, na Coreia, a carne canina era vista como uma iguaria especial. Havia muitas pessoas dentro e nos

arredores de Gloegoer que queriam provar um pouco da mascote da Marinha Real.

Como as rações do campo Gloegoer eram magras, e os protetores de Judy tinham pouco ou nada para negociar com os habitantes, pois não havia comida suficiente para todos. Mais uma vez, Judy começou a sair furtivamente do campo em busca de comida. Ela voltava segurando uma serpente ou galinha pela boca, apressando-se ao passar ao lado dos ferozes guardas do portão e disparando para chegar ao alojamento britânico e à sua “família”.

Nunca soltou sua presa antes de encontrá-los e poder deixá-la cair com ar de triunfo aos pés deles. Um dia Judy iria voltar de uma das suas expedições para fora da cerca do campo com muito mais do que esperava – mas, por enquanto, já era preocupação bastante que ela pudesse ser espancada, morta e comida.

*

Como o período de clausura havia cessado no campo, começou o trabalho forçado. Grupos de homens foram formados em “equipes de trabalho”, e caminhavam diariamente até as tarefas que lhes eram atribuídas. Uma das primeiras para Les Searle, Judy e os outros companheiros foi buscar areia no rio próximo para a obra de construção do aeródromo de Medan. Os japoneses pretendiam estender a

pista de maneira a poder receber esquadrões de bombardeiros pesados. Cavar e carregar a areia em cestas de vime era um trabalho quente e exaustivo, e apenas a possibilidade de se refrescar no rio é que tornava a tarefa de certa forma suportável para os homens e a cadela.

Conhecendo a capacidade dos bombardeiros americanos Liberator de atingir lugares tão remotos quanto aquele, os japoneses ordenaram que fossem abertas pistas na selva para esconder gasolina e construídos depósitos de munições. Era um trabalho penoso e exaustivo, mas que oferecia compensações àqueles para os quais a fome se tornara companheira constante.

Derrubar os maciços troncos de gigantescas árvores tropicais com machado requeria uma perícia considerável – ainda mais para fazê-los cair na direção dos guardas japoneses e coreanos e obrigá-los a fugir precipitadamente em pânico. Quando ecoava o grito “Madeira!”, a árvore – de cerca de 30 metros de altura – caía, arrastando junto árvores menores e galhos.

No instante em que o emaranhado de vegetação batia no chão, grupos de silhuetas vestidas de farrapos subiam nele em busca de alguma presa. A selva era repleta de vida selvagem, e muitos bichos – serpentes, aves, lagartos, pequenos mamíferos – provaram ser comestíveis para quem

estivesse tão desesperado quanto os detidos de Gloegoer I. E não havia nenhum prisioneiro tão rápido em agarrar uma presa quanto Judy de Sussex.

Os projetos de trabalho forçado começaram a se multiplicar quando os japoneses se puseram a industrializar seu espólio dos recursos naturais de Sumatra. Navios atracados no porto de Balawan carregavam cimento, arame farpado e munições, que precisavam ser descarregados pelos prisioneiros de guerra. Entre os suprimentos havia galões de óleo e petróleo, que deviam ser carregados em vagões que estavam à espera. Com a vontade e o espírito de resistência ainda bem vivos, seres humanos feitos animais de carga – entre eles Les Searle e Jock Devani – viram nisso uma oportunidade para uma pequena sabotagem.

Empilharam os galões sobre as plataformas dos vagões com as rolhas para baixo. Afrouxaram as rolhas quando os guardas estavam de costas. A esperança era de que a caótica viagem para dentro do país soltasse as rolhas e que os galões se esvaziassem de seu conteúdo ao longo do caminho. Mas, na maior parte dos casos, a tentativa de sabotagem era descoberta, de forma que os guardas ficavam com uma raiva vulcânica e espancavam o primeiro prisioneiro em que punham as mãos.

Após o compulsório espancamento selvagem, uma nova e inominável punição foi instituída contra qualquer prisioneiro que tivesse a audácia de tentar uma sabotagem. Foi o coronel Banno, o comandante do campo, que teve a ideia da terrível cela solitária. Em Gloegoer I havia uma minúscula choupana escura, que outrora servira para armazenar esterco de animais. O lugar ainda tinha um cheiro dos infernos.

A única fonte de luz ou ar era uma porta, feita de espessas tábuas de madeira. Havia uma parte removível na metade inferior, que deslizava para o lado, permitindo que o prisioneiro fosse empurrado e chutado por dentro. Por ordem do coronel, qualquer um suspeito de sabotagem seria jogado dentro da choupana por um período de “punição” que durava dias, semanas e até meses.

Mas não era a cela que traía a propensão totalmente sádica do coronel – era a tortura que a acompanhava. Durante as longas horas do dia, o prisioneiro não tinha direito de se sentar nem de se encostar nas paredes da cela. A agonia de ter que ficar ereto durante 12 ou 13 horas sem descansar era insuportável. Mas quem não aguentasse e se apoiasse na parede era cruelmente espancado pelos guardas que o vigiavam. Não podia dormir sobre nada senão a dura pedra do chão – nem mesmo tinha direito a um cobertor

com o qual pudesse se proteger do ataque dos mosquitos. E, em Gloegoer, as noites eram carregadas de nuvens desses sugadores de sangue, verdadeiras pestes cheias de doenças.

Não se cumpria nenhuma sentença na cela sem passar fome – em geral era uma parca refeição a cada três dias. O único alívio para a fome corrosiva e as dores musculares resultantes do esforço de ficar de pé era espiar pelas tábuas de madeira. Mas até isso trazia seu tipo de tortura. A cozinha ficava ao lado da cela, e na hora das refeições o pessoal encarregado da comida passava perto, carregando caldeirões de arroz e sopa até os grupos de alojamentos.

A cela da punição levava alguns às lágrimas, outros à loucura total. Às vezes, a sentinela japonesa de guarda se apiedam e passava uma banana ou um pedaço de chocolate japonês pelas tábuas. Aqueles que assim agiam revelavam seu lado humano. Nem todos eram monstros. Também corriam altos riscos, já que, se algum dos guardas fosse visto por seu superior manifestando piedade por um prisioneiro – especialmente algum escolhido pelo coronel Banno para ser castigado –, estaria realmente em apuros.

Mas, apesar desses horrores, ainda havia momentos de leveza em Gloegoer I, pelo menos nos primeiros meses. No mês de julho se espalhou pelo campo um rumor segundo o qual as ilhas Salomão haviam sido retomadas pelos Aliados.

Os japoneses tinham tomado as Ilhas Salomão – um arquipélago distante, situado a leste não só de Sumatra, mas de toda a Indonésia – durante o primeiro semestre de 1942, em uma tentativa de cortar as rotas de suprimento entre a Austrália e Nova Zelândia e os Estados Unidos. Os Aliados haviam contra-atacado, desembarcando na ilha de Guadalcanal e nas ilhas vizinhas (todas pertencentes às Ilhas Salomão), iniciando uma série de terríveis batalhas por terra, mar e ar.

A notícia de que a contraofensiva Aliada havia começado revigorou muito o moral dos prisioneiros de Gloegoer I. Comemoraram como puderam – organizando uma corrida especial no grupo de alojamentos britânicos. O barraco tinha cerca de 90 metros de comprimento, e foram colocados “obstáculos” improvisados feitos com latas vazias de querosene. A tarefa de Judy consistia em correr de um lado para o outro do barraco, pulando os obstáculos a cada ponta, batendo as orelhas freneticamente e abanando a cauda, enquanto os prisioneiros gritavam e comemoravam. Todos concordavam que Judy de Sussex era uma verdadeira figura de Gloegoer I, e ajudava muito a melhorar o moral coletivo.

Eles defenderiam a vida dela, assim como Judy arriscaria a sua para defender a deles.

CAPÍTULO TREZE

Estava chegando o dia 25 de dezembro de 1942, e os homens de Gloegoer I enfrentavam seu primeiro Natal encarcerados. Aqueles que haviam exclamado: “Nós nos veremos na Inglaterra no Natal” ao deixar Padang se enganaram totalmente. Febris preparativos estavam em andamento para a comemoração – festa que só seria possível principalmente graças à Cruz Vermelha. A contragosto, o coronel Banno concordou em aceitar essa “festa pagã”, autorizando um dia de folga para os grupos de trabalhadores, e, de algum lugar, até conseguiu um barril de vinho do Porto apreendido para a ocasião.

A manhã de Natal se passou com os britânicos, os holandeses e os australianos cantando a plenos pulmões os hinos natalinos prediletos de uns e outros. Por cortesia da Cruz Vermelha, os cozinheiros haviam conseguido preparar um fantástico banquete, bem diferente da costumeira gororoba de arroz. Bife, batata, feijão-roxo e molho de carne

foram servidos para todos. E, apesar de não estar na lista oficial do campo de Gloegoer I, Judy de Sussex foi convidada a se sentar com os outros e saborear seu prato cheio.

Após o banquete veio a pantomima, um trecho de *Branca de Neve e os Sete Anões* que era uma sátira da vida na prisão. Os oficiais e guardas japoneses fizeram parte do público e se juntaram às hilárias risadas – embora, felizmente, não parecessem entender que eram o alvo principal das piadas. Durante as estridentes e indecentes canções da pantomima, Judy foi vista levantando sua delgada cabeça e uivando para acompanhar, do jeito que uma verdadeira mascote de campo deve fazer – e como já fizera no Strong Toppers Club, nos inebriantes dias de diplomacia a bordo da canhoneira no Yangtzé.

Mas, no final das contas, a comemoração de Natal em Gloegoer I não fora natural. Ao se recusarem a se curvar, os prisioneiros procuravam fazer o melhor possível dentro das circunstâncias. O sentimento de atrocidade, a separação da família ou de entes queridos, a saudade – nada disso podia ser substituído por uma boa refeição e canto alegres. Todos em Gloegoer sonhavam com o fim de 1942 – e com a chegada de um ano-novo que, esperavam, pudesse trazer mudanças no rumo da guerra e a vitória dos Aliados; um

ano-novo em que vissem seus sonhos de libertação dos campos de prisioneiros se tornarem realidade.

Na verdade, 1943 seria o ano em que o gélido sopro da morte iria ser sentido até entre o bando de companheiros de Judy. Os japoneses decidiram começar o ano-novo com um enorme projeto de trabalho, que acabaria sendo conhecido como a Montanha do Homem Branco. Poucos outros projetos comprovariam tanto o inflado senso de destino do Japão Imperial – sua crença de que sozinha essa pequena nação poderia conquistar a China, a Índia, o Sudeste da Ásia e os Estados Unidos – quanto o monte do templo que os prisioneiros de Gloegoer receberam a ordem de construir.

A obra começou com a limpeza de uma plantação de tabaco coberta de vegetação, após o que os lavradores receberam a hercúlea tarefa de empilhar terra até erguer uma montanha artificial. Cinquenta homens encharcados de suor precisaram de semanas de labuta, usando podadeiras e foices – enxadas e facões artesanais – para ceifar a vegetação. Com o sol escaldante, nuvens negras de mosquitos, formigas-de-ferrão gigantes e outros insetos agressivos se aproveitavam dos corpos despidos e desprotegidos para morder, picar e se banquetear ao bel-prazer.

Mas, além dos perigos, também havia oportunidades de sobra naquele denso bosque: entre outras, a repentina aparição de um varano-malaio – um “lagarto gigante”. Do tamanho de um crocodilo, para quem nunca vira esse animal antes, parecia um mítico dragão chinês. E, embora nunca tivesse visto um varano antes, Judy não deixou de latir furiosamente, assustando o animal, que estava escondido e disparou pelo terreno capinado em busca de segurança.

Apesar do tamanho e da aparência deselegante, esses lagartos gigantes podem ser incrivelmente rápidos – mas não tanto quanto a cadela de Gloegoer I. Como Judy tentava abocanhar a cauda do animal, que cuspiu e silvava, a caça ao lagarto gigante podia durar até uma hora ou mais, em grande parte para romper a penosa monotonia do trabalho. Apesar da aparência feia e pré-histórica, os varanos-malaios são uma iguaria, cuja carne tem gosto de frango com leve toque de peixe.

Uma vez ceifada a vegetação, o campo foi queimado, após o que o solo foi peneirado à mão em busca de qualquer minúscula raiz, semente ou vegetação. O trabalho continuou sem trégua, os guardas tratando os prisioneiros como escravos, até que a área parecesse um campo mal-arado. Então, começou a extenuante tarefa de nivelar a terra, após o que a obra ia ser vertical. Erguer o monte do templo

provou ser a tarefa mais exaustiva que já fora dada aos prisioneiros, tanto no aspecto físico quanto mental. Toneladas de terra precisavam ser trazidas para a crescente “montanha”, e a única maneira de movê-la era usando um par de cestas de vime amarradas às duas extremidades de uma vara.

Cambaleando sob o peso, com a vara balançando entre os ombros magros e ossudos, o trabalho se tornou uma agonia de resistência, enquanto os guardas procuravam dar coronhadas ou chutes em quem titubeasse. Insistiam para que as cestas sempre ficassem cheias até a borda, sem se preocupar com o fato de os magros espantalhos diante deles mal poderem levantar o próprio peso do chão, menos ainda cambalear até o outro lado do campo para jogar o conteúdo das cestas na maldita colina. Quanto mais subia, mais a colina se transformava em uma pista de lama, pela qual os prisioneiros deviam dar um jeito de subir e transportar seu fardo.

Na época em que a Montanha do Homem Branco ficou quase pronta, as condições em Gloegoer pioravam dia a dia. Quando o templo de madeira foi erguido no topo da colina – enfeitado de dragões esculpidos contorcendo-se acima das portas de uma “casa” em que a alma dos ancestrais pudesse

descansar –, as brutais condições de trabalho e a falta de alimento começavam a fazer suas primeiras vítimas.

Enquanto a montanha do templo saía da terra, as rações de comida em Gloegoer – principalmente a gororoba de arroz – diminuía de tamanho quase como se as duas coisas estivessem inversamente relacionadas. Nem a patética quantidade de alimento era mais garantida. Aqueles que formavam os grupos de trabalho tinham sua ração diária. Os que estavam fracos demais ou confinados a “tarefas leves” recebiam meia porção. E os que estavam doentes demais para trabalhar enfraqueciam ainda mais pela falta de comida.

Chegou-se ao ponto em que a ração diária de arroz simplesmente *tinha* que ser complementada por mais comida, ou os prisioneiros – especialmente aqueles forçados ao trabalho tão impiedoso na Montanha do Homem Branco – iriam morrer. Ao mesmo tempo, a moeda japonesa – ao se apossar de Sumatra, os japoneses haviam substituído as moedas holandesas por uma moeda da ocupação, o dólar nipônico ou de Sumatra – desvalorizou-se completamente.

Os prisioneiros recebiam poucos centavos por dia de trabalho, uma ninharia que lhes permitia comprar alguns ovos e legumes no melhor dos casos. Mas, à medida que a sorte do Japão Imperial na guerra começou gradativamente a

piorar, sua moeda legal foi se desvalorizando cada vez mais. No momento em que o templo do monte estava quase acabado, eram necessárias duas semanas de salário para comprar um único ovo. Era o mais cruel dos golpes, que culminava no auge de uma constelação de circunstâncias que pareciam ter sido projetadas para trazer doenças e morte.

Naufragado no estreito de Berhala poucas horas antes que a *Dragonfly* e a *Grasshopper* afundassem, o primeiro-piloto Frank George Williams chegara a Gloegoer I por uma rota idêntica à de Judy e seus companheiros. Da ilha tropical em que naufragara, Williams viajou de *tongkang*, lancha, caminhão, avião de guerra da Força Aérea Real e outros meios em uma tentativa de escapar do cerco japonês, mas, mesmo assim, acabara em Gloegoer, após uma curta estadia em Padang.

Williams era um indivíduo alto, de fala mansa, abençoado com sagacidade e aparência juvenil que contradiziam sua sabedoria e maturidade. Nascido em uma família de seis irmãos, perdera o pai aos 9 anos, fato que tornara sua vida difícil. Tendo economizado durante dois anos para comprar sua primeira bicicleta, a perseverança foi se tornando um traço marcante de sua família. Aos 16 anos, entrou na Marinha Mercante, uma carreira difícil e desafiadora, mas

que oferecia o considerável benefício de poder viajar aos quatro cantos do mundo.

Originário de Portsmouth, em Hampshire, ele tinha apenas 20 anos quando começou a guerra. Alistou-se na Força Aérea Real, matrícula 751930, juntando-se à REMU – a Unidade de Manutenção das Instalações de Rádio da RAF. Foi transferido para Cingapura, onde se juntou à equipe terrestre que ajudava os corajosos pilotos da RAF durante as surtidas contra os japoneses.

Superada em número e armamento pelos aviões japoneses, de longe superiores, a RAF lutou até o último de seus homens, mas, com a queda de Cingapura, muitos foram capturados, entre eles Frank Williams.

Com o rosto amável cingido de cabelos escuros e ondulados, Frank Williams não era o mais resistente e duro prisioneiro de Gloegoer I, e certamente não o mais aberto. Mas ele tratava os animais quase como iguais, manifestando a mesma generosa lealdade que eles. Talvez tenha sido por causa disso que Judy descobriu seu “dono” em Frank Williams – embora “companheiro de vida” seja uma descrição bem melhor da extraordinária relação que iriam construir.

Frank estava agachado no barraco, olhando o prato que continha sua magra ração de arroz, quando sentiu um par de olhos sobre ele. Levantou a cabeça e descobriu que um cachorro de aparência admirável o observava atentamente. Ambos se olharam por um bom momento antes que Judy desse um passo adiante. Ela parecia lenta e hesitante, como se estivesse insegura da reação que receberia de um estranho – especialmente na “hora de comer”. Mas, mesmo assim, nos seus inteligentes olhos escuros passava a leve impressão de que estava prestes a abanar a cauda, ou talvez fosse apenas o indício do amor que iria se forjar entre eles.

Frank pôde verificar que, embora estivesse magra e devesse estar faminta, ela ainda era uma pointer inglesa incrivelmente bela. Ele olhou mais uma vez para a gororoba no prato. Como sempre, tinha aparência e cheiro repulsivos, mas todos os prisioneiros enfrentavam a mesma intragável escolha na hora das refeições: comer ou morrer; comer ou morrer. Cada um recebia a mesma ração para seu próprio consumo – e a maior parte deles achava que era cada um por si quando a gororoba era distribuída.

Ele hesitou um breve instante, antes de colocar um pouco na palma da mão. Estendeu a comida para Judy. Seus olhos fitaram a comida oferecida, mas ela não se mexeu. Soltou um surdo e lamentoso gemido, mas ficou onde estava,

correndo os olhos da comida para Frank e vice-versa. Obviamente, ela precisava de algum tipo de segurança, algum sinal de Frank de que era um gesto totalmente amigável e altruísta, de que ele não estava tentando enganá-la de algum modo.

No ano ou mais que passara no campo, Judy aprendera a ficar desconfiada e reservada até que alguém provasse que valia a pena. Frank entendeu. Colocando o prato da preciosa comida no chão, ele deu um passo adiante e a afagou atrás das orelhas.

— Está tudo bem. Está tudo bem — murmurou suavemente. — Sinta-se em casa.

Foi somente então que Judy pareceu relaxar. Pegou a comida que ele oferecera, engoliu-a e então se acomodou satisfeita aos seus pés. Frank de maneira nenhuma era o primeiro que dividira sua ração com ela, mas era um dos primeiros “estranhos” a fazer isso – alguém de fora dos companheiros habituais de Judy. Sem que soubessem ainda, cada um encontrara no outro um companheiro para toda a vida. Desde o início, Frank Williams pareceu ter um jeito quase mágico com Judy. Logo ela mostrou ter aprendido muitas instruções sussurradas pelo jovem homem da RAF, quase como se entendesse cada palavra. Havia até um

comando que ele dava quando queria que ela fosse pegar algumas frutas frescas que os guardas japoneses depositavam nos túmulos dos seus mortos, já que o cemitério deles ficava à beira do campo.

Os japoneses praticam duas formas de religião paralelamente: uma é o xintoísmo, antiga crença animista ou baseada na natureza; a outra é o budismo, uma forma mais moderna de fé. O templo de madeira construído na Montanha do Homem Branco recém-erguida seria um santuário xintoísta ou budista – frequentemente seriam colocados lado a lado. Mas, para os prisioneiros morrendo de fome, as frutas frescas ficavam bem melhor em sua barriga do que apodrecendo acima do corpo dos mortos, como pensavam Frank e seus companheiros.

À medida que a situação da comida piorava, as arriscadas saídas de Judy se tornavam ainda mais vitais para manter a cadela e os homens vivos. Mas, toda vez que se aventurava lá fora, ela corria o risco de ser pega pelos guardas do campo, cujas próprias rações frequentemente não eram muito melhores que aquelas dadas aos prisioneiros. Logo Judy iria descobrir que uma de suas ousadas expedições para fora da cerca colocaria sua vida em perigo mortal. Mas isso aconteceria da maneira mais inesperada.

CAPÍTULO QUATORZE

Para os companheiros de Judy que sempre acreditaram que o sexo era a primeira força matriz dos seres humanos, Gloegoer I logo ensinara que não era bem assim. Les Searle, Jock Devani, Punch Puncheon – e agora Frank Williams – achavam que a comida era a maior inspiração para os sonhos acordados e as noites de pesadelos.

Por meses os prisioneiros não haviam falado de mulheres nem contado as costumeiras histórias obscenas de soldados. As conversas sobre o belo sexo tinham dado lugar a intermináveis discussões sobre comida. Às vezes, eram os maravilhosos pratos que comiam em casa. Outras, os maravilhosos pratos que iriam comer ao voltar para casa. Até mesmo as esparsas notícias obtidas no rádio secreto que tinham eram suplantadas pela comida: quando poderiam sair dali e achar um lugar onde pudessem saborear os maravilhosos pratos que planejavam?

Os companheiros de Judy presumiram que o sexo também não fazia parte do cardápio dela. Mas estavam enganados. Pouco tempo após ter encontrado Frank Williams, Judy voltou de um dos seus passeios noturnos fora do campo com algo mais do que um suplemento de comida: *estava grávida*. No começo, mal conseguiram acreditar. Como podia ter acontecido? Todos os cachorros da área pareciam ter sido mortos e comidos havia muito tempo. Os homens brincaram entre si, dizendo que talvez ela desse à luz filhotes de tigre ou até de bode!

Mas, sob o clima de brincadeira, havia um verdadeiro enigma. Quanto mais a barriga de Judy crescia, mais ela precisava de sustento – já que uma prole faminta estava crescendo dentro dela. Para Frank e os protetores de Judy, a luta diária para achar comida suficiente já era um verdadeiro desafio, e agora também havia Judy e suas crias ainda não nascidas para alimentar. A maior preocupação deles era a seguinte: quanto mais a futura mãe engordava, mais parecia um banquete para os guardas japoneses e coreanos, sem falar dos próprios habitantes de Sumatra.

Os protetores de Judy a proibiram de sair do campo, a menos que ela estivesse acompanhando um grupo de trabalhadores, de maneira que ela ficasse mais protegida. De vez em quando, uma preciosa lata de comida do mingunte

tesouro da Cruz Vermelha lhe era reservada. A cada dia, ela ficava mais rechonchuda, até que ficou prestes a dar à luz. E, por incrível que pareça, foi nesse iminente nascimento que Frank Williams viu uma oportunidade para garantir à mascote de Gloegoer I a proteção que lhe era devida.

Sob os cuidados do dr. Kirkwood, o oficial médico britânico de Gloegoer I e também prisioneiro de guerra, mais uma equipe médica de prisioneiros holandeses, Judy deu à luz nove filhotes. Eram quatro a menos do que conseguira a bordo da *Gnat*, e, com certeza, não tinham o *pedigree* dos pointers ingleses. Mas, diante das circunstâncias, ela fez um belo trabalho. Enquanto Judy os limpava lambendo e os empurrava com o focinho para suas tetas, era visível que quatro deles eram fracos demais para sugar e sobreviver. Foram entregues a um homem para serem devidamente descartados, deixando-a com cinco filhotes saudáveis.

Assim, em meio à miséria de Gloegoer I, Judy se tornou a orgulhosa mãe daquelas cinco travessas bolas de pelo e fome irracional. Era metade da prole que ela tivera a bordo da *Gnat*, e de certo modo era ainda mais milagrosa. Com dieta à base de carne enlatada e leite condensado – cortesia dos suprimentos de comida da Cruz Vermelha –, os filhotes de Judy engordaram, tornando-se saudáveis e fortes. Cinco bolas de energia desenfreada começaram a correr pelo

barraco britânico, causando, na mesma medida, divertimento, devastação e caos por onde se aventuravam.

Quando ficaram fofinhos e mais irresistíveis do que nunca, Frank pôs seu plano em prática. Judy nunca fora capaz de esconder a aversão que sentia pelos guardas coreanos e japoneses do campo. Assim, recentemente, ela se voltara contra um deles, que a seu ver ameaçava um dos seus filhotes. Mas, por algum motivo desconhecido, ela simplesmente tolerava o coronel Banno. De fato, no decorrer do tempo, a mascote e o comandante do campo de Gloegoer I haviam desenvolvido um tipo de divertido antagonismo, que, Frank esperava, traía uma inesperada brandura da parte do coronel – que secretamente amava os cachorros.

Acima de tudo, o coronel adorava erguer a espada e fingir ameaçar Judy, visivelmente na expectativa de que ela rosnasse, o que o fazia dar gargalhadas. Ele parecia achar isso um ótimo “esporte”. E Frank também sabia que o coronel tinha uma amiga especial em Gloegoer – uma jovem e linda moça do lugar. Notara ainda que a amiga do coronel Banno sempre era efusiva com Judy. Todas as vezes que estava por perto, ela exclamava: “Judy, venha!”, provavelmente as únicas palavras que conhecia em inglês.

Uma noite em que tinha certeza de que o coronel Banno estava bebendo sozinho, Frank pegou “Kish”, um dos mais

irresistíveis filhotes, e foi até o alojamento do coronel. Qualquer prisioneiro que se aproximasse da parte do campo reservada aos oficiais japoneses o fazia com enorme receio. Recentemente, correra a história da maneira doentia e desumana como o coronel Banno e os demais oficiais haviam tratado um dos seus próprios soldados.

Um tempo atrás, o coronel pedira chá para si mesmo e seus oficiais. Um atendente entrou silenciosamente, carregando uma bandeja de chá em uma mão, e conseguiu se curvar tanto que sua cabeça quase tocou o tapete, tudo isso sem derramar o chá. Por incrível que pareça, o homem usava uma máscara de pano branco sobre o nariz e a boca para evitar que, ao respirar, passasse qualquer um dos seus humildes germes para seus superiores. O atendente acabou de servir o chá e, ao dar meia-volta para sair, tropeçou sobre a bota engraxada de um dos oficiais.

Antes mesmo que tivesse tido tempo de pedir desculpas, a bota atingiu sua virilha. O atendente desmoronou em silêncio, contorcendo-se de dor. O bando de oficiais sorriu abertamente e acenou com a cabeça de satisfação, enquanto o oficial responsável pelo golpe se levantava e continuava chutando o atendente, agora inconsciente. O coronel Banno sorriu de aprovação uma vez feito o trabalho e imediatamente chamou outro atendente, cuja tarefa foi

arrastar para longe de sua ilustre presença o homem ensanguentado e inconsciente.

Era para esse tipo de ambiente que Frank Williams, um simples prisioneiro, agora estava caminhando. Ele não subestimava os perigos. Com frequência, o prisioneiro que tivesse a arrogância de se aproximar do alojamento do comandante do campo sem ter sido chamado enfrentava uma longa pena na solitária, ou até a execução sumária.

Felizmente para Frank, Kish provou ser um sucesso instantâneo junto ao irascível coronel. Frank colocou o minúsculo animal na mesa diante dele, e o coronel, ao vê-lo cambalear em sua direção, pareceu achar a cena tão engraçada quanto o ato de provocar a mãe do filhote com a espada. Mas o que realmente o conquistou foi quando Kish parou, mostrou sua pequena língua rosa e começou a lambear a mão com a qual o coronel segurava a espada.

Tentando evitar falar com voz trêmula – sabia que estava pisando em ovos naquele lugar –, Frank explicou ao coronel que Kish era um presente para sua estimada amiga. O coronel acenou com a cabeça e soltou uma gargalhada entusiasmada. De fato, era uma ótima ideia; muito boa mesmo. Aproveitando a oportunidade, Frank perguntou se, por acaso, a mãe do filhote poderia ser recompensada sendo considerada prisioneira de guerra oficial. Afinal de contas,

era uma mascote da Marinha Real e servia como membro das Forças Armadas de Sua Majestade, de maneira que isso talvez fosse o mínimo que ela merecia.

O coronel pareceu pesar a sugestão por um longo momento. Seu rosto se ensombreceu. Embora lamentasse ter que recusar, ele não via como poderia explicar aos seus superiores o repentino acréscimo à lista de prisioneiros do campo. Foi então que Frank realmente arriscou tudo. Ele tinha uma sugestão para fazer, e ousou. Se o sufixo “A” fosse acrescentado à sua própria matrícula de prisioneiro – Hachi-ju-ichi; oito-um –, então Judy poderia se tornar a “Prisioneira 81A”. Dessa maneira, todos ficariam felizes. A mãe de Kish ficaria feliz; o coronel ficaria feliz; e, mais importante, sua amiga, a nova dona de Kish, ficaria feliz.

O coronel brincou com o filhote, rolando-o para a frente e para trás algumas vezes, segurando com a mão a rechonchuda barriga do animal. Claramente, estava se divertindo. Com a outra mão, pegou seu caderno oficial do outro lado da mesa. Na mesma hora, começou a escrever uma ordem nesse sentido. Seria atribuída a Judy a matrícula de prisioneira de guerra dos japoneses 81A-Medan, como Frank sugerira.

Mas, enquanto o coronel Banno rabiscava a preciosa missiva, Frank sentiu seu coração parar de bater. Atrás de

Kish, uma poça estava se espalhando pela mesa polida do coronel. Frank esperou e rezou para que a poça não chegasse à ordem antes que estivesse pronta. O coronel mal teve tempo de lhe entregar a preciosa folha de papel e de dispensá-lo, e Frank saiu praticamente correndo da sala.

Como nenhuma voz insanamente furiosa gritou impropérios contra ele em japonês, Frank imaginou que devia ter conseguido sair do alojamento dos oficiais antes que a poça tivesse sido descoberta. Na manhã seguinte, Judy estava exibindo um novo distintivo de metal na coleira, que havia sido fabricada por seu comitê de proteção usando um pedaço de lata de metal achatado. Nela havia sido gravado em letras bem legíveis: “POW 81A-Medan”.[1]

A notícia da “promoção” estatutária de Judy se espalhou rapidamente, assim como aconteceria com as façanhas dos quatro filhotes restantes. Após a saída de Kish, Rojok, Sheikje, Blackie e Punch provaram ser um bando de irresponsáveis totalmente desobedientes, envolvendo-se em todo tipo de encrenca. Eram mais do que Judy conseguia vigiar ao mesmo tempo. Felizmente, apareceram pedidos de adoção. As mulheres do campo de famílias – Gloegoer II – ouviram falar dos filhotes. Enviaram um recado por meio de

uma vendedora de frutas local, que consistia em uma mensagem rabiscada e escondida na sua cesta.

“Por favor, podemos ter um dos seus filhotes?”

Ninguém podia recusar tamanho pedido, especialmente os homens de Gloegoer I, que temiam pensar no que devia ser a vida das mulheres holandesas e de seus filhos no campo. Les Searle argumentou que Sheikje era o mais bonito dos quatro filhotes, e que era razoável enviá-lo. Quando a vendedora de frutas voltou, arrumou-se um espaço no fundo da cesta, entre as frutas. Sheikje foi posto para dormir com uma pequena dose de clorofórmio administrada pelo dr. Kirkwood, embrulhado em um pano, antes de ser levado para fora do campo na cesta, que balançava sobre a cabeça da vendedora. Arriscando as mais diversas represálias por parte dos guardas do campo, a vendedora contrabandeou Sheikje de Gloegoer I para o campo de famílias. E quando acordou do seu sono induzido e se acomodou em seu novo lar, Sheikje não deu trégua para levantar o moral das mulheres e crianças prisioneiras.

À medida que os três filhotes restantes cresciam em altura e força, alimentá-los e controlá-los tornou-se um desafio ainda maior. O próximo a ir foi Rojok. Através de um buraco feito na cerca do campo, foi entregue a um oficial da

Cruz Vermelha sueca baseado em Medan, em agradecimento atrasado pelos suprimentos de comida.

Mas um destino sombrio e horrível esperava um dos filhotes restantes – Blackie. Talvez o mais curioso e intrometido – traço que herdara da mãe –, Blackie, em uma noite escura, se aventurou por capricho fora do barraco. Infelizmente, deu de frente com um guarda coreano bêbado, que espancou o cachorrinho até a morte. Os coreanos, especialmente, eram como crianças mimadas e podiam ter ataques violentos de raiva por motivos desconhecidos. Eram ainda piores quando bebiam. O pobre Blackie estava no lugar errado na hora errada.

*

Foi na segunda semana de junho de 1944 que o coronel Banno deixou Gloegoer, e o comandante do campo passou a ser o capitão Nissi. O dia da chegada do capitão foi sombrio para todos. Logo ao amanhecer do seu primeiro dia como novo comandante, o capitão Nissi ordenou que todos os prisioneiros se apresentassem em uma parada. E ao dizer “todos” ele quis dizer “todos” – inclusive quem estivesse doente ou ferido.

Aqueles incapazes de ficar de pé eram erguidos por seus companheiros. Quem não conseguisse andar deveria ser carregado. Até os de maca precisaram formar uma fileira de

doentes junto com os estropiados e os casos terminais. O capitão Nissi se pôs no centro do campo de manobras, dominando todos os que ele vigiava. Sua vara batia contra suas longas botas de couro, enquanto olhava para o patético fluxo de seres humanos que saíam dos barracos, cambaleando, arrastando-se ou até sendo carregados.

Mas, enquanto seu olhar perscrutador observava as silhuetas emaciadas, sua vara parou repentinamente de bater. Ele fitou Frank Williams e a notável figura de quatro patas ao seu lado. O capitão Nissi se retesou. Descrente, arregalou os olhos ao ver a pointer inglesa, sentada em posição de sentido, como se fizesse parte dos prisioneiros. Um cachorro? *Um cachorro!* O que um cachorro estava fazendo em seus domínios?

O capitão Nissi foi em direção ao homem e à cadela com passos lentos de predador, o rosto sombrio como um trovão. Sua mão se crispou em direção ao cabo da espada. Com o coração estremecido, Frank Williams viu o capitão se aproximar. Ao seu lado estava a magra e exausta Judy, que ainda recuperava as forças após ter criado sua prole. Seu corpo estava tremendo levemente enquanto o novo comandante chegava mais perto e seus lábios se dobraram em um rosnado quase inaudível. O capitão Nissi parou.

O ambiente estava carregado de tensão.

Ninguém falou – nem prisioneiro, nem guarda.

Frank sabia que agora a situação era uma faca de dois gumes. Se o capitão desse uma ordem para que algo inominável fosse feito contra Judy, os guardas iriam se ver obrigados a executá-la. Ele precisava atacar primeiro, antes que o capitão gritasse suas ordens.

Com a mão tremendo, fuçou no bolso de sua calça rasgada. Retirou o pedaço de papel que o coronel Banno escrevera – a autorização “oficial” de registrar Judy como prisioneira de guerra. Fazendo um gesto em direção ao animal, ele estendeu a “autorização” com a outra, deixando bem à vista a assinatura em forma de redemoinho do coronel Banno. O capitão fitou o pedaço de papel amassado por um longo segundo antes de arrancá-lo bruscamente.

À medida que lia, incrédulo, seus camaradas se juntaram em volta, papeando e apontando para o recado e o animal. Finalmente, houve uma série de cabeças coçadas e olhares estupefatos entre o capitão e os demais oficiais. Por implausível que parecesse, essa mensagem sobre a cadela parecia vir do coronel Banno em pessoa, com posto superior ao do capitão Nissi. O capitão parecia ter conferido o estatuto oficial de prisioneira de guerra de Judy, e no Exército japonês, obcecado pelo grau de cada um, ninguém ousaria contrariar decisões tomadas por um oficial superior.

Por enquanto, pelo menos, Judy não era mais um alvo legítimo da ira do capitão Nissi. Em vez disso, ele voltou sua atenção para os homens. Todos, exceto aqueles à beira da morte, iriam ser enviados para os grupos de trabalho forçado. Os guardas receberam ordens claras para aumentar a cota de trabalho, ou enfrentariam as consequências. O capitão Nissi parecia determinado a levar os homens à exaustão e à morte em tempo recorde, e os prisioneiros logo cairiam como moscas.

O segundo dia foi ainda pior, e, se isso se mantivesse desse jeito, o barraco que servia de hospital logo ficaria superlotado. Mas, no terceiro dia, houve um tipo de adiamento. Reunidos outra vez ao amanhecer no campo de manobras, os homens ouviram o capitão Nissi berrar uma nova ordem.

— Todos os prisioneiros devem ser levados de barco imediatamente para Cingapura.

A notícia pegou a todos de surpresa, mas foi recebida pelos homens com maldisfarçado júbilo. *Cingapura*. Era uma metrópole efervescente, se comparada a Sumatra – aquela ilha selvagem onde os prisioneiros haviam trabalhado por tanto tempo em isolamento esquecido. *Cingapura*. Era a garantia de receber notícias do mundo afora, e talvez saber como a guerra estava indo na Europa. *Cingapura*. Com

certeza, seriam mais bem tratados lá – *e teriam mais comida* – e talvez até recebessem cartas de casa.

Pelo menos, a urgência de deixar Gloegoer era tanta que qualquer outro lugar com certeza seria melhor que aquele. Les Searle usou um pedaço de pano para limpar o suor de um dos homens de maca deitado ao seu lado no campo de manobras.

— Coragem, companheiro — murmurou. — Logo você vai sair dessa.

Naquela noite, os barracos foram palco de frenética atividade, em que os homens empacotavam e reempacotavam seus magros pertences nos preparativos da partida. Cada alojamento recebeu a visita dos guardas, avisando que tudo precisava estar pronto à primeira luz da manhã.

Frank Williams teve um tipo diferente de visita. O capitão Nissi em pessoa veio trocar umas palavras com o principal protetor de Judy. O comandante deu uma diretiva curta e grossa. *Ele queria ser bem claro: a cadela não iria para Cingapura. Como Judy era a mascote de Gloegoer I, deveria ficar em Gloegoer I.*

Quando o capitão Nissi foi embora, Frank ficou calado alguns momentos, tentando digerir a notícia. Mas estava realmente abalado. Sentou em um canto do barraco com

Judy encaixada entre seus joelhos e tentou elaborar um plano – plano para contrariar o cruel comandante do campo e manter Judy com seus companheiros, sua família natural. Ele sabia que podia contar com Les Searle, Jock Devani e os outros para ajudá-lo, mas teria que assumir sozinho o risco principal da operação.

Olhou para Judy por um momento. Não podia esperar que nenhum outro sacrificasse sua vida por ela – e certamente o fato de desobedecer às ordens do capitão Nissi significava pôr mesmo a vida em risco. Os japoneses – e especialmente aqueles semelhantes ao novo comandante do campo – eram incapazes de lidar com “perda da reputação”. Se o plano que Frank agora estava elaborando fosse bem-sucedido, quando o sumiço de Judy fosse descoberto todos saberiam que a ordem do capitão havia sido desrespeitada, e por um humilde prisioneiro de guerra. O risco que isso implicava para a reputação era incalculável, assim como era a punição que inevitavelmente viria a seguir.

Mas Frank estava absolutamente determinado: aonde fosse, seu animal iria com ele. Não importava quem desse as ordens, eles não iriam ficar separados. O homem e o animal mal conseguiram dormir naquela noite. Durante horas, Frank ensinou a Judy um novo truque – uma variação da brincadeira pegar-frutas-frescas-dos-túmulos-japoneses.

Os prisioneiros seriam levados para Cingapura a bordo de um antigo cargueiro. Frank passou as poucas horas tranquilas antes do amanhecer – enquanto o barraco se enchia do ruído dos homens famintos e exaustos, roncando e fungando, perdidos em um sono perturbado pela incerteza do despertar – ensinando Judy a correr ao seu sinal até um saco de juta que ele segurava. Quando ela pareceu ter entendido isso, ele lhe ensinou a pular dentro e fora do saco ao ouvir o leve estalo dos seus dedos.

Independentemente da raça, os cães respondem melhor ao treinamento em que a recompensa oferecida é brincar ou elogiar. Frank tinha pouco a oferecer a Judy senão brincar com ela e elogiá-la muito. Quando os primeiros raios do sol atravessaram os telhados dos alojamentos de Gloegoer I, Judy parecia ter dominado perfeitamente seu novo truque. Ainda não entendia bem do que se tratava, mas confiava incondicionalmente em seu professor. Ela não sabia, mas sua vida estava por um fio. A única coisa que podiam fazer era aguardar e ter esperança.

CAPÍTULO QUINZE

Ao amanhecer, os prisioneiros receberam a ordem de se reunir para a última parada. Mas um deles, com matrícula 81A-Medan, ficou amarrado a um pilar do alojamento britânico. Graças à época em que servira na Marinha Mercante, Frank conhecia quase todos os nós de marinheiro existentes. Usou um nó corrediço para amarrar Judy, daqueles que se afrouxam sob qualquer pressão moderada. Uma vez feito o nó, ele lhe deu a ordem de “ficar”, deixando-a para se juntar à fileira de homens que se formava fora na penumbra.

As regras brutais do capitão Nissi vigoravam havia menos de uma semana, e os homens de maca já constituíam duas fileiras. Só Deus sabe como os prisioneiros teriam se saído caso tivessem tido que aguentar esse regime criminoso por mais tempo.

Les Searle, Jock Devani e os demais antigos companheiros estavam “por dentro” do plano de Frank para resgatar Judy,

e cada um tinha um papel a desempenhar. Esperaram tensos enquanto os guardas contavam e recontavam os prisioneiros, e verificavam mais uma vez suas bagagens de magros pertences.

No plano de Frank, era crucial que ele fosse visto carregando um saco bem cheio, embora na verdade possuísse pouca coisa que valesse a pena ser levada. Encheu a bagagem com um velho cobertor, para que parecesse volumoso e lotado a quem quisesse inspecioná-lo. Finalmente, os guardas pareceram satisfeitos com sua averiguação, e relataram ao capitão Nissi que todos estavam presentes e prontos.

O capitão deu a ordem de se mover.

Pela última vez – pelo menos para esses prisioneiros – os portões do campo foram abertos. Os primeiros a sair foram os internados no barraco hospitalar, carregados em macas improvisadas na hora. Quando os carregadores das macas passavam pelos portões de Gloegoer I transportando verdadeiros esqueletos vivos, era como se os túmulos dos mortos tivessem sido abertos. Aqueles que um dia haviam sido homens, por uma combinação de brutal trabalho forçado, doenças tropicais e fome, agora não passavam de espectros.

Os que ainda estavam “em forma” – embora esse termo em Gloegoer Um tivesse um sentido bem diferente do normal – observavam a fantasmagórica procissão de quase mortos em silêncio chocado. Enquanto estavam ocupados nos grupos de trabalho, poucos tinham tido a energia, o desejo ou a necessidade de se aventurar até o barraco hospitalar. Sob as ordens do capitão Nissi, esse barraco havia sido forçado a deglutir seus segredos. Muitos homens morderam os lábios e cravaram as unhas nas mãos, enquanto lutavam para controlar o ódio que sentiam daqueles que haviam feito isso e resistir ao desejo de revidar. Quem o fizesse acabaria ou morto ou nas mãos da terrível Kempeitai, um destino ainda pior que a morte.

A Kempeitai era a equivalente japonesa da Gestapo, a polícia secreta da Alemanha nazista. Em meio àquela procissão de mortos-vivos estavam aqueles que haviam tido motivos para cair em suas garras. Em grande parte eram oficiais holandeses que tinham sido interrogados de forma inominável quando a Kempeitai procurava informações no território que fora subjugado. Haviam voltado a Gloegoer quebrados: não era tanto seu corpo que estava quebrado, mas a mente. Vagavam a esmo, como zumbis, perdidos em um mundo em que, por desespero, sua psique torturada se refugiara.

Frank se demorou no final da linha daqueles considerados em “boa forma”, esperando sua vez para sair. Quando a coluna começou a avançar, ele se posicionou para ser o último. No momento em que passou pelos portões, assobiou de leve, um chamado que Judy ia reconhecer como sendo o sinal para ela vir. Mas, enquanto ele seguia por último a fileira que ia em direção ao ramal ferroviário perto dali – o primeiro trecho da próxima viagem seria percorrido de trem, do campo até as docas –, não havia sinal da sua querida Judy.

Frank estava muito aflito ao pensar que talvez tivesse apertado demais o nó. Mas o que ele podia fazer? Não tinha como voltar para procurá-la. Ele certamente seria visto, haveria perguntas e Judy rapidamente seria descoberta. Então, ele fez a única coisa que podia: percorreu a fila de homens que fechavam a fila para subir no trem, procurando com os olhos, por toda parte, algum sinal do animal. Foi então que ele a viu – um focinho escuro e úmido, e um par de olhos brilhantes, meio escondida na sombra atrás de um vagão. Ele se ajoelhou, e uma cortina de corpos humanos se formou ao seu redor – as gregárias silhuetas de Les Searle e Jock Devani mais próximas, para esconder o que estava por vir. Uma vez completamente cercado, Frank tirou

rapidamente o cobertor da bagagem, estalou os dedos, e Judy disparou do seu esconderijo e pulou dentro do saco vazio.

Com o cobertor enfiado por cima para melhor escondê-la, Frank pôs o pesado saco sobre os ombros e subiu a bordo do vagão ferroviário. Uma vez Judy escondida, a viagem até as docas trazia perspectivas ao mesmo tempo doces e amargas. Embora, em grande parte, o futuro fosse incerto, os prisioneiros britânicos e australianos se sentiam aliviados por terem saído de Gloegoer I. Quanto aos prisioneiros holandeses, foi com ansiedade que se despediram ao passar diante do campo de famílias, agitando desesperadamente pedaços de pano e lenços pelas janelas dos vagões.

Ao chegar ao porto, os vagões trepidaram e rangeram sob a pressão dos freios. Havia chegado a hora de testar verdadeiramente o plano de Frank. Ele liberou Judy do saco, e ela disparou pela porta aberta até um lugar escondido debaixo dos vagões, pouco antes de o trem parar de vez.

De novo, os homens formaram fileiras, e os japoneses fizeram a segunda contagem e inspeção das bagagens do dia – apenas para verificar se ninguém fugira durante a viagem de trem nem estava escondendo contrabando.

A contagem dos prisioneiros era interminável, assim como a inspeção dos seus pertences. Uma vez vasculhado o saco e a situação aparentemente resolvida, Frank deu outro

assobio. A informação de que Judy estava vindo correu de manso de boca em boca pela fileira de homens que estavam esperando. Tendo se arrastado o quanto podia debaixo do trem, Judy saiu e perambulou no meio das fileiras de homens, indo diretamente até Frank. Nenhum dos homens olhou para baixo enquanto ela passava. No momento oportuno, Frank se abaixou de novo e a enfiou rapidamente dentro do saco para logo depois carregá-la sobre os ombros. Até ali, tudo bem. Os homens começaram a subir as passarelas que levavam ao convés principal do navio *ss Van Waerwijck*. Foram divididos em dois grupos – oficiais e feridos na frente, os demais atrás.

Havia cerca de setecentos prisioneiros reunidos na plataforma, e demorou muito para que todos embarcassem, principalmente os feridos. O sol de meio-dia brilhava implacavelmente no céu sem nuvens de Sumatra. O suor encharcava os homens enfileirados sem poderem se mexer. Frank sentiu seus membros enfraquecerem de cansaço, mas estava determinado a não fraquejar sob o peso que carregava nos ombros.

Ele sentiu o australiano alto que estava atrás dele se debruçar para a frente e colocar algo em sua cabeça. Era um chapéu australiano de pano com abas largas.

— Se eu cair, alguém vai me segurar — murmurou ele, animadamente. — Mas se você cair, amigo, já era... você e seu cachorro.

De repente, o capitão Nissi se materializou diante de Frank. Por um segundo ele observou o largo chapéu empoleirado sobre a cabeça do prisioneiro. Frank podia perceber a mente do capitão trabalhando febrilmente por trás dos olhos bestiais. O capitão Nissi vira Judy amarrada a um pilar, no alojamento em Medan. Vira que o saco de Frank havia sido verificado, lá no campo e ali. Presumivelmente, ele deixara a cadela para trás como havia sido ordenado.

— *Ino wa arimasen deshita?* (O cão não vem?) — perguntou ele em tom de ameaça.

— *Ino wa arimasen deshita...* — confirmou Frank com ar triste.

Fez o possível para parecer abatido pela perda de uma leal amiga, os olhos cravados no chão, mas, ao mesmo tempo, o pesado saco lhe machucava cada vez mais os ombros. Se Judy tivesse respirado nesse momento, o capitão teria percebido.

— *Ino wa arimasen deshita!* – afirmou o capitão Nissi, e um sorriso triunfante se abriu em seu rosto.

Com um brusco aceno da cabeça, ele seguiu adiante.

Frank, com as pernas tremendo, conseguiu subir a passarela sem que o conteúdo do seu precioso saco fosse descoberto. Mãos seguras o empurraram em direção a uma série de íngremes escadarias de metal que levavam ao porão de carga dianteiro do navio. Os prisioneiros não receberam nenhum dos coletes salva-vidas. Estes ficaram trancados nos armários de madeira do convés superior, ao lado dos botes salva-vidas do navio.

Com o saco pendurado nos ombros, Frank foi praticamente jogado escada abaixo, juntando-se à massa de corpos na escuridão do porão. No final da escadaria, descobriu que o porão havia sido transformado em “navio prisão”. Simples plataformas de madeira corriam por ambos os lados do espaço, dividindo-o em dois pisos. Aqueles que desceram primeiro a escada foram amontoados na escuridão quase total do piso inferior.

As condições eram abomináveis. Com apenas 1,20 metro de pé-direito, os homens do piso inferior não podiam ficar de pé, e estavam tão apertados que não havia espaço para se deitar. Em vez disso, agacharam-se, enfileirados. Frank conseguiu achar um lugar no piso superior. Não era muito melhor, exceto por haver vigias, o que pelo menos trazia a promessa de entrar um pouco de ar assim que o navio começasse a se mover.

Frank se sentou com Les Searle, Jock Devani e os outros, as costas contra uma antepara de metal. O calor já era intenso. A portinhola de entrada do porão era um pequeno quadrado de luz do dia acima deles, trazendo um raio de sol que perfurava a espessa escuridão. Mas logo a porta foi fechada ríspidamente, trancando os homens dentro de um gigante forno de metal. Em dois tempos, os homens ficaram sentados no meio de poças do próprio suor.

Uma vez fechada a portinhola, Frank sentiu que finalmente podia correr o risco de liberar Judy. Ela tirou a cabeça do saco, com a língua de fora e ofegando alto, enquanto dava uma olhada ao redor no novo ambiente. Em seguida, Frank a soltou e ela lambeu avidamente a água que ele trouxera do campo. Feito isso, eles se acomodaram no chão para aguentar da melhor forma possível a viagem marítima até Cingapura.

*

Nas águas ao largo da parte oriental de Sumatra, o dia 26 de junho estava calmo e ensolarado. O *Van Waerwijck* rumava em direção a Cingapura, e, felizmente, o capitão e a tripulação ainda não sabiam que o navio havia sido localizado por um submarino britânico.

O primeiro sinal que o comandante Robert Alexander, capitão do HMS *Truculent*, detectara do pequeno comboio era uma coluna de fumaça longe no horizonte. Minutos depois, ele reparou num avião voando em círculos no alto, formando algum tipo de escolta. Ele estava a menos de 3 quilômetros – distância da qual podia estudar devidamente os navios.

Ao se debruçar sobre o periscópio, observando atentamente os navios inimigos, o comandante britânico percebeu que se deparava com um pequeno comboio japonês. Após ter percorrido o grupo de navios de uma extremidade à outra, um deles – o navio a vapor de dois mastros com chaminé única, soltando uma coluna escura de fumaça – claramente representava o alvo maior e mais atraente. Sem saber que a embarcação carregava centenas de prisioneiros britânicos e Aliados, o comandante Alexander soltou quatro torpedos, antes de mergulhar, parando perto do fundo do mar a 58 pés de profundidade.

A bordo do *Van Waerwijck*, Les Searle acabara de ser chamado para o convés aberto. Era uma chance de pegar um pouco de ar fresco. O sentimento de alívio após as duras condições embaixo era inacreditável – mesmo que tivesse sido chamado para ajudar em uma tarefa realmente pouco agradável, a de limpar as latrinas do navio.

No meio do trabalho, algum sexto sentido o fez dar uma olhada para o mar. Ficou petrificado. Logo abaixo da superfície estavam os inconfundíveis rastros brancos da turbulência provocada por torpedos. Quatro deles, vindo rapidamente em sua direção!

Embora eletrizado pelo choque e pela descrença, Les conseguiu dar um grito de alerta. “Torpedos! Torpedos a bombordo!”

Seu alerta chegou tarde demais para que o navio pudesse fazer uma manobra evasiva. Logo depois, o primeiro torpedo atingiu o ss *Van Waerwijck*, lançando um gêiser de água branca para o alto. O impacto rasgou o casco do navio bem na parte traseira do porão dianteiro e perto do depósito de carvão. Aqueles que estavam no convés souberam instantaneamente o que havia acontecido, e vários se jogaram no mar. Mas os que estavam amontoados no porão de trás ouviram apenas um baque surdo reverberando pela embarcação, e não tinham como saber que calamidade atingira o navio.

Les correu pelo convés para alertá-los, mas o segundo torpedo chegou antes dele. O projétil de nariz redondo atingiu o porão traseiro, onde centenas de prisioneiros e uma cadela estavam empilhados como sardinhas. A explosão

foi tão violenta que pulverizou o convés, projetando vários guardas japoneses para o alto.

A água do mar começou a entrar pelo casco rompido.

O *Van Waerwijck* soltou um gemido de tortura antes de se inclinar fortemente a bombordo. No porão da frente, a antepara que separava os prisioneiros da sala das máquinas desmoronou. O maldito pó de carvão deixou o ar preto como a noite, e fantasmagóricas silhuetas cobertas de fuligem começaram a brigar entre si para conseguir subir a escada e se salvar. No convés acima, um capelão estava gritando ave-marias e pai-nossos, enquanto arrombava os armários que continham coletes salva-vidas, entregando-os àqueles que lutavam para se salvar do naufrágio.

Barris, baús e tábuas de madeira se estatelavam sobre o convés arreventado, deixando sem saída quem lutava para ficar livre. O navio estava afundando pela popa, e a água já pedia suas primeiras vítimas. No porão traseiro o caos era total. Silhuetas subiam umas nas outras para acessar a escadaria. Enquanto o navio se inclinava ainda mais, as plataformas de madeira se partiram em pesadas pranchas, enormes lascas despencando sobre os corpos, ferindo muitos. As enormes tábuas que cobriam as portinholas implodiram pela força do estouro, esmagando várias pessoas.

À medida que o navio se inclinava ainda mais, os caixotes que constituíam a carga do convés se soltaram e deslizaram para dentro do porão. A água borbulhante formava redemoinhos, dos quais os corpos lutavam para escapar. Les Searle perscrutou no meio da abertura, procurando Jock Devani, Frank, Judy e os outros entre a massa de metal retorcido, madeira e água. Ele indagou na escuridão, erguendo para cima as silhuetas que encontrava, juntando-se àqueles que tentavam arrastar quantos homens fosse possível para fora daquele gigantesco caixão de metal.

Mas Jock, Frank e Judy não estavam em lugar nenhum.

Quando o primeiro torpedo atingiu o navio, Peter Hartley, o padre improvisado de Gloegoer, acordou com um sobressalto. Levantou-se, enquanto uma sensação de pânico varria o porão, antes de ser projetado de volta ao chão pelo segundo torpedo. Pouco depois, seu cérebro entorpecido começou a identificar barulhos: água correndo, madeiras se rompendo; os gritos de agonia daqueles que estavam presos. O estridente gemido da sirene do navio rasgou a escuridão, enquanto o chão sob ele tremia e se balançava como se um terremoto estivesse dilacerando o navio.

Acima, ele viu um quadrado de luz do dia – a portinhola – com silhuetas agrupadas desesperadamente ao redor. A escadaria estava sitiada. Não havia como conseguir sair por

esse caminho. Em vez disso, ele começou a escalar a abrupta montanha de caixotes que haviam caído dentro do porão. Se pudesse alcançar o ponto mais alto, talvez conseguisse pular pela portinhola aberta.

Por um instante, ele olhou para o lugar em que Judy estava dormindo com a cabeça sobre as patas. Deparou-se com a mais incrível visão. Frank Williams havia içado Judy e tentava fazê-la passar através de uma vigia. Quando os torpedos atingiram o navio, Judy estava confortavelmente acomodada entre seus joelhos. Ele sabia que não tinha como carregá-la através daquela massa de homens que estavam começando a brigar pela única rota de fuga – a escadaria que levava à portinhola. Em vez disso, ele se virou para a vigia mais próxima, torcendo-a até que ficasse completamente aberta, e ergueu Judy para essa saída.

Com total confiança, ela deixou que ele passasse sua cabeça e patas dianteiras pela abertura, enquanto o navio dava seus últimos espasmos. Ela virou a cabeça em direção ao navio devastado, procurando Frank com o olhar, como se esperasse que ele fosse atrás dela.

Em vez disso, ele gritou palavras de incentivo: — Saia, garota! Vamos lá!

E, com isso, deu um último empurrão no quadril do animal, e Judy de Sussex despencou no mar.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Eram 14h04 quando o ss *Van Waerwijck* deu seu último suspiro e foi levado pelas ondas. Demorou apenas 12 curtos minutos para afundar. Mas nem tudo do navio desaparecera. A popa estava enfiada na lama e a proa seguia protuberante sobre o mar. O navio se partiu em dois, mas não se perdera completamente da vista dos sobreviventes: havia centenas deles em torno do casco, lutando pela vida.

Entretanto, seu algoz, o HMS *Truculent*, estava fazendo o possível para escapar das corvetas japonesas que vinham caçá-lo. Um conjunto de seis cargas de profundidade foi lançado, e as enormes erupções de água que se seguiram mostraram que haviam explodido bem abaixo das ondas. Essa primeira salva ficou longe do alvo, e as corvetas então voltaram para a segunda tentativa, que caiu bem mais perto do submarino britânico. Um terceiro ataque enviou mais cargas de profundidade, fazendo borbulhar a água em torno

do alvo, as ondas de choque marcando o casco do submarino britânico com seu ritmo mortal.

Mas, agora, o comandante Alexander fazia com o que o submarino *Truculent* retomasse seu rumo, rastejando silenciosamente até escapar de vez da perseguição. O submarino britânico deixou para trás um mar entulhado de escombros e destroços, além de centenas de homens lutando pela vida.

O *Van Waerwijck* afundou no estreito de Malaca, cerca de 500 quilômetros ao norte de Cingapura. A costa ficava a vários quilômetros de distância, e poucos estavam em condição de nadar até lá. Em vez disso, as silhuetas agarravam qualquer coisa que pudesse servir de boia – vigas de madeira quebradas, jangadas, coletes salva-vidas espalhados no mar. Em meio à oleosa espuma que cobria a água, caixotes de frangos vivos boiavam, e os cacarejos assustados davam um toque surreal à cena fantasmagórica.

Bombardeiros japoneses escoltados por caças apareceram no céu, à procura do submarino britânico, mas sem resultado. O HMS *Truculent* desaparecera em águas mais profundas de forma tão furtiva quanto aparecera. Já que não havia mais ameaça, os petroleiros, que tinham se aproximado da costa para se esconder, reapareceram. Botes

salva-vidas foram baixados, mas a tripulação recebera ordens estritas para priorizar o resgate dos companheiros japoneses e coreanos. Os prisioneiros britânicos, holandeses e australianos teriam que esperar sua vez.

Entre os primeiros prisioneiros a serem finalmente resgatados do mar estava Frank Williams. Ficara na água por umas duas horas, agarrado a um pedaço de escombros. Durante todo esse tempo, ele ficou procurando uma silhueta familiar, que estava desesperado para encontrar – uma pointer inglesa de pelo branco e marrom, pedalando nas ondas oleosas.

Quando Frank finalmente conseguiu escalar uma das redes lançadas nas laterais dos petroleiros, estava exausto por causa do tempo que passara na água, os olhos parecendo dois círculos brancos no meio dos seus traços enegrecidos pelo petróleo. Com um último olhar desesperado por cima do corrimão do navio, ele se deixou levar até o refeitório na popa do navio. Ao mesmo tempo, consolou-se ao pensar que havia feito o que era possível para salvar Judy.

Se ela estava viva ou não agora dependia da vontade dos deuses, e ele duvidava mesmo que os japoneses fizessem algum esforço para tentar salvar um cachorro, especialmente por se tratar de uma passageira clandestina. Sua maior preocupação era saber se ela não tinha voltado a

bordo do navio naufragado para buscá-lo e não conseguira sair de lá antes de a embarcação afundar. Afinal de contas, ela já havia ficado presa a bordo da *Grasshopper*, e fora salva apenas graças à enérgica perseverança do suboficial-chefe White.

Junto com os demais prisioneiros resgatados, Frank recebeu uma bola de arroz grudento, que pôs na boca com os dedos cobertos de petróleo, e uma xícara de chá. À medida que mais silhuetas enegrecidas se juntavam ao grupo, o convés ficou horivelmente lotado. Havia apenas uma estrutura de aço vazado acima dos tanques de petróleo sobre a qual os sobreviventes podiam se agachar, e o sol da tarde a esquentava como uma fornalha. Logo ficou impossível pisar o convés sem queimar a sola dos pés. A única coisa que os homens podiam fazer era se agachar sob o sol escaldante e sofrer em um silêncio chocado e estupefato, enquanto a busca por outros sobreviventes continuava.

Sem que esses prisioneiros resgatados soubessem, a maior salvadora de vidas de quatro patas estava labutando na água. Les Searle conseguira escapar do *Van Waerwijck*, e começou a nadar em direção ao petroleiro japonês mais próximo. Enquanto nadava em meio aos escombros, deparou-se com a mais incrível das visões. Uma linda cabeça escura estava atravessando a água como uma flecha, e

poderosas patas dianteiras batiam a superfície da água. Havia um homem ao lado de Judy, abraçado ao corpo do animal, enquanto ela o puxava para que fosse resgatado.

Les mal conseguiu acreditar no que via. Por que o pobre animal não se desprendia do homem?, ele se perguntou. Com o peso morto de um adulto ela certamente corria o risco de afundar.

Mas Judy chegou ao barco de resgate mais próximo – um *tongkang* local que chegara à cena –, e o naufrago foi içado a bordo. Mas ela não se deu por satisfeita. Com gritos de incentivo ecoando em seus ouvidos, ela deu meia-volta e foi em busca de outros sobreviventes. Ajudou a trazer meia dúzia de homens, antes de ficar exausta demais para carregar mais corpos – momento no qual resolveu empurrar pedaços de madeira à deriva em direção daqueles que mais precisavam de ajuda.

Finalmente, deixou-se levar a bordo do *tongkang*. Encharcada e coberta de óleo, Judy parecia mais morta do que viva. Estava totalmente exausta, as costas angulares sobressaindo nitidamente pelos flancos emaciados e molhados, e os olhos vermelhos e irritados – mas, mesmo assim, ela ainda era a heroína da hora.

Infelizmente, não era o momento de tratá-la como a campeã dos salva-vidas que era. Em vez disso, ela teve que

ser colocada às pressas debaixo de um pedaço de pano que havia sido usado para cobrir os corpos de alguns dos opressores humanos que ela mais odiava – dois guardas coreanos que haviam se afogado quando o navio afundou. Judy precisaria ficar na companhia desses cadáveres até chegar a Cingapura – do contrário, os guardas poderiam descobrir sua presença e, relembrando as ordens do capitão Nissi, retaliar duramente.

Um dos últimos homens a serem içados do mar foi o capitão Gordon, da Artilharia Real. Dera um jeito de nadar até uma armadilha para peixes colocada ao largo da costa, agarrando-se a ela por horas. De lá, foi resgatado por uma das corvetas japonesas. Tendo agradecido ao capitão do navio por tê-lo salvado junto com muitos outros, o capitão Gordon perguntou ao comandante japonês se este aceitava fazer uma última busca de náufragos. Ele concordou, e às 16h30 da tarde todos os sobreviventes haviam sido retirados do mar.

O comboio se formou e voltou a seguir seu rumo, em direção ao sul, até Cingapura. Mas, ao pôr do sol, os conveses que haviam fervido durante o dia se transformaram em uma gélida cama para a noite. Sem cobertores, e muitos até com falta de roupas – perdidas no naufrágio –, os sobreviventes se agruparam o mais perto

possível para tentar compartilhar um pouco de calor humano. Enquanto o vento glacial soprava pelo convés exposto, as imprecações e tremores dos sobreviventes se misturavam aos desesperados gemidos ocos dos feridos.

Entre aqueles que escaparam do afundamento do *Van Waerwijck* estavam Les Searle, Jock Devani, Frank Williams e Judy, além do padre improvisado de Gloegoer I, Peter Hartley – mas eles estavam espalhados entre vários navios. Tinham todos à frente uma jornada durante a qual iam gelar de noite, assar sob o sol escaldante durante o dia e serem obrigados a enterrar muitos amigos no mar – os mais gravemente feridos, que não iriam sobreviver.

Quando o esfarrapado comboio chegou a Cingapura, a maior parte deles estava tão abalada pelo choque e a exaustão que mal entendeu que havia chegado.

Mais de dois anos tinham se passado desde que Frank Williams prestara serviço na unidade da Força Aérea Real em Cingapura, ou desde que Les Searle, Jock Devani e Judy haviam lutado valentemente a bordo das canhoneiras cercadas pelos japoneses, ou desde que Peter Hartley se recusara a seguir a ordem de rendição e resolvera desesperadamente escapar. Os navios que os transportavam passaram entre as embarcações afundadas que entupiam o porto antes de cruzar as formas cinzentas de dois

submarinos alemães brasonados com uma enorme suástica vermelha e branca.

Os primeiros navios acostaram no desembarcadouro vazio. A realidade do que acontecera começou a se concretizar para os sobreviventes do naufrágio, agachados como espantalhos despídos nos conveses. Sem roupa e cobertos de óleo, cerca de quinhentos homens entre os setecentos prisioneiros do *Van Waerwijck* haviam sobrevivido. Embora sujos, ensanguentados e despídos, poucos se sentiam envergonhados, agora que estavam de volta à “civilização”.

Em vez disso, agradeceram por estarem vivos.

Mas, para um prisioneiro, 81A-Medan, o momento mais apavorante dessa horrível viagem estava por vir. O *tongkang* carregando Judy chegou à doca, onde um comboio de caminhões do Exército japonês esperava. Uma conhecida silhueta se destacava entre os veículos cinzentos, dominando com a cabeça e os ombros os demais oficiais – o coronel Banno. Após as terríveis regras do capitão Nissi, alguns dos prisioneiros – entre os quais Les Searle e Peter, “o padre” – quase se sentiram felizes por estarem mais uma vez diante do antigo comandante de Gloegoer I.

Primeiro, o coronel saudou a chegada dos prisioneiros com um sorriso. Porém, logo seu olhar ficou horrorizado ao

ver os esqueletos humanos amontoados ao longo do cais e entender os terríveis momentos pelos quais haviam passado. Versátil como sempre, o olhar dele parecia manifestar um raro vislumbre de piedade. Virou-se para os guardas e começou a dar ordens, gesticulando freneticamente com as mãos para as silhuetas do navio.

O *tongkang* arrastou-se ao longo da doca de concreto antes de parar. A passarela foi descida, e foram chamados voluntários para carregar os feridos, entre os quais os guardas coreanos que haviam pulado do navio segundos após terem sido atingidos, para logo serem alcançados pelas ondas de choque do segundo torpedo, que provocaram graves ferimentos. Então foi a vez dos prisioneiros do porão traseiro, que haviam sido feridos na explosão causada pelo segundo torpedo. Alguns guardas japoneses pularam no mar com um tipo de boia improvisada entre as pernas – um pedaço de tábua de madeira do navio, talvez – e que não serviu para nada senão causar graves ferimentos ao bater na água.

Uma vez descarregados os feridos, foi dada a ordem de desembarcar os homens fisicamente aptos. Quando Les Searle persuadiu Judy a sair do esconderijo, eles não tinham onde escondê-la, nem como estalar os dedos para que ela voltasse às pressas para baixo do pano. Ele não teve outra

escolha senão levá-la para descer a passarela à vista de todos. Junto com o padre Peter Hartley, ele e Judy percorreram aos trancos a curta distância, já que estavam em péssimo estado. As pernas e os braços de Hartley exibiam cortes provocados pelas lascas de madeira que ele encontrara no caminho, e nem Les Searle nem Judy estavam em melhor estado.

Mas, tão logo os três sobreviventes passaram pelo cais, os guardas de Gloegoer I viram Judy. O ambiente em torno do desembarque mudou completamente. Dois dos guardas se precipitaram adiante, soltando invectivas e apontando freneticamente para a cadela, Les Searle e o mar. O significado era claro: estavam ameaçando jogar Judy na água do porto, e possivelmente também seus companheiros humanos. Les Searle duvidava ser capaz de sobreviver a outra imersão, e, no caso de Judy, ela também parecia meio abatida.

Enquanto os guardas se precipitavam para agarrar a cadela, ecoou um poderoso grito. As mãos se imobilizaram no meio do movimento. Era a voz do coronel Banno. Tendo visto o que acontecia, o coronel emitira algum tipo de contraordem. Os guardas ficaram em posição de sentido antes de se inclinar perante o coronel e se afastar do animal.

O coronel Banno se precipitou adiante. Os guardas acenaram com a cabeça em obsequiosa subserviência enquanto ele passava no meio deles. Então, em vez de levantar a espada para atormentar Judy, ele se agachou para afagar as orelhas manchadas de óleo, mostrando claramente que ela obtivera sua graça. Para muitos prisioneiros, naquele momento o coronel Banno expiou muitas das crueldades que havia praticado contra eles em Gloegoer I.

Os prisioneiros foram dispostos em fileiras irregulares. Muitos estavam completamente despidos, cobertos apenas por uma espessa camada de gordurosa fuligem e óleo. Alguns caminhões surgiram no cais. Feita a contagem, os homens – e uma cadela que obtivera uma graça de última hora – receberam a ordem de subir nos veículos. Mas ao lado dos caminhões se encontrava outra silhueta familiar, porém muito menos bem-vinda. Era o terrível capitão Nissi, que acabara de aparecer em cena. Enquanto Les Searle erguia Judy na traseira de um dos caminhões, o capitão soltou um estrangulado grito de raiva. Um fluxo de ofensivas saiu de sua boca. Dois soldados deram um passo adiante, com as armas apostos.

A aparência de Judy era agora bem diferente da gloriosa época a bordo das canhoneiras do Yangtzé. Estava magra de doer, seu pelo branco manchado pelo óleo das incursões que

fizera no mar; os dentes estavam amarelados sob os lábios dobrados, e os olhos vermelhos brilhavam de ódio contra aqueles que desejavam prendê-la. Mas, no momento em que estavam prestes a castigá-la, uma voz mais velha e com mais autoridade se fez ouvir. Mais uma vez era o coronel Banno, revogando as ordens do capitão Nissi: *a prisioneira 81A-Medan não devia ser castigada.*

Embora odiasse ter que fazer isso, o capitão Nissi foi obrigado a ceder. Antes que houvesse outra possível tentativa de atingi-la, Les Searle empurrou Judy no caminhão e subiu atrás dela. Logo os caminhões balançaram pela estrada do porto, cada homem perdido em um canto escuro do veículo, enterrado em seus próprios pensamentos. Nem mesmo o fato de eles terem conseguido frustrar as intenções assassinas do capitão Nissi podia levantar o moral esgotado dos homens.

O comboio passou rugindo pelas ruas do que antes fora a “ilha-fortaleza” britânica, mas que agora havia sido transformado em bastião do odiado inimigo. Após um curto percurso pela cidade, os caminhões pararam. Os prisioneiros receberam a ordem de descer. Havia sido trazidos ao novo campo – “novo” para eles, mas o lugar estava mais dilapidado e desanimador do que haviam imaginado.

Os barracos eram feitos de estruturas de madeira malcortadas, supostamente cobertas por *atap* – um sapê simples colhido na selva. Mas, em muitos deles, o telhado havia sido arrancado pelo vento ou apodrecera completamente. Esse lugar maldito se chamava “Campo da Estrada do Vale do Rio”, presumivelmente porque havia um riacho servindo de esgoto que corria no meio dele.

Os primeiros sobreviventes do ss *Van Waerwijck* entraram no campo, passando diante de um grupo de barracos que já estavam ocupados por prisioneiros Aliados. Foram proibidos de parar ou falar com eles. Passaram pelo riacho que servia de esgoto, por um portão de arame farpado guardado por sentinelas, e chegaram ao que parecia ser o pior recanto de todo aquele quinto dos infernos.

Esse final de campo estava entulhado de lixo e imundície. No ponto mais distante, havia uma fileira de barracos, cada um equipado com plataformas de madeira para dormir. A partir de então, seria ali a casa deles.

Esses homens tinham perdido tudo quando o ss *Van Waerwijck* afundou. Os raros pertences que haviam levado de Gloegoer I agora estavam no fundo do mar do estreito de Malaca. Em número reduzido, “animais” nus, sofrendo choque e exposição, cabelos emaranhados e oleosos, rostos

cobertos de sujeira, grande parte deles estava quase tão louca quanto parecia – nesse momento os sobreviventes do *Van Waerwijck* estavam prestes a se tornar um exército de insanos e amaldiçoados.

Vasculhou-se o lixo em busca de latas vazias que pudessem ser usadas como xícaras, e improvisaram-se roupas com pedaços de pano de saco. Serviu-se uma refeição feita de arroz e peixe seco e salgado. Os homens foram obrigados a comer com as mãos, usando folhas cortadas das árvores como pratos. Um chá-preto de sabor áspero e não adocicado foi distribuído em latas enferrujadas e incrustadas de sujeira. Mas a ração levou alguns ainda mais à beira da loucura, uma vez que não era suficiente para começar a saciar a terrível fome que sentiam. Após o navio afundar, a comida se tornara escassa, já que a tripulação do *tongkang* não esperava ter que alimentar dúzias de prisioneiros Aliados.

E agora isso – *rações de inanição*.

Quando Les Searle se retirou para o barraco para descansar seu corpo dolorido, com o estômago contraído e resmungando de dor, esperava que Judy entrasse com ele. Mas, estranhamente, ela se recusou. Em vez disso, foi de barraco em barraco, inspecionando cada um. Resolveu então percorrer todo o comprimento e a largura do campo. Agora,

Les tinha uma vaga ideia do que ela estava fazendo: procurando seu amigo desaparecido – Frank Williams. Mas ele não sabia o que dizer para reconfortá-la.

O máximo que conseguira fazer foi salvar Judy da ira do capitão Nissi – com a ajuda do coronel Banno. Mas ele não fazia ideia se Frank Williams sobrevivera ou não ao naufrágio. Todos ouviram falar da história de Frank passando Judy pela vigia, mas depois disso... quem sabia? Porém, não havia como parar Judy em sua busca. Uma vez que teve certeza de que Frank não estava no campo, ela se acomodou no portão, com a cabeça deitada sobre as patas dianteiras e os olhos tristes fixos na direção em que ela esperava que seu “dono” reaparecesse milagrosamente.

Durante dois dias, manteve sua vigia solitária. Judy estava em uma vigília que não podia ser interrompida. Vezes demais na vida, ela havia sido separada dos seus maiores protetores – o suboficial-chefe Jefferey e Tankey Cooper da *Gnat*, o suboficial-chefe George White da *Grasshopper*, entre outros. Perder Frank Williams era algo que Judy simplesmente se recusava a aceitar, como se sua simples força de vontade pudesse trazê-lo à vida.

E assim ela esperou pacientemente por um reencontro que, tinha certeza, iria acontecer.

*

Cerca de 48 horas após a chegada dos primeiros homens ao Campo da Estrada do Vale do Rio, foi a vez de Frank Williams aparecer. Enfraquecido pela exposição, exausto física e mentalmente pelo naufrágio, sentia-se ainda mais traumatizado pela perda do seu animal querido. Aos poucos, parecia perder a vontade de viver.

Ele desceu do caminhão, cada movimento lhe causando agonia, e entrou tropeçando no terrível campo. Andava cego ao que estava ao redor, perdido no seu próprio mundo sombrio. Estava tão desligado do ambiente que, ao sentir o primeiro golpe nos ombros e passar cambaleando pelo portão de arame farpado, contraiu os ombros pensando que se tratava de outro prisioneiro exausto tropeçando em cima dele.

O segundo golpe foi forte o suficiente para derrubá-lo no chão de terra, de tão fraca que estava sua condição física. Ele ficou deitado lá sem sentir nada senão uma incompreensão indiferente, enquanto alguém ou algo escarafunchava sua cabeça e ombros, como se quisesse desesperadamente atrair sua atenção.

E então ele ouviu. Primeiro, não podia – *não queria* – acreditar nos seus ouvidos. Um surdo e insistente gemido chegara até ele, em meio à fome, ao trauma e à arrasadora exaustão que lhe entonteciam a mente. Como se para

confirmar suas impossíveis esperanças, ele sentiu algo frio e úmido encostar em seu rosto – e agora o gemido vinha diretamente ao seu ouvido.

Sua audição não estava lhe pregando nenhuma peça! *Era ela! Era Judy!* De algum modo, a cadela que, ele acreditava, havia sucumbido no mar no naufrágio do *Van Waerwijck* – a cadela que ele havia empurrado por uma vigia do navio para tentar salvá-la – voltara dos mortos!

Sentindo que finalmente ele a havia reconhecido, Judy se lançou sobre a forma prostrada de Frank em um frenético movimento de prazer. Tendo conseguido se virar, ele passou os braços em volta dela e olhou em seus olhos sofridos, porém sempre esperançosos. Sentiu a espessa camada de óleo e fuligem que cobria seu pelo. Percebeu como as costas e ancas estavam terrivelmente ossudas. Também entendeu como ela havia ficado desesperada para encontrá-lo.

Ficaram abraçados por um momento, milagrosamente reunidos, e sem que nada precisasse ser dito. Foi um daqueles momentos mais doces. Frank sentia como se seu coração fosse se abrir diante de tanta alegria. E, para Judy, sua longa espera havia sido recompensada. Nesse momento único, Frank pareceu ter reencontrado a vontade de viver. Ele se levantou e, juntando as reservas de força que acabara de descobrir, pegou o animal no colo.

— Venha, garota — ele lhe disse, com lágrimas nos olhos —, e pare de agir como uma boba.

Juntos, homem e animal foram para seu novo alojamento.

Na primeira noite, Judy ficou deitada aos pés de Frank. Apesar dos últimos terríveis acontecimentos, ela ficou vigiando aquele que mais amava. A qualquer movimento vindo do campo adormecido, abria um olho, farejava o ar e erguia as orelhas, procurando o mais ínfimo rastro de perigo. Judy estava determinada a não perder mais seu melhor amigo.

Foi somente quando teve certeza de que nada de ruim estava se aproximando que ela fechou os olhos e, exausta e dolorida, caiu no sono.

*

Os dias seguintes foram reservados para descansar e se recuperar – não que o campo fornecesse muitos meios nesse sentido. O lugar – assim como Cingapura em geral – não oferecia nenhum dos “luxos” que esses homens desesperados tanto almejavam. Não havia cartas de casa; eram poucas as notícias dos acontecimentos da guerra; as rações eram piores que em Gloegoer I; e o campo em si era um lugar imundo, esburacado e varrido pelo vento, se comparado à solidez dos alojamentos construídos em Sumatra.

A ração diária de arroz e peixe seco padecia da falta de vegetais verdes ou frutas essenciais para evitar os casos de beribéri, doença debilitante causada pela deficiência aguda de vitaminas B. Todas as folhas verdes e comestíveis já haviam sido arrancadas das árvores em torno do campo. De vez em quando, um pedaço de alga seca acompanhava a ração diária, mas a aparência e o gosto lembravam uma corda velha e salgada. Os médicos holandeses e britânicos estavam prevendo as piores consequências se as rações não fossem melhoradas em qualidade e quantidade.

Mas nada mudou.

Os japoneses forneceram “novas” roupas para substituir aquelas perdidas no naufrágio – na verdade, tratava-se principalmente de antigas fardas do Exército japonês, remendadas inúmeras vezes, e que pareciam ter sido tiradas do corpo de soldados mortos. Algumas botas surradas do Exército britânico foram distribuídas, mas, de longe, não em quantidade suficiente para todos. E, pela primeira vez desde que haviam sido feitos prisioneiros, cada homem recebeu um cobertor. Passavam o tempo tentando descansar e se recompor, ou fabricando colheres e pratos rudimentares a partir de latas velhas, ou ainda improvisando “escovas de dentes” com galhos de árvores.

No primeiro domingo após a chegada deles, Peter Hartley – o padre substituto de Gloegoer I – improvisou um serviço. Não tinha Bíblia, tendo perdido tudo no naufrágio do *Van Waerwijck*. Pediu emprestados papel e caneta e rabiscou o que conseguia se lembrar de quatro hinos, preenchendo os brancos com a ajuda de outros prisioneiros. O serviço ocorreu em um dos esquálidos barracos. A força dos cantos teria sobre-erguido o telhado caso este não estivesse tão podre, enquanto os que haviam sobrevivido ao pior lamentavam a perda dos amigos desaparecidos, porém não esquecidos, e agradeciam seu próprio resgate.

Mas, na verdade, esse resgate não passava de uma miragem. A estadia no campo duraria apenas quatro semanas – o tempo que os japoneses calculavam necessário para que os prisioneiros se recuperassem do naufrágio. Tratava-se de um campo transitório, e na última semana de julho de 1944 anunciou-se que os prisioneiros de Gloegoer I estavam de mudança. Em Gloegoer – e agora no Campo da Estrada do Vale do Rio – esses homens pensavam estar em um lugar muito parecido com o inferno. Mas o local para onde homem e animal iriam agora os lançaria de fato nas garras das trevas.

Estavam voltando a Sumatra, para trabalhar como escravos na Ferrovia do Inferno.

CAPÍTULO DEZESSETE

Foi no final do século XIX que os holandeses consideraram pela primeira vez a possibilidade de estender uma ferrovia pelas montanhas centrais aparentemente impenetráveis de Sumatra. O terreno era impraticável. Consistia em abruptos cumes rodeados de neblina e nuvens, cujas encostas estavam cobertas por um tapete de selva densa, entremeadas de rios de curso rápido e profundas cordilheiras e entrecortadas por uma labiríntica rede de grotas e túneis. Mas o prêmio também era potencialmente estupendo: *ouro negro*. As montanhas de Sumatra abrigavam algumas das mais ricas reservas de carvão do mundo.

As jazidas carboníferas ainda não exploradas nas montanhas centrais de Sumatra podiam produzir 500 mil toneladas de ouro negro por ano. Por isso, então, os japoneses, *in extremis*, ressuscitaram o projeto colonial holandês da ferrovia, abandonado havia muito tempo. Eles planejavam abrir uma ferrovia e uma rota fluvial nas

montanhas de Sumatra, de maneira que as ricas reservas de carvão pudessem ser extraídas e enviadas a leste para alimentar seus navios, primeiro em Cingapura e depois para todos os cantos das conquistas japonesas.

O maior contingente de mão de obra escrava identificada para a construção da ferrovia era de longe composto pela população local, os chamados *romushas*. “*Romusha*” é um termo japonês que significa “trabalhador braçal”, e 10 mil deles foram forçados a trabalhar na ferrovia sob a ameaça de armas. Mas, na sexta-feira de 9 de maio de 1944, o primeiro contingente de prisioneiros Aliados chegou a Pakan Baroe, para se juntar aos *romushas* que levavam os trilhos de ferro pela selva. Frank Williams, Les Searle, Jock Devani, Judy de Sussex e seus companheiros do ss *Van Waerwijck* chegaram poucas semanas depois.

Os sobreviventes do ss *Van Waerwijck* voltaram a Sumatra em 27 de julho de 1944, seguindo uma rota que lembrava muito a primeira incursão dos prisioneiros nessa região rústica, porém linda. A principal diferença era a seguinte: agora o término da viagem seria o distante povoado de Pakan Baroe, cercado por todo lado por uma extensão aparentemente interminável de selva pantanosa infestada

pela malária – em oposição à potencial escapatória por navio da cidade portuária de Padang, na costa.

Ao chegaram a Pakan Baroe, os sobreviventes do *Van Waerwijck* eram esperados pelo comandante japonês do campo, o tenente Miura, que os informou do seu destino. Nessa altura, eles haviam sido levados a acreditar que iam trabalhar em uma “plantação de frutas”. O tenente Miura rapidamente dissipou qualquer equívoco. Os prisioneiros iam ter a “honra” de construir uma ferrovia para o imperador do Japão. Uma vez terminada, eles iam receber uma medalha do imperador por seus esforços.

Os sobreviventes do *Van Waerwijck* foram colocados temporariamente no Campo 2, a cerca de 5 quilômetros da rota da futura ferrovia. Supostamente, o Campo 2 era um campo hospitalar, mas logo seria conhecido como o “Campo da Morte”. Ficaram sob a liderança do comandante da Força Aérea Patrick Slaney Davis, o qual chegara recentemente a Sumatra vindo de campos de prisioneiros de Java.

Os japoneses haviam designado o comandante Davis, na qualidade de comandante Aliado, responsável por todos os prisioneiros a trabalho na ferrovia. Alto, emaciado e com olheiras escuras sob os olhos fundos, ele construiria uma fama um tanto contraditória. Enquanto alguns prisioneiros o achavam “distante e reservado”, ele ganharia uma

insuperável notoriedade por sua temeridade diante da brutalidade dos japoneses e por suas corajosas e astutas negociações para manipular e compelir o inimigo em nome das suas obrigações humanas.

Mas a tarefa desse oficial da Força Aérea Real de 28 anos era quase impossível. O comandante Davis iria ter milhares de prisioneiros sob sua supervisão, espalhados pelos 220 quilômetros de extensão de uma ferrovia assentada em um terreno terrível, e repartidos em dezessete campos ao longo da obra. Lá, no meio da selva, onde a palavra dos guardas sádicos e brutais era lei, havia muito pouco que o comandante pudesse fazer para proteger seus prisioneiros.

*

Após descansar no Campo 2 apenas o tempo suficiente para provar que – aos olhos dos guardas do campo – estavam em “boa forma”, os sobreviventes do naufrágio foram enviados para a frente da selva. O destino era o Campo 4, em Teratakboeloeh, cerca de 25 quilômetros adiante, na rota da ferrovia ainda nos seus primórdios.

Todos já haviam ouvido falar das terríveis privações e humilhações da ferrovia da Birmânia. Tinham bons motivos para temer que esta fosse tão ruim quanto, se não pior. Les Searle tinha certeza de que diante deles, para parafrasear Churchill, só havia “sangue, suor e lágrimas”, porém ali

seriam derramados não para defender a Grã-Bretanha contra a dominação nazista, mas para continuar o esforço de guerra dos odiados japoneses. Ser usado como mão de obra escrava da pior espécie, e tudo isso para alimentar a máquina de guerra do inimigo... que destino podia ser menos atraente?

À medida que o caminhão transformado seguia a rota, Judy e seus companheiros se sentiam totalmente esquecidos – homens perdidos em um mundo perdido. A maior parte deles aceitara o fato de as chances de sobrevivência serem remotas. Talvez a coisa mais horrível de tudo isso fosse que para o mundo externo eles já estavam “mortos”. Não haviam recebido nenhum cartão-postal nem carta da Grã-Bretanha, e as raras cartas oficiais que os japoneses lhes davam para que escrevessem às suas famílias haviam sido queimadas na fogueira do campo. Enquanto estavam sendo engolidos por aquela selva sem fim, um lugar totalmente perdido no tempo, a ideia de estar mortos para o resto do mundo os consumia.

Agora, dentro do caminhão lotado de condenados, ia sentada uma figura emblemática – a ereta e aparentemente destemida silhueta de Judy. Há muito tempo os cães são criados para incorporar traços particulares, um dos mais importantes o de “melhor amigo do homem”. O fiel

companheirismo é uma qualidade que, certamente, valorizamos neles acima de todas as outras. Durante milênios, tornaram-se extraordinariamente sintonizados às emoções humanas. Naquele maldito caminhão balançando em meio ao calor úmido e à decomposição e entre a sufocante parede de vegetação, os companheiros de Judy podiam perceber que ela sabia como se sentiam.

Seu olhar passeava por eles, brilhando com uma quente doçura e empatia. Um único olhar de seus olhos sofridos, porém carinhosos, era particularmente eloquente. Falava de compaixão e compreensão. Mais que isso, havia algo em sua arfante boca aberta que era extremamente maternal e tranquilizador. Era como se ela estivesse dizendo: *Sei como se sentem; mas confiem em mim... vai dar tudo certo.* A presença de Judy entre esses homens, além do seu indomável espírito, dava-lhes a força de que precisavam para encarar o que vinha pela frente com os ombros um pouco mais erguidos.

Claro, Judy ia compartilhar o mesmo destino que todos, e, de fato, suas chances de sobreviver eram provavelmente menores que as de seus companheiros humanos prisioneiros. Aos olhos dos guardas da ferrovia, ela era uma cadela bastante execrável, mas, mesmo assim, totalmente comestível. E, à medida que seus companheiros sofriam da mais inominável brutalidade, ela se sentia cada vez mais

obrigada a protegê-los, o que, por sua vez, levava os guardas a manifestar crueldade e ira nunca vistas.

A primeira noite no Campo 4 forneceu uma arrebatadora indicação do que estava por vir. Les Searle, Frank Williams, Jock Devani, Peter Hartley: a cada um foi atribuída uma tábua de madeira dura de 45 centímetros de largura que ia ser sua nova “casa”. A prisioneira 81A-Medan não recebeu nada, mas ficou feliz por poder se aninhar aos pés de Frank, satisfeita por saber que, milagrosamente, ainda estava com quem ela mais amava, além dos demais companheiros. Na luz crua da lanterna improvisada – um pedaço de pano flutuando em uma lata de óleo de coco – era nítido o assustador estado do barraco em que estavam alojados.

As paredes e o telhado eram feitos de nada mais substancial que folhas de palmeira amarradas a rústicos troncos de bambu. Sob as plataformas de dormir, a vegetação tropical estendia seus dedos famintos, e o interior do alojamento estava repleto dos insetos vorazes que infestavam a selva. Um enxame de coisas mordendo e sugando sangue voava em círculos em volta da luz, bichos não identificados surgindo à direita e à esquerda para atacar um ou outro dos ocupantes humanos do barraco. E, de todo canto da selva, vinha o rítmico *prip-prip-prip* do coro de

insetos ecoando de forma ensurdecidora. Quem conseguia dormir em meio a tudo isso?

Na primeira noite, os homens se sentiram como se tivessem dormido apenas alguns segundos, quando o estridente chamado de um clarim invadiu o fétido barraco. Ainda estava escuro, mas ninguém duvidava que fosse o toque de despertar. A vida começava às 7h00 da manhã na ferrovia – mas eram 7h00 no *horário de Tóquio*. Em Sumatra eram 4h30 da manhã; o meio da noite. Não importava: na mente dos capatazes japoneses tudo que vinha do Japão Imperial era superior, até mesmo o horário.

Sob a fantasmagórica luz da lua, os prisioneiros formaram fileiras para a parada, além da obrigatória contagem. Diante deles, na meia-luz da escuridão, percebiam-se as silhuetas de barris de óleo com fogo aceso por baixo, significando que o café da manhã estava pronto. A primeira luz do amanhecer começava a se filtrar no campo no momento em que cada homem recebia uma gororoba marrom-acinzentada dentro de uma tigela ou lata amassada. Esse era todo o café da manhã, algo chamado *ongle-ongle*, uma lama de farinha de tapioca fervida na água, que ao esfriar parecia uma geleia de larvas. Era com essa ração que os homens supostamente passariam o dia inteiro

– invariavelmente mais que um dia inteiro – executando o duro trabalho da ferrovia.

Os grupos de trabalho eram divididos em tarefas. Um grupo de homens era enviado selva adentro, à frente da ferrovia, e ia abrindo campos sucessivos para o grupo principal de trabalhadores que o seguia. Um segundo grupo, maior, devia aterrar o terreno da ferrovia, cavando areia ou lama à mão, e carregando o entulho em cestas de vime até a rota da ferrovia. Era um dos trabalhos mais duros, essencialmente distribuído aos *romushas* – a mão de obra escrava local, em grande parte trazida da ilha vizinha de Java –, os mortos-vivos da ferrovia.

Outros grupos cortavam a madeira da floresta para a construção da ferrovia, ou carregavam dormentes e trilhos de ferro sobre os vagões para levá-los adiante, ou ainda colocavam os dormentes sobre o terreno aterrado, ou deitavam os trilhos sobre os dormentes, e um último grupo martelava os trilhos, fixando-os nos dormentes.

No Campo 4, os sobreviventes do ss *Van Waerwijck* foram distribuídos entre essas tarefas conforme a vontade do cabo japonês responsável. Les Searle fazia parte dos sortudos: juntou-se a um grupo de cerca de trinta homens que foram enviados à frente da ferrovia para construir um novo campo

na selva. Frank Williams recebeu a desagradável tarefa de descarregar os trilhos de ferro dos vagões, transportá-los até a linha e deitá-los sobre os dormentes.

Quanto a Judy, ela andava de lá para cá, na frente deles, farejando qualquer coisa interessante na selva de cada lado da trilha. Frequentemente, virava a cabeça para olhar o grupo que carregava o trilho e averiguar se os guardas não estavam causando problemas. Apesar da má companhia com a qual precisava andar, Judy adorava estar na selva. Havia todo tipo de animais estranhos e maravilhosos para farejar, e algumas partes da espessa vegetação escondiam a coisa da qual os cães mais gostam no mundo – ossos frescos.

O trabalho provavelmente mais árduo já havia sido feito pelo time de prisioneiros que estavam na cabeça da ferrovia – limpar a trilha e preparar o aterro. Em certos lugares, isso significava remover enormes quantidades de terra para firmar o terreno onde era mais baixo e pantanoso. Em outros lugares, um exército de escavadeiras humanas precisava cortar as íngremes encostas e colinas com ferramentas manuais. Esse exército consistia em dezenas de milhares de *romushas*, cuja taxa de mortalidade chegava ao assustador nível de *cem ou mais por dia*.

Ao contrário dos prisioneiros Aliados, os *romushas* não tinham quase nenhum campo. Os prisioneiros podiam estar

dolorosamente subalimentados, mas os *romushas* não recebiam nenhuma ração dos japoneses. *Nada*. E à noite, após um dia de torturante trabalho escravo, eles precisavam se virar sozinhos na selva. Eram literalmente usados como burros de carga – para a escavação, a desobstrução e o transporte – e descartados quando ficavam doentes ou fracos demais para seguir adiante.

*

Esqueletos lavrando sob o sol impiedoso – essa era a vida dos sobreviventes do naufrágio do *Van Waerwijck*. As semanas se tornaram meses, e as desumanas condições tinham um preço cada vez mais alto. À medida que os prisioneiros enfraqueciam, algumas funções físicas começavam a falhar.

E a doença não era uma desculpa para escapar do interminável trabalho na Ferrovia do Inferno.

Por sua vez, os comandantes japoneses pareciam totalmente satisfeitos com a morte de prisioneiros feridos e doentes. Isso levantou muitas suspeitas de que a ferrovia de Sumatra era mais um projeto de extermínio do que de construção.

CAPÍTULO DEZOITO

Seis meses haviam se passado desde que os sobreviventes do *ss Van Waerwijck* tinham visto pela primeira vez Pakan Baroe, o ponto de partida da ferrovia cujos progressos iam ser medidos no inútil sacrifício de tantas vidas. Os reparos da ponte danificada durante as monções haviam terminado e uma enorme quantidade de novos dormentes e trilhos estava sendo enviada para a linha. Era como se os supervisores das obras tivessem redobrado os esforços para finalizar a linha a qualquer custo.

A urgência de levar os trilhos de ferro adiante era tamanha que o Natal quase foi cancelado. Mas, sentindo uma revolta entre os prisioneiros, o comandante japonês anunciou um raro “feriado” para o dia 25 de dezembro de 1944. Cada campo tinha duas cozinhas, uma para os guardas e a outra para os prisioneiros. A cozinha dos prisioneiros ficava a cargo daqueles incumbidos das “tarefas leves” – em geral, os doentes em fase de recuperação ou os feridos que

podiam andar. Na véspera do Natal de 1944, espalharam-se rumores de que os cozinheiros do Campo 5 tinham algo especial guardado para o dia seguinte.

Como já acontecera tantas vezes antes, todos pensaram que se tratasse de comida.

Havia semanas que os cozinheiros guardavam suprimentos, de maneira que o café da manhã de Natal seria um incrível banquete: cinco bolinhos de *ongol* por pessoa, mais – o supremo prazer – café. Os bolinhos de *ongol* não eram nada mais do que a costumeira farinha de tapioca, só que fritos em “buracos para roscas” e temperados com canela e o precioso açúcar. O almoço era ainda mais inimaginável: *ikan daging*, *nasi goreng* e mais café. *Nasi goreng* é arroz frito, e *ikan daging* é um prato feito com pequenos pedaços de peixe seco e salgado.

Mas foi o jantar que provou ser um verdadeiro milagre: em algum lugar, os cozinheiros haviam preparado um refogado de feijão, *sambal katjang* – feijões apimentados – e almôndegas de *trassie* – massa de peixe esponjosa, porém saborosa, do tamanho de bolas de golfe – e... mais café. E, embora o banquete fosse o mais fantástico já visto, os guardas japoneses, cada vez mais nervosos e rancorosos, deram um jeito de jogar um balde de água fria no espírito festivo.

O Natal em si não foi cancelado, mas eles decretaram que os cantos, sim. Não ia haver hinos de Natal.

Judy não ia repetir suas serenatas de uivos do Strong Toppers Club, no porto de Hankow, nem mesmo seu desempenho na pantomima de Natal em Gloegoer I, quando havia uivado um desenfreado acompanhamento para a alegria de todos.

Quanto ao padre Peter Hartley, embora tivesse insistido em manter o serviço de Natal, agora estava tão doente que havia sido levado para o Campo 2, o mortal campo hospitalar, e o evento acabou sendo morno e triste.

No Campo 5, os homens ainda saudáveis se reuniram aos doentes e imobilizados no barraco hospitalar, onde um tipo de serviço foi improvisado. Ali, os hinos de Natal iam ser tocados por instrumentos musicais, em uma tentativa de passar por cima da proibição. Deploráveis silhuetas esqueléticas se juntaram nas rudimentares plataformas de dormir, enquanto lanternas tremeluzentes criavam misteriosas sombras nas frágeis paredes de folhas.

Quando os músicos começaram a tocar “Noite Feliz”, os moribundos de olhos fundos não conseguiram mais se conter. O barraco foi tomado por um leve e delicado murmúrio acompanhando as notas que os prisioneiros

conheciam tão bem... mas foi só isso. Nenhuma voz podia se levantar para cantar o hino.

Apesar do banquete do dia, essa frustração revirou o estômago de vários homens e provocou muito choro. Era inacreditável que no mundo maluco e desnorteado da Ferrovia do Inferno os japoneses tivessem proibido os prisioneiros até de cantar.

*

Quatro dias depois, toda a população do Campo 5 estava de novo de mudança. Dessa vez, rumavam para o Campo 7, em Lipatkain, cerca de 50 quilômetros adiante na ferrovia. Na realidade, Lipatkain é um nome bastante poético para um lugar tão infernal. Significa “dobrado como um sarongue” – sarongue é o pano multicolorido tradicional que os autóctones da região usam.

Era o tipo de vestuário pelo qual a maior parte dos sobreviventes do naufrágio teria imediatamente dado até os próprios dentes. Poucos ainda tinham roupas além de uma única tanga suja e cinzenta que os japoneses usavam para todos os prisioneiros.

O Campo 7 provou ser semelhante àqueles em que eles tinham estado antes – era apenas mais distante, e os barracos, ainda menos sólidos. Havia uma nova companhia de guardas, cada um com um apelido diferente: King Kong,

Bate Feliz, Macaco Uivante etc., e entre eles estava Porcão, um guarda especializado em usar formigas lava-pés para torturar suas vítimas. Porcão era o pior – uma besta troncuda e gorda, com olhos quase invisíveis, os dentes salientes abaixo de um lábio superior espesso e carnudo. Ele irradiava uma crueldade diabólica, com sua cabeça bexiguenta e orelhas de abano.

Mas, por sorte, Porcão estava prestes a receber um merecido castigo antes mesmo de poder exercer mais um pouco de sua maldade contra os novos moradores do Campo 7. Fora enviado adiante, para o Campo 9, o armazém da ferrovia, para pegar uma nova remessa de trilhos. No meio do carregamento, desabou uma violenta tempestade. Os relâmpagos dilaceravam o céu. Temendo que os trilhos de ferro atraíssem um raio, todos se refugiaram na orla da selva para se abrigar.

De repente, houve um grito sobrenatural seguido por uma salva de tiros de espingarda. Porcão havia ido se aliviar na selva e foi atacado por um tigre. Ficou gravemente mutilado antes de os demais guardas conseguirem tirá-lo dali. Foi evacuado pela linha férrea até as instalações hospitalares japonesas baseadas em Pakan Baroe, onde, ao contrário do campo hospitalar dos prisioneiros, não faltava quase nada. Mas, até a chegada ao hospital, seu estado havia se agravado

demais, e Porcão acabou morrendo por causa dos ferimentos.

Ao saberem do seu falecimento, poucos no Campo 7 derramaram uma lágrima. De fato, a morte de Porcão iria inspirar notáveis imitações. Um ou dois prisioneiros até conseguiram reproduzir perfeitamente um rugido de tigre bastante convincente. Em uma noite escura e sem lua, começaram a bramir, levando os guardas ao paroxismo da inquietação. Como os japoneses e coreanos se recusavam a deixar seus alojamentos, os prisioneiros entraram furtivamente no curral para roubar uma galinha ou cabra. Qualquer sinal do animal roubado havia devidamente desaparecido até a manhã seguinte. Se alguém fizesse alguma pergunta, o roubo do animal era culpa do tigre que supostamente tinha visitado o campo na noite anterior.

*

Em 10 de janeiro de 1945, os primeiros sinais diretos de mudança dos rumos da guerra apareceram no céu de Sumatra. A forma brilhante e prateada de um B-29 Superfortress, a superfortaleza americana – enorme bombardeiro de longo alcance muito avançado para sua época –, foi vista acima de Pagan Baroe, voltando de um bombardeio sobre o porto vizinho de Padang. Finalmente, a

ilha perdida no tempo estava de volta à mira dos americanos – os libertadores há tanto tempo esperados.

Poucos guardas puderam ignorar o fato de que o inimigo americano era capaz de operar um avião tão sofisticado sobre o território da ferrovia e, aparentemente, em completa impunidade. Consequentemente, começaram a carregar capacetes e máscaras de gás por onde iam... e os grupos de trabalhadores começaram a pagar caro por isso.

Os homens eram acordados com toque de clarim às 7h00 da manhã e frequentemente não voltavam ao campo antes das 22h00. Trabalhavam nos grupos durante 14 horas, sendo incansavelmente cobrados por seus impiedosos supervisores. Mas, quanto maior se tornava a pressão dos guardas japoneses e coreanos, mais engenhosos eram os métodos adotados pelos prisioneiros para sabotar aquilo que mais odiavam – a ferrovia que estava matando tantos companheiros.

Com Judy de vigilante guarda, Frank Williams, Les Searle, Jock Devani e companhia começaram a fazer um aterro, que haviam sido encarregados de realizar, com madeira podre, a qual cobriram com uma fina camada de lama e areia.

De certa distância parecia bastante firme, mas, se uma locomotiva Hanomag tentasse passar por ali cuspiendo fogo,

o aterro iria afundar, desabar e se desintegrar, até não sobrar nada.

Nas últimas semanas, o grupo de Judy também aprendera como quebrar as cabeças dos pregos de ferro usados para fixar os trilhos nos dormentes. Bastava martelar somente a cabeça para dar a impressão de que o prego estava no devido lugar, quando, na verdade, não havia nada que segurasse substancialmente o trilho. Essa era uma maneira infalível de causar estragos no alinhamento do trilho, mas ser pego com suprimento de pregos sem cabeça ou apenas com as cabeças significava uma ida sem volta ao túmulo.

Mais notícias sobre as vitórias Aliadas se infiltraram pelos 80 quilômetros da ferrovia até o Campo 7. Dessa vez, o rádio secreto, localizado no Campo 1 de Pakan Baroe, relatava ações das forças britânicas e do Commonwealth, entre as quais a maneira como o fabuloso 14^o Exército de Bill Slim havia expulsado os japoneses de Burma. Os guardas agora deviam enfrentar notícias de derrotas oriundas de várias frentes, e provocadas por quase todas as nacionalidades que compunham os prisioneiros dos quais estavam encarregados.

Inevitavelmente, as tensões alcançaram novos patamares.

Havia sinais de que os japoneses estavam transferindo material vital para fora da área: tanques e artilharia de

campo, além de caminhões carregados de equipamentos que eram levados para leste, no primeiro estágio de uma longa viagem até Cingapura. Era como se os japoneses estivessem preparando uma grande defesa do que um dia fora a “ilha-fortaleza” britânica. Para os prisioneiros, essa perspectiva era maravilhosa, já que vários deles haviam saído daquela ilha como um exército vencido e perdido, uma derrota da qual por muito tempo se haviam envergonhado.

Até fevereiro de 1945, cerca de 120 quilômetros da ferrovia já haviam sido completados, mas ainda restavam 100 quilômetros ou mais para construir, e esse trecho final precisava passar pelo terreno mais difícil de todos – a cordilheira Barisan. A taxa de mortalidade começou a aumentar terrivelmente. Durante o mês de março, 41 prisioneiros morreram apenas no Campo 7. O mês seguinte foi ainda pior. Nos sete primeiros dias de abril, 25 prisioneiros do Campo 7 faleceram. Nesse ritmo, todos os prisioneiros do Campo 7 iriam morrer dentro de dez meses, e a taxa de mortalidade continuava subindo.

Os Aliados podiam estar vencendo a guerra, mas a preocupação de todos nos campos era saber se a vitória chegaria a tempo hábil para qualquer um dos prisioneiros. Não havia mais homens fisicamente aptos em número suficiente nem para atender à demanda de coveiros,

carregadores de caixão e grupos encarregados dos enterros. Aqueles que tinham a tarefa leve de coletar madeira para alimentar as cozinhas foram redirecionados para o transporte dos corpos até o cemitério ou para cavar as tumbas.

Mesmo assim, Judy e seu núcleo de companheiros aguentaram. Tendo se agarrado à vida – ele escapara milagrosamente do Campo 2, o Campo da Morte, e tinha regressado à ferrovia –, o padre Peter Hartley foi chamado para officiar os enterros. Durante as assombrosas semanas no Campo 2, o padre autodidata ficara perto de perder a fé em Deus. Por duas vezes havia sido transferido para a Casa da Morte, o barraco reservado àqueles destinados a ir para o outro lado.

A falta de remédios, analgésicos, esterilizadores e de qualquer instrumento cirúrgico adequado no Campo da Morte era tão grave que os médicos haviam aprendido a usar larvas de mosca para tratar as úlceras tropicais. Cobriam a ferida com elas, embrulhavam com um pedaço de pano e deixavam as larvas comerem a carne morta e infectada até que a úlcera ficasse limpa. Sem remédios contra a malária, também aprenderam a fabricar um tipo de quinina usando a casca da cinchona, árvore abundante na selva.

Moído e transformado em pasta, o repugnante e fedorento medicamento improvisado podia ser misturado à ração da manhã e ficava vagamente palatável. As horríveis sarnas de pele eram abundantes, e havia piolhos e moscas por todo lado. A cura improvisada da sarna consistia em usar enxofre puro dissolvido em óleo velho de motor. O óleo era retirado do cárter de alguns caminhões de Exército japonês em desuso, e a “pomada” escura e grudenta era espalhada no corpo, da cabeça aos pés, e deixada por 48 horas.

Úlceras tropicais, sarna, malária, beribéri – o padre Peter Hartley já tivera cada uma dessas doenças. Mesmo assim, fizera o que parecia impossível e vencera por duas vezes a Casa da Morte – em grande parte graças ao padre Patrick Rorke, um padre católico que, indiferente aos riscos de infecção, passara horas sentado sobre um banco de madeira caseiro, reconfortando os doentes e moribundos, sem se preocupar em saber se eram crentes ou não. Esse padre católico ajudara Peter Hartley a restaurar sua fé e lhe dera forças para cumprir seus deveres funerários, à medida que os cemitérios ao longo da ferrovia se avolumavam a ponto de transbordar.

Quem morria era levado para a “área de preparo”, onde o corpo era lavado e embrulhado em uma esteira de palha. Se tivesse quatro amigos próximos e disponíveis, eles podiam

pedir um serviço de enterro formal para a mesma noite. E, se o morto tivesse menos amigos fisicamente aptos, seu corpo era deixado fora do necrotério. O grupo de corte de madeira ia pegá-lo após a pausa do almoço – junto com qualquer outro corpo, e invariavelmente havia vários – e levá-lo até o cemitério, onde os coveiros o enterrariam sem cerimônia. Essa era a natureza comum da morte naquela ferrovia bestial.

Perder a vida havia se tornado algo tão banal que quem sobrevivía se acostumava à perda. Mas o Ceifador também podava o inimigo, à medida que os Aliados fechavam o cerco em torno das potências do Eixo. Em meados de abril, espalharam-se rumores ao longo da ferrovia. Por meio do rádio secreto, havia relatos de desembarque das forças Aliadas em Kyushu e Honshu, duas das principais ilhas japonesas, além da notícia da morte do presidente americano, Franklin Delano Roosevelt, devido a um derrame.

De fato, Roosevelt havia morrido, mas, por outro lado, não houve desembarque Aliado nas ilhas japonesas. Mesmo assim, esses rumores, que não deixavam de chegar aos ouvidos dos supervisores da ferrovia, apenas serviam para fazer as apostas subirem. Por incrível que pareça, em 23 de abril de 1945, os japoneses ordenaram que a ração diária dos prisioneiros fosse reduzida a 200 gramas de farinha de

tapioca e 270 gramas de arroz para os trabalhadores, e menos para aqueles doentes demais para trabalhar.

Quatro dias depois, a taxa de mortalidade do Campo 7 do mês já era de 79 indivíduos, e abril ainda não havia acabado. Os prisioneiros estavam lutando para enterrar os mortos com rapidez suficiente, enquanto os doentes e incapacitados morriam de fome.

Desesperado, um dos médicos do campo teve uma ideia brilhante. Perguntou-se como poderiam conseguir uma fonte de comida de graça e rica em proteína. Observou que as galinhas do campo engordavam forrageando em torno das latrinas, e entendeu que estavam comendo larvas. Imediatamente, ele e seus companheiros começaram a retirar grandes quantidades de larvas das latrinas. Foram lavadas, cozidas, e alimentaram aqueles que estavam à beira da morte. Para muitos, essa dieta repulsiva, porém rica em proteínas, foi uma verdadeira salvação.

Mas, na atmosfera tensa e febril da ferrovia, havia pouco que pudesse ser feito para se defender contra a crescente violência dos guardas. Enxergando sua própria derrota, eles não tinham mais tolerância, e o nível das agressões disparava. Ao mesmo tempo – e talvez sentindo que o fim estava se aproximando –, Judy de Sussex tomava cada vez mais para si a defesa do seu rebanho.

Judy nunca conseguia esconder o ódio que sentia pelos guardas, mas agora parecia determinada a fazer qualquer coisa em seu poder para pôr um fim ao pior da selvageria – pelo menos na sua área. Antes ela se limitava a se esquivar de um chute das botas dos guardas nas costas, mas agora ela não arredava pé. Agachava-se para evitar o chute do adversário, com os músculos tensos, prestes a pular, exibindo uma fileira de dentes amarelados, e um profundo rosnado saía de sua garganta. Com espalhafatosa ousadia, enfrentava o violento agressor. Mas Judy resistia àqueles para os quais a vida de um prisioneiro não significava muito, menos ainda quando o prisioneiro era um cachorro. E, com os guardas armados de espingardas, era uma luta desigual, que se continuasse só poderia acabar mal para a cadela, que por tanto tempo havia se recusado a morrer. Os companheiros de Judy podiam sentir que a Ferrovia do Inferno logo devia acabar, e ninguém suportaria perder sua maravilhosa cadela na última hora.

Durante os meses que passaram juntos, Frank Williams desenvolvera um meio de comunicação mudo, quase telepático, com Judy. Sempre foi capaz de se conectar a ela. Agora, ela parecia estar permanentemente rondando, quase procurando confrontar os guardas deliberadamente, mas bastava uma palavra ou uma carícia de Frank para que seu

olhar feroz se suavizasse e a altercação potencialmente fatal se encerrasse.

Percebendo de que lado o vento soprava – que Judy estava em rota de colisão com um ou outro guarda –, Frank desenvolveu um novo “truque” na tentativa de protegê-la. Era uma variação da rotina de pular dentro do saco que havia empregado ao tirá-la clandestinamente de Gloegoer I e fazê-la subir a bordo do ss *Van Waerwijck*. A um suave estalar de dedos, Judy desaparecia na espessa selva ao lado da ferrovia. Lá permanecia, totalmente silenciosa e escondida da vista, até que a área estivesse limpa, quando um leve assobio a trazia de volta para o lado do seu amado dono.

Contudo, chegou o dia inevitável em que Judy foi longe demais. Frank Williams, Judy e seu grupo estavam na ferrovia, e os prisioneiros escravos, como sempre, eram levados à exaustão pelos guardas. Talvez não tivesse acontecido nada específico para desencadear a situação: na sombria primavera de 1945, os guardas precisavam de pouca provocação para se mostrarem implacáveis. Por um motivo qualquer, um dos guardas agrediu um prisioneiro, gritando obscenidades e batendo em sua cabeça com o espesso cacete de bambu que carregava.

A cabeça do prisioneiro foi projetada para trás ao primeiro golpe. Outros se seguiram. A cena horrível havia se tornado familiar demais, e a silhueta, que não era mais do que pele e osso, cambaleava sob o ataque, tentando se manter em pé. Ele vacilou sob um golpe especialmente forte e parecia prestes a perder o equilíbrio quando, de repente, surgiu diante dele uma campeã de quatro patas. Rosnando e latindo com ferocidade não velada, os pelos eriçados e os olhos ardentes, Judy parou o guarda em seu movimento.

Até então todo-poderoso e totalmente despreparado para qualquer tipo de resistência, por um momento a confiança bruta do guarda vacilou. Então uma mão desceu em direção ao cacete de bambu, enquanto os dedos da outra se fechavam em volta da espingarda Arisaka de cano longo. Mais de uma vez, Judy testemunhara os efeitos daqueles estranhos bastões cuspidos fogo. Vira como eles derrubavam vários bichos maiores e muito mais fortes do que ela. Chegara a avaliar o alcance e o efeito mortal do bastão de fogo.

Instintivamente, Judy sabia que estava na hora de desaparecer. De qualquer modo, já havia acabado seu trabalho ali: desviara a agressão do guarda do prisioneiro para seus próprios ombros emaciados e descarnados. Num relâmpago, ela deu meia-volta e disparou, correndo a se

abrigar no espesso bosque ao pé do aterro. Mas, ao mesmo tempo que sua fina cauda branca desaparecia na vegetação densa, o guarda ajustou a arma e a apontou cuidadosamente.

A longa espingarda semiautomática rugiu uma vez, e sua boca cuspiu fogo. Uma bala disparou atrás da fugitiva silhueta do animal. Tudo acontecera tão rapidamente que Frank Williams e seus companheiros não tiveram tempo de interceder. Estavam horrorizados diante da possibilidade de a bala ter acertado seu alvo. Felizmente, não houve nenhum gemido nem latido de dor, e aparentemente Judy havia escapado ilesa mais uma vez.

Ou isso, ou a bala matara Judy na hora, silenciando-a para sempre.

CAPÍTULO DEZENOVE

Demorou certo tempo até Frank se sentir capaz de experimentar um fraco assobio, em tom baixo, para chamá-la de volta ao seu lado. Várias horas haviam se passado, e o grupo de trabalho avançara bastante ao longo do aterro. Quando finalmente Judy apareceu, Frank notou que ela estava mancando. Ficou chocado ao descobrir um sulco vermelho de sangue atravessando seu ombro. A bala de 6,5 mm havia errado a cabeça de Judy por poucos centímetros, assim como seu coração.

No mundo sombrio e maléfico que era a Ferrovia do Inferno, não havia recompensa apropriada para um animal tão corajoso e vivo quanto Judy senão o afeto e o amor sem limites de Frank Williams. Mas, mesmo assim, Judy seguiu adiante e achou uma forma de recompensa. Um pouco mais tarde, houve uma série de latidos excitados vindo da floresta. Frank foi investigar, temendo que Judy pudesse ter

encontrado um animal grande demais para ela, ou até o mesmo guarda cruel.

Em vez disso, descobriu Judy com uma expressão totalmente boba, como se tentasse arrastar o maior osso do mundo até um buraco que tinha cavado. Ela parou um instante e lhe deu aquele seu olhar – *sabe o que achei?* – antes de continuar sua tarefa. Era tão grande que só podia ser um osso de elefante, pensou Frank.

Com certeza, era uma recompensa suficientemente grande para um cachorro que havia passado por tantas provas quanto Judy, se ao menos ela conseguisse segurá-lo entre as mandíbulas e dar uma boa mordida.

*

Em 29 de abril de 1945, os guardas comemoraram o aniversário do micado, o imperador do Japão, com uma festa regada a muita bebida. Para os prisioneiros do Campo 7 – entre os quais Judy de Sussex – essa data representou um marco sinistro, o da morte de dez dos seus companheiros em um só dia. Para celebrar a “auspiciosa” ocasião, os japoneses consideraram que valia a pena dar de presente um porco aos ocupantes do campo, mas em seguida resolveram pegá-lo de volta, deixando apenas a cabeça e os miúdos para centenas de prisioneiros compartilharem entre si.

O ressentimento amargo e o ódio ferviam entre os guardas e os prisioneiros. Por todos os campos, as formas de sabotagem se tornaram ainda mais desesperadas e repletas de raiva contida. Os prisioneiros capazes de ter acesso à cozinha colocavam muco infectado nas panelas de mingau preparado para os guardas. Fezes de doentes com disenteria eram incorporadas à comida dos guardas.

Um prisioneiro soubera que os pelos de certo tipo de bambu eram tóxicos, e podiam causar feridas internas se ingeridos. Ele colocou alguns no café preparado para um grupo de guardas coreanos recém-chegados. Aqueles que beberam o café envenenado ficaram muito doentes. Em poucos dias, estavam cambaleando pelo campo com um pano úmido amarrado em volta da garganta horivelmente inflamada. Uma semana após terem bebido a poção infernal, foram removidos e substituídos em massa, já que nada podia impedir a construção da ferrovia.

Porém, no começo de 1945, os progressos da ferrovia ainda se arrastavam penosamente. Durante os dois primeiros meses da construção, 20 quilômetros tinham sido construídos. Agora, só algumas dezenas de metros eram completadas por dia. Apesar do seu estado de fraqueza, não era a força de trabalho que estava falhando: os prisioneiros escravos eram cobrados como nunca. Assim como os

romushas, os prisioneiros eram forçados a trabalhar dia e noite, sendo a ferrovia então iluminada com lanternas de uma luz vacilante que afastava a escuridão e permitia que a tortura continuasse até a noite.

O maior problema era o terreno muito acidentado. Equipes de *romushas* eram enviadas à frente para abrir a ferrovia através da área mais impraticável dentre todas – o cavernoso desfiladeiro situado após o Campo 11, em Moedikoele, e que representava o marco de 200 quilômetros da ferrovia. Lá, o rio Kwantan cortava profundamente o coração da cordilheira Barisan. Era a mesma área que havia custado a vida a W. Ijzerman, o engenheiro holandês que primeiro abrira essa rota, mais de cinquenta anos antes.

Nos meses de maio e junho de 1945, ela iria custar muito mais vidas.

*

Para os prisioneiros sobreviventes, as emoções oscilavam entre a euforia em um momento e a mais profunda angústia no seguinte. Incríveis notícias de vitórias Aliadas mantinham a esperança coletiva de que tudo logo fosse acabar, só que nada mudava nos campos e na ferrovia. O trabalho letal, arrasador e extremamente inútil seguia adiante, dia e noite, parecendo infundável. Tudo isso não fazia sentido algum – afinal, qual podia ser o propósito de

continuar a ferrovia quando, claramente, os japoneses iam perder a guerra?

Na segunda semana de maio, o aparentemente indestrutível Jock Devani conseguiu trazer a mais incrível notícia até então. Voltou ao barraco dos companheiros de Judy após outro dia de trabalho árduo, trazendo várias frutas frescas e legumes escondidos na roupa. Enquanto entregava as inesperadas iguarias aos companheiros – Les Searle, Frank Williams e Judy entre eles –, revelou aos homens e ao animal que eram para uma comemoração especial.

De algum modo, Jock sempre parecia ser o primeiro a ouvir qualquer notícia, e hoje ele tinha acertado em cheio. A guerra na Europa havia acabado, ele anunciou. A Alemanha havia se rendido, e em toda a Europa os Aliados eram vitoriosos.

— E eu trouxe estas guloseimas — acrescentou. — Algumas frutas para comemorar!

Ele explicou que roubara frutas e legumes de um túmulo japonês. Um dos guardas havia morrido recentemente, e, de acordo com as tradições e crenças, seus companheiros haviam empilhado no local do enterro bananas frescas, mangas, mandioca, entre outras iguais.

— De qualquer modo, teria desaparecido antes do amanhecer — comentou Jock, sorrindo. — E quem merece

tudo isso mais do que nós?

De cara, os prisioneiros se recusaram a acreditar nas notícias de Jock. Mas, claro, era verdade: 8 de maio de 1945 marcou a vitória na Europa – o Dia da Vitória, embora a notícia tenha demorado um pouco mais para chegar até os prisioneiros por meio do rádio clandestino, e para correr ao longo da amaldiçoada ferrovia até o Campo 7.

Com a capitulação da Alemanha nazista, as rações se deterioraram mais. Menos comida era distribuída, e a qualidade era ainda pior. O general Saito, comandante-supremo japonês no Sudeste da Ásia, enviara ordens para reduzir as rações de comida dos prisioneiros Aliados. Deviam ser alimentados apenas para continuar o trabalho escravo. E ser deliberadamente desprovidos de qualquer sustento que pudesse “incentivá-los” a promover uma insurreição.

Poucos dias antes do Dia da Vitória, os prisioneiros do Campo 7 haviam sido forçados a assinar uma declaração semelhante àquela com a qual já tinham “concordado” em Gloegoer I – um segundo contrato de não fuga. A declaração afirmava que, sob nenhuma circunstância, tentariam qualquer tipo de fuga. Em resumo, a posição dos japoneses se caracterizava como um tipo de paranoia, e não uma leve esquizofrenia: os prisioneiros precisavam trabalhar como escravos para terminar a ferrovia, mas deviam morrer de

fome para ficarem dóceis e incapazes de se rebelar contra seus “amos”.

Em meados de junho, o líder geral dos campos da Ferrovia Trans-Sumatra, o comandante do comando aéreo Slaney Davis, queixava-se diariamente ao seu homólogo japonês, o tenente Doi, nos mais contundentes termos possíveis. Acareou-o com estatísticas, provando que a taxa de mortalidade dos prisioneiros estava disparando incontrolável. A resposta do tenente Doi foi que, morrendo, os prisioneiros Aliados estavam deliberadamente tentando sabotar a ferrovia e o esforço de guerra japonês.

Cada vez mais prisioneiros terrivelmente doentes chegavam ao Campo 2, mas, por causa de um sistema de cotas japonês, como cada campo devia apresentar uma lista de trabalhadores “aptos”, os recém-chegados precisavam ser substituídos por um número igual de pacientes “convalescentes”, que eram enviados de volta à ferrovia. Obviamente, havia poucos se não quase nenhum homem saudável no Campo 2, e aqueles que mal conseguiam sobreviver eram forçados a se juntar aos grupos de trabalho.

Então, em meados de junho, o comandante do comando aéreo Davis recebeu um ultimato do seu homólogo que era tão inesperado quanto desconcertante. O tenente Doi anunciava a data irrevogável de término da ferrovia.

Custasse o que custasse, precisava ser finalizada até 15 de agosto de 1945. Consequentemente, exigia-se que qualquer prisioneiro capaz de ficar de pé fosse trabalhar – sem exceções. Apesar dos veementes protestos do comandante do comando aéreo, uma lista de chamada foi estabelecida, e qualquer silhueta esquelética e fantasmagórica vagamente capaz de andar teve que marchar até a ferrovia.

Na mente de cada prisioneiro agora se alimentava uma centelha de esperança de que o fim estava chegando, se pudessem aguentar até lá. Mas, por outro lado, existia o medo – raramente formalizado, mas que todos sentiam no mais sombrio recôndito do coração – de que, na verdade, os japoneses não deixariam ninguém sobreviver; que ninguém seria autorizado a emergir da infernal realidade e revelar ao mundo externo o que havia acontecido ali. E o medo não era injustificado.

Grupos de trabalho foram formados para cuidar de um “trabalho leve” alternativo. Sua missão consistia em cavar abrigos antiaéreos para os campos. O problema era que não se pareciam com nenhum tipo de defesa que os soldados Aliados já tivessem visto antes. Os abrigos antiaéreos deviam ser estreitos e profundos, com altas paredes de terra, e cobertos por vigas maciças e camadas de terra espessas, para fornecer uma proteção adequada contra as explosões. O que

os grupos de trabalho deviam cavar ao longo da ferrovia eram longos dutos rasos, sem nenhum teto.

Não era preciso ser nenhum gênio para adivinhar a verdadeira finalidade do projeto: tinha as dimensões apropriadas para servirem de valas comuns. A maior parte era situada perto das áreas de manobra, onde os homens ficavam de manhã cedo e à noite para a lista de chamada. Não era muito difícil imaginar os prisioneiros sendo chamados de manhã simplesmente para serem metralhados no mesmo lugar, e os corpos rolados até as valas abertas.

Sem que os prisioneiros soubessem, de fato haviam circulado ordens nesse sentido. O alto-comando japonês decretara que, caso os Aliados pisassem o solo do Japão Imperial e ameaçassem o imperador, todos os prisioneiros Aliados deveriam ser executados. Em outros termos, se um ataque terrestre decisivo fosse lançado contra o território japonês pelas tropas americanas e Aliadas, todos os prisioneiros de guerra no território ocupado pelos japoneses seriam massacrados.

Nesses dias repletos de incerteza, medo e desespero, Judy provou ser uma rocha à qual muitos prisioneiros puderam amarrar sua mente inquieta. Frank e Judy pareciam nunca estar separados. Aonde ele ia ela o seguia, e vice-versa. Frank havia perdido quase metade do peso – assim como Les

Searle, Jock Devani, o padre Peter Hartley e seus outros eternos companheiros –, mas, juntos, Frank e Judy de certo modo conseguiam se manter fortes.

Por outro lado, alguns prisioneiros do Campo 7 não aguentaram a crescente pressão. Um deles era um jovem prisioneiro conhecido por todos como “Apanhador”. Les Searle testemunhou o que aconteceu quando o Apanhador desabou. Foi acusado por um guarda coreano de ter se esquecido de saudá-lo e se inclinar apropriadamente diante dele. Vociferando insultos, o guarda começou a bater na cabeça do jovem soldado britânico. O Apanhador, então, surtou de maneira bem espetacular: com seus punhos ossudos, começou a bater repetidamente no guarda, o qual, chocado, caiu para trás sob a chuva de socos. Outros guardas vieram correndo para ajudar seu companheiro. O Apanhador foi rapidamente dominado e levado do local. Na manhã seguinte, todos puderam ver seu destino: fora colocado em uma gaiola de bambu posicionada à vista de todos na beira da área de manobras. O Apanhador ficaria lá por semanas, fizesse sol ou chuva. Passaria fome, seria espancado e comeria insetos e minhocas vivos dia e noite. Era um destino que levaria homens mais fracos à loucura ou pior.

O dia 27 de julho de 1945 marcou a passagem do primeiro ano desde que os sobreviventes do *SS Van Waerwijck* haviam

chegado à Ferrovia do Inferno. Até então, muitos haviam passado cerca de mil dias em cárcere, e seus sofrimentos ainda não tinham acabado. Por incrível que pareça, os trilhos de ferro serpenteando pelo desfiladeiro de Kwantan haviam praticamente alcançado o outro lado, embora poucos homens quisessem pensar no número de vidas humanas – de prisioneiros e *romushas* – que o vale escuro engolira.

Grupos de prisioneiros haviam até sido transferidos para o final da ferrovia, em Moeara, de maneira a começar a construção a partir desse trecho final. O plano era que as duas extremidades da linha se encontrassem em algum lugar no meio. Mas, praticamente em toda parte, havia sinais de que os Aliados estavam se aproximando. Aparentemente, não se passava um único dia sem que um B-29 Superfortress americano fosse visto acima dos campos. Muitos especulavam que, no mínimo, se tratava de voos de reconhecimento, ajudando a planejar uma campanha para libertar o Sudeste da Ásia, inclusive Sumatra.

Mas ninguém tinha certeza de nada.

CAPÍTULO VINTE

Então chegaram notícias sensacionais. Na segunda semana de agosto de 1945, um estranho rumor correu por toda a ferrovia. Era um fato aparentemente verdadeiro, porém impossível de acreditar. Uma arma inconcebivelmente potente havia sido lançada na cidade japonesa de Hiroshima. Prisioneiros e guardas falavam disso em tom baixo, de descrença: essa superarma americana teria aniquilado toda a cidade.

Obviamente, tratava-se da bomba atômica, apelidada Little Boy. Little Boy fora lançada pelo B-29 Silverplate da Força Aérea americana – um bombardeiro de longo alcance, especialmente adaptado para carregar uma arma nuclear – em 6 de agosto de 1945. Três dias após o bombardeio de Hiroshima, outra bomba atômica, apelidada Fat Man, era lançada sobre Nagasaki. Juntas, as duas bombas haviam matado cerca de 250 mil pessoas, mas a alternativa à sua utilização – a invasão do Japão, que, sem dúvida, teria

levado a milhões de mortes – também havia sido impensável.

Após o lançamento das bombas atômicas, os guardas japoneses pareciam tomados por um frenesi cego. Os grupos de trabalho eram enviados somente após quatro horas de descanso. Alguns passavam dias longe do campo, servindo de escravos na ferrovia. O capitão da Marinha Mercante americana foi um daqueles enviados para a extremidade final da linha, ao Campo 12. As rações eram tão inexistentes que ele e seus companheiros decidiram comer nozes de seringueira, repletas de cianeto mortal. Precisavam ser laboriosamente preparadas – fatiadas, demolhadas, lavadas e secadas – para que fossem comestíveis. Os prisioneiros que não seguiram esse procedimento tiveram uma morte horrível por envenenamento com cianeto.

Com o grupo de Judy no Campo 7, coisas estranhas e inusitadas pareciam estar em andamento. Sem explicação aparente, o Apanhador, o jovem prisioneiro que se rebelara contra a agressão do guarda, foi retirado da gaiola de bambu. Com dificuldade para ficar de pé e mais ainda para andar, o homem foi levado, murmurando e meio louco, até o barraco hospitalar. Com comida, tratamento médico apropriado e descanso, o corpo do Apanhador poderia se recuperar; mas ninguém tinha a mesma certeza em relação à sua mente.

Então, do nada, todos os prisioneiros foram informados de que precisavam raspar a cabeça e as sobrancelhas, para ajudar o campo a se livrar dos piolhos. Raramente os guardas haviam demonstrado a mais ínfima preocupação com a saúde de suas cargas humanas. Especulou-se amplamente que os supervisores japoneses estavam começando a aceitar o inevitável: que a guerra estava perdida, que finalmente os campos iam ser libertados, e que eles podiam ser responsabilizados pelos inexplicáveis horrores que haviam ocorrido.

Mas, para Frank, Judy e seus companheiros, o programa de erradicação de piolhos ia ter consequências bem mais sombrias. Os guardas anunciaram que Judy, a heroína da Ferrovia Trans-Sumatra, também estava cheia de piolhos, e que devia ser entregue a eles para ser morta. Frank, Les, Jock e seus fiéis companheiros suspeitaram que, de fato, não se tratasse de uma medida de erradicação de piolhos. Os guardas estavam mais ou menos morrendo de fome junto com os prisioneiros. Extremamente famintos, tinham os olhos fixos nessa extraordinária sobrevivente da ferrovia – a mascote – para comê-la.

Foi então que o truque do desaparecimento de Judy elaborado por Frank se tornou verdadeiramente necessário. De repente, Judy se tornou uma cadela fantasma. Num

estalar de dedos de Frank, ela disparava para a floresta, onde ficava o tempo que seu dono julgasse necessário – basicamente, até que não houvesse nenhum guarda faminto ou com ar ameaçador à vista, momento em que Frank assobiava para ela voltar. Dessa maneira, homem e cachorro conseguiram evitar a pior das predações dos guardas famintos, até o dia em que aconteceu o impossível: a finalização da ferrovia.

Os últimos dias haviam sido uma loucura. Chuvas torrenciais caindo durante horas finalmente transformaram as derradeiras centenas de metros em um traiçoeiro banho de lama. Os prisioneiros escorregavam até cair. Tiravam sonecas ao longo da ferrovia, e comiam de uma só vez as três refeições, enquanto trabalhavam como escravos sem parar. Mas, em 14 de agosto de 1945, os dois grupos de trabalhadores – um construindo a partir de Pagan Baroe, o outro vindo de Moeara – finalmente se encontraram.

O dia seguinte, 15 de agosto, amanheceu claro e ensolarado na selva de Sumatra. Os homens da maior parte dos campos tiveram um raro dia de folga, exceto um punhado que foi requisitado para uma tarefa especial na junção das duas vias. Em todo lugar o ambiente era totalmente surreal. Após o mortal andamento dos últimos dias, e as ofensas e violências espalhadas por todo canto,

sem mencionar as mortes, os guardas pareciam anormalmente falantes, e até amigáveis.

A ampla maioria dos prisioneiros se perguntou que diabos aquilo podia significar. Alguns foram encarregados de assistir a uma cerimônia no exato lugar em que os trilhos se uniam.

Os prisioneiros receberam a ordem de instalar mesas de madeira e cadeiras ao lado do local onde o último trilho seria colocado. Garrafas de saquê e biscoitos foram dispostos nas mesas. Então os prisioneiros foram intimados a ir para a floresta, onde deviam ficar escondidos e em silêncio. A cerimônia começou por volta do meio-dia. O sol estava alto e o tempo abafado quando o oficial japonês fez um breve discurso. Após isso, o último trilho foi colocado no seu lugar, e o oficial mostrou um prego dourado – modelado segundo a forma daqueles que haviam sido empregados em toda a ferrovia.

O prego dourado foi posto frouxamente no buraco, e então o general japonês recebeu o martelo cerimonial e foi convidado a enfiá-lo no buraco. Isso feito, houve um silêncio reverente de alguns segundos, após o que o grupo gritou formalmente: — *Banzai Nipon! Banzai Nipon! Banzai Nipon!*

Banzai significa “10 mil anos”; é o grito tradicional de batalha e uma forma respeitosa de se referir ao imperador.

As palavras dos oficiais japoneses ecoaram entre os prisioneiros agachados no bosque, mas pareciam carecer de convicção. Não era para menos. À 0h00 daquela manhã, o Japão Imperial havia se rendido aos Aliados. No dia da finalização da Ferrovia Trans-Sumatra – feita com sofrimento, degradação e sangue – a guerra já havia acabado. Enquanto mordiscavam biscoitos e bebericavam saquê, os oficiais japoneses já sabiam disso e, mesmo assim, deram andamento à inauguração formal da ferrovia.

Obviamente, nenhum dos prisioneiros agachados no bosque sabia que a guerra havia acabado, e os oficiais japoneses não pretendiam informá-los. Ao longo da ferrovia, os guardas estavam muito calados. No campo, Judy e seus companheiros souberam que as coisas não eram mais as mesmas e que algo estava acontecendo – mas poucos podiam dizer qual era a natureza exata dessa mudança.

Naquela noite, os comandantes dos campos ao longo da ferrovia fizeram o mesmo tipo de anúncio: a ferrovia estava terminada e os prisioneiros podiam descansar, e as rações seriam aumentadas assim que os japoneses recebessem os suprimentos para tanto. E ninguém podia deixar os campos.

Dias se passaram nesse estranho tipo de limbo sobrenatural. Por todo lado, havia sinais de que a guerra devia ter acabado, e os rumores não paravam de se espalhar.

Em vários lugares, os japoneses foram vistos acendendo enormes fogueiras, como se tentassem queimar todos os documentos dos campos. Prisioneiro britânico e sobrevivente do *Junyo Maru*, Rouse Voisey viu quando faziam isso no seu campo. Estariam destruindo provas incriminatórias?, ele se perguntou. Era o que parecia.

A ração diária de arroz – visivelmente, os japoneses ainda tinham amplos suprimentos de arroz – foi aumentada para 2.600 gramas, dez vezes a ração de inanição servida nas últimas semanas. Era comida demais para muitos, aqueles cujos estômagos haviam encolhido e murchado. O padre Peter Hartley mal conseguiu acreditar quando um envio de suprimentos da Cruz Vermelha japonesa chegou, junto com o aumento maciço das rações alimentares. Havia pouco que pudesse ser usado nos suprimentos, mas com certeza isso devia significar que a guerra acabara e que os prisioneiros estavam finalmente livres.

*

De forma apropriada, foi a milagrosa sobrevivente Judy que, no seu campo, finalmente latiu a boa notícia, confirmando que a libertação estava prestes a acontecer para aqueles que haviam sobrevivido por mais de um ano na ferrovia.

Na manhã de 4 de setembro de 1945, os prisioneiros acordaram para outro dia de limbo, mas logo ouviram um som muito estranho: era uma salva de latidos altos, insistentes e, de certo modo, alegres. Judy passara os últimos dias vivendo como um cão fantasma, arriscando-se a aparecer apenas ocasionalmente, quando Frank assobiava para ela. Mas, nessa manhã, latia sem reservas.

Há muito tempo, Judy aprendera a agir por conta própria nos campos de prisioneiros. Apenas o fato de latir já atraía a indesejada atenção daqueles que podiam tentar maltratá-la. Mas, nessa manhã, enquanto o sol se levantava sobre a selva em volta, ela realmente soltava a voz. Frank se precipitou para acalmá-la, porém logo percebeu que havia algo diferente em relação ao campo. Para onde quer que olhasse não parecia haver guarda japonês ou coreano à vista.

Foi então que ele entendeu por que Judy estava latindo de maneira tão eufórica. Ela se aproximou dele, junto com duas silhuetas pesadamente armadas. Estavam vestindo o lindo uniforme dos marinheiros reais britânicos. Judy pulava em volta deles, sabendo instintivamente que os bons finalmente estavam ali.

Quatro paraquedistas comandados pelo major Gideon Jacobs haviam saltado de um bombardeiro de longo alcance, o Liberator, perto da localização do antigo campo de

prisioneiros, Gloegoer I. De lá, eles haviam chegado a Pakan Baroe seguindo a extensão da ferrovia. Incrivelmente, os Aliados não faziam a mínima ideia de que a Ferrovia Trans-Sumatra estava sendo construída até o major Jacobs saltar de paraquedas e descobri-la.

Enquanto os esqueléticos prisioneiros cambaleavam para fora dos barracos para saudar as tropas de libertação recém-chegadas – alguns com berros de alegria, outros com vivas e risos, mas muitos com uma silenciosa letargia de incompreensão –, bandeiras holandesas e britânicas improvisadas foram erguidas acima do campo sobre o qual o Sol Nascente japonês até então havia sido o único a flutuar.

Mas, mesmo agora, a notícia da libertação, por tanto tempo esperada, provou ser demais para alguns. Mesmo agora, estavam debilitados demais pelo longo suplício para poder sobreviver. Tragicamente, alguns daqueles que tanto haviam lutado para sobreviver faleceriam nesses últimos dias, enquanto os campos da Ferrovia Trans-Sumatra eram desmantelados. Mas, para Frank Williams, Les Searle, Jock Devani, Peter Hartley, Rouse Voisey e George Duffy – assim como para muitos outros prisioneiros Aliados –, esse dia marcou a libertação com a qual tanto haviam sonhado. E para Judy de Sussex, a cadela tão amada da Ferrovia do Inferno, seria o começo da longa viagem para casa.

*

Talvez fosse inevitável, mas durante essa viagem haveria um último obstáculo, uma última tentativa de separar homem e animal. Quando finalmente chegou o momento de Judy e seus companheiros navegarem para a Inglaterra, receberam a ordem de viajar via Cingapura no navio de transporte de tropas *Antenor*. Pela primeira vez na vida, Judy – que estava chegando aos 10 anos de idade – subiria a bordo de um navio que não seria ameaçado por piratas, ou bombardeado ou torpedeado por inimigos. Mas isso somente se ela conseguisse subir a bordo.

Ao receber seus documentos de embarque, Frank leu uma nota de rodapé: “A seguinte regulamentação é de estrita aplicação: nenhum cachorro, pássaro ou qualquer outro animal de estimação pode ser levado a bordo”.

Frank lançou um olhar carinhoso a Judy, que estava enrolada aos seus pés.

— Nenhum cachorro autorizado, garota — murmurou ele gentilmente. — Apenas ex-prisoneiros: e isso, claro, inclui você.

Em absoluto Frank pensava executar a ordem, e nem os demais ex-prisoneiros, todos eles companheiros de Judy. Dessa vez, não precisavam de saco para escondê-la do cruel capitão Nissi, mas, mesmo assim, a operação para fazer com

que Judy subisse clandestinamente a bordo do *Antenor* foi organizada com a precisão, a determinação e a eficiência sem as quais esses homens corajosos e tão cheios de recursos nunca teriam sido capazes de salvá-la da longa série de perigos.

Frank esperou até que a passarela que levava ao navio estivesse amplamente desimpedida. Deixando Judy escondida atrás de uma fileira de mochilas, ele subiu a bordo, tentando agir da forma mais natural possível. Les Searle e os outros o seguiram, mas pararam no topo da passarela para iniciar uma conversa aparentemente amena com a equipe que supervisionava o embarque.

Uma vez todos aparentemente envolvidos na conversa, Frank assobiou de leve em direção à doca. Em um relâmpago, um raio branco e marrom correu pela passarela, e Frank e seus companheiros puderam dar as boas-vindas a Judy.

Finalmente, o animal que tantas vezes se arrastara por baixo da cerca estava no rumo de casa.

EPÍLOGO

Durante a viagem à Grã-Bretanha, Judy recebeu a ajuda de vários companheiros de confiança, prisioneiros de guerra e outros, em particular um membro da tripulação que trabalhava na cozinha. Incondicionalmente apaixonado por cachorros, ele lhe forneceu refeições que preparava pessoalmente, com carinho. Mas as provações do homem e do animal estavam longe de acabar.

Ao chegar a Liverpool, Judy teve que passar seis meses longe de Frank e dos companheiros dos campos, de acordo com as leis de quarentena britânicas. Obviamente, Judy ficou perplexa e irritada por ter que ficar separada dos seus companheiros no porto de Liverpool, de onde foi levada para o Canil de Quarentena de Hackbridge, perto de lá. Mas a subsequente reunião com Frank foi ainda mais alegre, já que Judy, a cadela prisioneira de guerra, havia se tornado algo como uma sensação nacional.

Uma vez reunidos, homem e animal foram celebrados tanto pela mídia quanto pelo Exército britânicos. Ao sair do canil, Judy foi alegremente recebida pelo público que esperava por ela. Enquanto os *flashes* crepitavam, a agora famosa cadela, ex-prisioneira de guerra que havia sobrevivido à Ferrovia do Inferno, entusiasmava as multidões. Judy até teve a honra de ser “entrevistada” em um programa especial da BBC sobre o Dia da Vitória, em que seus latidos foram transmitidos a milhares de gratos ouvintes em toda a nação. Ninguém parecia se queixar de que não podia entender o que a cadela heroína tinha para dizer.

Judy visitou Londres e foi admitida na Returned Prisoners of War Association^[1] como único membro canino. Foi apresentada no Estádio de Wembley como um de quatro cachorros de guerra – as “Estrelas da Campanha Militar e da Frente de Batalha” – e apareceu na BBC. Tornou-se mascote oficial da Força Aérea Real, e recebeu uma jaqueta de aviador, enfeitada com o distintivo da Força Aérea Real. Frank Williams recebeu a Cruz Branca de Santo Egídio, a maior honra concedida a seres humanos por caridade com os animais pelo PDSA,^[2] e Judy recebeu a Medalha Dickin do PDSA, mais conhecida como a “Animal VC”.^[3]

A imprensa criou títulos com o seguinte teor: *Judy das canhoneiras salva vidas e recebe medalhas e pensão vitalícia*. Judy até recebeu uma generosa bolsa do Tailwagger's Club, venerável instituto de caridade animal, de maneira a poder “aproveitar a vida em paz pelo resto dos seus dias”. Exibindo orgulhosamente a Medalha Dickin – com o lema “Nós também servimos” –, Judy e Frank fizeram uma turnê por escolas, hospitais infantis e alguns eventos, para que o grande público britânico pudesse homenagear uma heroína de guerra de quatro patas verdadeiramente merecedora.

No verso da singular Medalha Dickin de Judy está a seguinte inscrição: *Pela magnífica coragem e resistência nos campos de prisioneiros japoneses, onde ajudou a manter o moral de seus companheiros prisioneiros, e também por ter salvado tantas vidas graças à sua inteligência e vigilância*.

De fato, salvou vidas graças à sua inteligência e vigilância. Judy salvou a vida dos seus companheiros – soldados e civis – em muitas ocasiões durante sua longa jornada, das patrulhas do rio Yangtzé até a Ferrovia do Inferno, repetidas vezes.

*

A amaldiçoada ferrovia que havia sido escavada através da selva de Sumatra com terrível custo em vidas humanas foi completada no dia em que o Japão se rendeu aos Aliados.

O que teria levado os supervisores japoneses a perseguir a finalização da obra apesar da inevitável derrota ainda é um mistério. Todas as pesquisas que fiz não parecem oferecer nenhuma explicação para esse imperativo inútil e totalmente desumano, senão que se tratava de uma tentativa de não perder a honra – algo da maior importância na cultura japonesa daquela época. Se as últimas semanas de construção frenética e assassina foram levadas com esse propósito, o desperdício de milhares de vidas Aliadas e indonésias é absolutamente repreensível.

A ferrovia, completada ou não, nunca ia servir ao esforço de guerra japonês, já que, embora tivesse levado os prisioneiros escravos à exaustão e à morte, tudo estava desmoronando em volta deles. Existem detratores do uso da bomba atômica em Hiroshima e Nagasaki. Eles precisam se lembrar do seguinte: sem o seu uso, o inominável sofrimento dos prisioneiros Aliados e da mão de obra forçada local, mantido pelos japoneses, teria durado muito mais do que durou, à custa de inúmeras outras vidas. De fato, como os documentos mostraram depois, os supervisores dos campos japoneses haviam recebido a ordem de executar todos os prisioneiros se os Aliados pisassem o solo japonês e “ameaçassem o imperador”.

Em muitos campos da ferrovia de Sumatra, os prisioneiros haviam sido obrigados a cavar o que claramente, em retrospectiva, era sua própria vala comum. Isso não podia ter outro motivo senão a preparação de uma execução em massa, caso ocorresse a temida invasão da terra mãe japonesa pelas forças Aliadas. O uso das bombas atômicas garantiu que essa invasão não fosse necessária, pois as bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki obrigaram os japoneses a sentar à mesa de negociações e procurar a paz – uma paz que garantisse aos prisioneiros suficientemente fortes para sobreviver o direito de regressar à casa.

Quanto à ferrovia em si, sua ineficácia e inutilidade foram firmemente demonstradas nos meses que se seguiram ao final da guerra. Nunca foi posta em uso. Após a partida dos japoneses vencidos, nenhuma locomotiva percorreu essa amaldiçoada ferrovia. Menos de um ano após a rendição dos japoneses, muitas pontes ao longo da rota haviam sido levadas pelas monções, e os trilhos de ferro já eram arrancados e vendidos como sucata.

Em 1951, as autoridades indonésias responsáveis pelas ferrovias fizeram uma inspeção na Ferrovia Pakan Baroe-Moeara, ou pelo menos no que ainda dela restava. A recomendação do estudo foi que apenas o trecho de Pakan

Baroe a Logan – os primeiros 100 quilômetros – valia a pena ser salvo, um percurso que daria acesso às minas de carvão de Sapoe e Karoe que os japoneses haviam se mostrado tão ávidos em explorar durante seu esforço de guerra.

Essa recomendação nunca foi levada adiante, e hoje a maior parte dos indonésios nem se lembra de que a ferrovia tenha sequer existido. Eles não fazem ideia da maneira como as enferrujadas locomotivas que estão na selva ou nas clareiras dos vilarejos – aquelas que seus filhos usam como brinquedo de escalar – chegaram até lá. Quase todos os rastros da ferrovia talhada na selva, nos penhascos, nas rochas e na lama, à custa de tantas vidas, desapareceram.

A selva pediu a ferrovia de volta, junto com os ossos daqueles que morreram tentando construí-la. Um fato frequentemente ignorado por aqueles que relatam sua história é a amedrontadora taxa de mortalidade entre os *romushas*, os trabalhadores escravos locais que eram obrigados a labutar na ferrovia junto aos prisioneiros de guerra Aliados. É de mais de 80 por cento, chegando a um patamar muito próximo daquele dos campos de concentração alemães.

Os números exatos nunca serão conhecidos, mas a Ferrovia Pakan Baroe-Moeara levou a vida de cerca de setecentos britânicos, holandeses, americanos, australianos,

além de outros prisioneiros de guerra Aliados, e de cerca de 80 mil indonésios. Isso não inclui os cerca de 1.800 prisioneiros Aliados afogados quando os navios de transporte ss *Van Waerwijck* e *Junyo Maru* foram torpedeados e afundaram ao largo da costa de Sumatra. Todo esse incalculável sofrimento de tantos prisioneiros escravos foi em vão.

*

O suboficial-chefe White – o marinheiro que havia resgatado Judy da armadilha do refeitório inundado da *Grasshopper*, após o navio encalhar – completou sua épica fuga. Ele e seus companheiros demoraram semanas em um pequeno barco para chegar à Índia, mas, por causa de cálculos errados e do fato de navegarem seguindo as estrelas, chegaram à terra amiga, porém a algumas dezenas de quilômetros da cidade costeira de Madras. Até lá, claro, o principal grupo de sobreviventes da *Grasshopper* já havia sido capturado pelos japoneses, junto com Judy.

*

Após a guerra, Judy e Frank passaram dois anos felizes em Portsmouth, cidade natal de Frank. Ele costumava levá-la ao seu bar predileto, o do Stamshaw Hotel, onde divertia os fregueses contando as aventuras do animal. Mas se

recusava a falar sobre sua própria experiência como prisioneiro de guerra. Algo sobre o que conversava era o modo como Judy havia ajudado a salvá-lo e a outros companheiros nos campos.

— A melhor forma... foi ter me dado uma razão para viver. A única coisa que eu precisava fazer era olhar para ela com estes olhos cansados e injetados de sangue e me perguntar: o que vai ser dela se eu morrer? Eu precisava seguir adiante. Mesmo que isso significasse esperar um milagre.

Em 1948, Frank Williams já estava cansado de morar na Grã-Bretanha e almejava horizontes maiores. Aceitou uma proposta para trabalhar na Overseas Food Corporation, na atual Tanzânia, nesse tempo parte da antiga África Oriental britânica, gerenciando uma grande plantação de amendoim. Obviamente, Judy foi com ele – e o homem e o cachorro, que já haviam vivido em climas estrangeiros, mais uma vez atravessaram os oceanos.

Previsivelmente para um animal tão acostumado a viajar, Judy ficou animada com essa nova aventura. Teve sua terceira e última ninhada de filhotes na Tanzânia, e na África Oriental britânica se tornou adepta da caça de todos os animais selvagens exceto os babuínos. Eles formavam uma tropa e dançavam e pulavam em torno dela, até que a

pointer inglesa branca e marrom escolhesse perseguir um deles. Em geral, ficava tão animada que tentava persegui-los todos ao mesmo tempo, e então a tropa desaparecia, gritando e rindo.

Mas existiam coisas maiores e mais selvagens lá fora, na floresta, do que babuínos brincalhões. Uma noite, Abdul, o empregado doméstico de Frank, deixou uma bacia de estanho cheia de água fora da casa, pretendendo esvaziá-la na manhã seguinte. No meio da noite, Frank e Judy foram acordados por ruídos altos de goles que entravam pela janela. Judy se precipitou para investigar e se deparou com um enorme animal cor de lama sugando a água da bacia. O elefante mal prestou atenção nos vivos latidos de Judy e continuou sugando toda a água até a última gota.

Foi somente quando Frank se juntou à cadela para enxotar o enorme bicho que o elefante finalmente decidiu ir embora, com a sede totalmente saciada. Mas Judy continuou enfurecida. Agarrou a bacia – agora visivelmente mais leve – e começou a arrastá-la para dentro da casa. Frank tentou objetar que não havia mais nada dentro para salvar, mas Judy não quis ouvi-lo. Com a bacia a salvo, voltou a latir contra a distante forma do elefante, que estava desaparecendo nas sombras prateadas pelo luar da planície africana. Depois que o elefante sumiu, ela aninhou-se na

porta de entrada, acomodando-se para dormir, mantendo um olho aberto em direção à preciosa bacia do seu dono.

O trabalho de Frank na plantação o fazia atravessar a Tanzânia e o resto da África Oriental de avião. Ele sempre tentava levar Judy, sua fiel companheira, consigo. Em um desses voos, ficou surpreso ao ver como ela parecia aceitar de bom grado espremer-se no canil de bordo, procedimento ao qual, normalmente, Judy resistia com latidos ferozes. Frank se perguntou por que dessa vez ela aceitara tão facilmente. Estava desconcertado.

Ao aterrissar, ele teve sua resposta. A parte superior da gaiola de Judy tinha uma abertura suficientemente larga para ela passar a cabeça. Acima dela estava embrulhada uma carga de caça recém-abatida. Judy tivera um verdadeiro banquete durante o voo, e havia engolido boa parte da carne.

Parecia que o último cachorro sobrevivente nunca esquecera o que aprendera nos campos de prisioneiros japoneses: quando há comida, o melhor é pegá-la agora e arcar com as consequências depois.

Em fevereiro de 1950, Frank levou Judy – então com 14 anos – para uma viagem de jipe a trabalho. Chovera forte, e ele não queria se arriscar até muito longe de sua residência na fazenda, perto da cidade de Nachingwea. Após uma curta viagem de carro, Frank e seus trabalhadores resolveram

montar acampamento na floresta, e, como sempre fazia, Judy foi dar uma volta para verificar se havia qualquer perigo.

No começo Frank não estava especialmente preocupado. Mas após três horas sem Judy ter voltado, ele reuniu alguns homens para ir buscá-la. Os trabalhadores se juntaram a Frank, assobiando e chamando-a pelo nome, mas Judy não aparecia. Perto do amanhecer, Frank estava realmente preocupado. Um dos seus capatazes locais, Abdullah, descobriu umas pegadas na selva que claramente eram da cadela desaparecida.

Abdullah usou seus dons naturais de rastreamento, com Frank ao seu lado. Frank ficou ainda mais alarmado quando descobriram as pegadas de um leopardo, aparentemente seguindo as da cadela. Seguiram-na por horas em um caminho estreito que levava ao vilarejo isolado, mas ao chegarem lá ninguém havia visto nenhum sinal da cadela. Suas pegadas tinham se esvaído. Aparentemente, Judy havia desaparecido.

Frank afixou uma recompensa de 500 xelins – uma quantia considerável naquela época anterior à independência da Tanzânia – para quem trouxesse seu animal salvo, e enviou mensagens para todos os vilarejos dos arredores. Três dias se passaram, e ainda não havia notícias. Frank

estava ficando desesperado quando, na tarde do quarto dia, um morador local entrou correndo no campo e informou Abdullah que Judy havia sido encontrada. Ao ouvirem a notícia, Frank e Abdullah pularam a bordo do jipe, com o morador servindo de guia para levá-los até o animal desaparecido.

Um ancião do vilarejo os recebeu e levou até uma cabana. Abriu a porta, e lá estava Judy. Mas tão exausta pela provação que mal conseguia ficar de pé. Ao ver Frank, ela se esforçou para se levantar, abanando a cauda fracamente, e logo desmoronou de novo. Embrulhada em cobertores, foi levada até sua moradia. Lá, cuidaram dela removendo as centenas de carrapatos-de-boi que haviam grudado em seu corpo durante sua longa estadia na floresta, lavaram suas feridas e as banharam com desinfetante.

Judy aceitou a comida que Frank lhe deu, parecendo bem mais tranquila, e caiu em um sono profundo. Nos dias que se seguiram, ela se fortaleceu, e Frank esperou que o pior tivesse passado. Mas, na noite de 16 de fevereiro – alguns dias após seu sumiço –, Judy começou a gemer e chorar. Frank ficou sentado ao seu lado durante a noite toda, mas todas as vezes que acordava Judy gemia; claramente, estava sofrendo. De manhã, estava incapaz de se levantar e obviamente sentia desconforto.

Frank carregou-a pelas ruas de Nachingwea até o hospital, o animal ainda gemendo em seus braços. O médico Jenkins, cirurgião inglês do hospital, descobriu que ela tinha um tumor mamário e a operou imediatamente. À primeira vista, a operação pareceu ser um sucesso, mas, poucas horas depois, Judy, que havia sobrevivido a tantas provações, sofreu uma violenta infecção tetânica.

Ainda tentava lutar, mas, obviamente, estava sofrendo, e, para o cirurgião, não havia dúvida de que suas forças iam definhando rapidamente.

— Deixe-me acabar com isso, Frank — ele sugeriu.

Mudo, Frank aquiesceu com a cabeça, e, em 17 de fevereiro de 1950, às 17h00, horário da Tanzânia, Judy foi posta para dormir.

O corpo de Judy foi embrulhado na jaqueta da Força Aérea Real que ela recebera quando fora escolhida como mascote oficial da RAF, e colocado em um caixão simples de madeira. Foi enterrada em um túmulo não longe da casa que compartilhara com Frank em Nachingwea. Usando pedaços de pedras brancas encontradas na floresta, Frank e seus trabalhadores puseram uma lápide de pedra polida sobre o túmulo, com a seguinte placa: *Em memória de Judy DM Canine VC[4]*

Raça pointer inglesa.

Nascida em Xangai em fevereiro de 1936, falecida em fevereiro de 1950.

Ferida em 14 de fevereiro de 1942, bombardeada e naufragada na HMS Grasshopper, arquipélago de Lingga, 14 de fevereiro de 1942.

Torpedeada no SS Van Waerwijck, estreito de Malaca, 26 de junho de 1943.

Prisioneira de guerra dos japoneses

de março de 1942 a agosto de 1945.

Na China, Ceilão, Java, Inglaterra, Egito, Birmânia, Cingapura, Malásia, Sumatra, África Oriental.

Em todos, ela também serviu.

APÊNDICE: DOCUMENTAÇÃO ORIGINAL

Decidi incluir neste livro uma amostra de documentos oficiais obtidos dos Arquivos Nacionais, do Almirantado, do Museu Imperial da Guerra e de outras fontes que retratam a essência e o sabor de alguns momentos-chave da extraordinária história de Judy e seus companheiros. Realmente comovente é a maneira como aqueles presentes em tais eventos – que eram extremos, até mesmo para um conflito tão arrasador quanto a Segunda Guerra Mundial – minimizam e relatam esses fatos de forma impassível. Isso revela o verdadeiro sentido da natureza dos camaradas de Judy durante a guerra, e com a leitura desses documentos, e de outros, fica claro por que motivo ela era tão dedicada aos seus companheiros marinheiros, pilotos e soldados, especialmente quando se tornaram prisioneiros de guerra. Cada documento é acompanhado de uma nota destacando a origem e a finalidade do relato.

Documento 1

Nota do autor – trata-se de um relato do naufrágio da Grasshopper, embarcação em que Judy naufragou quando tentavam evacuar Cingapura.

Narrativa 7

Nota – Existem provavelmente oficiais, sobreviventes, prisioneiros de guerra em Sumatra & Sião.

Prisioneiro de campo de guerra,
Mile School,

PALEMBANG.

P. N. Sherd, 9/9/45

4 de abril de 1942.

DEPOIMENTO DO SR. H. BARDEN, Eastern Bank, CINGAPURA –
Navio “grasshopper” (800 ton. aprox.)

Deixamos Cingapura às 17h30 de 13 de fevereiro de 1942, mas com a *Dragonfly*: regressamos por volta da meia-noite e viajamos de novo pelas 10h00 de 14 de fevereiro, quando um avião lançou uma bomba que errou o alvo. Às 12h30 duas ondas de cerca de 25 aviões nos bombardearam. Fomos atingidos, e a sala das máquinas começou a ficar inundada.

Então o navio ficou encalhado em uma pequena ilha do arquipélago de Riau. Descarregamos os suprimentos e o arsenal estava destruído. Todas as pessoas, inclusive 60-80 civis, foram levadas à costa. O capitão (Hoffman) deu um jeito para irmos até Daboe, aonde chegamos em 18 ou 19 de fevereiro. Por causa do efeito da explosão das bombas nas minhas costas, fui a um hospital aonde o capitão Kirkwood, IMS, acabara de chegar. Em 23 de fevereiro, os holandeses de Djambi levaram cerca de quarenta de nós a um hospital de lá. Outro transporte com sobreviventes saudáveis de Daboe nos seguiu, mas continuou até Padang. Eram principalmente soldados.

Em 1^o de março, tentamos ir a Padang, mas o embarcadouro da balsa havia sido destruído pelos holandeses quando voltamos.

Os japoneses chegaram a Djambi em 6 de março. Ficamos no hospital até 27 de março, e após dois dias no quartel militar fomos levados a Palrumbang, aonde cheguei em 31 de março como prisioneiro.

No grupo que foi a Padang, estavam o comandante Alexander R. N. e o capitão de corveta Reid. O sr. H. M. James (Planter) morreu no hospital de Djambi.

Deixamos no hospital de Djambi a sra. Parr com braço seriamente ferido, Dalrymple (RAF) ferido por estilhaços na perna, Marine Faint (ferida), a srta. Hartley, uma senhora mais idosa com leves ferimentos de estilhaços na perna, duas enfermeiras chinesas do Hospital Geral de Cingapura e duas enfermeiras eurasionas. Lamento, mas não sei o que aconteceu com muitas pessoas que deixamos em Daboe.

Documento 2

Nota do autor – trata-se de um relato sobre o naufrágio da Dragonfly, canhoneira semelhante à Grasshopper, que foi atacada quando tentavam evacuar Cingapura.

Relato do capitão R. L. Lyle (hoje major) sobre a perda da HMS *Dragonfly*, inclusive declarações sobre a possibilidade de existirem sobreviventes em outros lugares e a lista com os nomes de quem havia embarcado, foi visto morto *etc.*

- 1) Dividi este relatório em três partes: Circunstâncias em
 - 2) que a canhoneira HMS *Dragonfly* foi perdida Itinerário geral
 - 3) dos sobreviventes desde o local do naufrágio até Colombo
- Lista de nomes dos mortos *etc.*

e. Perda da canhoneira HMS *Dragonfly*

Por volta das 2h00 de 14 de fevereiro de 1942, a HMS *Dragonfly*, com a HMS *Grasshopper*, evacuou determinados grupos entre as diferentes brigadas e divisões que ainda se encontravam na ilha de Cingapura. Naquele momento, nenhum dos barcos estava em bom estado, mas aparentemente eles haviam sofrido poucos danos e nenhuma perda.

Após ter viajado em velocidade provavelmente máxima pelo resto da noite, às 9h30 da mesma manhã (i.e., 14 de fevereiro) foi visto um hidravião japonês que obviamente estava em operação de reconhecimento. Naquele momento, a HMS *Dragonfly* estava liderando e a HMS *Grasshopper* a seguia a cerca de uma milha da popa.

O hidravião voou acima da *Dragonfly* e soltou duas bombas de pequeno calibre. Contudo, elas explodiram perto do navio sem que houvesse danos. As armas das canhoneiras entraram em ação. O hidravião não prestou atenção na HMS *Grasshopper*. Como esse plano era claramente de reconhecimento, o comandante da nossa canhoneira decidiu navegar a sotavento de uma das pequenas ilhas vizinhas, na tentativa de escapar de qualquer avião que fosse enviado contra nós. Nesse intuito, nossa rota foi levemente mudada. Tanto quanto sei, o comandante da HMS *Dragonfly* atendia pelo nome de Sprott. O comandante da *Grasshopper* era Hoffman. Entretanto, antes de nos abrigarmos nas ilhas, vários bombardeiros japoneses foram vistos se aproximando pelo norte, e o primeiro-oficial tenente P. P. Shellard R.N.V.R. informou que contara 123 deles. Diante da aparição dos aviões, tocou-se o alarme, e todo o pessoal não navegante recebeu a ordem de descer. Eu fui colocado no

corredor entre o alojamento dos oficiais, na frente, com outros oficiais e alguns tripulantes encarregados das armas dianteiras do navio.

De algum modo, o comandante do navio conseguiu fornecer coletes salva-vidas a todas as pessoas. Não tivera tempo hábil para verificar o número exato de pessoas a bordo do navio e obter seus nomes e regimentos, especialmente porque, ao chegarem ao navio na ilha de Cingapura, nossos grupos haviam sido muito mal compostos e delimitados, e muitos soldados tinham perdido seu oficial responsável. Contudo, estimou-se que a tripulação do navio era de 73 pessoas e o número total de pessoas a bordo era de 225, i.e., 152 pertenciam a vários regimentos do Exército, principalmente homens do 2º Batalhão do Regimento de East Surrey, do 1º Batalhão do Regimento de Manchester, meu grupo do quartel-general, 6/15 da Brigada Indiana de Infantaria, alguns da Força Aérea Real, e algumas pessoas mescladas, como as do Corpo de Informações. Em sua maioria, os demais postos foram alojados no que, acredito, era o refeitório dos marujos, na popa.

De baixo, logo ouvimos o avião fazendo círculos no alto por alguns minutos, e, da minha posição, isto é, sentado no chão na parte dianteira, o que ouvi em seguida foi uma explosão colossal, a interrupção completa da ação evasiva do

navio e a parada dos motores, que pareciam estar funcionando a toda.

Para nós, era óbvio que algo muito grave havia acontecido, e então nos precipitamos pela escada até o convés.

Olhando ao redor, era possível ver que o pior havia acontecido, e que o navio inteiro, da popa à chaminé, não era mais do que uma massa de metal retorcido e que a proa do navio havia desaparecido completamente. A meu ver, as cargas de profundidade que estavam prontas para serem usadas explodiram, causando o caos. Ao nos aproximarmos, foi possível constatar que nenhum homem que estivesse no convés do refeitório poderia estar vivo. Mesmo assim, conseguimos tirar um ou dois homens gravemente feridos através de um buraco de bomba. Não era possível fazer muita coisa, já que, naquela altura, o navio estava bem mais do que meio submerso.

Um cabo da Marinha chamado Brennan (relatei isso ao comandante do HMS *Sultan*, em Colombo), com grande presença de espírito, conseguiu colocar um dos botes salvavidas na água. Também arranjamos duas *khalis*, pequenas jangadas. Conseguimos colocar os feridos que estavam deitados no convés dentro do bote, e algumas pessoas

fisicamente capazes também subiram a bordo, antes que ficasse evidente que precisávamos afastá-lo para que não afundasse com a canhoneira. Permaneci com alguns outros no convés até o comandante Sprott dar a ordem de “abandonar o navio”, e então pulamos na água e nos afastamos nadando. Naquela altura, o comandante Sprott ainda estava na ponte.

Eram pouco mais que 10h30. Nadei cerca de 100 metros para longe do navio antes de me virar para vê-lo dar o último mergulho. Ao mesmo tempo que ele afundava, vi dois oficiais navais pular da ponte para a lateral do navio e deslizar até a água. Tudo que ainda podia ser visto após isso era um pequeno pedaço da proa, e ele permaneceu nessa posição por algumas horas. Estimo que o tempo exato que demorou para afundar a partir do momento que foi atingido pela bomba foi de 5 minutos, no máximo.

A próxima coisa que vi foi o bote salva-vidas, do outro lado do naufrágio, com várias pessoas agarradas às cordas de segurança. Uma das *khalis* estava vazia e a outra jangada tinha vários homens agarrados a ela.

Naquele momento, várias esquadrilhas de aviões estavam voando em círculo, e consegui contar, com certeza, mais de sessenta. Naquela altura, já haviam visto nosso destino e

dedicaram sua atenção à HMS *Grasshopper*. Fizeram com ele o mesmo que conosco. Bombardeio-padrão por esquadrilhas. Por um momento, parecia que ele era protegido por algum feitiço e nunca seria atingido. Literalmente, centenas de bombas devem ter sido lançadas perto dele. Naquela altura, devia estar a meia milha de distância de nós, navegando em círculos, em uma ação evasiva. É possível que as bombas tenham sacudido severamente algumas pessoas nadando na água a ponto de deixá-las inconscientes. Finalmente, vimos a *Grasshopper* circundando como em uma ação evasiva e se dirigindo para uma ilha que podíamos ver ao longe. Estimei que ela tinha sido atingida, o que se revelou exato, e tentava chegar à praia, o que finalmente conseguiu fazer, antes de seu depósito traseiro de munição explodir.

Mais tarde cheguei a saber que a HMS *Grasshopper* teve apenas oito ou nove baixas.

Para voltar aos apuros dos sobreviventes da *Dragonfly*, o bote salva-vidas agora estava resgatando os sobreviventes que encontrava na água e ficava cada vez mais lotado.

A jangada vazia agora tinha várias pessoas e parecia se afastar em uma direção que supus ser a de Sumatra, onde uma vaga linha de litoral podia ser vista.

A outra jangada estava indo para a ilha mais próxima que mencionei antes.

Ainda havia pessoas na água, a certa distância do barco. Quanto a mim, tentei agrupar algumas pessoas porque considereei que assim teríamos mais chances de sermos resgatados ou de chegarmos à costa nadando. Como único oficial, me encarreguei daqueles que eu havia resgatado, um grupo de seis pessoas, e gritei aos outros que se juntassem a nós. Houve outros, seja quem for, que resolveram nadar por conta própria em direção à ilha mais próxima. Vi apenas um deles de novo. Devo mencionar aqui que todo o pessoal que consegui resgatar era da Marinha.

Gritando e fazendo sinais para o bote salva-vidas, que estava muito longe para reconhecer as pessoas, entendemos que estava carregado demais para pegar mais homens do que aqueles na sua proximidade. Eu e meu grupo então decidimos tentar nadar até a costa, o que começamos a fazer.

Naquela altura, os aviões, com a missão cumprida, haviam ido embora, mas, cerca de meia hora depois, vimos uma esquadrilha se aproximando de nós a uma altura muito baixa, vindo de uma direção que supus ser o leste. Logo depois, ficou claro que era para metralhar o bote salva-vidas. Desceram até o que acredito ser chamado de “altura

zero” e metralharam o bote salva-vidas, dois ou três por vez, mantendo a formação o tempo todo. Repetiram o ataque duas vezes contra o bote salva-vidas e, feito isso, seguiram adiante e metralharam a mim e ao meu grupo da mesma forma. Era muito evidente, mesmo à distância que estávamos do bote salva-vidas, que haviam sofrido muitas baixas. Tivemos mais sorte, e ninguém ficou ferido.

Tendo, como eu já disse, repetido duas vezes seu ataque, foram embora na mesma direção de que vieram. Não os vimos mais.

Vimos o bote salva-vidas se reorganizar e se dirigir para a ilha mais próxima, para onde também estávamos indo.

Por volta das 18h30, o bote salva-vidas, que havia ficado para trás para resgatar pessoas, pegou meu grupo, e alguns de nós puderam ajudar os raros homens saudáveis a bordo a percorrer a última meia milha até a costa, à qual chegamos por volta das 19h00.

Fizemos as contas, e, se me lembro bem, havia 27 homens, compostos por 22 do bote e cinco que haviam nadado comigo, e oito dos homens do bote estavam em estado grave. Infelizmente, descobrimos que a ilha à qual havíamos chegado não possuía água nem comida, e quase nada podia ser feito pelos feridos, que representavam mais da metade do pessoal restante. Não sei o nome da ilha.

Na manhã seguinte, um subtenente, cujo nome acredito ser Clarke, um neozelandês, chegou a pé pela praia com outros oito. Haviam estado na segunda jangada e tinham abordado a costa um pouco mais acima. Isso elevou a conta total a 36. Outros talvez tenham chegado à costa nadando até outras ilhas dos arredores, mas, a meu ver, temo que tenham sido muito poucos, já que a maioria dos homens a bordo do navio, especialmente os soldados, deve ter sido morta durante a primeira explosão ou a metralhada do bote salva-vidas.

Os nomes das pessoas de que me lembro estão na parte III, sob a rubrica de “chegaram à terra ou morreram nessa determinada ação”.

(Segundo) Itinerário geral dos sobreviventes do local da perda até Colombo.

c. Referindo-me à última frase do cabo de Departamento de Guerra dizendo “explique onde ele desembarcou e se há possibilidade de sobreviventes terem desembarcado em outro lugar”, vou dar um breve itinerário, já que é possível que outros membros de navios tenham desembarcado em outro lugar.

Como já disse na parte (a) deste relato, não sei o nome da ilha em que desembarquei, mas, por ter conversado com a

tripulação da HMS *Dragonfly*, deduzi que deve ficar aproximadamente 100 milhas ao sul de Cingapura, na proximidade das ilhas Sinkep, a 10 milhas de uma ilha chamada Pongpong. Não sei se esta é a ortografia correta, mas para localizá-la vale dizer que Pongpong foi onde o SS *Kuala* afundou, com muitas freiras enfermeiras a bordo.

Como pode ser visto no mapa, há centenas de pequenas ilhas nessa área, muitas das quais foram visitadas por vários oficiais na tentativa de resgatar mais sobreviventes do grande número de navios que afundaram naquela área por volta do dia 14 de fevereiro de 1942. Acredito que o número de navios afundados em um raio de cerca de 40 milhas foi nove, de vários tamanhos, sendo um deles, acredito, o HMS *St. Briac*, que, pelo que eu saiba, era um rebocador e rebocava barcas de explosivos.

Tendo permanecido nessa pequena ilha por 48 horas e nos esforçado por deixar o bote salva-vidas mais ou menos navegável, finalmente pudemos contatar a tripulação da HMS *Grasshopper* por meio de um nativo a bordo de uma pequena sampana. Disseram-nos que fôssemos a outra pequena ilha, onde iam tentar obter alguns suprimentos médicos para nós. O nome da ilha aonde finalmente fomos é, acredito, Pisec (ortografia incerta). Infelizmente, não encontramos

ninguém, e acredita-se que haja vários lugares com o mesmo nome e que chegamos ao local errado. Entre o momento do desembarque e o da chegada a essa ilha, perdemos alguns feridos, que morreram. Veja a parte (c) do relato.

Ficamos na segunda ilha por 24 horas, quando chegaram várias grandes sampanas, enviadas por um administrador holandês de outra ilha, a 40 ou 50 milhas de distância, que ouvira falar de vários desastres. A cidade da qual vinham era um pequeno povoado holandês chamado Dabok. Subimos a bordo das sampanas, já que a essa altura o bote salva-vidas estava totalmente imprestável, por causa dos inúmeros buracos de balas, e decidimos tentar achar o pessoal da *HMS Grasshopper*, que acabamos encontrando após uma noite de viagem. Ainda estavam em outra ilha a 10 ou 15 milhas de distância daquela onde estávamos, e cujo nome não sei, já que o vilarejo em que ficamos estava completamente desprovido de habitantes, que, suponho, haviam ido se proteger na selva.

Aqui, pode ser interessante notar que os raros moradores que encontramos previamente nos informaram que os japoneses já haviam passado por essas ilhas antes, disfarçados de pescadores, e tinham alertado os nativos de

que iam sofrer graves consequências caso ajudassem soldados britânicos.

Logo após nos juntarmos ao pessoal da HMS *Grasshopper*, chegou uma lancha motorizada para nos levar a Dabok, que também havia sido conseguida pelo administrador daquela ilha. Demoraram três noites para retirar todo o pessoal da ilha. Contudo, todos os que estavam lá chegaram ilesos ao nosso destino (Dabok). Lá, vários de nós foram enviados para o hospital local, inclusive eu. Enquanto eu estava no hospital, formou-se um comitê composto pelo administrador, o comandante Hoffman e um ou dois outros, e decidiu-se que todo o pessoal fisicamente apto, inclusive um grande número de civis que estava nessa ilha, devia ser enviado em sampanas até Sumatra, que, como fomos informados, ficava cerca de 80 milhas distante. Enquanto eu ainda estava no hospital, muitas pessoas deixaram Dabok para ir a Sumatra desse jeito.

É interessante notar que, da tripulação da HMS *Dragonfly*, fora aqueles que estavam no hospital comigo, nunca vi mais ninguém. Posso apenas deduzir que ou eles desembarcaram em uma parte da costa de Sumatra diferente daquela onde eu estava, ou devem ter atravessado o país mais rapidamente que eu e pegaram um navio antes, em Padang. Entretanto,

só vi um oficial da Marinha do nosso grupo desde que cheguei a Colombo, e como estava muito doente foi mandado embora mais cedo que a maior parte dos outros. A Marinha está com todos os pertences dele, embora eu tenha esquecido seu nome.

Alguns dias após ter chegado ao hospital, fui enviado para Sumatra em uma lancha motorizada, com um grupo de feridos que podiam andar. Entramos pela foz do rio Indragiri e finalmente desembarcamos em Tembhilahan. A meu ver, os que haviam saído antes de nós nas sampanas provavelmente desembarcaram em Jambi, que, claro, fica bem mais ao sul, e assim é possível que, considerando que nessa época os japoneses já haviam desembarcado em Palembang, e estavam rumando para o norte, muitos deles foram barrados e não puderam seguir pela costa oeste de Sumatra.

A partir de Tembhilahan, fomos pelo rio até Rengat e de lá até Ayermulek, e ficamos um dia ou dois em cada lugar. De lá pudemos pegar um caminhão que nos levou a Sawerleunto e, finalmente, até Padang. Alguns dos feridos com os quais viajei não estavam suficientemente restabelecidos para completar toda a viagem, e vários deles foram deixados em hospitais pelo caminho. Finalmente, deixei Padang na manhã de 3 de março de 1942, o que,

acredito, foi após o ss *Rosenbloom* sair do mesmo porto e ser dado como perdido com todos a bordo. Soube que cerca de trezentas pessoas embarcaram nesse navio, embora não houvesse nenhum método definido para averiguar os números. Entretanto, temo que o pessoal que deixou Dabok três ou quatro dias antes de mim tenha tido a infelicidade de embarcar nesse navio.

Deixei Padang no KLM ss *De Weert*, e no dia em que saímos não havia mais ninguém em Padang, exceto o coronel Warren, da Marinha Real, que estava encarregado da evacuação daquele porto. Contudo, recebeu-se um cabo no mesmo dia da região leste de Sumatra, não sei se o local de desembarque era Jambi ou Indragiri, mas dizia que cerca de setecentas pessoas ainda estavam por vir. Contudo, como eles iam demorar até uma semana para chegar, o *De Weert* não podia esperar por eles.

Documentos 3 e 4

Nota do autor – dois relatos do afundamento do ss Van Waerwijck, navio em que Judy naufragou pela segunda vez.

Tranby Lodge, Hessle,
E. Yorke.

25 de maio de 1946.

Para: Subsecretário de Estado, Departamento de
Guerra, Edge Lane.

Liverpool. 7.

De: Capitão J. G. Gordon, Artilharia Real.

Senhor, Em resposta à sua carta de 24 de maio referida como M/954, farei o possível para responder às sete perguntas, mas gostaria de destacar que já enviei um relatório completo sobre esse desastre ao escritório do procurador geral da Justiça Militar^[1] e já fiz várias viagens a Londres relativas a esse e outros crimes de guerra. Contudo, vou reiterá-las para seu conhecimento.

O navio japonês em que eu me encontrava estava viajando de Medan a Cingapura, e não a Palembang, como afirmou.

Respostas às suas perguntas.

- (4) ss *Van Warweak*.
- (5) 14 horas, 26 de julho de 1914.
- (6) 207. (Sem certeza absoluta).
- (7) 67, incluindo três que morreram imediatamente ao chegarem a Cingapura, em decorrência de ferimentos.
- (8a. 60 milhas ao sul de Medan, do lado de Sumatra do estreito de Malaca, 7 ou 8 milhas da costa.
 - b. Três navios inimigos nas redondezas que resgataram os sobreviventes. Um navio-petroleiro que pegou o grosso e duas corvetas.
 - c. Totalmente fora de vista em menos de cinco minutos, de fato debaixo da água em três minutos.
- (6) Todos os britânicos foram resgatados por um navio inimigo (pelo que sei e acredito).
- (7) Lamento que isso seja impossível pelo fato de todos os meus registros terem sido levados de mim pelos japoneses em mais de uma ocasião durante meu encarceramento posterior. Contudo, praticamente todas as informações foram computadas e preenchidas junto aos registros do campo de base em Pakan Baroe, Sumatra, cujo

comandante era o comandante do comando aéreo P. S. David, RAF, o oficial médico-chefe sendo o tenente-coronel E. M. Hennessy, RAMC. Este, nas últimas etapas da rendição japonesa, foi responsável até a transferência para Cingapura por todos os registros de pessoal desaparecido. Se esses registros não estiverem completos e o senhor quiser me perguntar detalhes sobre qualquer indivíduo e eu for capaz de me lembrar, terei prazer em ajudá-lo.

Em conclusão, eu gostaria de acrescentar que pessoalmente alcancei nadando uma rede de pesca perto da costa e fui resgatado por uma das pequenas corvetas. Ao subir a bordo, fui até o capitão japonês para lhe agradecer por ter resgatado meu grupo e perguntei da melhor forma possível se ele podia dar uma volta pelo local do naufrágio para ver se ainda havia alguém vivo ali, já que o maior grupo de sobreviventes tinha deixado o lugar do naufrágio nos outros dois navios. Para minha surpresa, ele concordou. Então demos uma volta pelos escombros do navio, parando às vezes para examinar corpos, e posso afirmar que aproximadamente às 16h30 da mesma tarde não havia mais ninguém vivo no local do naufrágio.

Quando mais tarde fui transferido de volta a Sumatra, descobri que quatro prisioneiros de guerra, todos holandeses, haviam sido resgatados por um navio de pesca e levados até a costa de Sumatra. Após uma investigação cuidadosa, não pude encontrar nenhum outro rastro de outros prisioneiros Aliados que tivessem sido resgatados dessa maneira ou tivessem chegado à costa. Daí, é possível concluir que, a menos que tenham sido resgatados pelos japoneses, algo bem improvável em relação a uma população local pouco amigável, e sabendo que os japoneses trouxeram todos os prisioneiros Aliados para o norte de Sumatra, para o campo de base de Pakan Baroe, não há outros sobreviventes além daqueles mencionados na lista mantida no quartel-geral de Pakan Baroe e em Changi, Cingapura, sendo a lista de Changi levada ao campo de Changi pelo major P. E. Campbell, do Exército indiano, cerca de duas semanas após o naufrágio.

J. G. Gordon, Capitão da
Artilharia Real.

28/05/46.

Para: Oficial Comandante, Comando de Suprimentos
Médicos, Harefield, Middlesex.

De: 7259601 W.O.11. Eckersall, K. P. J., RAMC, Det. 12
Company RAMC, Comando de Suprimentos Médicos,
Harefield, Middlesex.

Data: 28 de maio de 1946.

Senhor, Em resposta à carta do Departamento de Guerra Nº MA/OR/954, datada de 24 de março de 1946, pedindo informações a respeito da perda de soldados britânicos que, como prisioneiros de guerra no Extremo Oriente, morreram no afundamento de um navio inimigo por uma ação Aliada em 26 de junho de 1944, venho lhe fornecer os seguintes detalhes: A rota era de Medan a Cingapura, e não como mencionado na carta do Departamento de Guerra acima mencionada.

(9) O nome do navio, do qual não tenho certeza, era algo como “Kwewegem”, que, antes de ser capturado pelo inimigo, era o navio de transporte de passageiros e carga da companhia K.P.M. O navio usava o número de série dos inimigos, P.1406; esse número, que eu saiba, está correto, mas não há dúvida de que o comandante do submarino Aliado deve ter registrado isso antes de afundar o navio.

(10) Horário do afundamento – 13h47 (horário de Tóquio) da segunda-feira de 26 de junho de 1944.

Aproximadamente trezentos soldados Aliados, de
(11) nacionalidades britânica, americana, australiana e
outras europeias, além de 450 holandeses.

(12) 62 soldados Aliados (exceto holandeses) foram
declarados desaparecidos, numa contagem feita no
Campo da Estrada do Vale do Rio, em 28 de junho.
Outros três morreram após serem internados no
Campo Hospitalar de prisioneiros de guerra em
Changi Gaol, Cingapura. Os nomes são os seguintes:
Sargento Fowler, Artilharia Real.

Sargento-major Conley. Radiocomunicador de
Sinais.

Suboficial Christopher, Marinha Real.

– Isso dá um total de 65.

O total de desaparecidos chegou aproximadamente a
duzentos, incluindo os holandeses.

Dos 65 desaparecidos de que tenho certeza após a queda
do Japão, em agosto de 1945, compilei todas as baixas
(excluindo os holandeses) conhecidas nos campos de
prisioneiros da área de Pakan Baroe, de 1º de julho de 1944 a
agosto de 1944. Essa lista inclui todos os detalhes sobre os
soldados (exceto os holandeses) desaparecidos no naufrágio
do navio em questão. Os detalhes eram os seguintes:
Nacionalidade – Matrícula – Posto – Nome – Iniciais –

Oficial ou Outro Posto conforme as diferentes tropas de serviço.

Cópias da lista acima mencionada foram levadas do Escritório do Campo do Quartel-General Aliado de Pakan Baroe pelo tenente-coronel E. M. Hennessey, RAMC (Exército Regular), e depois levadas aos representantes britânicos no Quartel-General RAPWI, no Goodwood Park Hotel, Scott's Road, Cingapura, no começo de setembro de 1945.

Outras cópias dessas listas foram levadas por mim, junto com as listas de baixas nas áreas de Pakan Baroe e Medan e a lista de doentes classificados para evacuação, ao capitão Carey, RAMC (Tropas Aerotransportadas), das forças de ocupação, a quem o tenente-coronel Hennessey havia passado as informações antes de deixar Cingapura, no começo de setembro, após divulgação.

Nota: os registros holandeses foram mantidos por seu próprio pessoal de escritório.

Todas as outras estatísticas Aliadas foram compiladas pelos prisioneiros de guerra britânicos.

- 5a. Horário de saída de Medan – 16h00, horário de Tóquio, domingo, 25 de junho de 1944, viajando a aproximadamente 6 nós. Navio ancorado ao

anoitecer e seguindo ao amanhecer. (das 20h às 5h30, aprox.).

Nota: devido ao fato de o relógio ter sido ajustado ao horário de Tóquio após 1º de abril de 1942, por ordem dos japoneses, ainda era dia perto das 20h30.

Comboio de três de quatro navios, outros navios eram petroleiros e escoltados por três pequenas corvetas, carregando cargas de profundidade e pequenas armas antiaéreas. Dois bombardeiros japoneses também serviam de escolta durante as horas de deslocamento.

O navio foi afundado por um submarino Aliado ao largo de Tandjong Bali, pequena ilha a 7 quilômetros do litoral, às 13h47 de 26 de junho de 1944, por dois torpedos disparados a bombordo de uma possível distância de 6 milhas.

O comboio seguiu a costa durante o caminho inteiro de Medan até o momento do naufrágio, viajando a cerca de 4 ou 5 quilômetros do litoral.

Aconteceram naufrágios de outros navios na mesma área, já que destroços puderam ser parcialmente vistos acima do nível da água.

Esse navio em particular, após ter sido naufragado, tinha aproximadamente 3,5 metros de mastros acima da superfície da água.

5b. Não havia navios amigos nos arredores. Os navios inimigos no comboio se recusaram a resgatar os prisioneiros sobreviventes antes que a tripulação de um navio mercantil japonês, tripulantes nativos sobreviventes e guardas militares japoneses tivessem sido resgatados.

Todos os prisioneiros sobreviventes finalmente foram resgatados da água por volta das 16h45 de 26 de junho de 1944, por navios do comboio ou pelas pequenas corvetas.

Isso não considera dois ou três holandeses, dos quais um era médico, chamado A. L. Yurgens, capitão de 1ª classe, das Forças Holandesas das Índias Orientais, que chegaram à costa nadando e se entregaram à polícia local do vilarejo mais próximo e, finalmente, foram levados de volta ao campo de prisioneiros da área de Pakan Baroe, mais tarde, aproximadamente em agosto de 1944.

5c. O navio não demorou mais que sete minutos para afundar após ter sido atingido.

6a. Dois ou três foram explicados em 5b.

6b. Aproximadamente 550 foram resgatados pelos navios mercantis inimigos e as corvetas.

f. Já expliquei na resposta à pergunta nº 4 onde as informações completas sobre o pessoal desaparecido, ou

morto em decorrência da ação (exceto holandeses), podem ser obtidas.

Para sua informação acrescentei os detalhes seguintes: O destino final dessa viagem era Pakan Baroe, Sumatra Central. O motivo pelo qual fomos levados de comboio pelo mar de Medan a Cingapura era que, naquela época, o inimigo não possuía transporte terrestre adequado para organizar um comboio de Medan a Pakan Baroe pela estrada, uma viagem de quatro dias.

A solução foi transferir os prisioneiros de Medan a Cingapura em um grande navio, transferindo-os em Cingapura para pequenos barcos de rio de fundo chato para regressar a Sumatra e navegar pelos longos rios estreitos cujas fontes ficam nas cadeias montanhosas na costa oeste de Sumatra, para chegar a Pakan Baroe por mar e rio.

Acredito que as presentes informações possam esclarecer esse lamentável incidente.

Tenho a honra de ser, Senhor, Seu obediente servidor, K.
P. J. Eckersall 7259601 W.O.11. R.A.M.C.

Documento 5

Nota do autor – relato sobre os grupos de trabalho forçado na selva de Sumatra como prisioneiros de guerra dos japoneses, que mostra o terrível horror dos campos e o inflexível espírito de resistência dos prisioneiros Aliados.

Relato de um prisioneiro membro de um grupo de trabalho na área de Gaje, Aceh, Sumatra.

1. Em 3 de março de 1944 um grupo de trabalho formado por prisioneiros, trezentos holandeses e duzentos britânicos, deixou o campo de prisioneiros de Glegeer, Medan, Sumatra. O oficial superior era o capitão Van der Lande. O oficial superior britânico era o tenente L. R. T. Henman, o oficial médico britânico era o capitão P. M. Kirkwood. O grupo como um todo era comandado pelo tenente S. Miura do Exército japonês.

2. Ao chegarmos a Keta Tjane no final de um dia de viagem de caminhão, o tenente Miura nos informou que no dia seguinte precisávamos começar uma caminhada de 135 quilômetros até Blangkedteren, Aceh. Após protestos dos oficiais chefes Aliados, inclusive os oficiais médicos, um dia

a mais de descanso foi autorizado antes de a caminhada começar. Todos os pertences que não podiam ser carregados tinham que ser deixados em Keta Tjane.

3. A caminhada foi feita em quatro etapas, com um dia inteiro de descanso no meio. Os suprimentos de comida consistiam em arroz, grãos de soja e carne. Devido à má organização por parte dos japoneses, as devidas quantidades nem sempre estavam disponíveis nos lugares em que parávamos. Em particular, vários britânicos não tinham garrafas de água, e apesar dos alertas os homens bebiam diretamente nos rios do caminho, o que os levou a ter ataques de disenteria. Os homens não andavam assim havia dois anos ou mais, e no caminho sofreram muito com bolhas. Mesmo assim, poucos britânicos debandaram. O grupo RN de 45 (sob o segundo-tenente H. Hedley, Regimento Mysore) completou a caminhada em quatro, com apenas uma baixa na última etapa.

4. Após cerca de um mês, o contingente britânico (consistindo em quatro grupos – Marinha Real, Exército, Força Aérea Real e Força Imperial australiana) foi finalmente aquartelado em um campo a 28 quilômetros na estrada Blangkedteren-Takengong. Essa estrada havia sido construída pelos japoneses com prisioneiros de guerra e mão

de obra local. O campo ficava a uma altitude de cerca de 900 metros e consistia em barracos de bivaque feitos com folhas de palmeira, construídos pelos próprios prisioneiros imediatamente após sua chegada. O tenente Hedley, da Marinha Real, e alguns soldados do Exército passaram duas noites com cules nativos em cabanas feitas com samambaias, em meio a um mar de lama e excrementos (de humanos e outros), antes de serem autorizados a se mudar para o campo, a 28 quilômetros. Lá construíram um barraco como puderam, com pequena quantidade de folhas de palmeira e madeira cortada na selva.

5. Os homens foram levados a trabalhar o quanto antes, e nenhum homem saudável era autorizado a ficar no campo senão pelo tempo mínimo necessário para cozinhar e cortar a madeira. O trabalho consistia em abrir uma estrada na montanha, cortar árvores, construir uma ponte, carregar pedras, remover terra com enxada e balde locais e empedrar a superfície da estrada. O dia médio de trabalho era de nove horas independentemente do tempo, e, enquanto carregavam pedras, os homens às vezes tinham que andar até 30 quilômetros por dia.

6. Os homens doentes eram continuamente perseguidos e muitos eram obrigados a trabalhar, embora não estivessem em estado de fazê-lo. Determinada porcentagem de homens

era requisitada. Se ela não fosse alcançada, os doentes eram chamados (independentemente da doença que tinham), e os japoneses escolhiam aqueles que, a seu ver, serviam para a tarefa. Uma correspondência em anexo entre o capitão Kirkwood, Serviço de Inteligência Militar, e o tenente Miura dá uma ideia da situação. Os oficiais que protestassem eram simplesmente espancados pelos guardas na frente dos demais prisioneiros.

7. Durante esse período, a comida consistia em 300 gramas de arroz e 200 gramas de grãos de soja por dia; também havia peixe salgado, aproximadamente dois novilhos por semana (para quinhentos homens), e uma pequena quantidade de legumes (ver relatório do segundo-tenente J. Hedley, Regimento Mysore). Muitos homens não podiam comer soja porque causava diarreia (ver relatório do capitão Kirkwood, Serviço de Inteligência Militar). Naturalmente, a dieta era totalmente inadequada para o trabalho a ser feito.

8. Especialmente no começo, houve muitos casos de disenteria. Eram tratados em um suposto hospital em Blangkedjeeren, onde um médico do Exército holandês chamado Duringa fez um trabalho esplêndido com quase nenhum equipamento. Assim que esses pacientes eram considerados temporariamente aptos, tinham que andar de

volta ao campo do qual haviam vindo (23-28 km) e levar com eles um novilho, que era a ração de carne do dito campo. O atraso em enviar homens ao hospital de Blangkedjeeren, a meu ver, foi a causa da morte do soldado Lahay, da Força Imperial australiana, uma das três baixas britânicas em Aceh.

As duas cartas foram anexadas ao exemplar original deste relatório, submetido ao Departamento de Guerra MI5.

(13) Como consequência, muitos homens venderam suas roupas, e com isso compraram mais arroz, frutas e açúcar local. Para fazer isso, precisavam escapar do campo à noite. Quando alguns deles eram pegos, o campo todo era punido, devendo ficar em posição de sentido à noite, após o dia de trabalho, por cerca de 2 horas. Os guardas diziam que iam dar um jeito para que as frutas fossem trazidas legitimamente, mas, dito isso, esqueciam sua promessa, no verdadeiro estilo japonês, e assim as compras oficiais não eram mais permitidas.

g. O espírito dos homens durante esse período era muito alto, particularmente após ouvirem a notícia da invasão da Europa, e isso também se devia ao fato de que sem ela teria havido muito

mais baixas durante a descida até as planícies, que começou em 6 de outubro.

cii. Em 5 de outubro, às 18h00, fui informado por Miura de que no dia seguinte devíamos começar uma caminhada de aproximadamente 135 quilômetros, que devia ser completada o mais rápido possível (na realidade, a marcha demorou 81 horas, incluindo todas as paradas para comer, dormir e descansar).

(8) Muitos homens não tinham botas e outros tantos sofriam de diarreia ou disenteria amébrica, as estradas eram íngremes e malcalçadas, e os guardas coreanos (até que eles mesmos ficassem para trás) usavam cassetetes e a coronha das armas nos retardatários. O capitão Kirkwood também sofreu de disenteria amébrica, mas, mesmo assim, não deixou de prestar assistência aos doentes.

13. A pior parte da viagem foi uma caminhada à noite, das 20h00 às 4h00. Durante esse período, andei com o grupo da Marinha, e o fato de eles, o grupo do Exército e o da Força Aérea Real cantarem canções como *The Eagle they fly high in Mobile*, *Lily of Laguna* e *The beer is on the table* ajudou bastante.

14. Um guarda coreano chamado Matsuoka foi especialmente maldoso durante a caminhada. Em uma ocasião, quando o P/O. Sparks, W. Nº D/JX 125134, com os pés infeccionados e cheios de bolhas, foi ajudado pelo capitão Kirkwood e o P/O. Northcott, C. J. Nº D/JX 137479, esse guarda usou a coronha da arma nos três, porque não andavam suficientemente depressa.

15. Finalmente, chegamos a Kota Tjane, com 6% das nossas forças a menos, contra 25% dos guardas japoneses e coreanos. As ruas estavam enfeitadas com bananas – mas o tenente Miura dera ordens ao seu sargento para que ninguém desse ou vendesse nenhuma fruta aos prisioneiros.

16. Esse homem, Miura, fornece um estudo dos mais interessantes. Falava inglês (e malaio) extremamente bem e aparentemente havia trabalhado em uma grande empresa no Japão, onde, dizia, tinha muitos amigos estrangeiros. Sempre se mostrava ansioso para tentar fazer tudo que estava a seu alcance pelos prisioneiros. Se seu verdadeiro comportamento, especialmente com os doentes, não tivesse desmentido suas lindas palavras, eu teria ficado muito mais impressionado com suas boas intenções. “Os doentes”, ele me disse, em mais de uma ocasião, “não têm utilidade nenhuma para o Exército japonês. Seria melhor se

morressem.” E também dizia que o hospital deveria ser o máximo possível semelhante a uma prisão. “Você mesmo”, acrescentava, “se queixa demais. Não é um comportamento de cavalheiro.”

17. Ele não tinha controle sobre seus guardas coreanos, que, bem ou mal, faziam o que queriam. De fato, a meu pedido, ele os proibiu de agir por conta própria, infligindo eles mesmos castigos corporais, mas quando, como logo aconteceu, eles começaram a desobedecer à sua ordem, ele pareceu quase incapaz ou pouco interessado em fazer com que fosse respeitada. “Não castigue seus homens”, ele me disse, quando pedi alguns direitos de castigar (relativos a assuntos higiênicos), “seja sempre gentil. Eu nunca castigo os meus guardas.” Era verdade.

18. Sob essas circunstâncias, a disciplina dos homens era muito boa, e o crédito disso deve ir para os oficiais sob minhas ordens (especialmente o tenente Hedley e o tenente D. S. Matthews, Serviços Gerais) e igualmente para os suboficiais dos diferentes grupos (Marinha Real, Exército, Força Aérea Real e Força Imperial australiana). Esses suboficiais não somente deviam trabalhar e viver com os outros homens, mas, ao regressar aos campos todas as noites, precisavam distribuir comida, coletar dinheiro para comprar suprimentos da cozinha (quando autorizado),

definir os grupos de trabalho e resolver as mais ínfimas brigas sem terem nenhum poder de disciplina.

Grupo da Marinha Real P/O Northcott, C.J.R. D/JX 137479.

P/O Bosward, F. D/JX 140525.

P/O Sparks, W. D/JX 125134.

Grupo do Exército Sargento Maverty, R.A.S.C. (18^a Div.)

Sargento Powell, T.F., R.A. 1454735. (cozinheiro-chefe) R.A.F.

Sargento Appleton, J.G., R.A.F. 522620

A.I.F.

Cabo Mackay, L. 2/29 BTN. A.I.F.

Eu gostaria de recomendar especialmente o tenente Hedley pelo excelente trabalho que fez, como oficial de distribuição, na caminhada de Blangkedjeren a Kota Tjane e em outras ocasiões.

19. O capitão Kirkwood, I.M.S., conseguiu sob essas circunstâncias preservar a saúde dos homens, ou o que ainda sobrava dela, de forma surpreendente (considerando que a maior parte do tempo ele mesmo estava sofrendo de disenteria amébrica). Durante o período de oito meses apenas três homens morreram.

Soldado Hopson. A.I.F.

Soldado Lahay. A.I.F.

Cadete principal Willis. R.A.F.

Embora os momentos difíceis pelos quais os homens passaram sejam possivelmente a causa original das inúmeras baixas que sofremos depois na área de Pakan Baree. (Ver relatório do capitão Kirkwood, I. M. S., e capitão J. G. Gordon, R.A.) 20. Todo o grupo de Aceh (holandeses e britânicos) foi escalado para Pakan Baree após aproximadamente três semanas de descanso em um campo (Sungei Songkel) perto de Medan. No caminho, fomos (quinhentos homens) mantidos em Fort de Kock (perto de Padang), por quatro dias, em duas salas que normalmente formavam as delegacias de polícia dessa cidade. Durante esses quatro dias, tivemos pouco para comer, os únicos sanitários consistiam em uma vala cavada no jardim, e era possível tomar banho somente ficando de pé em uma bacia. O espaço para cada homem permitia apenas deitar-se no chão. Os doentes ficavam deitados no meio de uma das salas, em um espaço que abrimos para eles.

21. No campo de Petai (área de Pakan Baree), o tenente criou dificuldades em relação à possibilidade de cavar latrinas. Ele não dava tempo suficiente para esse trabalho, e nos proibiu de usar a madeira (para nossa grande latrina) da selva ao lado. Contudo, desobedecendo às suas ordens, conseguimos finalizar a latrina, motivo pelo qual ele

mandou me procurar e me cumprimentou pela eficiência. Uns dias antes, ele se queixara de que os britânicos, embora sempre lhe obedecessem, o faziam de “cara amarrada”. No dia seguinte (23 de novembro), ele foi até Pakan Baree e trouxe o capitão Gordon, R.A., como oficial-maior britânico.

22. Esse oficial, que havia trabalhado incansavelmente em nome das tropas em Medan, assumiu os deveres de oficial-maior britânico no meu lugar. Enfrentou o último (e mais difícil) período pelo qual passamos como prisioneiros de guerra, e, a meu ver, exerceu suas funções até quando eu o deixei em Legas, em agosto de 1945, da maneira mais admirável. Ele tem detalhes, que lhe entreguei, sobre o pessoal do grupo de Aceh e todas as baixas que sofremos então e na área de Pakan Baree.

23. Finalmente, eu gostaria de frisar o quanto o contingente britânico em Aceh apreciou a grande capacidade de organização e a eficiência geral do capitão J. J. A. Van der Lande e seu oficial médico, o capitão Linggen (Exército Real das Índias Orientais Holandesas), e, especialmente em relação a assuntos médicos, o trabalho realizado pelo sargento-major Bougels (Exército Real das Índias Orientais Holandesas) merece os maiores louvores.

(SGD) L. R. T. HERMAN

Tenente, Reserva Voluntário da
Marinha Real (RNVR)

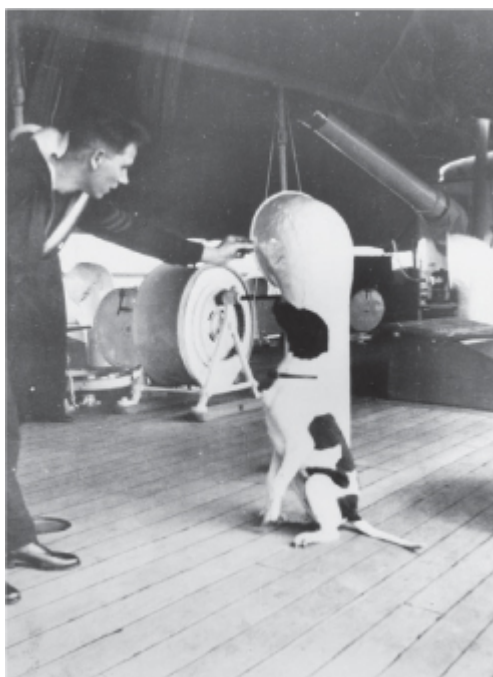
AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos especiais às seguintes pessoas pela ajuda que me deram para levar este livro adiante. Minha agente literária, Annabel Merullo, sua assistente, Laura Williams, e toda a equipe da PFD, entre outros, Rachel Mills e Alexandra Cliff. Meu caça-talentos, Luke Speed. Richard Milner e Joshua Ireland, meus editores na Quercus Publishing, e toda a equipe de lá – David North, Patrick Carpenter, Jane Harris, Caroline Proud, Dave Murphy e Ron Beard, entre outros. Meus sinceros agradecimentos a todos. Também quero agradecer a Simon Fowler, por sua aguçada e persistente capacidade de pesquisa, e a Tean Roberts, por ter encontrado os sobreviventes e suas famílias.

Agradecimentos especiais às seguintes pessoas, que doaram livremente parte do seu tempo, do seu conhecimento e/ou das suas experiências para que eu pudesse dar vida à história deste livro. Primeiramente, e principalmente, a Rouse Voisey, que compartilhou sua

surpreendente história de vida comigo. Rouse, sou seu eterno e maior devedor. Ao capitão George W. Duffy, por ter compartilhado sua incrível vida, pela fantástica obra escrita e pelo apoio e incentivo permanentes. A Peter Fyans e Fergus Anckhorn, respectivamente autor e tema do livro *The Conjuror on the Kwai*, que conta a história da vida de Fergus e sua inacreditável sobrevivência como prisioneiro de guerra nos campos japoneses. Obrigado pelo tempo dedicado, por suas lembranças e pela ajuda. Você sempre foi e será uma grande inspiração para mim. A Lizzie Oliver, pela inspiração e por seu entusiasmo, pelos esboços e lembranças de seu avô e por ter lido vários rascunhos. A Meg Parkes, por sua incomparável perícia, pelos diários do seu pai e por sua assistência permanente até o fim. A Phillip Wearne, por ter contatado pessoas-chave em meu nome, algo que se provou inestimável. A Adrienne Howell, do Mere Literary Festival, pela generosidade ao me apresentar a pessoas que foram de grande ajuda neste livro. A David Tett, pelo valioso acervo de cartões-postais e cartas dos campos de prisioneiros. A Henk Hovinga, pela persistência em me encaminhar seu livro, sua ajuda e constantes conselhos. A Les Parsons, por compartilhar as experiências de seu tio-avô como prisioneiro de guerra dos japoneses. A Imogen Holmes, por compartilhar as experiências de seu pai como prisioneiro de

guerra dos japoneses. A Tony Spero, que também compartilhou as experiências de seu pai como prisioneiro de guerra dos japoneses. A Tyson Milne, por compartilhar as experiências de seu avô como prisioneiro de guerra dos japoneses. A Amanda Farrell e Jonathan Moffatt pela assistência na pesquisa e pelos inestimáveis contatos que forneceram. Quero também agradecer àqueles que me ajudaram, mas decidiram ficar anônimos. Finalmente, meus agradecimentos especiais à minha esposa, Eva, e a David, Damien Jr. e Sianna-Sarah por terem aguentado seu pai resmungão trancado no escritório horas a fio para escrever. Mais uma vez.



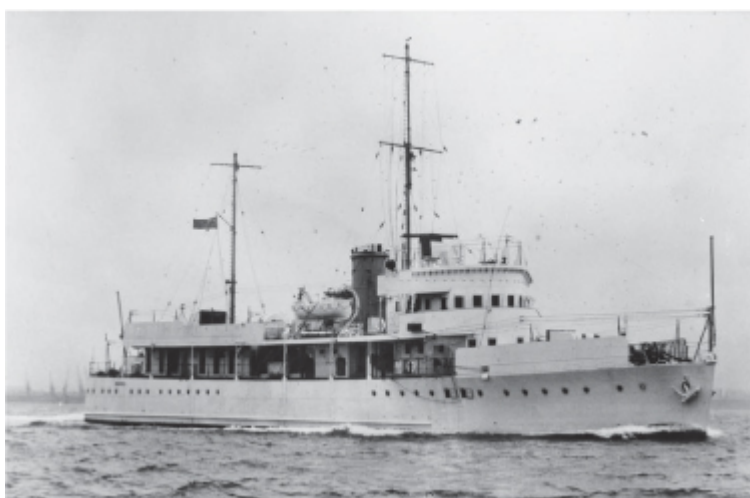
Judy em seu posto. No convés da HMS *Grasshopper*, uma das canhoneiras britânicas que cruzavam o imenso rio Yangtzé nos anos anteriores à Segunda Guerra Mundial. Judy, numa pose apropriadamente atenta, escuta as instruções do marinheiro. *Museu Imperial da Guerra*



A canhoneira HMS *Gnat*, da classe Insetos, patrulhando o Yangtzé – o primeiro lar flutuante de Judy. Quando foi adquirida no canil de Xangai e adotada pela tripulação do navio como mascote oficial, ninguém imaginava com que frequência esse notável animal iria salvar vidas. *Museu Imperial da Guerra*



Bastante realista, cabeça de madeira de “Judy de Sussex”, como a tripulação do navio a chamou, esculpida por um membro de sua extensa família – o suboficial chefe Clark, da Associação das Canhoneiras do Yangtzé. *Museu Imperial da Guerra*



Uma das “maiores canhoneiras da China”, a HMS *Grasshopper* foi o lar de Judy por vários meses, caçando piratas pelo rio e enfrentando ataques aéreos cada vez mais agressivos, à medida que o Exército japonês invadia a China, em um prelúdio à Segunda Guerra Mundial. *Museu Imperial da Guerra*



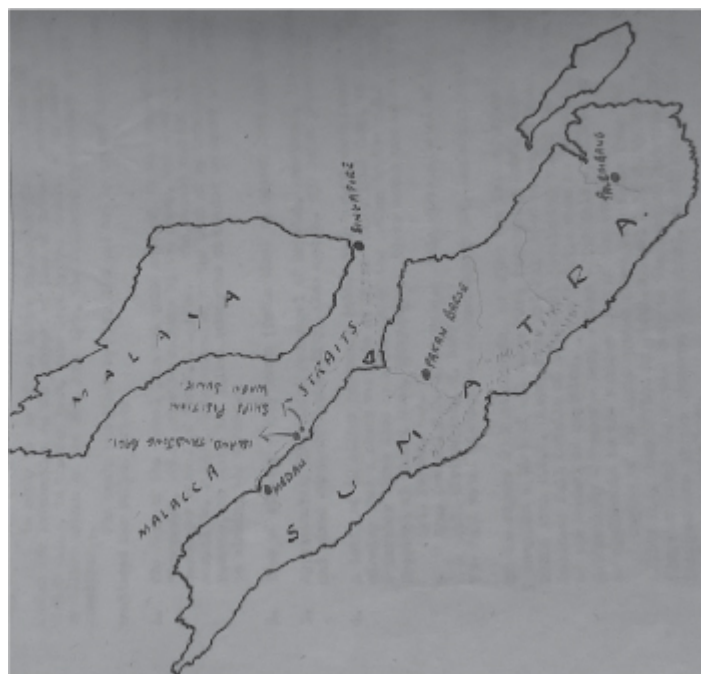
Judy teve sua primeira ninhada de filhotes a bordo da HMS *Grasshopper*, graças à contribuição do cão Paul, mascote da canhoneira francesa. *Francis Garnier*



Um marinheiro leva quatro filhotes para passear no convés. *Museu Imperial da Guerra*



Forças britânicas e Aliadas rendidas pelos japoneses durante a queda da “ilha-fortaleza” de Cingapura. Cerca de 80 mil soldados foram feitos prisioneiros. Abarrotadas de refugiados civis, as canhoneiras do Yangtzé tentaram fugir de Cingapura com todos, inclusive Judy, mas caíram nas garras da poderosa frota invasora japonesa. *Popperfoto/Getty Images*



Mapa esboçado por um fugitivo mostra onde a frota de pequenas embarcações que fugia de Cingapura encontrou os navios de guerra e contratorpedeiros japoneses, além das esquadrilhas de aviões de guerra. Judy e muitos tripulantes da *Grasshopper* foram atirados até uma ilha deserta, onde começou sua longa fuga até serem capturados. Foto cortesia S. Fowler

MY HEALTH IS EXCELLENT.
I AM CONSTANTLY THINKING OF YOU. IT WILL
BE WONDERFUL WHEN WE MEET AGAIN.
THE JAPANESE TREAT US VERY WELL, SO DONT
WORRY ABOUT ME, AND NEVER FEEL UNEASY.
RECEIVED YOUR SIXTH LETTER RECENTLY, ALSO
LETTERGRAM. HOPE YOU HAVE PLEASANT
CHRISTMAS AND HAPPY NEW YEAR.
LOVE TO ALL
LES.

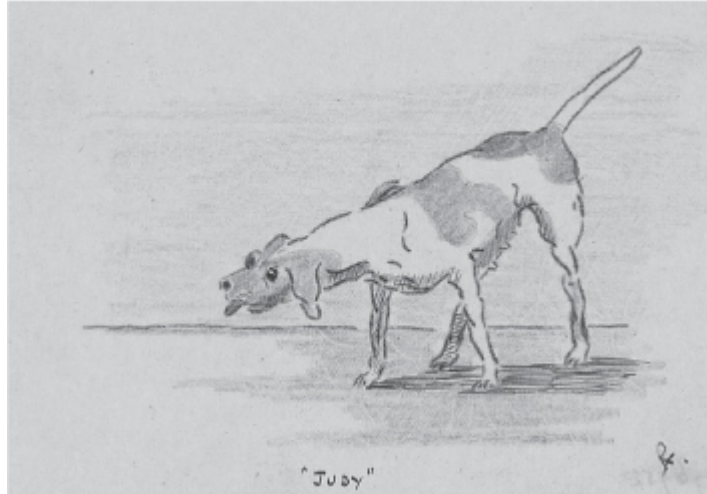
Cartão-postal do inferno. Les Parsons era um prisioneiro de guerra australiano nas mãos dos japoneses, um entre centenas que compartilharam o destino de Judy, a mascote dos campos de prisioneiros da Ferrovia do Inferno. Embora os prisioneiros passassem fome, fossem espancados e trabalhassem até a morte, os raros cartões-postais enviados para casa eram estritamente censurados. Foto cortesia Les Parsons



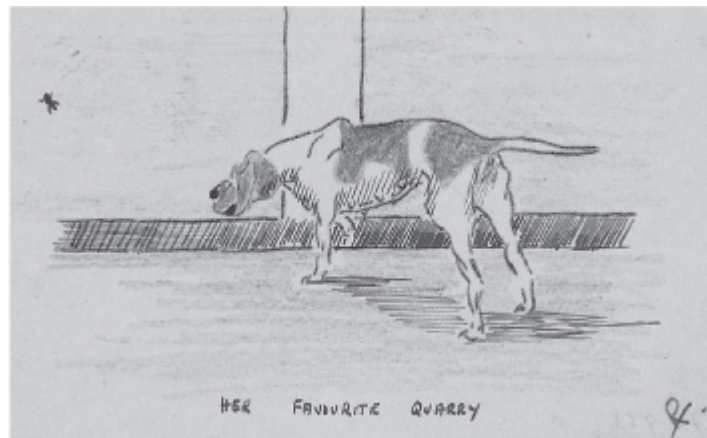
Para Judy e seus companheiros prisioneiros, os primeiros meses de cativeiro nas mãos dos japoneses foram desagradáveis, porém ainda estavam longe do pesadelo que iria se seguir. Transferidos para a terrível Ferrovia do Inferno de Sumatra, a animadora presença de Judy ajudou a salvar muitos que, de outro modo, teriam morrido, e ela iria ganhar a fama de ser “uma em um milhão”.
AWM 019382



Na época em que os campos da Ferrovia do Inferno, em Pakan Baroe, foram libertados, era imenso o número de prisioneiros que estavam morrendo de fome e de doenças. Qualquer coisa viva – serpentes, ratos, até larvas – era capturada, cozida e comida. Mas ninguém, exceto os brutais guardas japoneses e coreanos, tentou matar e comer Judy! *AWM P00444-193*



Este desenho foi feito pelo prisioneiro de guerra Stanley Russell, que, de forma incrível, conseguiu manter um diário secreto de seu tempo nos campos. Para mantê-lo a salvo, ele o enterrava no cemitério do campo, apostando no medo que os japoneses tinham dos mortos. *Ilustração extraída do acervo do Museon, de Haia, Holanda.*



Segundo desenho do diário de Stanley Russel, intitulado “Her favourite quarry” [Sua presa favorita]. Mostra Judy caçando ratos entre os instáveis barracos de bambu em que os prisioneiros viviam e morriam. Judy compartilhava o que pegava com seu grupo de companheiros prisioneiros e protetores. *Ilustração extraída do acervo do Museon, de Haia, Holanda.*



Judy, à direita na foto, em pose apropriadamente real, na cerimônia de entrega da sua medalha. Foi essa foto que inspirou o autor a pesquisar e escrever sua história. *TopFoto.co.uk*



Após a libertação dos campos japoneses de prisioneiros, Judy viajou até o Reino Unido com seu dono, o tripulante de solo da Força Aérea Real Frank Williams (à direita na foto). Ela foi devidamente recompensada com a Medalha Dickin PDSA – conhecida como Animal VC (Cruz Victoria) – por seus atos, que ajudaram a salvar vidas a bordo das canhoneiras e nos campos de prisioneiros. *Topical Press Agency/Hulton Archive/Getty Images*



O túmulo de Judy na Tanzânia, África Oriental, onde foi viver com Frank Williams após os anos de guerra. As primeiras linhas da inscrição dizem: “Em memória de Judy DM Canine VC [Medalha Dickin e Cruz Victoria canina]. Raça pointer inglesa. Nascida em Xangai em fevereiro de 1936, falecida em fevereiro de 1950. Ferida em 14 de fevereiro de 1942...” seguidas por uma lista dos lugares em que serviu. *Museu Imperial da Guerra*



Frank Williams cuidando de Judy. A devoção entre o homem e o animal é clara. Judy teve vários companheiros durante os anos de guerra, e foi querida por muitos – mas logo após se conhecerem no campo japonês de prisioneiros Frank Williams se tornou aquele que Judy mais amou, e vice-versa. *Fred Morley/Fox Photos/Hulton Archive/Getty Images*

Ao espremer-se em fuga sob o arame do canil de Xangai, Judy, uma bela e curiosa filhote da raça pointer inglesa, mal podia imaginar que se destacaria em um conflito tão sangrento e devastador quanto a Segunda Guerra Mundial.

Vista em grande parte como humana por aqueles com quem compartilhou sua extraordinária existência, Judy combinava uma incrível capacidade de pressentir o perigo a um pensamento rápido, características que, somadas à sua ousadia, lhe possibilitaram salvar inúmeras vidas.

Enfrentando com coragem e bondade tragédias e desafios, Judy, a mascote de duas canhoneiras britânicas em combate no rio Yangtzé, teve uma história inspiradora: acabou prisioneira em campos de guerra no norte de Sumatra e lutou de maneira implacável pela própria sobrevivência, ao mesmo tempo que oferecia aos seus companheiros o ânimo de que precisavam para seguir vivendo em meio ao mais doloroso conflito do século XX.



© Steve Clarke

DAMIEN LEWIS é um jornalista britânico. Autor best-seller, teve dois de seus livros produzidos em longas-metragens.

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PlanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

¹ Cruz Victoria dos Animais. (N. T.)

² Far East prisoners Of war [prisioneiros de guerra do Extremo Oriente].
(N. T.)

¹ Xangai era um dos portos dos “Tratados Desiguais”, uma série de tratados relativos aos principais portos da China, Japão e Coreia, assinados à força, sob ameaça de ação militar, entre as autoridades chinesas, japonesas e coreanas e as potências europeias, dando o controle desses portos e do comércio do Oriente a estas potências: Grã-Bretanha, Alemanha, Rússia, França, Áustria-Hungria, Itália e depois EUA, situação que perdurou desde 1839 até 1949. (N. T.)

¹ Os nomes das canhoneiras da Classe Insetos eram: *Gnat* (Mosquito), *Cricket* (Grilo), *Cicada* (Cigarra), *Ladybird* (Joaninha) e *Bee* (Abelha). (N. T.)

¹ Coquetel feito à base de gim e de angostura. Diz-se que a bebida foi criada por membros da Marinha Real britânica em meados do século XIX. (N.

²T.) Algo como Clube dos Fortes Vencedores. (N. T.)

³ Somos os fortes vencedores Nas “*canhoneiras*” e “*cruzadores*” do sujo Yangtzé / Estamos aqui para farrear. (N. T.)

¹ “*To sew*” significa “costurar” em inglês. (N. T.)

¹ Entre 26 de maio e 3 de junho de 1940, cerca de 340 mil soldados Aliados foram evacuados de Dunquerque, porto do norte da França, em direção à Inglaterra. (N. T.)

¹ Marmite é a marca britânica de um tipo de pasta para espalhar no pão, feita à base de leveduras usadas na fermentação da cerveja. (N. T.)

¹ POW é a sigla de *prisoner of war*, prisioneiro de guerra. (N. T.)

¹ Associação de Amparo a Prisioneiros de Guerra Retornados, da Grã-Bretanha. (N. T.)

² People's Dispensary for Sick Animals é uma rede de dispensários beneficentes para animais doentes e feridos, fundada em 1917 por Maria Dickin, e que fornece tratamentos veterinários gratuitos no Reino Unido. (N. T.)

³T.) Cruz Victoria para animais. (N. T.)

⁴ Medalha Dickin e Cruz Victoria Canina. (N. T.)

¹ Juiz responsável do processo na Corte Marcial da Marinha Real britânica.
(N. T.)